

Sidney Sheldon

A HERDEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



SIDNEY SHELDON

(1917-2007)

A Herdeira

Título original americano

BLOODLINE

1977

Para Natalie, com amor e agradecimento
E a Jorja, que torna tudo possível.

LIVRO 1

Capítulo 1

Istambul, Sábado, 5 de setembro. 22 horas.

Estava sentado sozinho e no escuro, atrás da mesa de Hajib Kafir, com os olhos voltados para as janelas empoeiradas do escritório e os minaretes intemporais de Istambul. Era um homem que se sentia bem numa dúzia de capitais do mundo, e Istambul era uma das suas favoritas. não a Istambul para turistas da rua Beyoglu ou do espalhafatoso bar Lalezab do Hilton, mas a Istambul dos recantos ocultos que só os muçulmanos conheciam: os Yalis, os pequenos mercados além dos Souks, e o Telli Baba, o cemitério onde só uma pessoa estava enterrada e aonde ia gente para rezar em sua intenção.

A espera do homem era marcada por uma paciência de caçador e pela absoluta imobilidade que domina o corpo e as emoções. Era do País de Gales e tinha a beleza enigmática e tempestuosa dos seus antepassados. Cabelos pretos, rosto forte e olhos vivos, de um azul intenso. Tinha mais de um metro e oitenta de altura e o corpo de quem que se mantinha em boas condições físicas. Os cheiros de Hajib Kafir impregnavam a sala — o seu fumo adocicado, o seu acre café turco e o seu corpo gordo e oleoso. Rhys Williams não dava atenção a esses odores. Estava pensando no telefonema que lhe haviam dado de Chamonix uma hora antes.

— Um terrível acidente! Creia que estamos todos arrasados, sr. Williams. Tudo aconteceu com tanta

rapidez que não houve chance de salvá-lo. O sr. Roffe morreu instantaneamente.

Sam Roffe era presidente da Roffe & Sons, a segunda companhia de produtos farmacêuticos do mundo, uma dinastia de muitos milhões de dólares que se espalhava por todo o globo.

Era impossível acreditar na morte de Sam Roffe. O homem sempre fora muito dinâmico, cheio de vida e energia, sempre em movimento, dentro de aviões que o levavam a fábricas e escritórios da companhia através do mundo, onde resolvia problemas que os outros nem podiam enfrentar, criava novos conceitos e fazia todo mundo trabalhar mais e melhor. embora houvesse sido casado e tivesse uma filha, seu único interesse na vida haviam sido os negócios. Sam Roffe tinha sido um homem brilhante e extraordinário. Quem poderia substituí-lo? Quem seria capaz de governar o imenso império que ele deixava? Roffe não havia escolhido um herdeiro legítimo.

Também não havia pensado em morrer aos cinquenta e dois anos.

Sempre pensara que havia tempo de sobra.

E agora o tempo estava esgotado.

As luzes do escritório se acenderam de repente. Rhys Williams olhou para a porta, ofuscado por um momento.

— Sr. Williams! Não sabia que havia alguém aqui.

Era Sophia, uma das secretárias da companhia, que era sempre designada para servir Williams quando ele estava em Istambul. Turca, na casa dos vinte anos, tinha um belo corpo sensual, estonteante de promessas. Fizera Rhys saber, através de surtis e antigas sugestões, que estava à sua disposição para dar-lhe os prazeres que desejasse, na hora que quisesse, mas Rhys não se interessava.

Sophia disse: — Voltei para acabar algumas cartas para o Sr. Kafir.

Acrescentou, então, com uma voz bem doce: — Quem sabe se não posso também prestar-lhe algum serviço...

Quando ela se aproximou da mesa, Rhys sentiu o cheiro almiscarado de um animal selvagem no cio.

— Onde está o Sr. Kafir?

Sophia abanou a cabeça com pesar.

— Já foi e não volta mais hoje. Deseja alguma coisa?

Alisou com as palmas das mãos macias e hábeis a frente do vestido. Tinha olhos negros e úmidos.

— Desejo, sim. Procure-o.

— Não sei onde ele pode estar...

— Tente o Kervansaray ou o Mermara.

Estaria decerto no primeiro desses lugares, onde uma das amantes de Hajib Kafir apresentava a dança do ventre.

Mas Kafir era imprevisível. Poderia até estar em casa junto com a mulher.

— Vou tentar, mas não sei se... — murmurou Sophia.

— Diga a ele que, se não estiver aqui dentro de uma hora, será despedido.

A expressão do rosto dela mudou.

— Vou ver o que posso fazer, Sr. Williams.

Encaminhou-se para a porta.

— Apague a luz quando sair.

De qualquer maneira, era mais fácil ficar ali no escuro em companhia dos seus pensamentos. A imagem de Sam Roffe estava presente sempre. A escalada do monte Branco deveria ter sido fácil naquela época do ano, começo de setembro. Sam tinha tentado a empreitada anteriormente mas as tempestades o haviam impedido de chegar ao cimo.

— Desta vez vou cravar lá em cima a bandeira da companhia — dissera ele a Rhys.

E então houvera o telefonema de há pouco, quando ele se preparava para deixar o Pera Palace, onde

estivera hospedado. Ouvia ainda a voz nervosa ao telefone. Estavam atravessando a geleira... Roffe falseara o pé e a sua corda se partira. Caíra numa fenda profunda.

Rhys podia visualizar o corpo de Sam na colisão com o gelo implacável e a sua queda no abismo. Procurou então afastar a cena do espírito. Aquilo já era passado. O presente é que surgia repleto de preocupações. Era preciso comunicar a morte às pessoas da família de Sam Roffe, e elas estavam espalhadas por várias partes do mundo. Tinha de ser uma comunicação pela imprensa. A notícia ia percorrer os círculos financeiros internacionais como uma crise financeira, era essencial que o impacto da morte de Sam Roffe fosse reduzido ao mínimo. Cabia a Rhys conseguir isso.

Rhys Williams conhecera Sam Roffe havia nove anos.

Rhys tinha então, vinte e cinco anos e era gerente de vendas de uma pequena firma de produtos farmacêuticos. Era brilhante e gostava de inovar, tendo feito a firma se expandir. Com isso, a sua reputação havia crescido.

Recebera uma proposta para trabalhar na Roffe and Sons, e, logo depois de recusá-la, soube que Sam Roffe comprara a companhia em que ele trabalhava e mandara chamá-lo. Ainda se lembrava do poder dominador de Sam Roffe naquele primeiro encontro.

— O seu lugar é aqui na Roffe and Sons — havia-lhe dito Sam Roffe. — Foi por isso que comprei aquela companhia trôpega em que você trabalhava.

Rhys se sentiu lisonjeado e irritado ao mesmo tempo.

— E se eu não quiser continuar? Sam Roffe sorrira e respondera, cheio de confiança: — Nós temos uma coisa em comum, Rhys. Somos ambiciosos. Queremos ser donos do mundo. E eu vou mostrar-lhe como se consegue isso.

Essas palavras foram mágicas. Representavam a promessa de um banquete para a fome que ardia no íntimo de Rhys. De fato, ele sabia alguma coisa que Sam Roffe desconhecia.

Rhys Williams não existia. Era um mito criado pela descrença, pela pobreza e pelo desespero.

Nasceu perto das jazidas de carvão de Gwent e Carmarthen, nos retalhos vales vermelhos do País de Gales, onde camadas de arenito e depósitos de calcário e carvão em forma de pires rasgavam a terra verde. Cresceu numa terra fabulosa, onde os próprios nomes exalavam poesias: Penderyn, Brecon, Peny Fan, Glyncorrwg e Maesteg. Era uma terra de lenda, onde o carvão que se achava no fundo da terra se formara duzentos e oitenta milhões de anos antes, onde a paisagem fora, em outros tempos, coberta de tantas árvores que um esquilo poderia viajar do Farol de Brecon até o mar sem pousar as patas no chão. Mas a Revolução Industrial chegou e as belas árvores verdes foram abatidas pelos produtores de carvão vegetal para alimentar as fornalhas insaciáveis da industria do ferro.

O garoto cresceu conhecendo heróis de outro tempo e de outro mundo, como Robert Farrer, queimado na fogueira pela Igreja Católica porque não quisera fazer votos de celibato e abandonado a mulher; como o rei Hywel, o Bom, que levara a lei ao País de Gales no século X; e como o destemido guerreiro Brychen, que gerara doze filhos e vinte e quatro filhas e resistira com bravura a todos os ataques ao seu reino. Era uma terra de histórias gloriosas aquela em que o garoto cresceu Mas nem tudo era glória. Os antepassados de Rhys haviam sido mineiros, e o jovem costumava ouvir os casos de sofrimentos que seu pai e seus tios contavam.

Lembravam os terríveis tempos em que não havia trabalho, em que as ricas jazidas de carvão de Gwent e

Carmarthen foram fechadas em consequência de uma amarga luta entre as companhias e os mineiros e em que estes foram reprimidos por uma pobreza que corroeu a ambição e o orgulho, solapando o espírito e a força dos homens até fazê-los capitular.

Quando as minas foram reabertas, houve outra espécie de inferno. Quase toda a família de Rhys tinha morrido nas minas. Alguns haviam morrido nas entranhas da terra, outros consumiram, tossindo, os pulmões enegrecidos. Poucos tinham passado dos trinta anos de idade.

Rhys costumava ouvir o pai e os tios falarem do passado, do desmoronamento, dos mineiros invalidados e das greves.

Falaram dos bons e dos maus tempos, e o garoto não via qualquer diferença entre uns e outros. Todos eram maus. A ideia de passar a vida dentro da escuridão da terra o apavorava, e ele sabia que tinha de fugir.

Saiu de casa aos doze anos. Abandonou os vales do carvão e foi para a costa, para a baía de Sully Ranny e para Lavernock, para onde corriam os turistas ricos. Foi mensageiro, carregador, ajudava as senhoras a descerem os caminhos escarpados para a praia, carregando cestas de piquenique, dirigiu um carro de póneis em Penarth e trabalhou no parque de diversões de Whitmore Bay.

Estava apenas a algumas horas de casa, mas a distância já era incomensurável. A gente do lugar onde ele estava parecia pertencer a outro mundo. Rhys Williams nunca imaginara que as pessoas pudessem ser tão belas ou usar roupas tão magníficas. Toda mulher lhe parecia uma rainha, e os homens eram elegantes e esplêndidos. Era aquele o seu mundo, e não havia nada que Rhys não fosse capaz de fazer para entrar nele.

Quando completou catorze anos, tinha economizado dinheiro suficiente para comprar uma passagem até

Londres.

Passou lá os três primeiros dias simplesmente andando pela grande cidade, olhando para tudo e avidamente embebendo-se dos fantásticos espetáculos, Sons e cheiros. O seu primeiro emprego foi numa loja de tecidos. Havia dois caixeiros, ambos seres superiores, e uma caixeira que fazia o coração do jovem galês cantar sempre que a olhava.

Os caixeiros tratavam Rhys como ele devia ser tratado, isto é, como lixo. Era uma curiosidade. Vestia-se com roupas esquisitíssimas, tinha maneiras abomináveis e falava com um sotaque incompreensível. Não conseguiam sequer pronunciar-lhe o nome direito.

A moça teve pena dele. Chamava-se Gladys Simpkins e morava num pequeno apartamento em Tooting com três outras moças. Um dia, ela permitiu que o rapaz a levasse até a casa depois do trabalho e convidou-o para entrar e tomar uma xícara de chá.

O jovem Rhys estava muito nervoso. Pensava que aquela ia ser a sua primeira experiência sexual, mas quando passou o braço pelo corpo de Gladys, esta olhou muito séria para ele por um momento e depois riu.

— Não vou lhe dar nada disso, mas estou disposta a dar-lhe um bom conselho. Se você quiser ser alguma coisa, faça umas roupas melhores, procure instruir-se mais um pouco e aprenda a ter boas maneiras.

Olhou o rosto jovem e apaixonado de Rhys, viu seus profundos olhos azuis e disse com voz suave: — Até que você vai ficar um bocado legal quando crescer...

Se você quiser ser alguma coisa... Neste momento o fictício Rhys Williams nasceu. O verdadeiro Rhys Williams era um rapaz ignorante e sem educação, sem meios, sem tradição, sem passado e sem futuro. Mas ele tinha imaginação, inteligência e ardente ambição. Isso era o bastante. Começou a imaginar do que queria conseguir, do que queria ser. Quando se olhava ao

espelho, não via o rapaz bronco e desajeitado, de sotaque estranho. A imagem refletia uma pessoa polida, delicada e bem-sucedida. Pouco a pouco, Rhys começou a responder à imagem que trazia no espírito. Frequentava escolas noturnas e passava os fins de semana em galerias de arte. Rondava as bibliotecas públicas e ia ao teatro, sentava-se nas galerias e reparando nas boas roupas dos homens sentados nas plateias. Fazia refeições frugais para poder, uma vez por mês, ir a um bom restaurante, onde imitava cuidadosamente as maneiras dos outros à mesa. Observava, aprendia e não esquecia. Era como uma esponja que apagava o passado e absorvia o futuro.

Em menos de um ano, Rhys aprendeu o bastante para compreender que Gladys Simpkins, sua princesa, era uma mocinha cockney vulgar, que estava abaixo do seu gosto.

Deixou a loja de tecidos e foi trabalhar numa farmácia, que fazia parte de uma grande rede. Tinha quase dezesseis anos, mas parecia mais velho. Estava mais cheio de corpo e mais alto. As mulheres estavam começando a prestar atenção a sua boa aparência morena de galês e a sua conversa fluente e cheia de palavras lisonjeiras. Fazia muito sucesso na farmácia, e havia freguesas que esperavam até que Rhys pudesse atendê-las. Vestia-se bem e falava com correção.

Mas, embora soubesse que já estava bem longe de Gwent e Carmarthen, ainda não ficava satisfeito quando se olhava no espelho. Tinha ainda uma longa jornada pela frente.

Depois de dois anos, Rhys passou a ser gerente da farmácia. O gerente distrital da rede lhe havia dito: "Isto é apenas o começo, Williams. Continue a trabalhar assim e um dia você será o superintendente de meia dúzia de casas". Rhys quase deu uma gargalhada. Pensar que isso poderia ser considerado o máximo da ambição de uma pessoa! Nunca havia deixado

de estudar. Estava fazendo cursos de administração de empresas, marketing e direito comercial.

Queria mais. Tinha os olhos voltados para o topo da escada e sabia que ainda não chegara nem aos primeiros degraus. Teve a sua primeira oportunidade de subir quando um vendedor de produtos farmacêuticos entrou um dia na farmácia e viu Rhys cercado de mulheres, às quais induziu vários artigos de que elas não tinham qualquer necessidade.

— Você está perdendo tempo aqui, rapaz — disse ele. — Devia estar trabalhando num campo maior.

— Em que está pensando? — perguntou Rhys.

— Vou falar com meu chefe a seu respeito.

Duas semanas depois, Rhys estava trabalhando como vendedor de uma pequena firma de medicamentos. Fazia parte de uma equipe de cinquenta vendedores, mas quando se olhava no espelho, sabia que a verdade não era essa. A verdadeira competição que tinha de enfrentar era consigo mesmo. Já estava se aproximando de sua imagem, do tipo fictício que procurava criar. Um homem inteligente, culto, refinado e encantador. O que ele tentava fazer era impossível.

Qualquer pessoa sabia que era preciso trazer essas qualidades do berço. Não podiam ser criadas. Mas Rhys conseguiu o que queria. Tornou-se a imagem que havia elaborado.

Viajou pelo interior, vendendo produtos da firma, falando e escutando. Voltava a Londres cheio de sugestões práticas e tratava imediatamente de ir subindo a escada.

Três anos depois de haver entrado na companhia, Rhys foi nomeado gerente-geral de vendas. Sob a sua hábil orientação, a companhia começou a expandir-se.

Quatro anos depois, Sam Roffe entrou na vida de Rhys e percebeu a fome que o consumia.

— Você é como eu — disse Sam. — Nós queremos conquistar o mundo. E vou mostrar-lhe como fazê-lo.

Sam Roffe tinha sido um guia brilhante. Durante os nove anos em que vivera sob a direção de Sam Roffe, Rhys Williams se tornara de valor inestimável para a companhia.

Com o correr do tempo, assumira responsabilidades cada vez maiores, reorganizando várias divisões, resolvendo problemas em qualquer ponto do mundo, coordenando as diversas filiais da Roffe and Sons e criando novos conceitos. No fim, Rhys Williams conhecia o funcionamento e a situação da companhia mais do que qualquer pessoa, à excepção do próprio Sam Roffe.

Rhys Williams era o sucessor natural para presidência.

Um dia, quando Rhys e Roffe voltavam de Caracas num luxuoso Boeing 707-320, que fazia parte da frota de oito aviões da companhia, Sam Roffe felicitou Rhys por uma transação lucrativa que ele havia fechado com o governo.

— Vai ganhar uma boa gratificação por isso, Rhys.

Rhys respondeu calmamente: — Não quero gratificação, Sam. Prefiro algumas ações e um lugar na sua diretoria.

Merecia isso, decerto, e os dois sabiam disso. Mas Sam respondeu: — Sinto muito, mas não vou alterar os meus princípios, nem mesmo por sua causa. A Roffe and Sons é uma empresa privada e ninguém que não seja da família pode pertencer à diretoria ou possuir ações.

Rhys sabia disso, sem dúvida. Comparecia a todas as reuniões da companhia, mas não como participante. Sam era o último elemento masculino da família Roffe. As outras pessoas da família eram todas mulheres, primas de Sam. Os homens com quem elas haviam casado tinham um lugar na diretoria da companhia: Walther Gassner, que se casara com Anna Roffe; Ivo Palazzi,

casado com Simonetta Roffe; Charles Martel, casado com Hélène Roffe e Alec Nichols, cuja mãe fora uma Roffe.

Rhys fora assim forçado a tomar uma decisão. Sabia que merecia fazer parte da diretoria e que um dia dirigiria tudo. As circunstâncias atuais impediam isso, mas elas podiam ser alteradas. Rhys tinha decidido continuar à espera, para ver o que acontecia. Sam lhe ensinara a ser paciente. E agora Sam estava morto.

As luzes do escritório acenderam-se de novo e Hajib Kafir apareceu à porta. Kafir era o gerente de vendas da Roffe and Sons na Turquia. Era um homem baixo e moreno, que usava diamantes e uma barriga gorda com atributos de prestígio pessoal. Tinha o ar desmazelado de um homem que se vestia às pressas. Sophie não o encontrara, portanto, numa boate. Outro efeito secundário da morte de Roffe, pensou Rhys: um coito interrompido.

— Rhys! — exclamou Kkafir. — Nunca imaginei que ainda estivesse em Istambul! Quando o deixei, ia tomar o avião e, como eu tinha alguns casos para resolver...

— Sente-se, Hajib, e ouça com muita atenção. Quero que mande quatro telegramas no código da companhia. São para países diferentes. Quero que sejam levados pessoalmente para o telégrafo por mensageiros de confiança. Entendeu? — É claro — disse Kafir, espantado. — Entendi perfeitamente. Rhys olhou para o fino relógio de ouro Baume & Mercier que tinha no pulso.

— A agência da Cidade Nova já está fechada. Passe os telegramas pelo Yeni Posthane Cad. Quero que estejam a caminho dentro de trinta minutos. — Entregou a Kafir uma cópia do telegrama que havia redigido. Qualquer pessoa que fizer algum comentário será sumariamente despedida.

Kafir viu o telegrama, os seus olhos se arregalaram.

— Meu Deus! Meu Deus! Como pôde acontecer uma coisa dessas? — Sam Roffe morreu num acidente — disse Rhys.

Depois disso, pela primeira vez Rhys deixou que lhe chegasse à consciência o que ele estava reprimindo desde que recebera a notícia. Rhys tinha evitado pensar em Elizabeth Roffe, filha de Sam, que estava com vinte e quatro anos.

Na primeira vez em que Rhys a vira, era uma menina de quinze anos, com aparelho nos dentes, tremendamente tímida e gorda, solitária e rebelde. Com o passar dos anos, vira Elizabeth tornar-se uma moça muito interessante, que tinha ao mesmo tempo a beleza da mãe e a inteligência e o espírito do pai. Havia se ligado muito a Sam. Rhys sabia que a notícia iria abalá-la profundamente e resolveu dá-la pessoalmente.

Duas horas depois, Rhys Williams sobrevoava o Mediterrâneo num jato da companhia, rumo a Nova York.

Capítulo 2

Berlim. Segunda-feira, 7 de setembro. 22 horas.

Anna Roffe Gassner sabia que não devia gritar de novo, pois Walther voltaria para matá-la. Encolhida num canto do seu quarto, tremia incontrolavelmente e esperava a morte. O que havia começado como um belo conto de fadas terminava em terror, um indescritível terror. Ela tardara muito a convencer-se da verdade: o homem com quem se casara era um louco assassino.

Anna Roffe nunca tinha amado ninguém antes de conhecer Walther Gassner, nem mesmo sua mãe, seu pai ou a si própria. Fora uma menina frágil e doente, que sofria de frequentes desmaios. Não podia lembrar-se de um tempo em que não tivesse vivido às voltas com hospitais, enfermeiras e especialistas que eram trazidos de avião de lugares distantes. Como era filha de Anton Roffe, da Roffe and Sons, as maiores autoridades médicas eram levadas à cabeceira de Anna, em Berlim. Examinavam-na, submetiam-na a numerosos exames, e por fim partiam sem saber mais do que sabiam ao chegar. Não conseguiam fazer um diagnóstico.

Anna não pôde ir à escola como as outras crianças.

Tornou-se reservada e criou um mundo próprio, cheio de sonhos e fantasias, onde só ela entrava. Pintava à sua maneira os seus quadros da vida, pois as cores da realidade eram muito ásperas, e ela não podia aceitá-las.

Quando Anna completou dezoito anos, os seus desmaios desapareceram tão misteriosamente quanto haviam começado.

Mas tinham lhe marcado a vida. Numa idade em que as moças em geral ficavam noivas ou se casavam, Anna nunca fora beijada por um rapaz. Convencia-se de que isso não tinha a menor importância. Estava contente em viver no seu mundo de sonhos, longe de tudo e de todos. Por volta dos seus vinte e cinco anos, os pretendentes começaram a aparecer.

Anna Roffe era uma herdeira que tinha um dos mais prestigiados nomes do mundo, e muitos homens estavam ansiosos pela participação na fortuna dela. Recebeu propostas de um conde sueco, de um poeta italiano e de meia dúzia de príncipes de países pobres. Anna recusou todos. Quando ela fez trinta anos, Anton Roffe murmurou, tristonho: — Vou morrer sem deixar netos. No seu trigésimo aniversário, Anna

foi para Kitzbühel, na Áustria, e ali conheceu Walther Gassner, professor de esqui, treze anos mais moço que ela.

Na primeira vez em que Anna viu Walther, perdeu literalmente o fôlego. Ele estava esquiando pela íngreme encosta do Hahnenkamm, e foi o espetáculo mais belo que os olhos de Anna já haviam contemplado. Ela chegou mais perto do final da pista a fim de vê-lo melhor. Parecia-lhe um jovem deus, e ela ficou toda feliz só de olhá-lo. Walther percebeu o olhar dela.

— Não está esquiando, Fräulein? Ela abanou a cabeça, não confiando na sua voz. Ele sorriu e disse: — Permita-me então convidá-la para almoçar.

Anna fugiu, apavorada como uma colegial. Daí em diante, Walther Gassner passou a persegui-la. Anna Roffe não era tola. Sabia muito bem que não era bela, nem brilhante. Era uma mulher comum e, além do seu nome, tinha muito pouco a oferecer a um homem. Mas sabia também que, por trás dessa fachada comum, escondia-se uma mulher intimamente bela e sensível, transbordante de amor, de poesia e de música.

Talvez por não ser bela, Anna tinha uma profunda veneração pela beleza. Visitava os grandes museus e passava horas a admirar quadros e estátuas. ao ver Walther Gassner, teve a impressão de que todos os deuses estavam vivos diante dela.

Anna estava fazendo a primeira refeição no terraço do Tennerhof Hotel quando Walther Gassner se aproximou dela.

Parecia, de fato, um jovem deus. Tinha um perfil clássico marcado com feições delicadas, sensíveis e enérgicas. O rosto estava bem queimado pelo sol da montanha e os dentes eram muito brancos e certos. Os cabelos eram louros e os olhos tinham um tom cinzento de ardósia. Sobre as roupas de esqui que ele vestia, Anna podia ver o movimento dos bíceps e dos músculos das coxas, o que a fazia sentir tremores pelo corpo.

Tratou de esconder as mãos no colo para que ele não visse as calosidades da ceratose.

— Procurei-a ontem à tarde nas pistas — disse Walther.

Anna não conseguia dizer uma palavra.

— Se não sabe esquiar, terei prazer em ensinar-lhe. — E acrescentou com um sorriso: — De graça.

Ele a levou para Hausberg, a encosta dos principiantes, a fim de dar-lhe a primeira lição. Ficou logo evidente para ambos que Anna não tinha a menor aptidão para esquiar.

Perdia o equilíbrio e caía constantemente, mas insistia em tentar repetidamente, pois tinha receio de que Walther a desprezasse pelo seu fracasso. ao invés disso, depois da décima queda, ele a ajudou a levantar-se para coisas melhores e disse: — Você foi feita para coisas melhores.

— Eu lhe direi à noite na hora do jantar.

Jantaram juntos naquela noite. Tomaram café juntos na manhã seguinte, e novamente almoçaram e jantaram juntos.

Walther se esqueceu de seus alunos. Deixou de dar lições de esqui para acompanhar Anna até à aldeia. Levou-a ao cassino em Der Gojdene Greif. Andaram de trenó, fizeram compras, andaram a pé e ficaram horas e horas conversando no terraço do hotel. Para Anna, era um tempo de encantamento.

Cinco dias depois de se terem conhecido, Walther tomou-lhe as mãos e disse: — Anna, quero casar-me com você.

Com isso, ele estragara tudo. Arrancou-a das paragens de sonhos em que ela estava vivendo e a levou para a cruel realidade de quem e do que era ela. Um prêmio virginal e sem atrativos, de trinta e cinco anos, para quem estivesse disposto a dar o golpe do baú.

Tentou afastar-se, mas Walther a impediu: — Nós nos amamos, Anna. Disso você não pode fugir.

Ela o ouviu mentir, ouviu-o dizer: "Nunca amei ninguém antes de você", e facilitou as coisas porque queria desesperadamente acreditar nele. Levou-o para o quarto dela e os dois ficaram ali conversando. Enquanto Walther contava a história de sua vida, ela de repente começou a acreditar nele e achou que a vida de Walther tinha sido muito semelhante à dela.

Do mesmo modo, Walther nunca tivera a quem amar. Fora marginalizado por ser filho ilegítimo, da mesma forma que Anna pela doença. Como Anna, ele sempre sentiu necessidade de dar amor. Criado num orfanato, quando chegou à adolescência e a sua beleza já era evidente, as mulheres do orfanato começaram a usá-lo, levando-o para os seus quartos à noite, pondo-o na cama e ensinando-lhe a dar-lhes prazer. Como recompensa, ganhava rações reforçadas, com pedaços de carne e sobremesas feitas com açúcar de verdade.

Recebia tudo, menos amor.

Quando Walther teve idade suficiente para fugir do orfanato, descobriu que o mundo lá fora não era diferente.

As mulheres continuavam a usá-lo, muitas vezes por vaidade, mas nunca iam além disso. Davam-lhe dinheiro, roupas e jóias, mas nunca se davam a si mesmas.

Anna compreendeu que Walther era sua alma gemia. Casaram-se, numa cerimônia simples, na prefeitura. Anna esperava que seu pai ficasse contente. Ele se mostrou, ao contrário, exasperado.

— Você é uma tola vazia e imbecil! — gritou-lhe Anton Roffe. — Casou-se com um aventureiro que não vale nada. Já mandei fazer investigações sobre ele. Sempre viveu à custa das mulheres, mas foi a primeira vez que encontrou uma idiota a ponto de casar-se com ele.

— Pare com isso! — exclamou Anna. — Você não o compreende.

Mas Anton Roffe sabia que compreendia Walther Gassner até demais. Chamou o novo genro ao seu escritório.

Walther olhou com aprovação a decoração severa do escritório e os velhos quadros pendurados nas paredes.

— Gosto disso aqui — disse ele.

— Sem dúvida alguma, é melhor de que o orfanato.

Walther olhou para ele, cheio de cautela.

— Que foi que disse? — Vamos acabar com isso. Você cometeu um erro. Minha filha não tem dinheiro.

Os olhos cinzentos de Walther tornaram-se de pedra.

— Que está querendo dizer-me? — Não estou querendo dizer coisa alguma. Estou dizendo. Não receberá nada por intermédio de Anna, pois ela nada tem. Se você tivesse procurado saber das coisas mais a fundo, teria sabido que a Roffe and Sons é uma empresa fechada.

Isto significa que nenhumas das suas ações pode ser vendida. Vivemos com conforto, mas é só. Não há de modo nenhum uma grande fortuna com que você possa se locupletar aqui. — Tirou do bolso um envelope, que jogou na mesa à frente de Walther. — Isso o compensará do trabalho que teve.

Espero que esteja fora de Berlim às seis horas da noite de hoje. Anna nunca mais deve ter notícias suas.

Walther disse calmamente: — Por acaso já lhe passou pela cabeça que eu me casei com Anna porque a amo? — Claro que não. Já passou pela sua? Walther olhou para ele um momento e disse: — Vamos ver o preço que me foi atribuído.

Abriu o envelope e contou o dinheiro. Depois, olhou para Anton Roffe.

— Acho que valho muito mais do que vinte mil marcos.

— Pois é só o que vai receber. E dê-se por muito feliz.

— Para dizer a verdade, dou-me por muito feliz — disse Walther. — Muito obrigado.

Guardou o dinheiro no bolso num gesto displicente e um momento depois saiu.

Anton Roffe sentiu-se reconfortado. Experimentava um sentimento de culpa e de aborrecimento pelo que tinha feito, mas sabia que aquela era a única solução. Anna ficaria infeliz com o fato de ter sido abandonada pelo marido, mas era melhor que isso tivesse acontecido o mais rápido possível. Tentaria descobrir alguns homens da idade dela em condições, tendo a certeza de que o homem que escolhesse iria respeitá-la, ainda que não a amasse. Teria de ser alguém que se interessasse por ela e não pudesse ser comprado por vinte mil marcos.

Quando Anton Roffe chegou em casa. Anna correu-lhe ao encontro com os olhos cheios de lágrimas. Ele a tomou nos braços e disse: — Anna, tudo vai correr bem. Você se consolará...

Anton olhou por sobre os ombros dela e viu Walther Gassner à porta. Anna olhava para o dedo e dizia: — Veja o que Walther comprou para mim! Já viu algum dia um anel mais bonito? Custou vinte mil marcos.

No fim, os pais de Anna foram forçados a aceitar Walther Gassner. Como presente de casamento,, compraram para o casal uma bela casa senhorial no Wannsee, com algumas antiguidades, sofás e poltronas confortáveis, uma mesa Roentgen na biblioteca e as paredes revestidas de estantes de livros. O andar de cima era mobiliado com elegantes peças dinamarquesas e suecas do século XVIII.

— Tudo isso é demais — disse Walther a Anna. — Nada quero deles, nem de você. Gostaria de poder comprar muitas coisas belas para você, — disse-lhe ele com um sorriso forçado de menino -, mas não tenho dinheiro.

— Claro que tem — respondeu Anna. — Tudo o que tenho é seu. Walther sorriu ternamente para ela e disse: — É mesmo? Anna insistiu em explicar a sua situação financeira, embora Walther não se mostrasse disposto a discutir questões de dinheiro. Tinha um fundo no nome dela que lhe permitia viver com conforto, mas a base de sua fortuna era constituída de ações da Roffe and Sons. As ações não poderiam, porém, ser vendidas sem a aprovação unânime da diretoria.

— Qual é o valor total de suas Ações? — perguntou Walther.

Anna disse. Walther não acreditou que fosse tanto e a fez repetir a importância.

— E você não pode vender as ações? — Não. Meu primo Sam não consentiria. Ele retém as ações que asseguram o controle. Um dia...

Walther manifestou o seu desejo de trabalhar na empresa da família. Anton se opôs.

— Que pode um camarada como você, que não sabe senão esquiar, dar de positivo à Roffe and Sons? — perguntou ele. Mas acabou cedendo aos apelos da filha, e Walther começou a trabalhar na administração da companhia. Dedicou-se ao trabalho e progrediu rapidamente. Quando o pai de Anna morreu, dois anos depois, Walther passou a fazer parte da diretoria. Anna tinha orgulho dele, pois Walther era um marido perfeito e continuava a mostrar-se enamorado dela.

Levava-lhe sempre flores e pequenos presentes, e parecia muito feliz em passar as noites em casa a sós com ela. A felicidade de Anna era quase excessiva, e ela costumava rezar em silêncio, agradecendo a Deus.

Apreendeu a cozinhar para fazer os pratos favoritos de Walther. Fazia chucrute com batatas, carne de porco cozida com cerveja e temperada com caminho, acompanhada de uma maça cozida, recheada com airelles, as pequenas bagas vermelhas.

— Você é a melhor cozinheira do mundo, — dizia Walther, e Anna ficava vermelha de orgulho.

No terceiro ano de casada, Anna ficou grávida.

Houve algumas complicações durante os oito meses de gravidez, mas Anna tudo suportou, muito feliz. Havia, entretanto, uma coisa que a preocupava.

Começou num dia, depois do almoço. Ela estava tricotando um suéter para Walther, pensando na vida, e de repente ouviu a voz de Walther que dizia: — Que é que você está fazendo, Anna, sentada aí no escuro? A tarde tinha passado e anoitecia. Anna olhou para o suéter no colo e viu que não havia tocado nele. Para onde fora o tempo? Onde tinha estado seu espírito? Depois disso, Anna passou por estados semelhantes e começou a pensar que esses acessos de inconsciência, essas decidas para o nada talvez fossem um presságio, um sinal de que ela ia morrer. Na verdade, não tinha medo da morte, mas não podia tolerar a ideia de se separar de Walther.

Quatro semanas antes da data prevista para o parto, Anna teve uma das suas crises de inconsciência, falseou o pé nu degrau e rolou pela escada.

Acordou no hospital.

Walther estava sentado na cama e lhe segurava a mão.

— Que susto você me deu! Num pavor súbito, Anna pensou: "Meu filho! Perdi meu filho!" Levou a mão à barriga e não sentiu mais nada.

— Meu filho! Onde está meu filho? O médico disse: — Teve gêmeos, Sra. Gassner.

Anna voltou-se para Walther, que estava com os olhos cheios de lágrimas.

— Um menino e uma menina.

Ela poderia ter morrido naquele momento de felicidade.

Sentiu um desejo súbito de ter os filhos nos braços. Queria vê-los, apalpá-los, carregá-los.

— Falaremos sobre isso quando você estiver mais forte — disse o médico. — Só depois que você estiver mais forte.

Asseguravam a Anna que ela estava melhorando dia após dia, mas ela se sentia apavorada. Estava acontecendo alguma coisa incompreensível com ela. Walther chegava, tomava-lhe a mão e se despedia. Ela o olhava, surpresa, e começava a dizer: — Mas você chegou agora mesmo...

Olhava então para o relógio e via que três ou quatro horas se tinham passado.

Tinha a vaga lembrança de que haviam levado os filhos para ela uma noite e que no mesmo instante ela adormeceu. Não se lembrava com clareza das coisas e tinha receio de perguntar. Mas não tinha importância. Poderia ver os filhos à vontade quando Walther a levasse para casa.

Afinal, o grande dia chegou. Anna saiu do hospital numa cadeira de rodas, embora dissesse que tinha forças para caminhar. Na realidade, sentia-se muito fraca, mas estava muito nervosa e sabia que nada mais importava senão o fato de que ia ver os filhos.

Walther entrou com ela nos braços e começou a subir a escada em direção do quarto.

— Não! — exclamou ela. — Leve-me para o quarto das crianças! — Agora, você deve descansar. Está um pouco fraca...

Ela não quis mais escutar. Saiu dos braços dele e correu para o quarto das crianças.

As cortinas estavam descidas, e Anna levou algum tempo para ambientar os olhos à escuridão. Era tamanha

a sua agitação que ela estava até um pouco tonta, e teve receio de desmaiar.

Walther a havia acompanhado e estava falando, tentando explicar alguma coisa. Mas, fosse o que fosse, não tinha importância.

Eles estavam ali, dormindo nos berços. Anna se aproximou lentamente como se não os quisesse perturbar e ficou a olhá-los. Eram as crianças mais lindas que já vira. Mesmo naquela idade, podia ver que o menino seria bonito como o pai e teria os mesmos bastos cabelos louros. A menina era como uma frágil boneca de cabelos sedosos e dourados e rosto pequeno e triangular.

Anna voltou-se para Walther e disse com voz embargada pela emoção: — São lindos... Eu estou tão feliz...

— Vamos, Anna — murmurou Walther.

Passou o braço pelo corpo dela, abraçando-a. Havia uma fome impetuosa dentro dele, e ela começou a sentir também alguns impulsos. Fazia tempo que não se amavam. Walther tinha razão. Havia bastante tempo para as crianças.

Deu ao menino o nome de Peter e à menina, o de Birgitta.

Eram dois belos milagres que ela e Walther tinham feito, e Anna passava horas no quarto dos gêmeos, brincando e falando com eles. Ainda que não pudessem compreendê-la, tinha certeza de que sentia o seu amor. às vezes, quando estava mais entretida com os filhos, voltava-se e via Walther parado à porta, de volta do escritório. Anna compreendia então que o dia inteiro passava sem que ela sentisse.

— Venha — dizia ela. — Estamos jogando.

— Já preparou o jantar? — perguntava Walther, e ela de repente se sentia culpada. Resolvia dar mais atenção a Walther e menos às crianças, mas no dia seguinte tudo se repetia. Os gêmeos eram como um ímã

irresistível que a atraía. Anna ainda amava muito Walther e tentava atenuar o sentimento de culpa, convencendo-se de que as crianças eram também parte dele. Todas as noites, logo que Walther adormecia, ela saía da cama e ia para o quarto das crianças e ficava a olhá-los até que a luz da manhã começasse a encher o quarto. Apressando-se então em voltar para a cama antes que Walther acordasse.

Uma vez, Walther entrou no quarto das crianças no meio da noite e surpreendeu-a.

— Quer me dizer o que está fazendo? — Nada, querido. Estava apenas...

— Volte para a cama! Ele nunca lhe falara com tanta rispidez.

Na manhã seguinte, Walther disse: — Acho que devemos tirar umas férias. Seria muito bom para nós dois.

— Mas, Walther, as crianças ainda são muito pequenas para viajar.

— Estou falando de férias para nós dois.

Ela abanou a cabeça.

— Eu não poderia deixar as crianças.

Ele lhe tomou as mãos e disse: — Quero que se esqueça das crianças.

— Esquecer-me das crianças? — perguntou ela, atônita.

Walther olhou-a bem nos olhos e disse: — Anna, lembra-se de como tudo corria bem entre nós antes de você ficar grávida? Lembra-se de como vivíamos alegres e felizes, sem ninguém mais para interferir? Foi então que ela compreendeu. Walther tinha ciúmes dos filhos.

As semanas e os meses passaram rapidamente. Walther deixou de se aproximar das crianças. Nos aniversários delas, Anna lhes comprava belos presentes. Walther sempre achava um jeito de estar fora da cidade em negócios. Anna não podia continuar a iludir-se para sempre. A verdade era que Walther não

tinha o menor interesse pelos filhos. Anna julgava que talvez a culpa fosse dela, pois era por demais interessada neles. "Obcecada" foi uma palavra que Walther certa vez usara. Ele lhe pedira que consultasse um médico a esse respeito, e ela fora só para fazer-lhe a vontade. Mas o médico era um bobo. No momento em que começara a falar com ela, Anna o isolara, deixando seu pensamento vagar para bem longe. Por fim, ouviu o homem dizer: — Nosso tempo está esgotado, Sra. Gassner. Poderá vir na próxima semana? — É claro.

Nunca mais voltou.

Anna sentiu que o problema era tanto de Walther quanto dela. Se ela era a culpada por amar demais as crianças, ele o era por não amá-las o quanto devia.

Anna apreendeu a não falar nelas na presença de Walther, mas logo que ele saía para o escritório, corria para o quarto dos filhos. Não eram mais bebés. Tinham completado três anos, e Anna já podia ter uma ideia de como seriam quando crescessem. Peter era alto para a sua idade e tinha um corpo forte e atlético, como o pai. Ana o tomava no colo e murmurava: — Ah, meu Peter, o que você irá fazer com as pobres Fräuleins? Seja bom para elas, meu pobre filhinho, pois com você elas não têm chances.

Peter sorria timidamente e abraçava-a.

Anna voltava-se então para Birgitta, que ficava cada dia mais linda. Não se parecia nem com Anna nem com Walther.

Tinha finos cabelos dourados e uma pele delicada como porcelana. Peter tinha o temperamento do pai, e Anna de vez em quando tinha necessidade de repreendê-lo. Quando Walther não estava em casa, Anna punha discos ou lia para eles. Insistiam em que Anna lhe lesse histórias de bichos-papões, duendes e feiticeiras, repetindo-as sem parar. à noite, Anna fazia-os dormir com uma canção.

Anna rezava muito para que o tempo suavizasse a atitude de Walther, fazendo-o mudar. Mudou, sim, mas para pior. Odiava as crianças. A princípio, Anna pensara que era porque Walther queria todo o amor para si, sem dividi-lo com mais ninguém.

Mas, pouco a pouco, teve consciência de que o sentimento dele não era proveniente do amor por ela. Era de ódio. O pai dela é que estava certo. Walther se casara com ela por dinheiro. As crianças representavam para ele uma ameaça, e ele queria ver-se livre delas. Falava cada vez com mais frequência a Anna da venda das ações.

— Sam não tem o direito de impedir-nos. Poderíamos pegar todo esse dinheiro e ir viver em algum canto. Só nós dois.

Ela o escutava, espantada.

— E as crianças? — Não — respondia ele, exaltado. — Escute, para o nosso bem, temos que nos livrar delas. É preciso.

Foi então que Anna começou a compreender que ele era louco. Ficou apavorada. Walther tinha despedido todos os empregados, deixando apenas uma faxineira, que ia trabalhar uma vez por semana. Anna e as crianças estavam sozinhas em casa à mercê dele. Walther precisava de tratamento. Talvez não fosse muito tarde ainda. No século XV, os loucos eram arrebanhados e mantidos presos pelo resto da vida, em grandes barcos, Narrenschiffe, os navios de loucos. Mas agora, com os recursos da medicina moderna, devia haver um meio de curar Walther.

E naquele momento, naquele dia de setembro, Anna estava encolhida num canto do seu quarto, onde Walther a trancara, e esperava que ele voltasse. Sabia o que tinha de fazer pelo bem dele, dela e das crianças. Levantou-se e foi até o telefone. Hesitou apenas por um instante. Depois, tirou o telefone do gancho e discou o número de emergência da polícia.

Uma voz estranha atendeu: — Hallo.

— Já! — Sua voz tremia. Alguém lhe tomou de repente o telefone da mão e desligou-o.

Anna recuou.

— Por favor — disse ela em voz chorosa. — Não me faça mal...

Walther se aproximava dela com os olhos brilhantes e a voz tão macia que ela quase não podia ouvi-lo.

— Não vou lhe fazer mal. Eu amo você, não sabe disso? Tocou-a, e ela sentiu um arrepio percorrer todo o corpo.

— Acontece que não queremos a polícia aqui em casa, não é mesmo? Ela balançou a cabeça, tão aterrada que não podia falar.

— As crianças é que estão causando todo o problema. Temos de nos livrar delas. Eu...

Neste momento, a campainha da porta tocou no andar térreo.

Walther parou, hesitante. A campainha tornou a tocar.

— Fique aqui — ordenou ele. — Vou voltar.

Anna viu, petrificada, o marido atravessar o quarto. Bateu a porta e passou a chave.

Ele tinha dito que ia voltar.

Walther Gassner desceu as escadas rapidamente, foi até a porta e abriu-a. Um homem com uma farda cinzenta de mensageiro tinha um envelope na mão.

— Uma correspondência urgente para o Sr. e a Sra. Walther Gassner.

— Pode entregar — disse Walther.

Fechou a porta, olhou para o envelope e abriu-o. Leu então o telegrama.

"Tenho o pesar de comunicar que Sam Roffe morreu num acidente de alpinismo. Por favor, esteja em Zurique às doze horas de sexta-feira para uma reunião de emergência da diretoria".

Quem assinava a mensagem era Rhys Williams.

Capítulo 3

Roma. Segunda-feira, 7 de setembro. 18 horas

Ivo Palazzi estava de pé no meio do quarto com o sangue a escorrer-lhe do rosto.

— Mamma mia! — Nem comecei ainda a arruinar você, miserável figlio di putana! — gritou Donatella.

Estavam ambos nus no grande quarto do seu apartamento na Via Montemignaio. Donatella tinha o corpo mais sensual e excitante que Ivo Palazzi já conhecera, e mesmo naquele momento, quando tinha o rosto ensanguentado pelas unhadas dela, sentia um prelúdio de desejo inflamar-lhe o corpo.

Dio, como era bela! Havia nela uma decadência inocente que o enlouquecia. Tinha um rosto de leopardo, com os malares salientes e os olhos amendoados, lábios cheios e sensuais que o mordiam e sugavam e... mas não devia pensar nisso naquele momento. Apanhou um pano branco em cima de uma cadeira, para estancar o sangue, e compreendeu tarde demais que se tratava de sua camisa.

Donatella estava no meio da grande cama e gritava para ele: — Só quero é que você sangre até morrer! Quando eu acabar com você, seu mulherengo imundo, não restará nada onde um gatinho possa fazer cocó! Pela centésima vez, Ivo Palazzi ficou sem saber como chegara àquela situação impossível. Sempre se gabara de ser o mais feliz dos homens, e todos os seus amigos concordavam com ele. Todos os seus amigos? Todo

mundo! Ivo não tinha inimigos. Nos seus tempos de solteiro, fora um romano despreocupado, sem um só cuidado na vida, um conquistador invejado por metade dos homens da Itália. A sua filosofia se resumia na frase: "Fasi onore con una donna". Isso mantinha Ivo muito ocupado. Era um verdadeiro romântico. Vivia a apaixonar-se, e, a cada vez, usava seu novo amor para ajudá-lo a esquecer o anterior. Ivo adorava as mulheres, e para ele todas eram belas, das putanas que exerciam o seu antigo ofício ao longo da Via Appia às modelos de alta moda que se pavoneavam pela via condotti. As únicas mulheres a que Ivo não ligava eram as americanas. Eram muito independentes para o seu gosto. Além disso, que se poderia esperar de uma nação cuja língua era tão pouco romântica a ponto de lá se traduzir Giuseppe Verdi por Joe Green? Ivo tratara sempre de ter várias mulheres em cada uma das fases de preparação. Havia cinco fases. Na primeira, situavam-se os conhecimentos recentes. As garotas recebiam telefonemas diários, flores e pequenos volumes de poesia erótica. Na segunda fase, estavam aquelas a quem ele mandava pequenos presentes de Gucci e caixas de porcelana com bombons de perugina. As da terceira fase recebiam jóias ou roupas, e eram levadas para jantar no El Toula ou na Taberna Flavia. As das quarta fase conheciam a cama de Ivo e apreciavam a sua notável técnica amorosa. Um encontro amoroso com Ivo era elaborado como uma produção de cinema. O belo apartamento na Via Margutta ficava cheio de flores. A música podia ser ópera, clássica ou rock, de acordo com as preferências da escolhida. Ivo era soberbo cozinheiro, e uma das suas especialidades era justamente pollo alla cacatora, frango à caçadora. Depois do jantar, uma garrafa de champanha gelado para beber na cama... Sim, Ivo adorava a quarta fase.

Mas a quinta era provavelmente a mais delicada de todas.

Constava de uma fala emocionada de adeus, de um generoso presente de despedida e um triste arrivederci.

Mas tudo isso havia acontecido no passado. Agora, Ivo Palazzi olhava para o rosto ensanguentado e arranhado no grande espelho acima da cama e se sentia horrorizado. Parecia que fora atacado por uma máquina enlouquecida.

— Veja o que você fez comigo! — exclamou ele. — Sei que não foi de propósito, cara!

Aproximou-se da cama a fim de tomar Donatella nos braços. Os braços macios dela cingiram-no e, quando ele começou a abraçá-la, ela cravou as longas unhas nas suas costas, e as fez correr pela carne como se fosse um animal selvagem. Ivo deu um grito de dor.

— Pode gritar! — exclamou Donatella. — Se eu tivesse aqui uma faca, cortaria o seu cazzo e o enfiaria por sua miserável garganta adentro!

— Por favor! — pediu Ivo. — As crianças podem ouvir.

— Melhor! Já é tempo de saberem que espécie de monstro é o pai delas! Ivo deu um passo na direção dela.

— Caríssima...

— Não me toque! Prefiro me entregar ao primeiro marinheiro sifilítico que encontrar no meio da rua a deixar que você se aproxime de mim.

Ivo aprumou o corpo, ofendido no seu orgulho.

— Nunca esperei que a mãe dos meus filhos falasse assim comigo!

— Quer que eu fale delicadamente com você? Quer que eu deixe de tratá-lo como o verme que você é? — perguntou Donatella, erguendo de novo a voz. — Então me dê o que quero!

Ivo olhou nervosamente para a porta. — Não posso dar, caríssima, porque não tenho...

— Consiga então para mim! Você prometeu!

Ela estava começando a ficar exasperada de novo, e Ivo achou que o melhor era sair dali antes que os vizinhos chamassem outra vez os carabinieri.

— Não vai ser fácil conseguir um milhão de dólares. Mas vou dar um jeito...

Vestiu apressadamente as cuecas e as calças e calçou as meias e os sapatos, enquanto Donatella andava pelo quarto com os seios magníficos e firmes empinados no ar e Ivo pensava: "Meu deus, que mulher! Como eu a adoro!" Pegou a camisa ensanguentada. Não havia outro jeito senão vesti-la. Sentiu nas costas e no peito a umidade pegajosa do sangue.

Olhou-se ainda uma vez ao espelho. Algumas gotas de sangue ainda escorriam dos profundos cortes que Donatella lhe abrira no rosto com as unhas.

Murmurou então: — Caríssima, como é que eu vou explicar isso a minha mulher? A mulher de Ivo Palazzi era Simonetta Roffe, uma herdeira do ramo italiano da família Roffe. Quando a conheceu, Ivo era um jovem arquiteto. O escritório mandara-o supervisionar algumas reformas na Villa Roffe em Porto Ercole. No momento em que Simonetta pôs os olhos em Ivo, seus dias de solteiro estavam contados. Ivo tinha chegado à quarta fase com ela na primeira noite e, pouco tempo depois, estava casado. Simonetta era tão decidida quanto bela, e sabia muito bem o que queria.

Queria Ivo Palazzi. Foi assim que Ivo se viu transformado de homem solteiro e despreocupado em marido de uma jovem e bela herdeira. Desistiu sem pesar dos seus sonhos como arquitecto e começou a trabalhar na Roffe and Sons, com um magnífico escritório na Eur, a parte de roma iniciada com tantas esperanças pelo falecido e mal-aventurado Duce.

Desde o início, Ivo fez sucesso na firma. Era inteligente, aprendia com facilidade as coisas, e todos o adoravam.

era impossível não adorar Ivo. Estava sempre sorridente e era sempre encantador. Os amigos invejavam-lhe a posição e não sabiam ao certo como ele conseguira. A explicação era simples. Ivo mantinha profundamente oculto o lado sombrio da sua natureza. Na realidade, era um homem violentamente emotivo, capaz de ódios explosivos, capaz até de matar.

O casamento de Ivo com Simonetta deu certo. A princípio, ele receara que pudesse ser uma servidão que lhe tolhesse a liberdade, mas logo viu que os seus receios eram infundados. Submeteu-se apenas a um programa de austeridade, reduzindo o número de suas mulheres, e tudo continuou como dantes.

O pai de Simonetta comprou para eles uma bela casa em Olgiata, uma grande propriedade vinte e cinco quilômetros ao norte de roma, protegida por portões fechados e vigiada por guardas fardados.

Simonetta era uma esposa maravilhosa. Amava Ivo e tratava-o como um rei, o que, na opinião de Ivo, ele merecia.

Havia apenas uma leve falha em Simonetta. Quando sentia ciúmes, virava uma fera. Desconfiara certa vez que Ivo levara uma mulher do departamento de compras a uma viagem ao brasil.

Ele se mostrara indignado e ofendido com a acusação. Antes que a discussão terminasse, a casa estava em cacos. Não havia um prato ou um móvel intato, e quase tudo fora quebrado na cabeça de Ivo. Simonetta avançara para ele com uma faca de cozinha ameaçando matá-lo e matar-se depois. Ivo tivera que empregar toda a sua força para tomar-lhe a faca. Terminaram brigando no chão e, aí, Ivo rasgara-lhe todas as roupas e acabara com a raiva dela. Mas, depois desse incidente, Ivo se tornou mais discreto.

Disse à moça do departamento de compras que não podia mais fazer viagens com ela, e tinha o cuidado de não deixar que nem a sombra de uma suspeita o tocasse.

Sabia que era o homem mais feliz do mundo. Simonetta era jovem, bela, inteligente e rica.

Gostavam das mesmas coisas e da companhia das mesmas pessoas.

Era um casamento perfeito, e Ivo, muitas vezes, ao levar uma garota da segunda para a terceira fase ou da quarta para a quinta, ficava sem saber por que era infiel. Encolhia, então, os ombros filosoficamente e dizia: alguém tem que dar um pouco de felicidade a essas mulheres.

Ivo e Simonetta estavam casados havia três anos quando ele conheceu Donatella Spolini durante uma viagem de negócios à sicília. Foi mais uma explosão do que um encontro. Eram dois planetas que se chocavam. Enquanto Simonetta tinha um corpo esbelto e suave de uma jovem esculpida por Manzú, Donatella tinha o corpo sensual e exuberante de uma figura de Rubens.

o rosto era excepcional, e os olhos verdes mortiços inflamavam Ivo. Foram para a cama uma hora depois de se terem conhecido, e Ivo, que sempre se vangloriava das suas proezas como amante, descobriu que era um simples aluno e Donatella, uma professora.

Ela o levou a altura que ele nunca havia atingido, e o corpo de Donatella podia fazer com ele coisas que Ivo nunca julgara possível. Ela era uma cornucópia inesgotável de prazer, e quando Ivo estava deitado na cama, de olhos fechados, saboreando sensações incríveis, convenceu-se de que seria rematado idiota se um dia abrisse mão de Donatella.

Assim, Donatella se tornara amante de Ivo. A única condição imposta por ela foi que ele se livrasse de todas as outras mulheres em sua vida, excepto a sua esposa. Ivo concordara, todo feliz. Viviam assim haviam oito anos e durante esse tempo, ele nunca fora infiel, nem à esposa, nem à amante.

Satisfazer as duas mulheres ávidas seria suficiente para exaurir um homem comum, mas, no caso

de Ivo acontecia exatamente o contrário. Quando amava Simonetta, pensava em Donatella e no seu corpo redondo e cheio, sentindo-se então cheio de desejo. Quando amava Donatella, pensava nos suaves seios jovens de Simonetta e no seu delicado cu e se portava como um animal enfurecido. Com qualquer das mulheres ao seu lado, sentia que estava enganando a outra, e isso ampliava entremente o seu prazer.

Ivo comprara para Donatella um belo apartamento na Via Montemignaio e ficava com ela todos os momentos possíveis.

Tomava todas as providências para uma viagem de negócios súbita e então passava o tempo todo na cama com Donatella. Parava para vê-la quando ia para o escritório e, depois do almoço, passava a hora da sesta com ela. Uma vez, quando viajava de navio para Nova York, no Queen Elizabeth II., em companhia de Simonetta, instalou Donatella num camarote, um convés abaixo. Foram os cinco dias mais estimulantes da vida de Ivo.

na noite em que Simonetta anunciou a Ivo que estava grávida, ele sentiu uma alegria indescritível. Uma semana depois, Donatella informou a Ivo que estava esperando um filho, e o contentamento de Ivo transbordou. Por que, perguntava ele, os deuses me cumulam de bens? Com toda a humildade, Ivo reconhecia às vezes que não merecia todos os grandes benefícios que lhe caíam nas mãos. No devido tempo, Simonetta deu à luz uma menina e, uma semana depois, Donatella deu a luz um menino. Que mais podia um homem querer? Mas os deuses ainda não estavam satisfeitos.

pouco tempo depois, Donatella disse a Ivo que estava de novo grávida e, uma semana depois, Simonetta ficou grávida novamente. Nove meses depois, Donatella deu a Ivo outro filho, e Simonetta presenteou o marido com outra menina. Quatro meses depois, as duas mulheres estavam novamente grávidas e, desta vez,

tiveram os partos no mesmo dia. Ivo correu nervosamente do Salvator Mundi, onde Simonetta estava internada, para a Clínica Santa Chiara, para onde levara Donatella. Corria de hospital para hospital, no seu carro, pelo Reccordo Anulare, acenando para as mulheres sentadas à frente de suas barracas à beira da estrada, sobre guarda-sóis cor de rosa, à espera dos fregueses.

Ivo dirigia muito depressa e não podia ver-lhes os rostos, mas amava a todas e lhes desejava felicidades.

Donatella teve outro filho, e Simonetta, outra filha.

Às vezes, Ivo desejava que tivesse acontecido ao contrário.

Era errado que sua mulher só lhe tivesse dado filhas, enquanto sua amante lhe dava filhos, pois ele desejava herdeiros masculinos que pudessem continuar o seu nome. Apesar disso, era um homem contente. Tinha três filhos em casa e três fora. Adorava a todos e era muito bom para eles, nunca se esquecia dos aniversários, dos dias dos seus santos e dos seus nomes. As meninas se chamavam Isabella, Benedetta e Camilla. Os meninos, Francesco, Carlo e Luca.

Quando os filhos cresceram, as coisas começaram a ficar mais complicadas para Ivo. Incluindo a mulher, a amante e seis crianças. Ivo tinha que se lembrar de oito aniversários, de oito dias de santos e de oito presentes dobrados nas festas. Providenciou para que as escolas das filhas e dos filhos fossem bem separadas. As meninas foram mandadas para o Saint-Dominique, o convento francês na Via Cassia, e os meninos foram matriculados no Massimo, o colégio dos jesuítas na Eur.

Ivo conhecia e encantava todos os professores dos filhos, ajudava todos a fazer os deveres de casa e consertava os brinquedos quebrados. O esforço de

manter duas famílias separadas punha à prova toda a energia de Ivo, mas ele dava um jeito. Era pai, marido e amante exemplar. No dia de Natal, ficava com Simonetta, Isabella, Benedetta e Camilla. No dia de reis, 6 de janeiro, Ivo se vestia como a Befana, a feiticeira, e distribuía presentes e carbone, a bala de açúcar-cande que as crianças adoravam, a Francesco, Carlo e Luca.

A mulher e a amante de Ivo eram belas e seus filhos eram inteligentes e bonitos. Sentia orgulho deles. A vida era maravilhosa.

Foi então que os deuses cuspiram no rosto de Ivo Palazzi.

Como acontece com muitas grandes catástrofes, tudo chegou sem o menor aviso.

Ivo tinha feito amor com Simonetta antes do café da manhã e depois fora diretamente para o escritório, onde fizera um bom trabalho na parte da manhã. À uma hora da tarde, disse a seu secretário — Simonetta não admitia secretárias — que ia a uma reunião, que decerto lhe tomaria o resto da tarde.

Sorrindo ante os prazeres à sua espera, Ivo circundou a construção que bloqueava a rua no Lungo Tevere, onde estavam construindo o metrô havia dezessete anos, atravessou a ponte para o Corso Francia e, trinta minutos depois, entrava na sua garagem na Via Montemignio. No momento em que abriu a porta do apartamento, soube que havia algo de anormal.

Francesco, Carlo e Luca rodeavam Donatella em prantos.

Quando se aproximou, Donatella o olhou com tal expressão de ódio, que por um instante, Ivo teve a impressão de haver entrado em outro apartamento.

— Stronzo! — gritou ela para Ivo.

Ivo correu os olhos em redor, cheio de espanto.

— Caríssima! Crianças! Que foi que houve? Que foi que eu fiz?

Donatella levantou-se e jogou-lhe um exemplar da revista Oggi.

— Está aí o que você fez. Veja!

Atônito, Ivo pegou a revista e viu na capa uma fotografia em que aparecia ele, Simonetta e suas três filhas com a legenda "Padre di famiglia", dio! Tinha-se esquecido inteiramente daquilo. Meses antes a revista lhe pedira autorização para fazer uma reportagem sobre sua família e ele, sem dar muita atenção ao caso, concordara.

Nunca esperava que dessem tanto destaque à reportagem. Olhou para a amante e para os filhos que choravam e disse: — Posso explicar isso...

— Os colegas deles já explicaram tudo — exclamou Donatella. — Meus filhos voltaram para casa chorando porque na escola todos os estavam chamando de bastardos!

— Cara, eu...

— Os vizinhos estão nos tratando como se fôssemos leprosos. Não podemos mais levantar a cabeça. Temos de sair daqui!

Ivo olhou para ela, atordoado.

— Que é que você está dizendo?

— Vou sair de Roma com meus filhos.

— São meus filhos também, e você não pode fazer isso!

— Tente impedir-me e eu o matarei! Era um pesadelo. Ivo ficou ali, vendo a amante e os filhos entregues a um verdadeiro acesso de desespero e pensando: "não! Isso não pode estar acontecendo comigo"! Mas Donatella ainda não dissera tudo.

— Antes de sairmos daqui, quero um milhão de dólares. Em dinheiro.

Era tão ridículo que Ivo começou a rir.

— um milhão de dólares...

— se não me der o dinheiro, telefonarei para sua mulher.

Isso havia acontecido seis meses antes. Donatella ainda não cumprira a sua ameaça, mas Ivo sabia que poderia cumpri-la.

Todas as semanas, ela aumentava a pressão. Telefonava para o escritório dele e dizia: — não me interessa como vai conseguir o dinheiro, mas trate de arranjá-lo.

Havia somente um meio de conseguir uma quantia tão grande. Tinha de vender as ações da Roffe and Sons. Sam Roffe não consentiria na venda. Sam Roffe estava prejudicando a felicidade conjugal e o futuro de Ivo. era preciso dar um jeito nisso. se conhecesse as pessoas certas, isso poderia ser feito.

O que mais machucava Ivo era que Donatella, sua querida amante apaixonada, não o deixava tocar nela. Ivo podia visitar as crianças todos os dias se quisesse, mas não podia entrar no quarto.

— Só depois que me der o dinheiro deixarei você fazer amor comigo — dizia Donatella.

No seu desespero, Ivo telefonara para Donatella uma tarde e dissera: — Vou para aí agora mesmo. consegui o dinheiro. Pretendia amá-la primeiro e acalmá-la depois. Não poderia deixar de dar certo. conseguiu fazê-la tirar a roupa e então disse a verdade.

— Ainda não tenho o dinheiro, cara, mas dentro em breve...

Foi então que ela o atacou com as unhas como um animal feroz.

Ivo estava pensando nessas coisas ao afastar-se de carro do apartamento de Donatella, como então pensara a considerá-lo, e virou para o norte na movimentada via cassia, de volta à sua casa em Olgiata. Olhou para o rosto no espelho. os ferimentos não estavam mais sangrando, mas eram bem visíveis no seu rosto. olhou para a camisa manchada de sangue. como poderia explicar a Simonetta os arranhões no

rosto e nas costas? Por um momento passou-lhe pela cabeça a ideia de contar a verdade, mas abandonou esse pensamento absurdo. Talvez pudesse confessar a Simonetta que, num momento de aberração mental, tinha ido para a cama com uma mulher e ela ficara grávida... Sim, poderia dizer isso e escapar com vida. Mas três filhos? E no espaço de oito anos? A sua vida não valeria uma nota de cinco libras. E não podia deixar de ir para casa, pois estavam esperando convidados para jantar e Simonetta fazia questão da sua presença. Ivo estava num beco sem saída. O seu casamento estava acabado. Só San Gennaro, o santo dos milagres, poderia salvá-lo. De repente, viu um cartaz ao lado da Via Cassia.

Virou o carro na direção do cartaz e feriou.

Trinta minutos depois, transpunha as portas de Olgiata. Sem dar atenção aos olhares dos guardas para seu rosto arranhado e a sua camisa ensanguentada, Ivo seguiu pelos caminhos da propriedade e foi parar diante da casa. Abriu a porta e entrou na sala, onde estavam Simonetta e Isabella, a filha mais velha. Simonetta ficou espantada ao olhar para o marido.

— O que aconteceu, Ivo? Ivo sorriu a contragosto, tentando dissimular a dor que estava sentindo.

— Creio que fiz uma coisa completamente irrefletida, cara...

Simonetta havia se aproximado e examinava os arranhões. Ivo podia ver que ela já estava apertando os olhos. Perguntou então com uma voz repassada da maior frieza: — Quem foi que lhe arranhou o rosto desse jeito?

— Tibério — disse Ivo, tirando de trás de si um grande e feio gato cinzento que, naquele momento, soltou-se de suas mãos e fugiu.

— Comprei-o para Isabella, mas o danado do bicho me atacou num trecho da estrada em que era muito

perigoso parar.

— Povero amore mio! — Instantaneamente Simonetta estava ao seu lado. — Angelo mio! Vamos subir que eu quero botar você na cama. Vou telefonar para o médico e passar iodo nisso...

— Não! Não é possível! — disse Ivo, fazendo uma careta de dor quando ela passou os braços pelos ombros dele. — Cuidado! Acho que o bicho me arranhou também as costas.

— Como você deve estar sofrendo, amore!

— Nem tanto — disse Ivo com convicção. — Estou até me sentindo bem.

A campainha da porta tocou.

— Vou ver quem é — disse Simonetta.

— Não, eu vou. Estou esperando uns papéis importantes do escritório.

Foi até à porta da frente e abriu-a.

— Signor Palazzi?

— Si.

Um mensageiro, vestido com um uniforme cinzento, entregou-lhe um envelope. Dentro havia um teletipo de Rhys Williams. Ivo leu rapidamente a mensagem e ficou muito tempo parado, pensando. Depois, respirou fundo e subiu afim de preparar-se para o jantar.

Capítulo 4

Buenos Aires. Segunda-feira, 7 de setembro. 15 horas.

O autódromo de Buenos Aires, nos arredores da capital argentina, estava apinhado com cerca de

cinquenta mil espetadores, que tinham ido assistir às corridas do campeonato. Era uma corrida de cento e quinze voltas num circuito de quase sete quilômetros. A corrida já se realizava havia quase cinco horas sob um sol fortíssimo e, dos trinta carros que haviam largado, restavam poucos. A assistência estava presenciando o desenrolar de um capítulo da história do desporto. Talvez aquela corrida fosse única nos anais do automobilismo. Não tinha havido antes e talvez nunca houvesse depois nada parecido. Todos os nomes que se tinham tornado lendários nas pistas estavam ali naquele dia: Chris Amon, da Nova Zelândia, e Brian Redman, de Lancashire. Ali estavam o italiano Andrea Di Adamici num Alfa Romeo 33 e Carlos Moco, do Brasil, num Maech. O campeão belga Jack Ickx estava presente, e Reine Wisell, da Suécia, pilotava um BRM.

A pista parecia um Arco-Iris alucinado, feito dos velozes vermelho, verde, preto, branco e dourado dos Ferraris, dos Brabhams, dos M19-A da McLarem e dos fórmula 3 da Lotus.

à medida que as voltas se sucediam, os gigantes começavam a cair. Chris Amon estava em quarto lugar quando o carro enguiçou. Raspou no Cooper de Brian Redman, que teve de desligar a ignição para não perder o controle, mas os dois carros ficaram fora de competição. Reine Wisell estava comandando a corrida, seguido de perto por Jack Ickx. Na grande curva, o câmbio do BRM se desintegrou, e a bateria e o equipamento elétrico pegaram fogo. O carro começou a rodar e bateu no Ferrari de Jack Ickx.

A multidão delirava.

Três carros se destacavam dos demais no primeiro pelotão.

Eram Jorge Amandaris, da Argentina, pilotando um Surtees; Nils Nilsson, da Suécia, num Matra, e Martel, da França, num Ferrari 312 B-2.. Estavam fazendo uma

corrida brilhante, acelerando nas rectas, reduzindo nas curvas, avançando.

Jorge Amandaris ia à frente, e os argentinos aplaudiam febrilmente o seu compatriota. Logo atrás de Amandaris, vinha Nils Nilsson, ao volante de seu Matra vermelho e branco, seguido do Ferrari preto e dourado dirigido por Martel, da França.

O carro francês tinha passado quase despercebido até os últimos cinco minutos, quando começou a destacar-se. Do décimo lugar passara para o sétimo e depois para o quinto, fazendo uma corrida firme. A assistência viu então o francês avançar para disputar o segundo lugar ocupado por Nilsson. Os três carros corriam a mais de duzentos e oitenta quilômetros por hora. Era uma velocidade bastante perigosa em pistas cuidadosamente construídas como Brands Hatch ou Watkins Glen, mas numa pista como aquela da Argentina equivalia a suicídio. A um lado da pista foi afixado o sinal de que faltava cinco voltas.

O Ferrari do francês tentou passar o Matra de Nilsson, mas o sueco se desviou um pouco, bloqueando a passagem.

Aproximando-se rapidamente de um carro alemão retardatário. O carro de Nilsson emparelhou com ele. O carro francês avançou até ficar no estreito espaço entre o alemão e o Matra. O francês acelerou ainda mais, forçando os dois carros a dar passagem, e partiu para ocupar o segundo lugar. A multidão, de respiração suspensa, aplaudiu essa manobra brilhante e perigosa.

Faltavam três voltas, e Amandaris estava em primeiro, com Martel em segundo e Nilsson em terceiro. Amandaris tinha visto a manobra. Sabia que o francês era bom, mas não acreditava que ele pudesse ameaçar-lhe a vitória nas últimas duas voltas. Pelo canto do olho, viu o Ferrari que tentava se emparelhar com ele.

Viu de relance o rosto frio e determinado do piloto sob o capacete. Amandaris lamentava o que tinha

de fazer, mas as corridas não eram um jogo para desportistas, mas, sim, um jogo para vencedores.

Os carros se aproximavam da extremidade norte do circuito, onde havia uma curva com uma grande rampa inclinada para fora.

Era o ponto mais perigoso da pista, onde já tinha havido numerosos desastres. Amandaris lançou outro olhar rápido ao piloto francês da Ferrari e empunhou com mais força o volante.

Quando os dois carros começaram a aproximar-se da curva, Amandaris levantou levemente o pé do acelerador, de modo que o Ferrari começou a avançar. Viu o piloto lançar-lhe um olhar de espanto na sua armadilha. Jorge Amandaris esperou até que o Ferrari estivesse firmemente decidido a ultrapassá-lo por fora.

Neste momento, Amandaris abriu tudo e começou a mover-se para a direita, cortando em linha recta o caminho do francês, cujo único recurso seria subir pela rampa.

Amandaris viu a súbita expressão de espanto no rosto do francês e disse em silêncio: "Salud!" Neste momento, o piloto do carro francês virou a direção para o Surtees de Amandaris.

O Ferrari ia colidir com ele. Havia apenas um metro de distância entre os dois carros e, naquela velocidade, Amandaris tinha de tomar uma decisão instantânea. Como alguém podia adivinhar que aquele piloto francês era inteiramente louco? Num ato rápido e reflexo, Amandaris virou o volante para a esquerda, tentando evitar que milhares de quilos de metal se chocasse com ele e freou rápido, de modo que o carro de Jorge Amandaris derrapou. Depois, perdeu o controle e rolou pela pista numa coluna de fogo e fumaça.

Mas a atenção do público estava voltada para o Ferrari do piloto francês, que recebia a bandeirada da vitória e era imediatamente cercado por uma multidão

entusiástica. O piloto levantou-se e tirou o capacete e os óculos.

Era uma mulher de cabelos cor de trigo, curtos e feições clássicas finamente modeladas. O corpo estava trémulo não de cansaço, mas de emoção, desde o momento em que olhara para Jorge Amandaris e o fizera partir para a morte. Nos alto-falantes, um locutor dizia: "A corrida foi vencida por Hélène Roffe-Martel, da França, pilotando um Ferrari".

Duas horas depois, Hélène e seu marido Charles estavam em sua suíte no Hotel Ritz, no centro de Buenos Aires, deitados diante da lareira. Hélène estava nua sobre ele, na clássica posição de La diligence de Lyon, e Charles dizia: — Oh, Deus! Por favor, não faça isso comigo! Por favor! Ele foi sentindo sua excitação crescer, e ela foi aumentando a pressão, ferindo-o, observando as lágrimas aflorarem aos seus olhos.

"Estou sendo punido sem razão", pensou Charles. Ele temeu pensar no que Hélène seria capaz de fazer-lhe se soubesse do crime que ele havia cometido.

Charles Martel casara-se com Hélène Roffe pelo nome e pelo dinheiro dela. Depois da cerimônia, ela conservara o nome, ao qual acrescentara o dele, e Charles ficara com o dinheiro.

Quando descobriu que tinha feito um mau negócio, era muito tarde.

Charles Martel era advogado num grande escritório de advocacia em Paris quando conheceu Hélène Roffe. Tinham-lhe pedido que levasse alguns documentos à sala de conferências onde se realizava uma reunião. Na sala estavam os quatro sócios principais do escritório e Hélène. Charles já ouvira falar nela. Não havia na Europa quem a desconhecesse. Era uma das herdeiras da fortuna feita com produtos farmacêuticos da família Roffe. Rebelde, alheia às convenções, e de quem os jornais e revistas gostavam

de falar, era campeã de esqui, pilotava o seu Learjet, chefiava uma expedição às montanhas do Nepal, praticava automobilismo e hipismo e trocava de homem quase com a mesma facilidade com que trocava de roupa. A fotografia dela aparecia em quase todos os números de Paris-Match e Jours de France. Tinha ido ao escritório de advocacia porque ali estava se tratando do seu divórcio, mas Martel não estava interessado em saber. Os Roffes do mundo estavam fora do seu alcance.

Charles entregou os papéis. Estava um pouco nervoso não pela presença de Hélène, que não lhe interessava, mas porque se achava diante dos chefes do escritório. Representavam a Autoridade, e Charles Martel respeitava a Autoridade. Era fundamentalmente um homem retraído que se contentava em viver modestamente num pequeno apartamento em Passy, onde cuidava da sua coleção de selos.

Charles Martel não era um advogado brilhante, mas era competente, cuidadoso e honesto. Tinha um sentimento um pouco rígido de dignidade. Com pouco mais de quarenta anos, sua aparência física, embora simpática, pouco tinha de impressionante. Alguém havia dito que a personalidade dele era informe como areia molhada, e não havia injustiça na afirmação.

Foi, então, com grande surpresa para ele que, um dia depois de ter conhecido Hélène no escritório, Charles Martel foi chamado à sala de Michel Sachard, chefe da firma, que lhe disse: — Hélène Roffe deseja que você se encarregue pessoalmente da ação de divórcio dela.

Charles Martel ficou estupefato.

— Mas porquê eu, Monsier Sachard? — Nem imagino. Veja se lhe presta bons serviços.

Estando encarregado da ação de divórcio de Hélène, Martel teve necessidade de vê-la com frequência. Com um pouco de exagero até, na opinião dele. Hélène lhe telefonava e o convidava para jantar

em sua villa em Le Vésinet, a fim de discutirem o caso, e o levava à ópera e à sua casa em Deauville. Charles cansava-se de explicar-lhe que o caso era simples e que não havia problema em conseguir o divórcio, mas Hélène — ela insistia em que ele a chamasse de Hélène, com grande embaraço para ele — dizia que precisava ser tranquilizada constantemente por ele. Por fim, ele passou a pensar nisso com um interesse um tanto amargo.

Um belo dia, Charles Martel admitiu a possibilidade de que Hélène Roffe estivesse sentimentalmente interessada nele.

Não podia acreditar nisso. Não era ninguém, e Hélène pertencia a uma das grandes famílias da Europa. Um dia, Hélène não lhe deixou mais dúvidas sobre suas intenções e disse: — Vou me casar com você, Charles.

Nunca pensara em se casar. Não se sentia bem ao lado das mulheres. Além disso, não amava Hélène e não tinha certeza nem mesmo de simpatizar com ela. A agitação e as atenções que a cercavam em todo lado aonde iam desconcertavam-no. Era atingido pela luz dos refletores voltados para ela, e isso era um papel a que ele não estava absolutamente habituado. Tinha também plena consciência do contraste entre eles. A expansividade de Hélène era irritante para a natureza conservadora dele. Ela ditava moda e era o próprio requinte da elegância, ao passo que ele era apenas um simples e comum advogado de meia-idade.

Não podia compreender o que Hélène Roffe via nele. E ninguém mais podia. Em vista da notória participação de Hélène em desportos violentos que eram tidos como redutos exclusivos dos homens, havia quem dissesse que Hélène Roffe era partidária do movimento de libertação das mulheres. Na realidade, ela desprezava o movimento e se insurgia contra o seu conceito de igualdade. Não via razão para que ter homens à mão, quando fossem considerados iguais às

mulheres. Era bom ter homens à mão, quando fosse necessário. Não eram seres particularmente inteligentes, mas podiam ser ensinados a ir buscar e acender cigarros, a dar recados, a abrir portas e a dar satisfação na cama. Eram excelentes animais de estimação. Bem treinados, tomavam banho sozinhos e não sujavam a casa. Eram uma raça excelente.

Hélène Roffe tinha tido playboys, aventureiros, capitães de indústria, homens elegantes. Nunca tivera um Charles Martel.

Ela sabia exatamente o que ele era. Nada. Um pedaço de barro virgem que ela podia moldar como quisesse. Depois que Hélène Roffe tomou essa decisão, Charles Martel não teve mais chance.

Casaram-se em Neuilly e passaram a lua-de-mel em Monte Carlo, onde Charles perdeu a sua virgindade e as suas ilusões. Ele pretendia voltar ao escritório de advocacia.

— Não seja idiota! — disse-lhe a mulher. — Acha que vou querer ser casada com um advogadozinho? Você vai entrar para a firma da família e um dia vai tomar conta de tudo. Vamos tomar, aliás.

Hélène conseguiu que Charles trabalhasse na filial de Paris da Roffe and Sons. Ele lhe contava tudo que acontecia, e ela o orientava e ajudava, apresentando-lhe as sugestões. O progresso de Charles foi rápido. Em pouco, era chefe da filial francesa e fazia parte da diretoria.

Hélène Roffe transformou-o de um obscuro advogado em diretor de uma das maiores empresas do mundo. Devia estar encantado. No entanto, sentia-se infeliz. Desde o primeiro momento do casamento, Charles se sentira totalmente dominado pela mulher.

Ela escolhia o seu alfaiate e os homens que lhe faziam os sapatos e as camisas. Fê-lo entrar para o circulo fechado do Jockey Club.

Hélène tratava Charles como um gigolô. O seu salário ia diretamente para as mãos dela, e Hélène só lhe dava uma mesada embaraçosamente pequena. Se Charles precisava de um dinheiro a mais, tinha de pedi-lo a Hélène. Ela o fazia prestar contas de todos os momentos de seu tempo e queria que ele estivesse sempre à disposição dela.

Parecia gozar com a humilhação dele. Telefonava para ele no escritório e ordenava-lhe que fosse imediatamente para casa, com um vidro de creme para a pele ou qualquer coisa insignificante. Quando ele chegava a casa, ela estava nua no quarto, à espera dele. Era insaciável como um animal.

Charles viajou com a mãe até os trinta e dois anos de idade, quando ela morreu de câncer. Foi uma inválida por tanto tempo quanto a memória de Charles alcançava, e ele cuidou dela. Nunca teve tempo para sair com moças ou de se casar. A mãe foi uma carga pesada, e, quando ela morreu, Charles pensou que ia afinal viver em liberdade. Teve, ao contrário, um sentimento de carência. Nunca se interessou por mulheres, explicou seus sentimentos a Hélène logo que ela lhe falou em casamento.

— Minha líbido não é muito forte — disse ele.

Hélène sorriu.

— Pobre Charles. Deixe a parte do sexo comigo. Garanto que você vai gostar.

Detestou. E isso só pareceu aumentar o prazer de Hélène.

Ria-se das fraquezas dele e o obrigava a fazer coisas revoltantes, que levava Charles a sentir-se degradado e nauseado. O ato sexual em si era suficientemente desmoralizante. Mas Hélène vivia interessada em fazer experiências. Charles nunca sabia o que devia esperar. Certa vez, no momento em que ele estava tendo um orgasmo, ela pusera gelo picado em seus testículos e, de outra, lhe introduzira uma haste

electrificada no ânus. Charles vivia apavorado com Hélène. Ela o fazia sentir-se como um elemento feminino enquanto ela o masculino. Ele tentava proteger o seu amor-próprio, mas infelizmente não havia um só ponto nela que não fosse superior a ele. Possuía uma inteligência brilhante.

Entendia tanto de direito quanto ele, e muito mais de negócios.

Passava horas e horas discutindo os casos da companhia com ele.

Nunca se cansava.

— Pense em nosso poder, Charles! — dizia ela. — A Roffe and Sons poderia arruinar ou fazer prosperar mais da metade dos países do mundo. Era eu que devia estar dirigindo a companhia que meu bisavô fundou. Ela faz parte de mim! Depois de uma dessas explosões, Hélène se tornava sexualmente insaciável, e Charles era forçado a satisfazê-la de uma maneira em que não gostava de pensar. Acabou por desprezá-la. O seu sonho era livrar-se dela, fugir para nunca mais vê-la. Mas, para isso, precisava de dinheiro.

Um dia, na hora do almoço, René Duchamps, um amigo dele, falou-lhe numa oportunidade de fazer fortuna.

Charles não podia confessar que não tinha um franco seu, mas foi até a Borgonha para ver os vinhedos e ficou profundamente impressionado.

— Um tio meu, que possuí um grande vinhedo na Borgonha, acaba de morrer. O vinhedo vai ser posto à venda. São quatro mil hectares plantados de uvas de appellation d'origine. Eu tenho preferência porque sou da família, mas não tenho dinheiro bastante para fazer o negócio sozinho. Se quiser fazer sociedade comigo, dobraremos o capital empregado dentro de um ano. ao menos, você poderia dar uma olhada. Cada um de nós entrará com dois milhões de francos — disse Duchamps. — Dentro de um ano, teremos quatro milhões cada um.

Quatro milhões de francos! Seria a possibilidade de fuga, a liberdade! Iria para algum lugar onde Hélène nunca poderia encontrá-lo.

— Vou pensar nisso — disse Charles a seu amigo.

E de fato pensou. Dia e noite. Era a maior chance de sua vida.. Mas como? Seria impossível contrair algum empréstimo sem que Hélène tomasse imediatamente conhecimento disso. Tudo estava no nome dela — a casa, os quadros, os carros, As jóias... os belos ornamentos que ela guardava num cofre, no quarto. Pouco a pouco, a ideia tomou corpo em seu cérebro. Se ele pudesse pegar as jóias, algumas de cada vez, substituiria as peças por imitações e tomaria dinheiro emprestado sob a garantia das verdadeiras jóias. Depois, quando ganhasse nos vinhedos o dinheiro esperado, trataria de repor as jóias no cofre e teria dinheiro suficiente para desaparecer para sempre.

Telefonou para René Duchamps e disse com o coração a palpitar de emoção: — Resolvi fazer sociedade com você.

A primeira parte do plano aterrorizou Charles. Tinha de Abrir o cofre e roubar as jóias de Hélène.

A antecipação da coisa terrível que ele ia fazer provocou tamanho nervosismo em Charles que ele mal conseguia trabalhar.

Passava os dias como um autômato, sem ver nem ouvir nada do que acontecia à sua volta. Todas as vezes que via Hélène, ficava encharcado de suor. Quase sempre as mãos lhe tremiam. Hélène ficou preocupada com o estado dele como ficaria com um cachorro de estimação que aparecesse doente. Mandou chamar um médico para examinar Charles, mas ele não encontrou nada de anormal.

— Um pouco de tensão, talvez. Tudo deve se normalizar com dois dias de repouso.

Hélène olhou para Charles estendido na cama e disse: — Muito obrigada, doutor.

No momento em que o médico saiu do quarto, ela começou a se despir.

— Eu... eu não estou me sentindo muito bem — murmurou Charles.

— Mas eu estou — respondeu Hélène.

Charles nunca a odiara tanto.

A oportunidade de Charles chegou na semana seguinte. Hélène ia a Garmisch-Partenkirchen esquiar com um grupo de amigos e resolveu deixar Charles em Paris.

— Quero que passe todas as noites em casa — disse Hélène. — Vou lhe telefonar, ouviu? Charles viu-a partir no seu Jensen vermelho e, no momento em que ela desapareceu, correu para o quarto onde estava o cofre.

Tinha-a visto abri-lo muitas vezes e sabia quase todo o segredo. Levou uma hora para descobrir o resto. Com os dedos trémulos, abriu a porta do cofre. Ali, nos estojos forrados de veludo, cintilantes como estrelas em miniatura, estavam os instrumentos da sua libertação. Havia entrado em empreendimentos com um joalheiro chamado Pierre Richaud, um mestre em imitação de jóias. Nervoso, Charles começou a longa explicação acerca dos motivos pelos quais ia mandar fazer as imitações, mas Richaud sorriu e disse: — Monsieur, estou fazendo imitações para todo mundo. Ninguém em seu juízo perfeito sai às ruas com jóias verdadeiras nos dias que correm.

Charles lhe entregava uma peça de cada vez e, quando a imitação ficava pronta, ele a deixava no cofre no lugar da jóia. Empenhava então a jóia verdadeira no Crédit Municipal, a instituição de penhores do Estado.

A operação demorou mais do que o esperado. Charles só podia abrir o cofre quando Hélène não

estava em casa, e houve demoras imprevistas no trabalho de copiar as peças. Mas chegou afinal o dia em que Charles pôde comunicar a René Duchamps: — Amanhã terei todo o dinheiro necessário para a nossa sociedade.

Havia conseguido o que queria. Era proprietário da metade do vinhedo, e Hélène não tinha a menor suspeita do que ele havia feito.

Começou a ler em segredo tudo o que podia sobre vinhas e vinhos. Por que não? Não passara a ser um vinhateiro? Ficou sabendo das diferentes uvas, da cabernet sauvignon, a principal uva usada, mas outras eram plantadas e extraídas ao lado dela, com a gros cabernet, a merlot, a malbec e a petit verdot. Uma das gavetas de Charles no escritório vivia cheia de brochuras sobre a fabricação de vinhos. Ficou sabendo de fermentação, podas e enxertos. Soube também que o consumo mundial de vinhos continuava a aumentar.

Tinha frequentes encontros com o sócio.

— A coisa vai ser melhor do que eu pensava — disse René. — Os preços dos vinhos estão subindo vertiginosamente. Devemos ganhar uns trezentos mil francos por tonneau logo nas primeiras vindimas.

Mais do que Charles havia sonhado! As uvas representavam ouro, e Charles começou a procurar folhetos de turismo sobre as ilhas do Pacífico, a Venezuela e o Brasil. Até os nomes dos lugares tinham para ele um encanto particular. O único problema era que havia poucos lugares no mundo onde não houvesse escritórios da Roffe and Sons e onde Hélène não pudesse descobri-lo. E, se ela o descobrisse, iria matá-lo. A não ser que ele a matasse antes. Era uma de suas fantasias prediletas.

Assassinou Hélène repetidamente, de mil maneiras deliciosas e reconfortantes.

Começou a gozar morbidamente os desmandos de Hélène, pensando sempre que ela o forçara a fazer

coisas inconfessáveis: "Vou desaparecer daqui a pouco, imunda. Ficarei rico graças ao seu dinheiro, e você nada poderá fazer".

E ela dava ordens: "Mais depressa!", ou: "Não pare agora!", enquanto ele obedecia mansamente e sorria, satisfeito.

Charles aprendeu também que, na cultura das uvas, os meses mais importantes eram os da primavera e do verão, pois os bagos eram colhidos em setembro e, para que apresentassem uma boa qualidade, era imprescindível uma temporada bem equilibrada de sol e chuva. O sol em excesso queimaria o gosto da uva, ao passo que o excesso de chuva o diluiria. Junho começou esplendidamente. Charles consultava o Serviço de Meteorologia todos os dias e, mais tarde, duas vezes por dia. Estava numa febre de impaciência, a apenas algumas semanas da realização dos seus sonhos.

Decidira-se pela baía de Montego, pois a Roffe and Sons não tinha escritório na Jamaica. Seria fácil desaparecer ali. Nem se aproximaria de Round Hill ou de Ocho Ríos, onde algum amigo de Hélène poderia reconhecê-lo. Compraria uma casinha nas montanhas. A vida era barata na ilha. Poderia ter até criados e comprar boa comida em sua vida modesta.

Por isso, naqueles primeiros dias de Junho, Charles Mantel foi um homem muito feliz. A vida que estava levando era uma verdadeira ignomínia, mas ele não estava vivendo no presente.

Vivia já no futuro, numa ilha tropical., banhada de sol e batida pelos ventos do Caribe.

O tempo em junho parecia melhorar a cada dia. Havia uma mistura bem doseada de sol e chuva, excelente para as uvas ainda tenras. E, com as uvas, crescia a fortuna de Charles.

Mas, no dia 15 de junho, começou a cair um chuvisco persistente na região da Borgonha. Depois, passou a chover mais forte. Choveu dias seguidos,

semanas seguidas, até que Charles não teve mais coragem de olhar os boletins do tempo.

René Duchamps telefonou: — Se a chuva parar até meados de julho, a safra ainda poderá ser salva.

Julho foi um dos meses mais chuvosos na história e nos registos de Serviço Meteorológico da França. A 1._ de Agosto, Charles Martel havia perdido todo o dinheiro que havia roubado. Nunca havia sentido tanto medo em toda a sua vida.

— Vamos tomar um avião para a Argentina no mês que vem — disse Hélène a Charles. — Vou participar numa corrida de automóveis lá.

Ele já a vira correr pela pista no Ferrari, e não pôde deixar de pensar: "Se ela sofrer um desastre, eu ficarei livre!" Mas ela era Hélène Roffe-Martel. A vida a favorecera com um papel de vitoriosa, do mesmo modo que o tinha rebaixado ao papel de um derrotado.

O fato de ganhar a corrida havia excitado Hélène mais do que de costume. Tinham voltado para a sua suíte do hotel em Buenos Aires, e ela imediatamente fizera Charles despir-se e estender-se de bruços no tapete. Quando ele percebeu o que ela pretendia fazer, protestou: — Não, Hélène! Não! Neste momento, bateram na porta.

— Merda! — exclamou Hélène.

Esperou em silêncio, mas bateram de novo. Uma voz disse: — Senhor Martel? — Fique onde está! — ordenou Hélène.

Levantou-se, passou um robe de seda pelo corpo esbelto e firme e foi até a porta. Um homem com um uniforme cinza de mensageiro trazia um envelope.

— Tenho uma correspondência especial para o Senhor e senhora Martel.

Ela recebeu o envelope e fechou a porta. Abriu o envelope e leu a mensagem que ele continha. Depois, mais lentamente, tornou a ler.

— Que é? — perguntou Charles.

— Sam Roffe morreu — disse ela, sorrindo.

Capítulo 5

Londres. Segunda-feira, 7 de setembro. 14 horas.

O White's Club ficava no alto da St. James's Street, perto de Piccadilly. Construído como um clube de jogo no século XVIII, o White's era um dos clubes mais velhos e mais fechados da Inglaterra. Os sócios inscreviam os nomes dos filhos logo que eles nasciam, pois havia uma lista de candidatos à espera há mais de trinta anos.

A fachada do White's Club era um modelo de discrição. As grandes janelas que se abriam para a St. James's Street visavam mais o prazer dos sócios do que a curiosidade dos transeuntes.

Havia alguns poucos degraus à entrada, mas além dos sócios e dos convidados, raras eram as pessoas que transpunham a porta do clube. As salas eram grandes, bem decoradas e todas revestidas da escura e rica batina do tempo. Os móveis eram velhos e confortáveis — sofás de couro, estantes para jornais, mesas antigas preciosas e poltronas que tinham acomodado traseiros de meia dúzia de primeiros-ministros. Havia uma sala de gamão com uma grande lareira, por trás de uma balaustrada de bronze, e uma escadaria curva que levava ao salão de jantar, no andar superior. O salão de jantar ocupava toda a largura do prédio e continha uma grande mesa de mogno, à qual podiam sentar-se umas trinta pessoas, e cinco mesas laterais. Na hora do almoço ou do jantar, reuniam-se ali alguns dos homens de maior prestígio do mundo.

Sir Alec Nichols, membro do Parlamento, estava sentado a uma das mesinhas de canto, almoçando com um convidado, Jon Swinton.

O pai de Sir Alec havia sido um baronete, como, antes dele, seu pai e seu avô. Todos eles tinham

pertencido ao White's Club.

Sir Alec era um homem magro e pálido, de quase cinquenta anos, com um rosto vivo e aristocrático e um sorriso cativante.

Chegara havia pouco de carro de sua propriedade rural em Gloucestershire e estava vestido com um paletó e calças largas de twee, com sapatos desportivos. Seu convidado usava um terno listrado, com uma camisa xadrez espalhafatosa e uma gravata vermelha, parecendo deslocado naquele ambiente calmo e distinto.

— De fato, o trabalho aqui é primoroso — disse Jon Swinton, acabando de comer a costeleta que tinha no prato.

— A cozinha é soberba. Já se foram os tempos em que Voltaire dizia que os ingleses tinham cem religiões e apenas um molho — disse Sir Alec.

— Quem é Voltaire? — perguntou Jon Swinton.

Sir Alec ficou embaraçado e murmurou: — Ah... É um francês.

— Oh...

Jon Swinton engoliu o último bocado de comida com um gole de vinho. Depois, largou o talher, enxugou os lábios com um guardanapo e disse: — Agora, Sir Alec, creio que já é tempo de falarmos um pouco de negócios.

Alec Nichols disse com uma voz calma: — Há duas semanas, Sr. Swinton, disse-lhe que estava calculando tudo. Tem de me dar um pouco mais de tempo.

Um garção se aproximou da mesa com uma pilha de caixas de charutos. Com uma habilidade, estendeu-as em cima da mesa.

— Não leve a mal — disse Jon Swinton.

Examinou os rótulos das caixas, deu assobios de admiração, escolheu vários charutos que guardou no bolso de cima do paletó e acendeu um. Nem o garçom, nem Sir Alec deram o menor sinal de ter notado essa

falta de educação do homem. O garçom cumprimentou Sir Alec e levou os charutos para outra mesa.

— Meus patrões têm sido muito indulgentes, Sir Alec. Mas parece que agora estão ficando impacientes.

Pegou o fósforo queimado e jogou-o dentro do copo de vinho de Sir Alec.

— Aqui entre nós, eles não são nada agradáveis quando perdem a paciência. Não os vai querer atrás de si, não é? Sabe o que estou querendo dizer? — Acontece apenas que eu não tenho o dinheiro neste momento.

Jon Swinton deu uma risada.

— Não venha com essa para cima. Sua mae era uma Roffe, certo? E tem uma propriedade de cinquenta hectares, uma boa casa em Knightsbridge, um Rolls-Royce e, ainda por cima, em Bentley. Não me venha dizer que está na miséria, que eu não acredito.

Sir Alec olhou em torno, ressentido, e disse calmamente: — Nada disso que acaba de mencionar constitui um ativo passível de liquidação. Não posso...

Swinton piscou o olho e disse: — E aquela sua mulherzinha, Vivian, não é um ativo passivo de liquidação? Sir Alec ficou rubro de raiva. O nome de Vivian nos lábios daquele homem era um sacrilégio. Alec pensou em Vivian como a deixara naquela manhã, ainda suavemente adormecida. Dormiam em quartos separados, e uma das grandes alegrias de Nichols era ir ao quarto de Vivian para uma das suas "visitas". às vezes, quando Alec acordava cedo, ia ao quarto de Vivian, que ainda dormia, só para olhá-la. Acordada ou adormecida, era a mulher mais bela que Alec já havia visto. Ela costumava dormir nua, e seu corpo elegante e curvo se revelava a meio, encolhida na cama. Era loura, com olhos azul-claros e uma pele que parecia creme.

Vivian era uma pequena atriz quando Sir Alec a conhecera numa festa de caridade. Ficou encantado com

a sua beleza, mas o que mais o atraiu foi a personalidade esfuziante e extrovertida dela. Era vinte anos mais moça do que Alec e cheia de alegria de viver. Enquanto Alec era tímido e introvertido, Vivian era gregária e vivaz. Alec não conseguiu parar de pensar nela, mas levou duas semanas até ter coragem bastante para telefonar-lhe. Com surpresa e prazer para ele, Vivian aceitou o seu convite. Alec levou-a a uma peça do Old Vic e depois para jantar no Mirabelle. Vivian morava num modesto apartamento térreo em Notting Hill e, quando Alec a levou até a casa, perguntou: — Não quer entrar?

Ele passou a noite lá e isso transformou inteiramente sua vida. Era a primeira vez que uma mulher o fazia atingir o clímax. Jamais conhecera nada que se comparasse a Vivian. Ela tinha uma língua aveludada, longos cabelos esvoaçantes e possuía profundidades úmidas e exigentes que ele explorava até se exaurir. Sentia-se excitado só de pensar nela.

Havia mais algumas coisas. Ela o fazia rir e sentir-se vivo.

Fazia troça de Alec por ser tímido e um tanto casmurro, e ele adorava isso. Estava com ela sempre que Vivian permitia. Quando Alec a levava a alguma festa, Vivian era sempre o centro de todas as atenções. Alec se orgulhava disso, mas sentia ciúme dos rapazes que a cercavam e não podia deixar de pensar que muitos deles já deviam ter dormido com ela.

Nas noites em que Vivian não podia estar com ele porque tinha outro compromisso, Alec se roía de ciúmes. Ia até o apartamento dela, estacionava o carro nas vizinhanças para ver a que horas ela voltava para casa e se chegava acompanhada. Sabia que estava procedendo insensatamente, mas não conseguia agir de outro jeito. Estava enleado em laços muito difíceis de desatar.

Compreendia que Vivian não servia para ele e que seria um grande erro da sua parte casar-se com ela. Era um baronete, um respeitável membro do Parlamento, com um brilhante futuro.

Fazia parte da dinastia Roffe e integrava a diretoria da empresa. Vivian não tinha meios para poder incorporar-se ao mundo em que ele vivia. Era filha de uma dupla de artistas de segunda classe de music-hall, que faziam turnês pelas províncias. Vivian não tinha instrução e o pouco que sabia aprendera nas ruas e nos bastidores dos teatros. Alec sabia que ela era promíscua e superficial. Era esperta mas não particularmente inteligente. Apesar de tudo isso, Alec vivia obcecado por ela. Resistiu. Tentou deixar de vê-la, mas não conseguiu. Era feliz ao lado dela e quase desgraçado quando estava longe. No fim, propôs-lhe casamento porque não podia deixar de proceder assim, e, quando Vivian aceitou, ficou em êxtase.

Levou a esposa para a casa da família, uma bela mansão georgiana em Gloucestershire, com colunas délficas e uma longa entrada curva para carros. Ficava no centro de cinquenta hectares de ricas terras de lavoura, com um parque de caça e um rio para pescar. Nos fundos da casa, havia um jardim criado por um famoso paisagista.

O interior da casa era admirável. O grande hall de entrada tinha chão de pedras e paredes revestidas de madeira pintada.

Havia velhas lanternas e mesas douradas com tampo de mármore.

A biblioteca tinha estantes feitas ainda no século XVIII, mesas com pedestal de Henry Holland e cadeiras de Thomas Hope. A sala de estar era uma mistura de Hepplewhite e Chippendale,. com um tapete Wilton e dois lustres de Waterford. Havia um grande salão de jantar com capacidade para quarenta convivas e uma sala de fumar. No segundo andar, havia seis

quartos, cada qual com sua lareira Adam. No terceiro andar, ficava os alojamentos dos criados.

Seis semanas depois de se mudarem para a casa, Vivian disse: — Vamos embora daqui, Alec.

Ele a olhou, atônito.

— Quer ir passar alguns dias em Londres, é isso?

— Não. Quero me mudar para Londres.

Alec olhou através da janela para os campos verdes, onde brincara quando criança e onde se erguiam o gigantesco sicômoro e os grandes carvalhos, e murmurou com alguma hesitação: — Mas isto aqui é tão tranquilo!...

— É justamente isso. Não suporto mais essa tranquilidade danada.

Mudaram-se para Londres na semana seguinte.

Alec tinha uma elegante casa de quatro andares em Londres, em Ellton Crescent, logo depois de Knightsbridge, com uma sala de estar, um escritório, uma grande sala de jantar e, nos fundos da casa, uma janela panorâmica, da qual se viam uma gruta, com uma cascata, estátua e alguns bancos brancos no centro de um belo jardim. No andar de cima, havia um quarto grande e quatro menores.

Vivian e Alec viveram duas semanas no quarto grande. Certa manhã, Vivian disse: — Gosto muito de você, Alec, mas você ronca, sabe disso?

Alec não sabia.

— Tenho de dormir sozinha, amor. Você não se importa, não é?

Alec se importava e muito. Gostava de sentir na cama a maciez e o calor daquele corpo jovem. Mas sabia intimamente que não podia excitar sexualmente Vivian tanto quanto outros homens.

Era por isso que ela não o queria na cama. Disse, portanto: — É claro que compreendo, querida.

Por insistência de Alec, Vivian continuou no quarto grande e Alec se mudou para um dos quartos menores.

A princípio, Vivian ia à Câmara dos Comuns e ficava na galeria dos visitantes nos dias em que Alec tinha de fazer algum discurso. Alec olhava para ela e se sentia cheio de um orgulho profundo e inefável. Vivian era sem dúvida a mulher mais bela entre todas ali presentes. Um dia, concluiu o seu discurso e, quando olhou para o alto, viu que o lugar de Vivian estava vazio.

Alec se julgava culpado pelo fato de Vivian viver insatisfeita. Todos os amigos dele eram mais velhos do que Vivian e muito conservadores para ela. Incentivou-a a convidar para a casa os jovens companheiros dela e misturou-os com os amigos dele. Os resultados foram desastrosos.

Alec vivia pensando que, quando Vivian tivesse um filho, se acomodaria. Mas, um dia — Alec nunca soube como -, ela apareceu com uma infeção vaginal e teve de fazer uma histerectomia.

Alec desejava tanto um filho que o fato o abalou profundamente, mas Vivian se mostrou imperturbável.

— Não se incomode, amor. Tiraram a chocadeira, mas deixaram o galinheiro, onde a gente pode brincar.

Ele a olhou em silêncio durante algum tempo, mas depois virou-lhe as costas e afastou-se.

Vivian gostava de fazer compras. Gastava indiscriminadamente em roupas, jóias e carros, e Alec não tinha ânimo de dizer-lhe que se contivesse. Justificou-a, dizendo que ela se criara na pobreza e tinha fome de luxo. Gostaria de comprar tudo para ela. Infelizmente, não podia. O seu salário era basicamente consumido pelos impostos. A sua fortuna consistia nas ações da Roffe and Sons, mas o rendimento dessas ações era limitado.

Tentou explicar isso a Vivian, mas ela não mostrou o menor interesse. As conversa sobre negócios a irritavam. E Alec deixou-a continuar gastando.

A primeira vez em que soube que ela também jogava foi quando Tod Michaels, proprietário do Tod's Club, um antro de jogatina no Soho, foi procurá-lo.

— Tenho aqui uma promissória de mil libras, assinada por sua mulher, Sir Alec. Ela teve uma noite de pouca sorte na roleta.

Alec ficou atônito. Pagou a promissória e naquela noite chamou a atenção de Vivian.

— Assim não podemos aguentar, Vivian. Você está gastando mais do que eu posso ganhar.

Ela se mostrou muito arrependida.

— Desculpe, meu anjo. Sua Vivian tem procedido muito mal.

Abraçou-o então, comprimiu o corpo contra o dele e Alec esqueceu sua raiva.

Alec passou uma noite memorável na cama dela e ficou certo de que não haveria mais problemas.

Duas semanas depois, Tod Michaels foi procurá-lo de novo.

Desta vez, a promissória assinada por Vivian era de cinco mil libras. Alec ficou furioso.

— Por que você a deixa jogar a crédito? — Ela é sua esposa, Sir Alec — respondeu Michaels com voz untuosa. — O que aconteceria se eu recusasse? — Eu... eu terei de arranjar essa importância — disse Alec.

— Não a tenho no momento.

— Considere isso como um empréstimo. Pagará quando puder.

Alec sentiu um grande alívio.

— É muita generosidade da sua parte, Sr. Michaels.

Foi só um mês depois que Alec soube que Vivian tinha perdido no jogo mais de vinte mil libras e que ele pagaria sobre essa importância juros de dez por

cento por semana. Ficou horrorizado. Não tinha meio algum de levantar tanto dinheiro. Nem tinha coisa alguma que pudesse vender. As casas, as belas antiguidades, os carros, tudo isso pertencia à Roffe and Sons.

A cólera que o agitava amedrontou tanto Vivian que ela prometeu nunca mais jogar. Mas era muito tarde. Alec caiu nas mãos de agiotas. Por mais dinheiro que desse, jamais conseguiria amortizar a dívida. Esta aumentava a cada mês, ao invés de diminuir, e ele vivia nessa agonia já havia um ano.

Quando os capangas de Tod Michaels começaram a exercer pressão sobre ele, cobrando dinheiro, Alec ameaçou ir à polícia.

— Tenho relações nas altas-rodas — disse ele.

O homem sorriu.

— E nós temos relações nas rodas mais baixas.

Agora, Sir Alec estava ali, no White's Club, com aquele homem terrível, tendo de rebaixar-se para pedir um pouco mais de tempo.

— Já paguei mais que o dinheiro que tomei emprestado. Não posso...

— Pagou apenas os juros, Sir Alec — replicou Swinton. — Ainda não deu nada do capital.

— Isso é uma extorsão! O olhar de Swinton ficou mais duro. Disse, fazendo menção de levantar-se.

— Está bem. Darei o seu recado ao chefe.

— Não, não! Faça o favor de sentar-se — apressou-se em dizer Alec.

Swinton sentou-se vagarosamente e disse: — Não diga mais essas coisas. O último sujeito que falou assim acabou com os joelhos pregados no chão.

Alec lera alguma coisa a esse respeito. Os irmãos Kray tinham inventado esse castigo para as suas vítimas. E as pessoas com quem ele estava tratando eram tão perversas e tão cruéis quanto eles. Sentiu a bile subir-lhe à garganta.

— Não quis dizer isso. Só sei que não tenho mais dinheiro...

Swinton bateu a cinza do charuto no copo de vinho de Alec e disse: — Você tem uma porção de ações da Roffe and Sons, não tem, meu caro Alec? — Tenho sim, mas não posso vendê-las, nem transferi-las. Não adianta a ninguém possuí-las, a menos que a Roffe and Sons se transforme numa sociedade anônima. Isso é com Sam Roffe. Bem que eu tenho tentado convencê-lo.

— Continue insistindo.

— Diga a Michaels que ele receberá seu dinheiro. Enquanto isso, deixem de importunar-me.

Swinton arregalou os olhos.

— Importuná-lo? Você, meu caro patife, não sabe nem o significado da palavra. Quando começarmos a importuná-lo, as suas cocheiras serão queimadas e você comerá carne de cavalo assada. Até sua casa será queimada. E com sua mulher dentro. Já comeu coxas de mulher assadas? Alec estava pálido.

— Pelo amor de Deus! — É claro que eu estou brincando — disse Swinton. — Tod Michaels é seu amigo. E amigos se ajudam uns aos outros.

Estivemos falando a seu respeito em nossa reunião desta manhã. E sabe o que o chefe disse? "Sir Alec é um bom sujeito. Se não tiver dinheiro, conseguirá na certa outro meio de atender-nos." Alec franziu a testa.

— Que outro meio é esse? — Ora essa, não é tão difícil assim de imaginar para um homem como você. Trabalha numa grande companhia de produtos farmacêuticos, não é verdade? Produz coisa como cocaína, por exemplo. Aqui entre nós, particularmente, quem iria saber se você desviasse algumas sementes de vez em quando? Alec encarou-o.

— Deve estar louco.. Eu nunca poderia fazer uma coisa dessas.

— Não imagina a facilidade com que as pessoas podem fazer as coisas desde que seja necessário. Ou nos paga o dinheiro que nos deve ou nós teremos de dizer-lhe para onde deve remeter a mercadoria.

Apagou o charuto no pratinho de manteiga de Alec.

— Lembranças a Vivian, Sir Alec.

E Jon Swinton saiu.

Sir Alec ficou sentado sozinho, sem ver nada, cercado de todas as coisas confortáveis e amigas que tinham feito parte até então de sua vida e agora estavam ameaçadas. A única coisa estranha era aquela obscena ponta de charuto no prato.

Como pôde permitir que tais coisas lhe acontecessem? Deixara-se levar para uma posição onde ficara à mercê dos malfeitores. Sabia agora que não queriam dele apenas dinheiro.

O dinheiro fora apenas uma isca com que o tinham levado a uma armadilha. O que lhes interessava era a sua relação com a companhia de produtos farmacêuticos. Queriam forçá-lo a trabalhar com eles. Quando se soubesse que ele estava em poder daqueles criminosos, a oposição não deixaria de explorar o caso. O seu partido decerto lhe pediria que renunciasse à sua cadeira. Isso seria feito, naturalmente, com tato e discrição.

Insistiriam em que ele se candidatasse a uma cadeira na Câmara dos Comuns, um posto da Coroa que pagava um salário nominal de cem libras por ano. Teria de deixar o Parlamento necessariamente, pois um parlamentar não podia receber qualquer pagamento da Coroa ou do governo. É claro que não poderia haver sigilo sobre os motivos. Ele ficaria desmoralizado, a não ser que pudesse receber alguma quantia considerável. Tinha falado muitas vezes com Sam Roffe, procurando convencê-lo a transformar a companhia numa

sociedade aberta e permitir que as suas ações fossem negociadas na Bolsa.

— Nem pense nisso — tinha-lhe dito Sam. — No minuto em que permitirmos a entrada de estranhos, eles começarão a querer ditar regras nos nossos negócios. Sem ninguém perceber, tomarão conta da diretoria e, depois, da companhia. Que diferença isso faz para você, Alec? Você tem um bom salário, uma conta de despesas sem limite fixo. Não precisa de dinheiro.

Por um momento, Alec teve a tentação de expor a Sam a situação desesperada em que se encontrava. Mas bem sabia que isso não adiantava. Sam Roffe era antes de mais nada um homem da companhia. Se soubesse que Alec tinha de alguma maneira comprometido o prestígio da Roffe and Sons, demiti-lo-ia sem hesitação. Não, Sam Roffe era a última pessoa a quem ele podia recorrer.

Alec se via diante da ruína.

O porteiro da recepção dirigiu-se para a mesa de Alec em companhia de um homem com uma farda de mensageiro e um envelope fechado na mão.

— Perdão, Sir Alec — disse o porteiro -, mas este homem insiste em dizer que recebeu instruções para entregar-lhe pessoalmente alguma coisa.

— Obrigado — disse Alec, recebendo o envelope.

O porteiro saiu, acompanhando o homem.

Alec demorou muito a estender a mão para o envelope e abri-lo. Leu e releu a mensagem. Em seguida, amassou o papel e os seus olhos se encheram de lágrimas.

Capítulo 6

Nova York. Segunda-feira, 7 de setembro.11 horas.

O Boeing 707-320 particular estava se preparando para descer no Aeroporto Kennedy, depois de sobrevoar repetidamente a pista, à espera de ordem para pouso. O vôo tinha sido longo e enfadonho, e Rhys Williams estava exausto mas não conseguira dormir durante toda a noite. Tinha viajado muito naquele avião com Sam Roffe, e a presença do amigo ainda enchia o aparelho.

Elizabeth Roffe o esperava. Ele tinha lhe mandado um telegrama de Istambul, no qual dizia apenas que chegaria no dia seguinte.

Poderia ter-lhe comunicado a morte do pai pelo telefone, mas ela merecia mais do que isso.

O avião tocou no solo e taxiou para o terminal. Rhys levava muito pouca bagagem e sem demora passou pela alfândega. O céu estava cinzento e fechado, um prenúncio do inverno. Uma limusine o esperava numa das portas laterais a fim de levá-lo à propriedade de Sam Roffe, em Long Island, onde Elizabeth devia estar à espera dele.

Durante a viagem para Long Island, Rhys tentou pensar nas palavras que diria a Elizabeth logo que a visse, para suavizar o choque mas no momento em que ela abriu a porta para recebê-lo, ficou sem ter o que dizer. Sempre que Rhys via Elizabeth, a beleza dela o tomava de supressa. Herdara os traços da mãe, as mesmas feições aristocráticas e os olhos negros emoldurados pelos longos cílios. A pele era branca e fina e os cabelos, pretos e cintilantes. Estava com uma blusa creme de seda de gola aberta, uma saia pregueada de casimira cinza e sapatos marrons. Não havia nem sinal da menina desajeitada que Rhys conhecera nove anos antes. Tornara-se uma mulher inteligente e cordial, sem qualquer afetação decorrente da sua beleza. Sorria, satisfeita de vê-lo. Tomou-o pela mão e disse, levando-o para a grande biblioteca revestida de carvalho.

— Venha, Rhys. Sam veio com você? Não havia meio de proceder suavemente. Rhys respirou fundo e disse: — Sam sofreu um acidente, Liz.

Viu a cor fugir do rosto de Elizabeth. Ela ficou esperando que ele continuasse.

— O acidente foi grave. Morreu.

Ela ficou imóvel, como se estivesse petrificada. Quando finalmente falou, a sua voz mal pôde ser ouvida.

— Que... que foi que aconteceu? — Não sabemos ainda dos detalhes. Ele estava escalando o monte Branco. Uma corda se partiu e ele caiu numa ravina.

— Encontraram?...

Ela fechou os olhos por um momento.

— Uma ravina insondável.

Elizabeth ficou muito pálida. Rhys sentiu-se imediatamente alarmado.

— Está sentindo alguma coisa? Ela sorriu.

— Não. Estou bem. Muito obrigada. Quer tomar chá ou comer alguma coisa? Rhys olhou para ela, surpreso, e então compreendeu. Ela se achava em estado de choque, embora estivesse agindo e falando como se nada tivesse acontecido. Tinha os olhos parados e o sorriso estava como que imobilizado em seus lábios.

— Sam era um grande atleta — disse Elizabeth. — Você já viu os troféus que ele ganhou. Sempre vencia, não é? Sabia que ele já havia escalado o monte Branco? — Liz...

— É claro que você sabia. Foi uma vez com ele, não foi Rhys? Rhys deixou-a falar, anestesiar-se contra a dor, criar uma couraça de palavras que seria abandonada quando ela tivesse de enfrentar a sua angústia. Por um instante, enquanto a escutava, lembrou-se da menina vulnerável que ele conhecera em outros tempos, tão sensível e tímida que não tinha qualquer proteção contra a realidade brutal. Tinha

sido, naquele momento, profundamente atingida e havia nela uma fragilidade que preocupava Rhys.

— Vou chamar um médico, Liz. Ele pode lhe dar alguma coisa e...

— Nada disso. Já lhe disse que estou bem. Se não se incomodar, creio que vou me deitar um pouco. Estou cansada.

— Quer que eu fique aqui? — Não será preciso. Muito obrigada.

Ela o levou até a porta e , quando ele já ia entrando no carro, chamou-o.

— Rhys! Ele se voltou.

— Obrigada por ter vindo.

— Deus do céu! Muitas horas depois de Rhys Williams ter saído, Elizabeth Roffe ainda estava deitada na cama, olhando para o tecto e vendo as sombras em movimento que nele traçava o pálido sol de setembro.

E a dor chegou. Não tinha tomado nenhum sedativo porque queria sentir a dor. Devia isso a Sam. Tinha de suportar tudo porque era filha dele. Passou ali o resto do dia e a noite inteira, pensando em nada, pensando em tudo, relembrando e sofrendo. Ria, chorava e se julgava num estado de grande depressão nervosa. Mas pouco importava,. Não havia ninguém para ouvi-la. No meio da noite, sentiu de repente uma fome violenta e levantou-se para ir comer uma grande sanduíche na cozinha.

Vomitou logo depois. Sentiu-se melhor.

Nada podia aliviar a dor que a consumia. Parecia-lhe que todos os seus nervos estavam em fogo. Recordava incessantemente os anos que vivera com o pai. Pela janela de seu quarto, viu o sol nascer. Algum tempo depois, uma das empregadas bateu à porta, e Elizabeth mandou-a embora. Houve uma hora em que o telefone tocou e ela sentiu um bate no coração. É Sam! Mas logo caiu na realidade e deixou o telefone tocar.

Sam nunca mais lhe telefonaria. Ela nunca mais ouviria a sua voz. Nunca mais o veria.

Uma ravina insondável. insondável.

Elizabeth deixou-se ficar ali, submersa no passado na saudade.

Capítulo 7

O nascimento de Elizabeth Rowane Roffe foi uma dupla tragédia. A tragédia menor foi a mãe de Elizabeth ter morrido no parto. A tragédia maior foi o fato de Elizabeth ter nascido mulher.

Durante nove meses, até que ela emergisse das profundezes escuras do útero materno, tinha sido a criança mais ansiosamente esperada do mundo, destinada a herdar um colossal império, a empresa gigantesca e multimilionária que era a Roffe and Sons.

Patricia, a mulher de Sam Roffe, era uma criatura de cabelos pretos, dotada de excepcional beleza. Muitas mulheres tinham tentado se casar com Sam Roffe, fascinadas pela posição, pelo prestígio e pela riqueza dele. Patricia quis casar com ele porque o amava. Depois viu-se que esse era o pior dos motivos.

Sam Roffe tinha desejado apenas um acordo comercial, e Patricia havia correspondido plenamente às suas exigências. Sam não tinha nem tempo nem temperamento para ser um homem de família Não havia espaço em sua vida para qualquer coisa estranha à Roffe and Sons. Era fanaticamente dedicado à companhia e não esperava senão a mesma dedicação dos que o cercavam. A importância de Patricia em sua vida residia exclusivamente na contribuição que ela pudesse dar para a imagem da companhia.

Quando compreendeu a espécie de casamento que tinha feito, era muito tarde. Sam lhe deu um papel

para representar e ela o representava brilhantemente. Era uma anfitriã perfeita, uma Sra. Sam Roffe impecável.

Não recebia amor do marido e, pouco a pouco, aprendeu a não lhe dar qualquer espécie de amor. Servia Sam e trabalhava para a Roffe and Sons tanto quanta a mais humilde secretária. Estava de plantão vinte e quatro horas por dia, pronta a tomar o avião para qualquer lugar que Sam julgasse necessário, capaz de receber um pequeno grupo de líderes mundiais ou de servir um jantar de gourmet a cem convidados com um aviso de um dia de antecedência, em toalhas de mesa bordadas, resplandecentes cristais Baccarat e uma pesada baixela do ativo não arrolado da Roffe and Sons. Lutava para conservar-se bela e submetia-se a exercícios e regimes como uma espartana. O seu corpo era perfeito, e os seus vestidos eram desenhados para ela por Norell em Nova York, Chanel em Paris, Hartnell em Londres e a jovem Sybil Connolly em Dublim. As jóias que Patricia usava eram criadas para ela por Jean Schlumberger e Bulgari. Levava uma vida atarefada e dinâmica, mas vazia e sem alegria. A sua gravidez modificou tudo isso.

Sam Roffe era o último herdeiro masculino da dinastia Roffe, e Patricia sabia com que ansiedade ele desejava um filho. Tudo dependia dela e ela passou a ser a rainha-mãe, em cujo o seio se criava o jovem príncipe que um dia herdaria o reino. Quando levaram Patricia para a sala de parto, Sam apertou-lhe a mão e disse fervorosamente: — Muito obrigado! Patricia morreu de uma embolia trinta minutos depois, e a única felicidade para ela foi morrer sem ter sabido que falhara ao marido.

Sam Roffe achou tempo no seu programa repleto para enterrar a mulher e voltou então a atenção para resolver o problema: o que fazer com a filha recém-nascida.

Com uma semana de idade, Elizabeth foi levada para casa e entregue a uma babá, a primeira de uma longa série. Durante os primeiros cinco anos de sua vida, Elizabeth viu muito pouco o pai. Era pouco mais dum vulto mal definido, um estranho que estava sempre a chegar ou a sair. Viajava constantemente, e Elizabeth era um problema, pois tinha que ser levada como uma peça de bagagem a mais. Num mês, Elizabeth se viu na propriedade de Lon Island, com as suas pistas de boliche, as suas quadras de tênis, a sua piscina e a sua quadra de squash.

Poucas semanas depois, a babá fazia as malas com as roupas de Elizabeth e esta era levada de avião para a villa em Biarritz.

Nos seus cinquenta quartos e nos seus doze hectares de terreno, Elizabeth constantemente se perdia.

Sam Roffe possuía ainda um apartamento dúplex de cobertura em Beeckman Place e uma villa na Costa Esmeralda na Sardenha.

Elizabeth viajava para todos esses lugares, arrastada da casa para o apartamento e para a villa, crescendo no meio de todo esse pródigo luxo. Mas sempre considerou-se uma estranha que entrara por engano numa bela festa de aniversário dada por um desconhecido que não a amava.

Ao crescer, veio a saber o que significava ser filha de Sam Roffe. Foi como a mãe dela tinha sido, uma vítima emocional da companhia. Se não tinha vida de família era porque não havia família, mas apenas servidores assalariados e a figura distante do homem que a havia gerado e que parecia não ter o menor interesse por ela, dedicando-se exclusivamente à companhia.

Patricia tinha conseguido aceitar essa situação, mas para a criança aquilo era um tormento.

Elizabeth se sentia indesejada e mal-amada. Não sabia o que fazer no seu desespero e acabou convencida de que era a culpada, por ser incapaz de inspirar amor. Fez tudo o que era possível para ganhar a afeição do pai. Quando chegou à idade escolar, fazia coisas para ele na aula, desenhos infantis, aguarelas esquisitas e cinzeiros tortos, coisas que ela guardava cuidadosamente. Quando ele voltasse de uma das suas viagens, far-lhe-ia a surpresa do presente e o ouviria dizer: "Gostei muito, Elizabeth. Você é muito talentosa".

As vezes, Elizabeth acordava no meio da noite, descia a longa escadaria circular do apartamento de Beekman Place e seguia o longo e cavernoso corredor que levava ao escritório do pai.

Entrava na sala vazia como se estivesse chegando a um santuário. Aquela era a sala dele, onde ele assinava papeis importantes e de onde governava o mundo. Elizabeth aproximava-se da grande mesa forrada de couro e passava lentamente as mãos por ela. Depois, parava atrás da mesa e se sentava na grande cadeira de couro. Sentia-se ali mais perto do pai. Era como se, estando onde estava, sentando-se onde ele se sentava, pudesse tornar-se uma parte dele. Mantinha conversações imaginárias com ele, que escutava, interessado e atento, enquanto ela expunha os seus problemas. Uma noite, Elizabeth estava sentada no escuro na cadeira do pai, as luzes da sala foram de repente acesas e o pai apareceu à porta. Olhou para Elizabeth, sentada na cadeira da mesa, e perguntou: — Que é que você está fazendo aqui sozinha no escuro? Tomou-a então nos braços e carregou-a para a cama dela no andar de cima. Elizabeth ficou acordada quase a noite inteira, pensando na alegria de ser carregada pelo pai.

Depois disso, descia todas as noites e se sentava na cadeira do escritório, esperando que ele

chegasse e tornasse a carregá-la, mas isso nunca mais aconteceu.

Ninguém falava com Elizabeth sobre a mãe dela, mas havia um belo retrato de corpo inteiro de Patricia Roffe na sala de recepções e Elizabeth ficava muito tempo a olhá-lo. Em seguida, ia olhar-se ao espelho. Como era feia! Tinham lhe colocado um aparelho nos dentes e ela parecia um monstro. Não era de admirar que o pai não se interessasse por ela.

Adquiriu de repente um apetite insaciável e começou a engordar. Havia chegado a uma conclusão admirável. Se fosse gorda e feia, ninguém iria esperar que ela se parecesse com a mãe.

Quando Elizabeth completou doze anos, foi matriculada numa escola particular no East Side de Manhattan, frequentada pela aristocracia. Chegava num Rolls-Royce com chofer, caminhava até sua sala de aulas e ali ficava sentada, retraída e calada, sem dar atenção a ninguém. Nunca respondia espontaneamente a uma pergunta. E, quando era chamada, parecia nunca saber o que dizer. As professoras em pouco tempo tomaram o hábito de deixá-la de lado. Conversavam particularmente sobre o caso de Elizabeth e tinham a opinião unânime de que ela era a criança mais mimada que tinham conhecido. Num relatório anual confidencial à diretora da escola, a professora de classe de Elizabeth disse o seguinte: "Não foi possível qualquer espécie de progresso com Elizabeth Roffe. Ela se conserva afastada das colegas e se nega a participar de qualquer atividade de grupo. Não tem amigas na escola. As suas notas não são satisfatórias, mas é difícil dizer se isso acontece porque ela não faz qualquer esforço ou porque não tem capacidade de aprender a matéria. É arrogante e egoísta. Se o pai dela não fosse um dos grandes benfeitores desta escola, eu recomendaria a exclusão desta aluna".

Esse relatório estava a muitos anos-luz da realidade. A verdade era que Elizabeth Roffe não tinha um escudo protetor, nem qualquer espécie de couraça contra a terrível solidão que a engolfava. Consciente de sua desvalia, tinha medo de fazer amizades para não revelar que não tinha méritos, nem era simpática. Não era arrogante, era de uma timidez quase patológica. Julgava que não pertencia ao mundo de seu pai. Não pertencia a mundo algum. Detestava ser levada para a escola no Rolls-Royce, pois sabia que não merecia isso. Nas aulas, estava a par de todas as perguntas que as professoras faziam, mas não tinha coragem de responder, para não chamar a atenção sobre ela. Gostava de ler e ficava acordada na cama até altas horas da noite, devorando livros.

Sonhava muito e se comprazia nas suas fantasias. Estava em Paris com o pai e, depois de atravessarem o Bois de Boulogne numa carruagem, ele a levava para o escritório, uma enorme sala, mais ou menos do tamanho da Catedral de Saint Patrick. As pessoas começavam a levar papeis para o pai assinar e ele dizia: "Não vêem que estou ocupado? Estou conversando com minha filha Elizabeth".

Ela e o pai estavam esquiando na Suíça, descendo uma encosta ao lado um do outro. De repente ele caía e gritava de dor porque quebrava a perna, mas ela dizia: "Não se preocupe, papai. Eu cuidarei de você". Esquiava então até o hospital, onde dizia: "Depressa! Vão socorrer meu pai, que está machucado". Uma dúzia de homens de casacos brancos levavam-no então numa ambulância cintilante, e ela ficava à cabeceira dele, dando-lhe comida na boca. (já então quebrara o braço e não a perna), e aí a mãe entrava no quarto, de algum modo viva, e ele dizia: "Não posso falar com você agora, Patricia. Elizabeth e eu estamos conversando".

Ou então estava na bela villa de Sardenha e os empregados não estavam em casa. Ela preparava o jantar

para o pai, que repetia todos os pratos e ao fim dizia: "Você é a melhor cozinheira do que sua mãe foi, Elizabeth".

Todas as cenas com seu pai tinham sempre o mesmo final. A campainha da porta tocava e um homem alto, bem mais alto do que o pai, entrava e a pedia em casamento. O pai então pedia: "Não me deixe, Elizabeth. Eu preciso muito de você".

E ela resolvia ficar.

De todas as casas em que Elizabeth se criou, a villa na Sardenha era sua favorita. Não era de modo algum a maior, mas a mais pitoresca e acolhedora. A própria Sardenha encantava Elizabeth. Era uma ilha impressionante e rochosa, a cerca de cento e cinquenta milhas marítimas da costa da Itália. Era um maravilhoso conjunto de montanhas, mar e terras verdes. Os seus enormes penhascos vulcânicos tinham irrompido havia milênios do mar primitivo, e a costa se estendia numa imensa meia-lua até onde a vista alcançava, bordada pela franja azul do mar Tirreno.

Para Elizabeth, a ilha tinha cheiros especiais e próprios, o aroma dos ventos do mar e das florestas, bem como da macchia, a flor amarela e branca que Napoleão tinha amado. Havia as moitas de corbeccola, que alcançavam quase dois metros de altura e davam uma frutinha vermelha que tinha gosto de morango, e as guarcias, os gigantescos carvalhos cuja casca era exportada para o continente, onde se faziam com elas rolhas para as garrafas de vinhos.

Gostava de ouvir os rochedos cantantes, as misteriosas e enormes pedras cheias de buracos. Quando o vento soprava nesses buracos, os rochedos emitiam Sons fantasmagóricos e tristes, como lamentos de almas penadas.

Os ventos sopravam, e Elizabeth ficou conhecendo todos eles: o Mistral e o Ponente, a Tramontana, o Grecate e o Levante.

Havia ventos brandos, ventos impetuosos. O mais temido era o siroco, o vento quente que soprava do Saara.

A Villa Roffe ficava na Costa Esmeralda, acima do Porto Cervo, no alto de um penhasco sobre o mar, escondida entre zimbros e as oliveiras selvagens da Sardenha, que davam azeitonas amargas. Havia uma vista empolgante da baía muito abaixo, em torno da qual se espalhavam pelos montes verdes casas de alvenaria numa mistura desordenada de cores que lembravam um desenho de criança.

A villa era de alvenaria, com grandes traves de zimbro, no seu interior. Era construída em vários níveis, com grandes quartos confortáveis, cada qual com sua lareira e a sua varanda. As salas de estar e de jantar tinham grandes janelas que permitiam visão panorâmica da ilha. Uma escada irregular levava aos quatro quartos do andar de cima. A mobília combinava perfeitamente com o ambiente. Havia mesas e bancos rústicos de refeitório e poltronas macias. Diante das janelas, havia cortinas franjadas de la branca, tecidas à mão na ilha. O piso era revestido de vistosos ladrilhos ceresarda da Sardenha e de outros ladrilhos da Toscana. Nos banheiros e quartos, haviam tapetes de la da ilha coloridos tradicionalmente com tintas vegetais. A casa era cheia de quadros, uma mistura de impressionistas franceses, grandes mestres italianos e primitivos sardos. Na entrada, havia retratos de Samuel Roffe e Terenia Roffe, trisavós de Elizabeth.

O que mais agradava a Elizabeth era a sala da torre, sob o telhado inclinado. Subia-se para lá do segundo andar por uma estreita escada, e a sala servia de escritório a Sam Roffe.

Havia uma grande mesa de trabalho e uma confortável cadeira giratória estofada. Nas paredes viam-se estantes e mapas, muito destes pertencentes ao

império Roffe. Portas envidraçadas se abriam para uma pequena varanda sobre um penhasco abrupto e dali se tinha uma vista deslumbrante.

Foi nessa casa, aos treze anos de idade, que Elizabeth descobriu as origens de sua família e pela primeira vez sentiu que era de casa, que era parte de alguma coisa.

Tudo começou no dia em que Elizabeth encontrou o Livro. O pai havia ido a Olbia, e Elizabeth subiu a escada para a sala da torre. Não se interessava pelos livros das estantes, pois sabia havia muito que eles versavam sobre farmacologia e farmacognosia, empresas multinacionais e direito internacional.

Tudo era muito pesado e chato. Havia um volume médico em latim intitulado *Circa Instans*, escrito na Idade Média, e outro chamado *De materia medica*. Elizabeth estava estudando latim e teve curiosidade de ver um daqueles volumes. ao puxar os livros, viu que havia outro embaixo. Apanhou-o. Era grosso, encadernado em couro e sem título.

Mais curiosa ainda, Elizabeth abriu-o. Foi como se abrisse uma porta para outro mundo. Era uma biografia de seu trisavô, Samuel Roffe, impressa em inglês numa edição particular em pergaminho. Não havia o nome do autor, nem a data, mas era evidente que o livro devia ter mais de cem anos. Algumas páginas estavam desbotadas, outras amareladas ou já começando a desfazer-se de velhice.

Mas nada disso tinha importância. O importante era a história que dava vida aos retratos pendurados na parede embaixo da escada. Elizabeth tinha visto muitas vezes esses retratos de um homem e de uma mulher de outros tempos, vestidos com roupas estranhas. O homem não era belo, mas havia em seu rosto energia e inteligência. Tinha cabelos louros, os malares salientes dos eslavos e olhos azuis muito vivos. A mulher era uma beleza.

Cabelos negros, pele impecável e olhos negros como carvão.

Usava um vestido de seda branca com um casaquinho e um corpete de brocado. Dois estranhos que nada significavam para Elizabeth. Mas naquele dia em que, sozinha na sala da torre, Elizabeth abriu o Livro e começou a ler, Samuel e Terenia Roffe readquiriam vida. Elizabeth se sentiu transportada no tempo e começou a viver no gueto de Cracóvia, no ano de 1853, em companhia de Samuel e Terenia.

E, ao ler o Livro, ficou sabendo que seu trisavô, Samuel, fundador de Roffe and Sons, fora romântico e aventureiro.

E também assassino.

Capítulo 8

De acordo com o Livro, uma das mais antigas lembranças de Samuel, era a do assassinato de sua mãe. Samuel tinha cinco anos de idade. Ele fora escondido na adega da pequena casa de madeira em que os Roffes moravam, com outras famílias, no gueto de Cracóvia.

Quando a desordem finalmente terminara, depois de horas terríveis de angústia e sofrimento, e o único som que se ouvia era o choro dos sobreviventes, Samuel deixou cautelosamente seu esconderijo e saiu às ruas do gueto à procura da mãe. Parecia ao garoto que o mundo inteiro estava em chamas. O céu mostrava-se avermelhado com o incêndio de inúmeras casas de madeira, e nuvens de espessa fumaça negra se erguiam por toda a parte. As pessoas andavam freneticamente à procura dos parentes e amigos ou tentavam salvar o que ainda fosse possível das casas e bens. Eram meados do século XIX, Cracóvia possuía um corpo de bombeiros, que estava, proibido de prestar socorro aos judeus.

Ali no gueto, nos arredores da cidade, o povo era forçado a debelar os incêndios com as próprias mãos, tirando água dos poços. Dezenas de pessoas formavam cadeias de passagem de baldes no esforço de combater o fogo. Samuel via a morte por onde quer que olhasse, nos corpos mutilados de pessoas estendidas no chão como bonecos quebrados, de mulheres nuas e violentadas e de crianças ensanguentadas que pediam socorro.

Samuel encontrou a mãe estendida na rua, ainda consciente, o rosto coberto de sangue. O menino se ajoelhou ao lado dela, com o coração a bater descompassadamente.

— Mamãe! Ela abriu os olhos, viu-o, tentou falar, e Samuel compreendeu que ela estava morrendo. Queria desesperadamente salvá-la, mas não sabia como, e quando lhe enxugou o sangue, ela morreu.

Mais tarde, Samuel assistiu ao sepultamento e viu os homens cavarem cuidadosamente o chão em que ela caíra, pois, de acordo com as Escrituras, ela teria de ser enterrada com todo o seu sangue para aparecer inteira diante de Deus.

Foi nesse momento que Samuel Roffe resolveu ser médico.

A família Roffe morava numa estreita casa de três andares, com mais oito famílias. O jovem Samuel vivia num pequeno quarto com o pai e com a tia Rachel, e nunca em sua vida tivera um quarto só seu, nunca dormira ou comera sozinho. Nunca tinha havido um só momento em que não ouvisse as vozes dos outros, mas não era uma vida isolada e privada que Samuel desejava, pois nem sabia que isso existia. Vivera sempre no meio duma confusão de gente.

Todas as tardes, Samuel e seus parentes e amigos eram trancados no gueto pelos gentios, e os judeus tratavam de guardar cabras, vacas e galinhas.

Ao anoitecer, as pesadas portas do gueto eram fechadas e trancadas com uma chave de ferro. Quando amanhecia, as portas eram abertas, e os mercadores judeus tinham permissão de ir a Cracóvia negociar com os gentios, mas antes de escurecer deviam estar todos de novo dentro dos muros do gueto.

O pai de Samuel viera da Rússia, fugindo de um pogrom em Kiev, e fora dar em Cracóvia, onde conhecera sua noiva. Era um homem encurvado e grisalho, com rosto encarquilhado. Empurrava um carrinho, apregoando as miudezes, quinquilharias e utensílios que vendia, através das estreitas e tortuosas ruas do gueto.

O Jovem Samuel gostava de vaguear pelas ruas atravancadas, movimentadas e calçadas de pedras irregulares. Gostava do cheiro do pão recém-saído do forno misturado com os cheiros de peixe seco, queijo, frutas maduras, serragem e couro. Gostava de ouvir os pregões dos vendedores e as discussões com as freguesas que se fingiam escandalizadas com os preços. Era assombrosa a variedade de artigos que os ambulantes vendiam: roupas e rendas, pano de chão, la, couro, carnes, verduras, agulhas, sabonete, galinhas depenadas, bombons, botões, xaropes e sapatos.

No dia em que Samuel completou doze anos, o pai levou-o à cidade de Cracóvia pela primeira vez. A ideia de passar pelos portões proibidos e de ver Cracóvia, a terrados gentios, provocou no garoto uma ansiedade quase insuportável.

às seis horas da manhã vestido com uma única roupa boa que tinha, Samuel esperava no escuro, ao lado do pai, diante dos grandes portões fechados, no meio de uma barulhenta multidão de homens com carros de toda a espécie ao alcance das mãos. Fazia frio, e Samuel se embrulhou mais no seu velho e gasto capote de pele de carneiro.

Depois de uma espera que pareceu de muitas horas, o sol surgiu no horizonte e houve um tremor de

expectativa entre os homens ali reunidos. Momentos depois, os grandes portões de madeira foram abertos. Todos passaram por eles e seguiram na direção da cidade como um bando de formigas diligentes.

Quando se aproximavam da cidade admirável e terrível, o coração de Samuel começou a bater mais forte. Já avistava as fortificações que dominavam o Fístula. Samuel agarrou-se com mais força ao pai. Estava de fato em Cracóvia, cercado pelos temidos goyim, a gente que os trancava durante a noite. Lançava olhares furtivos e medrosos para as pessoas que passavam e se espantava de que fossem tão diferentes. Não usavam payves, cabelos encaracolados em cima das orelhas, nem bekeches, os longos casacos pretos, e muitos deles não tinham barba no rosto. Samuel e seu pai caminharam pelo Plante em direção ao Ryneck, a movimentada praça do mercado, onde passaram pelo Pavilhão dos Tecidos e pela Igreja de Santa Maria com as suas torres gemias. Samuel jamais imaginara tanta magnificência. O novo mundo era cheio de maravilhas. Havia principalmente uma sensação embriagadora de liberdade e de espaço que deixava Samuel sem fôlego. As casas nas ruas eram separadas e não grudadas umas nas outras. Quase todas tinham na frente um pequeno jardim. Com certeza, pensou Samuel, todos em Cracóvia são milionários.

Samuel acompanhou o pai a meia dúzia de fornecedores, aos quais o pai comprou mercadorias que jogou dentro do carro.

Quando este ficou cheio, ele e o filho voltaram para gueto.

— Não podemos ficar mais um pouco? — perguntou Samuel.

— Não, meu filho. Temos de ir para casa.

Samuel não queria ir para casa. Transpusera os portões do gueto pela primeira vez em sua vida e estava dominado por uma emoção tão forte que quase o

sufocava. Havia gente que podia viver assim, podendo ir para onde bem quisesse, fazer o que bem entendesse... Por que é que ele não nascera do outro lado dos portões? Quase no mesmo instante, envergonhou-se desses pensamentos desleais.

Naquela noite, ao deitar-se, Samuel ficou pensando durante muito tempo em Cracóvia e nas belas casas com as suas flores e os seus jardins. Tinha de encontrar um meio de libertar-se.

Queria conhecer alguém que sentisse o mesmo que ele sentia, mas não havia ninguém que o compreendesse.

Elizabeth interrompeu a leitura do Livro e fechou os olhos, imaginando então a solidão, as emoções e as frustrações de Samuel.

Foi nesse momento que ela começou a identificar-se com ele, a sentir-se uma parte dele, como ele era uma parte dela. O sangue dele lhe corria nas veias. Era um sentimento admirável e perturbador de participação.

Ouviu o barulho do carro do pai que voltava e escondeu prontamente o Livro. Não teve mais oportunidade de lê-lo na Sardenha, mas quando voltou para Nova York levou-o escondido no fundo da mala.

Capítulo 9

Depois do sol quente de inverno da Sardenha, Nova York lhe pareceu uma Sibéria. As ruas estavam cheias de neve e lama. O vento que soprava do rio East era enregelante. Mas Elizabeth não se importava. Estava vivendo na Polônia noutro século, participando das aventuras de seu trisavô. Todas as tardes, depois da escola, corria para o seu quarto, trancava a porta e pegava o Livro. Pensara em falar dele ao pai, mas tivera medo de que este o tomasse e lhe proibisse a leitura do resto.

De uma maneira admirável e inesperada, foi o velho Samuel quem animou Elizabeth, Afinal de contas, eram muito parecidos.

Ele vivia isolado da mesma maneira que ela e do mesmo modo não tinha ninguém com quem pudesse falar. E, como eram quase da mesma idade, com um século de diferença, Elizabeth conseguia identificar-se com ele.

Samuel queria ser médico.

Só três médicos tinham permissão para atender aos milhares de pessoas amontoadas nos limites insalubres e sujeito a epidemias do gueto. Dos três, o mais próspero era o Dr. Zenon Wal. A casa dele se destacava entre as de seus vizinhos mais pobres como um castelo entre pardieiros. Tinha três andares e por trás de suas janelas viam-se cortinas de renda brancas, sempre lavadas e engomadas, e alguns móveis polidos e brilhantes. Dentro de casa, Samuel imaginava o médico a atender aos seus pacientes, tratando deles, ajudando-os e curando-os. Fazia tudo o que Samuel desejava um dia fazer. Sem dúvida, se um homem como o Dr. Wal se interessasse por ele, poderia ajudá-lo a estudar para ser médico. Mas, no que se referia a Samuel, O Dr. Wal era tão inacessível quanto qualquer dos gentios que viviam em Cracóvia, fora dos muros proibidos.

De vez em quando, Samuel via de relance o grande Dr. Zenon Wal quando este se empenhava em animar conversa na rua com algum colega. Um dia, quando Samuel passava pela frente da casa do Dr. Wal, a porta da rua se abriu e o médico saiu em companhia da filha. Ela era mais ou menos da idade de Samuel, e este nunca vira criatura mais linda. No momento em que Samuel a viu, teve certeza de que ia casar-se com ela. Não sabia como conseguir esse milagre, mas estava certo de que era isso o que ia acontecer.

Depois desse dia, Samuel nunca mais deixou de passar diariamente pela casa do Dr. Wal, na esperança

de vê-la.

Numa tarde, ia fazer alguma coisa que lhe haviam pedido e passou pela casa. Ouviu um piano e compreendeu que era ela que estava tocando. Tinha de vê-la. Olhou para um lado e para o outro, para certificar-se de que ninguém o estava observando, e encaminhou-se para a casa. A música vinha de um lado da casa.

No andar superior, bem acima de sua cabeça. Recuou um pouco e examinou a parede. Havia muitos lugares onde poderia apoiar as mãos e os pés. Sem um momento de hesitação , começou a escalada. O segundo andar era mais alto do que ele havia pensado e, antes que chegasse à janela, estava três metros acima do chão. Olhou para baixo e teve um princípio de vertigem. A música lhe chegava aos ouvidos com mais força, e ele teve a impressão de que ela tocava para ele. Estendeu a mão à procura de um ponto de apoio e se agarrou à janela. Ergueu lentamente a cabeça para olhar acima do peitoril. Viu diante dos seus olhos uma sala luxuosamente mobiliada. A moça estava sentada diante de um piano branco e dourado a tocar e, atrás dela, lendo um livro numa poltrona, estava o Dr. Wal. Samuel nem o notou. Tinha olhos apenas para a linda visão a alguns metros dele. Como a amava! Queria fazer alguma coisa espetacular e corajosa para que ela também o amasse. Tão envolvido ficou Samuel nos seus devaneios que se distraiu, perdeu o ponto de apoio e começou a rolar no espaço. Deu um grito e viu dois rostos assustados que o olhavam da janela no momento em que chegou ao chão.

Acordou numa mesa do consultório do Dr. Wal. Era uma sala espaçosa, cheia de armários e material cirúrgico. O Dr. Wal estava com um chumaço de algodão que tinha um cheiro horrível encostado ao nariz de Samuel. Este tossiu e sentou-se na mesa.

— Muito bem — disse o Dr. Wal. — Devia ter tirado seu cérebro, mas fiquei em dúvida, sem saber se encontraria alguma coisa dentro da sua cabeça. O que você queria roubar, garoto?

— Nada — respondeu Samuel com indignação.

— Como é seu nome?

— Samuel Roffe.

O médico examinou com os dedos o pulso direito de Samuel, e o garoto deu um grito de dor.

— Hum... Você luxou o pulso, Samuel Roffe. Talvez seja melhor chamar a polícia para dar um jeito nesse pulso.

Samuel gemeu. Pensava no que podia acontecer se a polícia levasse a desmoralização à casa dele. O coração de sua tia Rachel se partiria de dor e seu pai seria capaz de matá-lo. Mas o pior de tudo é que perderia toda a esperança de ganhar o coração da filha do Dr. Wal. Seria um criminoso, um homem marcado. Samuel sentiu de repente uma dor estonteante no pulso e levantou os olhos para o médico numa desalentada surpresa.

— Está tudo certo — disse o Dr. Wal. — Vou colocar agora algumas talas nesse pulso. Você mora aqui perto, Samuel Roffe?

— Não, Dr. Wal.

— Já não o vi por aqui?

— Deve ter visto.

— Por quê?

Sim, por quê? Se dissesse, o médico com certeza riria dele.

— Porque eu quero ser médico — exclamou Samuel, sem poder mais guardar seu segredo.

O Dr. Wal o olhava, descrente.

— E foi por isso que subiu pelas paredes da minha casa, como se fosse um gatuno?

Samuel então, contou-lhe tudo. Falou de sua mãe morta no meio da rua, da luta de seu pai, de sua

primeira visita a Cracóvia e da sua frustração de passar as noites trancado dentro dos muros do gueto como se fosse um animal. Disse também o que sentia pela filha do Dr. Wal. Disse tudo o que pensava, e o médico o escutava em silêncio. Até a Samuel o que ele dizia parecia de um ridículo atroz. Quando chegou ao fim, só pôde dizer num sussurro: — Desculpe...

O Dr. Wal olhou-o durante muito tempo e por fim disse? — Todo homem é um prisioneiro, e o pior é ser prisioneiro de outro homem.

Samuel murmurou: — Não compreendo, Dr. Wal.

— Um dia você compreenderá.

O médico levantou-se, escolheu um cachimbo em cima de sua mesa e encheu de fumo.

— Infelizmente, o dia de hoje vai ser muito triste para você, Samuel Roffe.

Acendeu o cachimbo, saltou a primeira baforada e continuou: — Não em virtude do pulso luxado. Isso vai sarar. Mas tenho alguma coisa para lhe dizer, da qual você não se curará com muita facilidade. São poucas as pessoas que sonham. Você tem dois sonhos. E sou obrigado a destruir a ambos.

— Não...

— Escute com muita atenção, Samuel. Você nunca poderá ser médico, ao menos em nosso mundo. Só três médicos podem exercer a profissão no gueto. Há dezenas de médicos competentes aqui à espera de que algum de nós morra para que possa tomar nosso lugar. Não há chance para você, nenhuma chance. Você nasceu em época imprópria e em lugar impróprio. Está compreendendo, meu jovem?

— Estou, Dr. Wal.

O médico hesitou um pouco e continuou: — Quanto ao seu segundo sonho, é tão impossível quanto o outro. Não há chance de espécie alguma de você se casar com Terinia.

— Por quê?

— Por quê? Pelas mesmas razões que o impedem de ser médico. Vivemos de acordo com as regras impostas pelas nossas tradições. Minha filha tem de se casar com alguém da mesma classe dela, alguém que possa mantê-la no mesmo estilo de vida em que foi criada. Terá de se casar com um advogado, um médico ou um rabino. É melhor esquecer-se dela.

— Mas...

O médico levou-o até a porta do consultório.

— Mande alguém examinar essas talas dentro de alguns dias. Conserve limpas as ataduras.

— Está bem. Muito obrigado, Dr. Wal.

O médico olhou o garoto louro e o rosto inteligente que estava diante dele e murmurou: — Adeus, Samuel Roffe.

Na tarde do dia seguinte, Samuel tocou a campainha da casa do Dr. Wal. O médico viu-o pela janela e pensou que devia dizer que não estava. Mas disse à empregada.

— Faça-o entrar.

Depois disso, Samuel passou a frequentar a casa do Dr. Wal duas ou três vezes por semana. Dava recados e ia comprar coisas para o médico e este, em troca, deixava-o olhar enquanto ele atendia a clientes no consultório ou preparava medicamentos no laboratório. O garoto observava, aprendia e guardava tudo na memória. Tinha um talento natural, e o Dr. Wal experimentava um crescente sentimento de culpa, sabendo que estava erradamente incentivando Samuel a ser alguma coisa que ele nunca poderia ser. Entretanto, não tinha ânimo de dissuadi-lo.

Fosse por acaso ou propositadamente, Terinia quase sempre ficava por perto quando Samuel estava presente. Quase sempre ele a via de relance passando pela porta do laboratório ou saindo de casa. Houve um dia em que esbarrou nela na cozinha e sentiu uma emoção tão forte que pensou que fosse desmaiar. Ela o

olhou demoradamente, com um brilho de indagação nos olhos.

Depois, teve um gesto frio de assentimento e afastou-se. ao menos ela o havia notado! Era o primeiro passo. O resto seria apenas uma questão de tempo. Não havia a menor dúvida a esse respeito no espírito de Samuel. Era inevitável. Terinia participava agora dos sonhos de Samuel quanto ao futuro.

Antigamente, sonhava por ele mesmo; passou a sonhar pelos dois.

De qualquer modo, sairia com ela daquele terrível gueto, daquela prisão emunda e atravancada. E seria um sucesso. Mas o sucesso não seria para ele apenas, e sim para os dois.

Ainda que tudo isso fosse impossível.

Elizabeth adormeceu lendo a história do velho Samuel. Quando acordou de manhã, escondeu cuidadosamente o livro e começou a vestir-se para ir à escola. Mas não podia esquecer-se de Samuel. Como ele se cassara com Terinia? Como conseguira sair do gueto? Como se tornara famoso? Elizabeth estava empolgada com o livro e se afligia com as lições que a levavam a abandoná-lo e a forçavam a voltar ao século XX.

Entre as aulas que Elizabeth frequentava, havia o balé, que ela detestava. Vestia sua malha cor-de-rosa e olhava-se ao espelho, tentando convencer-se de que tinha um corpo voluptuoso. Mas a verdade estava ali diante de seus olhos. Era muito gorda e nunca seria uma bailarina.

Logo depois do décimo quarto aniversário de Elizabeth, Mm Netturova, a professora de balé, anunciou que dali a duas semanas as alunas dariam o seu recital anual de dança no auditório. As moças deviam convidar os pais, e, ao ouvir isso, Elizabeth ficou em estado de pânico. A simples ideia de aparecer

num palco diante do público enchia-a de medo. Nunca poderia fazer isso.

Uma criança estava atravessando a rua à frente de um carro.

Elizabeth viu tudo, correu e salvou a menina das garras da morte. Infelizmente, senhoras e senhores, os dedos dos pés de Elizabeth Roffe foram esmagados pelas rodas do carro e ela não poderá dançar no espetáculo desta noite.

Uma empregada negligente deixou um pedaço de sabão no alto da escada. Elizabeth escorregou no sabão e rolou pela escada, luxando um osso do quadril. O médico diz que não é grave.

Dentro de três semanas, estará inteiramente curada. Mas não teve essa sorte. No dia do recital, Elizabeth gozava de boa saúde e estava num tremendo nervosismo. Mais uma vez, foi o velho Samuel que a ajudou. Lembrou-se de como, apesar de seu medo, ele tinha voltado para enfrentar o Dr. Wal. Ela não poderia fazer outra coisa que desmoralizasse seu trisavô.

Preparou-se para enfrentar a tortura que a esperava.

Nem falara ao pai sobre o recital. Todas as vezes que ela lhe havia falado em festa e reuniões da escola para as quais os pais eram convidados, ele alegara sempre que estava muito ocupado e não podia ir. Na noite em que Elizabeth se preparava para o recital de dança, ele voltou para casa. Passara dez dias ausente da cidade.

Passou pela porta do quarto dela, viu-a e disse:

— Boa noite, Elizabeth. Sabe que engordou mais um pouco?

— Sim, papai — disse ela, ficando vermelha e tentando encolher a barriga.

Ele ia dizer alguma coisa, mas mudou de ideia.

— Tudo bem na escola?

— Tudo.
— Algum problema?
— Não, papai.
— Ótimo.

Era um diálogo que se havia repetido mais de cem vezes através dos anos, uma troca de palavras sem significação que parecia ser a única forma de comunicação entre eles. Era como dois desconhecidos que falassem do tempo, sem o menor interesse pela opinião um do outro.

Desta vez, porém, Sam Roffe olhou para a filha pensativamente. Estava habituado a lidar com problemas concretos e, embora sentisse que havia algum problema, não tinha ideia do que fosse. Se alguém lhe abrisse os olhos, limitar-se-ia a dizer: "Está muito enganado. Elizabeth tem tudo".

Quando o pai ia saindo, Elizabeth disse quase sem querer: — Minha turma de balé vai dar um recital esta noite e eu vou dançar. Não quer ir ver? Logo que disse as palavras, ficou horrorizada. Não queria que o pai fosse ver sua falta de jeito. Por que falara? Bem sabia por quê. Ela seria a única aluna da turma cujos pais não estariam presentes no auditório. Aliás, o convite não tinha qualquer importância, pois ele ia dizer que não podia. Sacudiu a cabeça com raiva de si mesma e já ia se afastando quando ouviu atrás dela estas palavras do pai: — Gostarei muito de ir.

O auditório estava cheio de pais, parentes e amigos, vendo as mocinhas dançarem ao som de dois grandes pianos de cauda, colocados um de cada lado do palco. Mme Netturova estava um pouco à frente, marcando o compasso em voz alta enquanto as alunas dançavam, chamando a atenção dos pais para ela própria.

Algumas alunas eram muito graciosas e davam mostras de verdadeiros talentos. As outras faziam os movimentos determinados, substituindo a competência

pelo entusiasmo. O programa mimeografado anunciava trechos musicais de Copélia, Cinderela e O lago dos cisnes. A pièce de resistance seriam os solos, em que cada aluna teria sozinha o seu momento de glória.

Nos bastidores, Elizabeth estava tomada de verdadeira agonia.

Esticando um pouco o corpo, podia ver a plateia, e, sempre que avistava o pai sentado no centro da segunda fila, pensava em como tinha sido tola em convidá-lo. Até então, durante o recital, Elizabeth conseguira ficar em segundo plano entre as colegas que dançavam. Mas a hora do seu solo se aproximava. Ela se sentia enorme em sua malha como se fosse uma personagem de circo. Tinha certeza de que provocaria risos quando aparecesse no palco. E tinha convidado o pai para presenciar a sua humilhação! O único consolo de Elizabeth era o fato de seu solo não durar mais de que um minuto. Mme Netturova não era louca. Tudo acabaria tão rapidamente que ninguém prestaria atenção nela. Bastaria que o pai de Elizabeth olhasse um instante para o lado e seu número teria terminado.

Elizabeth olhava as outras dançarem e todas lhe pareciam iguais a Markova, a Maximova, a Margot Fonteyn. Assustou-se ao sentir a mão fria em seus braços nus. Era Mme Matturova.

— Prepare-se, Elizabeth. É a sua vez.

Elizabeth tentou dizer: "Sim, madame", mas estava com a garganta tão seca que não conseguiu articular as palavras. As duas pianistas iniciaram os compassos conhecidos do solo de Elizabeth. Ela ficou no mesmo lugar, paralisada, sem poder se mover-se, enquanto Mme Netturova lhe sussurrava: — Vamos! Comece! Sentiu um leve empurrão nas costas e foi sair no palco, quase nua, diante de uma centena de pessoas estranhas e hostis. Não tinha coragem de olhar para o pai. Queria apenas livrar-se daquele tormento o mais depressa possível e fugir. O que tinha de fazer era

simples: alguns pliés e saltos. Começou a dar os passos, acompanhando o compasso da música e tentando imaginar-se esbelta, elegante e ágil. Quando terminou, houve algumas palmas esparsas e formais. Elizabeth olhou para a segunda fila e viu que o pai batia palmas e sorria, contente.

Ao ver que o pai aplaudia, alguma coisa se desprendeu dentro de Elizabeth. A música tinha cessado. Mas Elizabeth continuou a dançar, fazendo jetés, pliés, batteries e piruetas, transportada além de si mesma. As pianistas, confusas, tentaram acompanhá-la, primeiro uma, depois a outra. Nos bastidores, Mme Netturova, rubra de raiva, fazia desesperados sinais a Elizabeth para encerrar tudo e sair do palco. Mas Elizabeth, toda feliz, nem tomava conhecimento dela e continuou a dançar.

O que importava apenas era que ela estava no palco, dançando para o pai.

— Tenho certeza de que compreende, Sr. Roffe, que esta escola não pode tolerar esse tipo de comportamento. — A voz de Mme Netturova tremia de raiva. — Sua filha desprezou todas as pessoas presentes e tomou conta do palco... como se fosse uma estrela! Elizabeth sentiu o pai voltar-se para ela e teve medo de olhá-lo. Sabia que o que fizera era imperdoável, mas não conseguira se conter. Por um momento, tentara criar no palco algumas coisas belas para o pai, a fim de que ele a visse e tivesse orgulho dela, dando-lhe então o seu amor.

Ouviu o pai dizer: — Tem toda a razão, Mme Netturova. Vou tomar providências para que Elizabeth seja devidamente punida.

Mme Netturova envolveu Elizabeth num olhar de triunfo e disse: — Muito obrigada, Sr. Roffe. Deixo-a em suas mãos.

Elizabeth e o pai saíram da escola. Ela não dissera uma só palavra desde que tinha deixado a sala de Mme Netturova.

Elizabeth estava à procura de palavras com que pudesse pedir desculpas, mas o que poderia fazer? Como poderia seu pai compreender por que ela fizera aquilo? O pai era um estranho, e ela sentiu medo dele. Ouvira repetidas vezes o pai descarregar a sua cólera nos empregados por enganos ou desobediências. Não podia esperar senão uma manifestação dessa mesma cólera.

— Elizabeth — disse finalmente o pai, voltando-se para ela -, acha que podemos passar pelo Rumpelmayer's e tomar um sorvete de chocolate com soda? Elizabeth desatou a chorar.

Estendeu-se na cama naquela noite com os olhos abertos, tão excitada que não conseguia dormir. Recordava sem cessar todos os acontecimentos daquela noite. A sua agitação era realmente excessiva. Nada daquilo era produto da sua imaginação. Tinha acontecido, era uma realidade.

Viu-se de novo sentada com o pai a mesa do Rumpelmayer's, cercada pelos grandes e pitorescos ursos, elefantes, zebras e leões empalhados. Pedira banana split, e, quando aquela coisa imensa chegara à mesa, o pai não havia feito a menor crítica.

E, depois, conversava com ela, sem os monossílabos habituais.

Falara da sua viagem a Tóquio, dissera que lá lhe haviam servido, como pratos especiais, gafanhotos e formigas cobertos de chocolate e que ele tivera de fazer um grande esforço para comer aquilo e não ofender o seu anfitrião.

Quando Elizabeth acabara o sorvete, o pai de repente perguntara: — Por que você fez aquilo, Liz? — Quis ser melhor do que todas as outras — dissera ela, mas não tivera coragem de acrescentar: "Por sua causa".

Ele olhara para ela durante muito tempo, rira e dissera com uma nota de orgulho na voz: — Você certamente surpreendeu todo mundo.

Elizabeth sentiu o sangue subir-lhe ao rosto e perguntou: — Não ficou então zangado comigo?

Havia nos olhos dele um brilho que Elizabeth nunca tinha visto.

— Por querer ser melhor que os outros? Foi sempre isso que nós, Roffes, fizemos.

E apertara carinhosamente a mão dela.

Os últimos pensamentos de Elizabeth antes de adormecer foram: "Meu pai gosta de mim, gosta mesmo de mim. De agora em diante, vamos viver sempre juntos. Ele me levará nas suas viagens.

Conversaremos sobre todas as coisas e seremos bons amigos".

Na tarde seguinte, a secretária de seu pai informou-a de que tinham sido iniciados entendimentos para mandá-la para um internato na Suíça.

Capítulo 10

Elizabeth foi matriculada no International Château Lemand , uma escola para moças situada na aldeia de Saint-Blaise, às margens do lago de Neuchâtel. A idade das moças variava entre catorze e dezoito anos. Era uma das melhores escolas do excelente sistema educacional suíço.

Elizabeth odiou-a do princípio ao fim.

Sentia-se exilada. Fora mandada para longe de casa e estava sofrendo um cruel castigo por um crime que não cometera. Aquela noite mágica parecera o início de alguma coisa maravilhosa, da descoberta recíproca do pai e dela, duma amizade estreita com ele. Mas agora ele parecia mais distante que nunca.

Elizabeth seguia a vida do pai por intermédio dos jornais e revistas. Havia frequentes notícias e fotografias dele, sendo recebido por um primeiro-ministro ou por um presidente, inaugurando uma nova fábrica de produtos farmacêuticos em Bombaim, escalando uma montanha ou jantando com o xá do Ira.

Elizabeth colava tudo num caderno de recortes que constantemente olhava. Guardava-o ao lado do Livro de Samuel.

Elizabeth se mantinha afastada das outras alunas. Algumas viviam em quartos com duas ou três, mas Elizabeth pedira um quarto só para si. Escrevia longas cartas ao pai e depois rasgava as que revelava seus sentimentos. De vez enquanto recebia um bilhete dele e havia sempre alguns embrulhos vistosos de presentes de lojas caras no dia do seu aniversário, mandados pela secretária de seu pai. Elizabeth tinha muitas saudades dele.

Iria vê-lo no Natal na villa de Sardenha, e, à medida que a época se aproximava, a espera se tornava

quase intolerável.

Chegara a passar mal de tanto nervosismo.

Fez uma lista de suas resoluções, disposta a cumpri-las fielmente: Não seja inoportuna.

Procure ser interessante.

Não se queixe de coisa alguma, especialmente da escola.

Não o deixe saber que você se sente sozinha.

Não o interrompa quando ele estiver falando.

Tenha sempre boas maneiras, especialmente na hora do café da manhã.

Ria muito para ele pensar que você é feliz.

Essas notas eram como uma prece, uma oferenda aos deuses. Se ela fizesse todas essas coisas, talvez... talvez... As resoluções de Elizabeth se esfumavam em fantasias. Ela teria profundas observações do Terceiro Mundo e os dezenove países em desenvolvimento, e o pai dela diria: "Não sabia que você era tão interessante (regra número 2). Você é brilhante, Elizabeth". Então, ele se voltaria para a secretária e diria: "Não creio que Elizabeth precise voltar para a escola. Vai ficar aqui comigo".

Uma prece, uma oferenda.

Um Learjet da companhia pegou Elizabeth em Zurique e transportou-a até o aeroporto de Olbia, onde uma limusine estava à sua espera. Elizabeth sentou-se no carro em silêncio, com os joelhos bem juntos para não tremer. Aconteça o que acontecer, ele não me verá chorar, pensou Elizabeth. Nunca vai saber como tive saudades dele! O carro subiu pela longa e sinuosa estrada de montanha que levava à Costa Esmeralda, tomando então a pequena estrada que conduzia até ao topo. Aquela estrada sempre amedrontava Elizabeth. Era muito estreita e íngreme, com a montanha de um lado e um abismo do outro.

O carro parou diante da casa, e Elizabeth saltou, começando a caminhada em direção à casa, e

depois correu tanto quanto lhe permitiam as pernas. A porta se abriu e Margherita, a cozinheira, apareceu, sorridente.

— Alô, Senhorita Elizabeth.

— Onde está meu pai? — perguntou Elizabeth.

— Teve de ir à Austrália para resolver um caso urgente. Mas deixou belos presentes. Vai ser um Natal muito feliz.

Capítulo 11

Elizabeth havia levado o Livro. Um dia, ficou diante dos retratos de Samuel e Terinia Roffe, sentindo-lhes a presença como se tivessem voltado à vida. Depois de algum tempo, subiu a escada para a sala de torre, levando o Livro. Ficava ali durante horas todos os dias, lendo e relendo as suas páginas.

De cada vez, sentia-se mais perto de Samuel e Terinia, como se não houvesse um século de intervalo entre eles.

Elizabeth leu que nos anos que se seguiram Samuel passou muitas horas no laboratório do Dr. WAl, ajudando o médico a preparar unguentos e outros medicamentos e apreendendo enquanto trabalhavam. E sempre no fundo de tudo estava Terinia, obsecante, linda. Vê-la era o bastante para alimentar o sonho de Samuel de que um dia ela lhe pertenceria. Samuel se entendia muito bem com o Dr. Wal, mas com a mãe de Terinia a história era bem diferente. Tratava-se de uma mulher irascível, ferina e esnobe. Detestava Samuel e ele procurava manter-se o mais afastado possível dela.

Samuel ficava fascinado pelas muitas substâncias terapêuticas usadas através dos tempos. Fora encontrado um papiro que relacionava oitocentas e onze receitas usadas pelos egípcios no ano 1550 antes de

Cristo. A expectativa de vida nessa época era de quinze anos, e Samuel compreendeu a razão desses números ao ler algumas receitas: excremento de crocodilo, carne de lagarto, sangue de morcego, saliva de camelo, fígado de leão, patas de rã e pó de unicórnio. O sinal Rx1 usado em muitas receitas era uma invocação antiga a Hórus, o deus egípcio da saúde. A própria palavra "química" derivada do antigo nome Egipto, a terra de Kahmi ou Chemi. Os sacerdotes médicos eram chamados de magos.

As farmácias no gueto e na própria Cracóvia eram primitivas.

Quase todos os vidros e potes continham medicamentos que nunca tinham sido analisados e devidamente experimentados. Alguns eram inúteis, outros, nocivos. Samuel conhecia todos. Havia óleo de rícino, calomelanos, ruibardos, composto de iodo, codeína e ipecacuanha. Compravam-se panaceias para coqueluche, cólicas e tifo. Como não havia precauções higiênicas, era comum encontrar unguentos e gargarejos cheios de insetos mortos, baratas, excremento de ratos e pedaços de pernas e peles. Quase todos os doentes que tomavam esses remédios morriam ou das doenças ou dos remédios.

Havia várias revistas dedicadas a assuntos farmacêuticos, e Samuel lia-as todas com avidez. Discutia as suas teorias com o Dr. Wal.

— É claro — dizia ele com voz vibrante de convicção — que deve haver uma cura para cada doença. A saúde é natural, a doença, não.

— Pode ser — dizia o Dr. Wal -, mas os meus clientes não me permitem experimentar novos medicamentos neles. E acho que estão certos.

Samuel devorou os poucos livros do Dr. Wal sobre farmacologias. Depois de ler e reler esses livros, sentiu-se frustrado diante da falta de resposta para as questões suscitadas.

Samuel ficou entusiasmado com uma revolução que se vinha verificando. Alguns cientistas pensavam que era possível combater as causas das doenças criando uma resistência do organismo contra elas. O Dr. Wal tentou isso uma vez. Extraiu sangue de um doente com difteria e injetou num cavalo. Quando o cavalo morreu, o Dr. Wal abandonou a experiência. Mas o jovem Samuel estava convencido de que o Dr. Wal havia tomado o caminho certo.

O Dr. Wal sacudiu a cabeça.

— Você fala assim porque tem dezessete anos, Samuel. Quando chegar à minha idade, não terá mais certeza de coisa alguma.

Não pense mais nisso.

Essas palavras não convenceram Samuel. Queria prosseguir nas experiências, mas para isso precisava de animais e poucos havia à sua disposição, salvo os gatos e ratos que conseguia apanhar.

Todos eles morriam, por menores que fossem as doses que Samuel lhes aplicasse. Os animais eram muito pequenos, pensava Samuel.

Precisava de um maior, um cavalo, um boi ou um carneiro. Mas onde encontrá-lo? Uma tarde, quando Samuel voltou para casa, encontrou um velho cavalo atrelado a uma carroça em frente à porta. Num dos lados da carroça estava pintado com letras toscas o letreiro: Roffe and Sons.

Samuel olhou para tudo sem acreditar, e correu para dentro de casa, onde estava o pai.

— Aquele cavalo lá fora... onde o conseguiu? O pai dele sorriu todo orgulhoso.

— Fiz uma compra. Podemos cobrir mais território com um cavalo. Talvez daqui a quatro ou cinco anos possamos comprar outro cavalo. Imagine só. Teremos dois cavalos! Era até onde iam as ambições de seu pai. Queria possuir dois cavalos velhos e cansados para arrastar carroças com mercadorias pelas ruas sujas e

atravancadas do gueto de Cracóvia. Samuel teve vontade de chorar.

Naquela noite, quando todos dormiam, Samuel foi até a estrebaria e examinou o cavalo, a que tinham dado o nome de Fred. Em matéria de cavalos, aquele era sem dúvida um dos mais fracos da espécie. Era muito velho, magro e com tumores nas pernas. Talvez não pudesse andar muito mais depressa que o pai de Samuel. Mas nada disso importava.. O essencial era que Samuel já dispunha de uma cobaia. Podia fazer as suas experiências sem se preocupar em apanhar gatos vadios e ratos.

É claro que teria de ter cuidado. Seu pai nunca poderia saber o que ele estava fazendo. Samuel afagou a cabeça de Fred e informou-lhe: — Você vai entrar no negócio de farmácia.

Samuel improvisou o seu laboratório num canto da estrebaria onde Fred era guardado.

Desenvolveu uma cultura de germes de difteria num prato fundo. Quando o caldo ficou denso, transferiu-o para outro recipiente, diluindo-o e em seguida aquecendo-o ligeiramente.

Encheu a seringa e aproximou-se de Fred.

— Lembra-se do que eu lhe disse? Hoje é o seu grande dia.

Samuel injetou o líquido na espádua do cavalo, como viro o Dr. Wal fazer. Fred voltou para ele os olhos tristes e respingou-o de urina.

Samuel estimou que a cultura levaria setenta e duas horas para desenvolver-se em Fred. Ao fim desse tempo, dar-lhe-ia uma dose mais forte. Se a teoria dos anticorpos fosse correta, cada dose criaria uma resistência maior do sangue à doença, e Samuel teria a sua vacina. Mais tarde, teria de encontrar um ser humano em que pudesse experimentar a vacina, mas isso não seria difícil. Qualquer vítima da temida doença

experimentaria pressurosamente qualquer coisa capaz de salvar-lhe a vida.

Nos dois dias seguintes, Samuel passou com Fred quase todos os momentos em que esteve acordado.

— Nunca vi ninguém gostar tanto de um animal! — disse-lhe o pai. — Não consegue deixar Fred, não é? Samuel murmurou uma resposta inteligente. Tinha um sentimento de culpa a respeito do que estava fazendo, mas sabia o que iria acontecer se mencionasse o caso a seu pai. Tudo o que Samuel tinha de fazer era extrair sangue de Fred para encher um ou dois vidros de soro, e ninguém saberia de nada.

Na manhã do terceiro dia, que era decisivo, Samuel foi despertado pela voz do pai diante da casa. Samuel levantou-se e correu para a janela. O pai estava no meio da rua, com sua carroça, berrando com toda a força dos pulmões. Não havia nem sinal de Fred. Vestiu-se de qualquer maneira e saiu.

— Momser! — gritava o pai. — Tratante! Mentiroso! Ladrão!

Samuel passou por entre a multidão que começava a reunir-se em torno de seu pai.

— Onde está Fred? — perguntou Samuel.

— Ainda me pergunta? Morreu. Morreu na rua como um cachorro.

Samuel sentiu um baque no coração.

— Nós íamos bem calmamente. Eu estava tratando dos meus negócios, sem fazer o bichinho correr, sem bater nele, nem maltratá-lo, como fazem outros ambulantes que conheço. E o que foi que aconteceu? Caiu morto de repente. Quando eu pegar o gonif que me vendeu o cavalo, vou matá-lo.

Samuel afastou-se, desolado. Junto com Fred, morrera também os seus sonhos. Com Fred desaparecia a esperança de fugir do gueto e de libertar-se, de ter uma bela casa para Terinia e seus filhos.

Mas uma calamidade ainda maior estava por acontecer.

No dia seguinte ao da morte de Fred, Samuel soube que o Dr. Wal e a mulher tinham combinado o casamento de Terinia com um rabino. Samuel não acreditou. Era a ele que Terinia pertencia! Correu para a casa do Dr. Wal. Encontrou o médico e a mulher na sala de espera. Encaminhou-se para eles, respirando fundo e disse: — Há um erro em tudo no que diz respeito a Terinia. Ela vai se casar é comigo!

Os dois olharam-no atônitos.

— Sei muito bem que não estou à altura dela — disse então. — Mas ela não será feliz casada com outro homem. Esse tal rabino é muito velho e...

— Nebbich! Rua! Rua! — gritou a mãe de Terinia, à beira de um ataque de apoplexia.

Sessenta segundos depois, Samuel estava no meio da rua, proibido de tornar a pôr os pés naquela casa.

No meio da noite, Samuel teve uma longa conversa com Deus.

— Que está querendo de mim? Se eu não posso ter Terinia, por que me fez amá-la? Não tem sentimentos? — Ergueu a voz na sua frustração e gritou: — Será que está me ouvindo? Na casinha cheia de gente, todos gritaram: — Estamos ouvindo, sim, Samuel! Pelo amor de Deus, veja se cala a boca e nos deixa dormir! Na tarde seguinte, o Dr. Wal mandou chamar Samuel. Foi recebido na sala de espera, onde estavam reunidos o Dr. Wal, a mulher e Terinia.

— Parece que temos um problema — disse o Dr. Wal. — Nossa filha está irredutível. Por alguma razão que desconheço, tomou-se de um capricho por você. Não posso chamar isso de amor, Samuel, até porque não acredito que uma mocinha da idade dela saiba o que é amor. De qualquer maneira, ela não quer casar-se com o rabino Rabinowitz. Acha que deve casar-se com você.

Samuel olhou rapidamente para Terinia, e esta sorriu para ele. Sentiu uma explosão de alegria, que, entretanto, durou pouco.

O Dr. Wal continuou: — Você diz que ama nossa filha.

— É v-v-verdade — gaguejou Samuel e procurou falar com mais firmeza. — É isso mesmo, Dr. Wal.

— Muito bem, Samuel. Acha que Terinia poderá passar o resto da vida casada com um vendedor ambulante Samuel percebeu no mesmo instante a armadilha, mas não viu jeito de livrar-se dela. Tornou a olhar para Terinia e disse: — Não, Dr. Wal.

— Compreende então o problema, não é? Nenhum de nós quer que Terinia se case com um vendedor ambulante. E você é um vendedor ambulante, Samuel.

— Mas não serei sempre, Dr. Wal — disse Samuel, com voz forte e segura.

— E o que vai ser então? — perguntou a mãe de Terinia. — Você pertence a uma família de vendedores ambulantes, que nunca serão mais que isso. E eu não vou consentir que minha filha se case com um vendedor ambulante.

Samuel olhou para as três pessoas reunidas naquela sala, com apreensão e desespero, vira-se elevado às culminâncias da alegria e, naquele momento, era de novo mergulhado num turvo abismo. O que queriam dele? — Vamos fazer um trato — disse o Dr. Wal. — Nós lhe daremos um prazo de seis meses para provar que não é apenas um vendedor ambulante. Se não o provar, ao fim desse tempo ela se casará com o rabino Rabinowitz.

Samuel olhou-o, atarantado. — Seis meses? Ninguém pode ter sucesso em seis meses, principalmente vivendo no gueto de Cracóvia.

— Estamos entendidos? — disse o Dr. Wal.

— Perfeitamente.

Sim, Samuel entendia tudo muito bem. Sentia uma contração dolorosa no estômago. Não precisava de uma

solução, mas de um milagre. A família de Terinia só se contentaria com um genro que fosse médico, rabino ou rico. Samuel examinou prontamente todas as possibilidades.

A lei impedia-o de ser médico.

Ser rabino? Começava-se a estudar para ser rabino aos treze anos de idade, e Samuel já estava com quase dezoito.

Rico? Era uma coisa fora de cogitação. Se trabalhasse vinte e quatro horas por dia vendendo suas mercadorias como ambulante pelas ruas do gueto, até aos noventa anos, não deixaria de ser um homem pobre. Os Wals lhe haviam proposto uma tarefa impossível. Tinha aparentemente cedido a Terinia, concordando em adiar o casamento dela com o rabino, impondo, porém, condições que sabiam que Samuel não poderia cumprir. Terinia era a única pessoa que acreditava nele. Confiava em que ele conseguisse de algum modo a fama ou a fortuna dentro de seis meses. É mais louca do que eu, pensou desesperadamente Samuel.

O tempo começou a correr. Samuel passava os dias como vendedor ambulante, ajudando o pai. Mas no momento em que as sombras do poente começavam a cair sobre os muros do gueto, ele corria para casa, comia alguma coisa à pressa e ia trabalhar no seu laboratório. Preparava centenas de frascos de soro e o injetava em coelhos, gatos, cães e pássaros, mas todos morriam. São muito pequenos, pensava Samuel. Preciso de um animal maior.

Mas não o conseguia, e o tempo ia passando.

Duas vezes por semana, Samuel ia a Cracóvia para renovar o estoque de mercadorias que ele e o pai vendiam. Chegava ao amanhecer diante dos portões fechados e ali ficava à espera, cercado pelos outros ambulantes. Mas não os via nem ouvia uma voz áspera que lhe dizia: — Vamos, judeu! Vá andando!

Samuel levantou os olhos. Os portões tinham sido abertos, e sua carroça estava impedindo a passagem. Um dos guardas, muito zangado, lhe ordenava que prosseguisse. Havia sempre dois guardas em serviço diante dos portões. Usavam fardas verdes com insígnias especiais e andavam armados de pistolas e pesados cassetetes. Numa corrente pendurada na cintura, um deles levava a chave dos portões. ao lado do gueto, corria um pequeno rio sobre o qual havia uma velha ponte de madeira. Do outro lado da ponte, estava o posto de polícia, onde os guardas ficavam estacionados. Samuel vira mais de uma vez um judeu infortunado ser arrastado pela ponte. Era sempre uma viagem sem volta. Os judeus tinham de estar no interior do gueto ao escurecer, e qualquer judeu surpreendido fora dos portões depois que a noite caísse era capturado e deportado para um campo de trabalho, Todos os judeus viviam apavorados com a perspectiva de serem encontrados fora do gueto depois do anoitecer.

Os dois guardas eram obrigados a passarem as noites diante dos portões, em serviço de patrulha. Mas todos os habitantes do gueto sabiam que, logo que os judeus eram trancados, um dos guardas saía dali e ia passar a noite a divertir-se na cidade.

Pouco antes do amanhecer, voltava para ajudar o companheiro a abrir os portões para um novo dia.

Os dois guardas habitualmente postados nos portões chamavam-se Paul e Aram. Paul era um homem agradável e sempre de bom humor. Aram era inteiramente diferente dele. Homem rude, robusto e forte, com braços vigorosos e um corpo que parecia um barril de cerveja, odiava os judeus. Sempre que estava de serviço, todos os judeus que se achavam fora do gueto faziam questão de voltar a tempo, pois nada encantava mais Aram do que encontrar um judeu do lado de fora, espancá-lo até fazê-lo perder os sentidos e então

levá-lo através da ponte para o temido quartel da polícia.

Era Aram que estava gritando com Samuel para que tirasse sua carroça do caminho. Samuel passou pelos portões e dirigiu-se para a cidade, sentindo o olhar de ódio de Aram.

O período de seis meses concedidos a Samuel minguou rapidamente para cinco meses, depois para quatro, e três. Não havia um só dia, não havia sequer uma hora em que Samuel não pensasse numa solução para o seu problema, mesmo quando estava trabalhando febrilmente no seu diminuto laboratório. Tentou falar com alguns negociantes ricos do gueto, mas poucos tinham tempo para recebê-lo e os que o recebiam só estavam dispostos a dar-lhe conselhos inúteis.

— Quer ganhar dinheiro? Trate de economizar os níqueis, meu jovem, e um dia você terá o suficiente para montar um bom negócio como o meu.

Era muito fácil dizer isso, pois quase todos tinham tido pais ricos.

Samuel pensou em raptar Terinia e fugir. Mas, para onde? ao fim de qualquer viagem que fizessem, haveria outro gueto, e ele continuaria a ser um nebbich sem dinheiro. Não, ele amava demais Terinia para fazer isso com ela. Via-se numa armadilha da qual não era possível fugir.

O tempo corria inexoravelmente, e os três meses se tornaram dois e, por fim, só restou um mês. O único consolo de Samuel era que, durante esse tempo, ele tinha permissão de ver sua adorada Terinia três vezes por semana, sempre sob a vigilância de alguém, evidentemente, e a cada vez que Samuel a via , mais a amava. Era um prazer agridoce, pois a cada encontro ficava mais próximo o momento em que iria perdê-la para sempre.

— Eu sei que você vai achar um jeito — não se cansava de dizer Terinia.

Mas faltavam apenas três semanas, e Samuel não estava mais perto de uma solução do que quando tinha começado.

Numa noite, já bem tarde, Terinia procurou Samuel na estrebaria. Abraçou-o e disse: — Vamos fugir, Samuel.

Ele nunca a amara tanto quanto a amou nesse momento ao ver que, por amor a ele, Ela estava disposta a ficar desmoralizada, a abandonar o pai e a mãe e a desistir da boa vida que levava.

Tomou-a nos braços, e disse: — Não podemos, Terinia. Para onde quer que eu vá, nunca deixarei de ser um vendedor ambulante.

— Não me importo.

Samuel pensou na bela casa onde ela morava, cheia de salas espaçosas e de empregados e se lembrou do quartinho sórdido em que ele morava com o pai e a tia.

— Mas eu me importo, Terinia.

E ela se afastou.

Na manhã seguinte, encontrou-se com Isaac, que tinha sido seu colega de escola e levava uma égua por um cabresto. O animal era cego de um olho, sofria de cólicas e de esparavões, sendo ainda por cima surdo.

— Bom dia, Samuel.

— Bom dia, Isaac. Não sei para onde vai com esse animal, mas é melhor andar depressa. Ele pode morrer a qualquer momento.

— Não é preciso que viva muito. Vou levar Lottie para uma fábrica de cola.

Samuel olhou a velha égua com súbito interesse.

— Não creio que vão lhe pagar muito por ela.

— Sei disso. Quero apenas dois florins para comprar uma carroça.

O coração de Samuel começou a bater com mais força.

— Quem sabe eu não possa lhe poupar a viagem? Estou disposto a trocar minha carroça pela égua.

Depois disso, Samuel tinha apenas de fazer outra carroça e explicar ao pai como perdera a velha e se tornar dono de um animal que estava nas ultimas.

Samuel levou Lottie para a estrebaria. Examinando a égua, viu que o estado dela era bem pior do que havia julgado, mas afagou o animal e disse: — Não se preocupe, Lottie. Você vai entrar para a história da medicina.

Poucos minutos depois, Samuel começou a trabalhar num novo soro.

Em vista das condições insalubres e do super povoamento do gueto, as epidemias eram frequentes. A última peste consistia numa febre que produzia tosse sufocante, ingurgitamento dos gânglios e uma morte dolorosa. Os médicos desconheciam a sua causa, e não tinham qualquer ideia do tratamento. O pai de Isaac contraiu a doença. Logo que Samuel soube disso, foi procurar Isaac.

— O médico já esteve aqui — afirmou o rapaz, chorando. — Disse que nada pode fazer.

Do alto da casa, vinha o terrível som da tosse, que parecia prolongar-se indefinidamente. — Quero que faça uma coisa para mim, Isaac — disse Samuel. — Consiga-me um lenço de seu pai.

— O quê?

— Quero um lenço que ele tenha usado. Mas todo o cuidado será pouco da sua parte. O lenço deverá estar cheio de germes.

Uma hora depois, Samuel estava de volta à estrebaria e despejava cuidadosamente o conteúdo do lenço num prato cheio de caldo de cultura. Trabalhou durante toda a noite e todo o dia seguinte, injetou pequenas doses de substâncias na paciente Lottie. Depois aumentou as doses, lutando contra o tempo para tentar salvar a vida do pai de Isaac.

Para tentar salvar a própria vida.

Samuel nunca pôde ter certeza posteriormente de que Deus houvesse protegido a ele ou à velha égua, mas a verdade é que Lottie sobreviveu às doses cada vez maiores, e Samuel conseguiu a sua primeira partida de antitoxina. A tarefa seguinte era convencer o pai de Isaac a consentir na aplicação dessa substância.

Na realidade, não foi preciso convencê-lo. Quando Samuel chegou à casa de Isaac, havia muitos parentes que já esperavam a morte do homem doente no andar de cima.

— Resta-lhe pouco tempo de vida — disse Isaac a Samuel. — Posso vê-lo? Os dois rapazes subiram. O pai de Isaac estava estendido na cama, com o rosto afogueado pela febre. Cada acesso de tosse sacudia o corpo depauperado, levando-o a um espasmo que o enfraquecia ainda mais. Era evidente que estava morrendo., Samuel respirou fundo e disse: — Quero falar com você e sua mãe.

Não tinham confiança alguma no pequeno vidro que Samuel tinha levado, mas, ante a iminência da morte, concordaram com a aplicação do remédio, simplesmente porque não havia mais nada a perder.

Samuel injetou o soro no pai de Isaac. Esperou três horas à cabeceira da cama e não houve qualquer alteração. O soro não estava fazendo efeito. Entretanto, os acessos de tosse pareciam menos frequentes. Por fim, Samuel saiu, evitando olhar para Isaac.

Tinha de ir a Cracóvia ao amanhecer do dia seguinte, para comprar mercadorias. Estava numa impaciência febril por voltar e ver se o pai de Isaac ainda estava vivo.

Havia muita gente em todos os mercados, e Samuel demorou muito para fazer as compras. Só no fim da tarde conseguiu afinal encher a carroça e voltar para o gueto.

Quando Samuel estava ainda a três quilômetros dos portões, houve o desastre. Uma das rodas da carroça se quebrou e as mercadorias começaram a espalhar-se pelo chão. Samuel viu-se diante de um terrível dilema. Tinha de ir procurar uma roda para substituir a quebrada, e ao mesmo tempo, não podia deixar a carroça com as mercadorias abandonadas. Estava começando a juntar gente, e era visível o olhar de avidez que muitos lançavam para as mercadorias caídas. Samuel viu um guarda de uniforme aproximar-se, um gentio, e compreendeu que estava perdido. Iam tomar-lhe tudo. O guarda abriu caminho entre os curiosos e disse ao apavorado rapaz: — Sua carroça precisa de uma roda nova.

— É... é verdade.

— Sabe onde encontrar uma?

— Não, senhor.

O guarda escreveu alguma coisa num pedaço de papel.

— Vá procurar este homem. Diga a ele o que precisa.

— Mas eu não posso deixar o carro aqui assim.

— Pode, sim — disse o guarda. — Eu vou ficar aqui. Ande depressa!

Samuel saiu correndo. Seguindo o endereço do papel, chegou a oficina de ferreiro. Quando Samuel explicou a situação, o ferreiro encontrou uma roda do tamanho exato para a carroça.

Samuel pagou a roda, tirando o dinheiro de uma sacola que levava. Depois dessa despesa, ficou apenas com uma dúzia de florins.

Correu para a carroça, rolando a roda pelo chão. O guarda ainda estava lá e os curiosos haviam se dispersado. As mercadorias estavam a salvo. Com a ajuda do guarda, levou mais meia hora para colocar a nova roda e prendê-la. Retomou o caminho de casa,

pensando no pai de Isaac. Iria encontrá-lo vivo ou morto? A incerteza enchia-o de dolorosa ansiedade.

Já estava apenas a um quilômetro do gueto. Podia avistar os altos muros que se erguiam contra o céu. Mas, nesse momento, o sol desapareceu no horizonte e as ruas por onde ele passava mergulharam na escuridão. Na agitação de tudo o que havia acontecido, Samuel se esquecera da hora. Já havia escurecido e ele ainda estava fora dos portões! Começou a correr, empurrando a pesada carroça, com o coração a bater como se fosse saltar-lhe do peito. Os portões deviam estar fechados. Samuel pensou em todas as coisas terríveis que se contavam de judeus que tinham ficado do lado de fora dos portões. Correu mais depressa. Com certeza, só um guarda devia estar de serviço. Se fosse Paul, o bom homem, Samuel poderia ter uma oportunidade.

Mas, se fosse Aram, não era bom nem pensar no que lhe poderia acontecer. A escuridão era mais densa e o envolvia como um nevoeiro negro, ao mesmo tempo em que uma leve chuva começava a cair. Samuel se aproximava dos muros do gueto e, de repente, avistou os grandes portões. Já estavam trancados.

Era a primeira vez que os via fechados do lado de fora. Foi como se de súbito a vida lhe tivesse deixado o corpo, e Samuel começou a tremer de terror. Estava separado de sua família, do seu mundo, de tudo aquilo que lhe era íntimo e familiar.

Diminuiu o passo e se aproximou dos portões cautelosamente, esperando pelos guardas. Não os via e encheu-se de uma súbita esperança delirante. Os guardas talvez tivessem sido chamados para alguma emergência. Samuel descobriria um meio de abrir os portões ou de escalar o muro sem ser visto. ao se aproximar dos portões, viu o vulto de um guarda emergir das sombras.

— Continue a andar — ordenou o guarda.

Na escuridão, Samuel não podia ver o rosto dele. Mas reconheceu a voz. Era Aram.

— Venha até aqui.

Aram olhava Samuel com um sorriso de satisfação no rosto. O rapaz tropeçou.

— Pise firme — disse Aram para animá-lo. — Continue a caminhar.

Samuel se aproximou lentamente do gigante, com o estômago contraído e a cabeça a latejar.

— Posso explicar tudo... Tive um acidente. Minha carroça...

Aram estendeu o braço forte, agarrou Samuel pela gola e suspendeu-o no ar.

— Judeu imundo! — exclamou ele. — Pensa que eu quero saber por que você ficou do lado de fora? Sabe o que é que vai acontecer com você agora?

O rapaz sacudiu a cabeça cheio de terror.

— Pois eu vou lhe dizer. Temos um novo decreto nesta semana. Todos os judeus capturados fora dos portões depois do escurecer serão deportados para a Sibéria. Dez anos de trabalhos forçados. Que tal?

Samuel não pôde acreditar.

— Mas... mas eu não fiz nada...

Aram deu um tapa com a mão direita na boca de Samuel, que foi ao chão, e em seguida disse: — Vamos.

— Para... onde? — perguntou Samuel com a voz embargada de terror.

— Para o quartel. Amanhã de manhã será embarcado com o resto da ralé. Levante-se.

Samuel caíra com o tapa e estava ali, incapaz de coordenar os seus pensamentos.

— Eu... eu tenho de entrar para despedir-me de minha família.

Aram riu. — Ninguém vai sentir sua falta.

— Por favor! Deixe-me ir até lá. Deixe-me pelo menos mandar um recado.

O sorriso desapareceu do rosto de Aram. Cresceu ameaçadoramente para Samuel, mas falou com voz suave:
— Mandei que você se levantasse, judeu imundo. Se eu tiver de dar-lhe a ordem outra vez, será a pontapés.

Samuel levantou-se lentamente. Aram agarrou-lhe o braço com mãos de ferro e começou a levá-lo para o quartel da polícia.

Dez anos de trabalhos forçados na Sibéria! Ninguém jamais voltara da Sibéria. Olhou para o homem que o levava pela ponte para o quartel da polícia.

— Não faça isso — disse Samuel. — Solte-me.

Aram apertou o braço de Samuel com mais força, a tal ponto que deu a impressão de que o sangue deixara de correr.

— Peça mais, implore mais! — disse Aram. — Não há nada de que eu goste mais do que ouvir as súplicas de um judeu. Sabe alguma coisa sobre a Sibéria? Vai chegar lá a tempo de passar o inverno. Não se preocupe. Dentro das minas, você vai sentir calor. Só quando seus pulmões estiverem pretos de tanto carvão, e você começar a vomitá-lo em acessos de tosse, tirarão você de lá para morrer em cima da neve.

À frente deles, do outro lado da ponte, quase invisível sob a chuva, estava a lúgubre construção, o quartel da polícia.

— Mais depressa! — gritou Aram.

Samuel percebeu de repente que não podia deixar que ninguém fizesse aquilo com ele. Pensou em Terinia, em sua família, no pai de Isaac. Ninguém iria roubar-lhe a vida. Fosse como fosse, tinha de fugir para salvar-se. Estava atravessando a estreita ponte, sob a qual o rio corria cuidadosamente, engrossado pelas chuvas de inverno. Restavam apenas uns trinta metros. O que tivesse de ser feito deveria ser naquele momento. Mas como seria possível fugir? Aram tinha uma pistola, e ainda que não estivesse armado, poderia matá-lo com a maior facilidade. Era quase duas vezes

maior que Samuel e muito mais forte. Tinham chegado ao outro lado da ponte, e o quartel estava bem diante deles.

— Ande depressa — disse Aram, puxando Samuel pelo braço. — Tenho outras coisas para fazer.

Estavam tão perto que Samuel podia ouvir os risos dos guardas lá dentro. Aram começou a arrastar o rapaz pelo pátio calçado que ficava diante do quartel. Faltava apenas alguns segundos, e Samuel levou a mão direita ao bolso, pegando o bornal em que levava cerca de meia dúzia de florins. Fechou-o na mão e sentiu no seu nervosismo o sangue correr-lhe mais depressa nas veias.

Tirou cuidadosamente o bornal do bolso, puxando então os cordões que o fechavam, e deixou-o cair. Ele caiu sobre as pedras, fazendo tilintar as moedas. Aram parou de repente.

— Que foi isso?

— Nada — respondeu prontamente Samuel.

Aram olhou para o rapaz e riu. Sem deixar de segurar firmemente Samuel, deu um passo para trás e viu o bornal de dinheiro aberto.

— Você não precisará de dinheiro no lugar onde vai — disse Aram.

Curvou-se para apanhar o bornal e Samuel acompanhou-o. Mas não era o bornal que Samuel queria e, sim, uma grande pedra que estava no chão. Quando Aram levantou o corpo, Samuel bateu com a pedra no olho direito de Aram com toda a força, transformando-o numa posta de sangue. Continuou a bater desesperadamente no rosto e na cabeça. Viu o nariz do guarda afundar, depois a boca e, por fim, todo o rosto virou uma massa sanguenta. Mas Aram continuava de pé como se fosse algum monstro cego. Samuel olhava-o, cheio de medo, sem coragem de bater de novo. Então, lentamente, o gigantesco corpo principiou a cair.

Samuel olhou para o guarda morto, sem poder acredita no que havia feito. Ouviu vozes no quartel e compreendeu o terrível perigo em que ainda se encontrava. Se o capturassem naquele momento, não o mandariam para a Sibéria. Tratariam de esfolá-lo e enforcá-lo em praça pública. A pena por bater num polícia era simplesmente a morte. E Samuel matara um deles. Tinha de fugir rapidamente. Poderia tentar atravessar a fronteira, mas, nesse caso, seria um fugitivo perseguido pelo resto da vida.

Deveria haver outra solução. Olhou para o corpo desfigurado e percebeu de repente o que devia fazer. Revistou o guarda até encontrar a grande chave que abria os portões. Depois, dominando a repulsa que sentia, agarrou as botas de Aram e começou a puxar o guarda para a margem do rio. O morto parecia pesar uma tonelada. Samuel continuou a puxar, estimulado pelo barulho que vinha do quartel.

Alcançou a margem do rio. Parou um momento para recuperar o fôlego. Depois, empurrou o corpo pela ribanceira e viu-o cair nas águas tumultuosas embaixo. Continuou inclinado sobre a margem por um tempo que lhe pareceu uma eternidade e, por fim, viu o corpo ser levado pelo rio e desaparecer. Ali ficou algum tempo como que hipnotizado, cheio de horror pelo que havia feito. Apanhou a pedra que tinha usado e jogou-a na água. Mas ainda corria enorme perigo. Atravessou a ponte e voltou correndo para os grandes portões trancados no gueto. Não havia ninguém à vista. Com os dedos trémulos, girou a chave na fechadura dos portões e empurrou-os. Nada aconteceu. Eram pesados demais. Mas naquela noite nada era impossível para Samuel. Com uma força que parecia vir de fora dele, conseguiu por fim abri-los. Empurrou a carroça para dentro, fechou os portões e foi correndo para casa. Todos os moradores da casa estavam reunidos na sala e, quando

Samuel apareceu, olharam para ele como se fosse um fantasma.

— Deixaram você entrar! — Não compreendo — murmurou o pai. — Pensávamos que você...

Samuel explicou em breves palavras o que havia acontecido, e a preocupação de todos se transformou em terror.

— Meu Deus! — exclamou o pai de Samuel. — Todos nós seremos mortos! — Nada acontecerá se me escutarem — disse Samuel, e expôs o seu plano.

Quinze minutos depois, Samuel, o pai e dois vizinhos estavam junto aos portões do gueto.

— E se o outro guarda voltar? — perguntou num sussurro o pai de Samuel.

— É um risco que temos de correr. Mas, se isso acontecer, eu assumirei toda a culpa.

Samuel abriu os portões e passou para o lado de fora. Colocou a grande chave na fechadura e deu a volta. Os portões do gueto estavam trancados pelo lado de fora. Samuel amarrou a chave a cintura e deu alguns passos à esquerda dos portões. Um momento depois, uma corda deslizou pelo muro como uma cobra. Samuel agarrou-se a ela, enquanto do outro lado seu pai e os outros começaram a içá-lo. Quando Samuel chegou ao alto, prendeu a corda a uma escápula de ferro e desceu até o chão. Em seguida, sacudiu a corda até desprendê-la e puxou-a.

— Meu Deus! — exclamou o pai de Samuel. — Que irá acontecer amanhã cedo?

— Estaremos batendo nos portões e pedindo que nos deixem sair — respondeu Samuel.

Ao amanhecer, o gueto estava cheio de polícias e soldados.

Tiveram que descobrir uma chave especial para abrir os portões aos negociantes que queriam ir a Cracóvia. Paul, o outro guarda, confessou que havia abandonado o posto para ir passar a noite em Cracóvia

e foi imediatamente preso. Mas isso não resolvia o mistério do desaparecimento de Aram. Em geral, o desaparecimento de um guarda nas proximidades do gueto seria um excelente pretexto para um progrom. Mas a polícia se achava perplexa diante dos portões fechados. Como os judeus estavam trancados dentro do gueto, era evidente que nada podiam ter feito ao guarda. Chegaram afinal à conclusão de que Aram devia ter fugido em companhia de uma das suas numerosas amiguinhas.

Devia ter jogado em algum canto a pesada chave que de nada lhe servia, mas, por mais que procurassem, não a encontraram. E, nunca a encontrariam, pois estava enterrada bem fundo sob a casa de Samuel.

Física e emocionalmente exausto, Samuel jogara-se na cama e dormira quase no mesmo instante. Acordou com alguém ao lado, que gritava e o sacudia. O primeiro pensamento de Samuel foi de que haviam encontrado o corpo de Aram e tinham ido prendê-lo. Abriu os olhos. Isaac estava diante dele, muito nervoso.

— Parou, Samuel! A tosse parou! Venha comigo até a minha casa.

O pai de Isaac estava sentado na cama. A febre havia desaparecido como por milagre e a tosse havia parado.

Quando Samuel se aproximou da cama, o velho perguntou: — Não acha que posso tomar um pouco de caldo de galinha?

Samuel começou a chorar. Num só dia, tirara a vida de um homem e salvara a vida de outro.

A notícia sobre o pai de Isaac se espalhou pelo gueto. As famílias das pessoas doentes cercavam a casa de Samuel, pedindo um pouco de soro mágico. Era impossível atender a todos, e ele foi procurar o Dr. Wal. O médico já sabia do feito de Samuel, mas ainda se mostrava cético.

— Tenho que ver com meus próprios olhos — disse ele. — Prepare uma partida de soro e eu aplicarei num dos meus clientes.

Havia dezenas de doentes à disposição, e o Dr. Wal preferiu o que lhe parecia mais próximo da morte. No prazo de vinte e quatro horas, o doente estava a caminho da recuperação.

O Dr. Wal foi até a estrebaria, onde Samuel trabalhava dia e noite preparando o soro, e disse: — Dá resultado, Samuel. Você conseguiu. O que deseja como dote?

Samuel olhou para ele e respondeu, exausto: — Outro cavalo.

Aquele ano de 1868 marcou o início da Roffe and Sons.

Samuel e Terenia se casaram, e Samuel recebeu como dote seis cavalos e um pequeno mas bem equipado laboratório. Samuel expandiu as suas experiências. Começou a destilar medicamentos de ervas e, em pouco tempo, os vizinhos passaram a ir até seu pequeno laboratório comprar remédios para os males que os afligiam. Eram bem atendidos, e a reputação de Samuel cresceu.

Quando alguém não podia pagar, Samuel dizia: — Não se preocupe com isso. Pode levar. — E acrescentava, voltando-se para Terenia: — Remédio é para curar e não para dar lucro.

As vendas aumentaram, e depois de algum tempo, ele disse a Terenia: — Já é tempo de abrirmos uma pequena farmácia onde possamos vender unguentos, pós e outras coisas além de receitas.

A farmácia foi, desde o início, um sucesso. Os homens ricos que anteriormente se haviam negado a ajudar Samuel apareceram, oferecendo-lhe dinheiro.

Queriam ser sócios e propunham uma fundação de uma rede de farmácias.

Samuel conversava sobre o caso com Terenia, dizendo: — Tenho muito receio de sócios. O negócio é nosso e não me agrada a ideia de gente estranha possuir parte de nossa vida.

Terenia concordava com ele.

Quando os negócios cresceram e se expandiram com a abertura de outras farmácias, as ofertas de dinheiro aumentaram. Samuel continuou a recusá-las.

Quando seu sogro lhe perguntou o motivo, Samuel respondeu: — Nunca se deve deixar uma raposa entrar num galinheiro, por mais amistosa que se mostre. Um dia, ela pode ficar com fome.

Do mesmo modo que os negócios, o casamento de Samuel e Terenia floresceu. Tiveram cinco filhos: Abraham, Joseph, Anton, Jan e Piotr. Samuel comemorava o nascimento de cada filho abrindo uma nova farmácia, cada uma maior do que a anterior. No começo, Samuel contratou um homem para auxiliá-lo. Depois, foram dois e, por fim, tinha mais de duas dúzias de empregados.

Um dia, Samuel recebeu a visita de um funcionário do governo.

— Vamos cancelar algumas restrições que pesam sobre os judeus — disse ele a Samuel. — Veríamos com muito agrado a abertura de uma de suas farmácias em Cracóvia.

E Samuel abriu a farmácia. Três anos depois, tinha prosperado tanto que construiu um prédio próprio no centro comercial de Cracóvia e comprou para Terenia uma bela casa na cidade. Samuel tinha realizado, afinal, o sonho de sair do gueto.

Mas os seus sonhos não se limitavam a Cracóvia.

Quando os seus filhos cresceram, contratou professores para eles e fez cada qual aprender uma língua diferente.

— Ficou maluco — dizia a sogra de Samuel. — Todos fazem troça deles, pois Abraham e Jan estão aprendendo inglês; Joseph, alemão; Anton, francês; e

Piotr, italiano. Com quem é que eles vão falar? Ninguém aqui fala dessas línguas bárbaras. Os garotos vão acabar sem ter com quem conversarem.

Samuel limitava-se a sorrir e dizia pacientemente: — Isso faz parte da educação deles.

Quando os rapazes chegaram à adolescência, viajaram para países diferentes com o pai. Em cada uma de suas viagens, Samuel preparava-se para os seus futuros planos. Quando Abraham completou vinte e um anos, Samuel reuniu a família e anunciou que Abraham ia viver nos Estados Unidos.

— Não! — exclamou a mãe de Terenia. — É um país de índios. Não deixarei que faça isso com meu neto. O rapaz tem de ficar aqui, onde estará em segurança.

Segurança... Samuel pensou nos pogroms, em Aram e na morte de sua mãe.

— Ele vai para o estrangeiro — retrucou Samuel. — Abraham, você vai abrir uma fábrica em Nova York e se encarregará de todos os negócios por lá.

Abraham disse orgulhosamente: — Está muito bem, papai.

Samuel voltou-se para Joseph.

— Aos vinte e um anos, você irá para Berlim.

Joseph fez um gesto de assentimento.

— E eu irei para a França — disse Anton. — Paris, assim espero.

— Exatamente — disse Samuel -, mas cuidado. Há lá entre os gentios algumas mulheres muito bonitas.

Olhou para Jan.

— Você irá para a Inglaterra.

Piotr, o mais moço, disse ansiosamente: — É claro que irei para a Itália. Quando poderei partir, papai?

Samuel riu e respondeu: — Esta noite, não, Piotr. Terá de esperar até completar vinte e um anos.

E assim aconteceu. Samuel foi com os filhos ao estrangeiro e ajudou-os a abrir escritórios e

fábricas. Sete anos depois, havia filiais da família Roffe em cinco países. Era já uma dinastia, e Samuel encarregou um advogado de elaborar estatutos que tornassem cada uma das companhias independente, embora ao mesmo tempo submetida à matriz.

— Nada de estranhos — disse Samuel ao advogado. — As ações nunca devem deixar de ser propriedade da família.

— Está bem — disse o advogado. — Mas, se seus filhos não puderem vender as suas ações, Samuel, como irão se arranjar? É natural que queiram viver com conforto.

— Vou tomar providências para que morem em casas esplêndidas. Ganharão excelentes salários e disporão de uma boa verba de representação, mas tudo o mais deverá reverter em favor da companhia. Se algum dia quiserem vender suas ações, terão de obter a aprovação unânime dos outros sócios. A maioria das ações pertencerá sempre a meu filho mais velho e a seus herdeiros. Vamos ser uma grande empresa. Vamos ser maiores que os Rothschilds.

Com o correr dos anos, a profecia de Samuel se tornou uma realidade. A empresa cresceu e prosperou. Embora a família estivesse vivendo dispersa, Samuel e Terenia faziam todo o possível para uni-la. Os filhos voltavam à casa paterna por ocasião dos aniversários e festas. Porém, as visitas não eram, apenas, reuniões festivas. Os filhos e os pais discutiam juntos os negócios da companhia. Tinham a sua rede de espionagem particular. Logo que um dos filhos tinha notícia de um progresso importante na indústria farmacêutica, participava o fato aos outros, e todos começavam a fabricar o produto, de modo que estavam sempre à frente dos seus concorrentes.

Com o advento do novo século, os cinco irmãos se casaram e deram netos ao velho Samuel. Abraham fora para os Estados Unidos aos vinte e um anos, em 1891.

Casou-se com uma moça americana sete anos depois e, em 1905, ela deu à luz o primeiro neto de Samuel, Woodrow, que gerou um filho chamado Sam. Joseph se casou com uma moça alemã, e teve um casal de filhos. O filho se casou e teve uma filha, Anna, a qual se casou com um alemão chamado Walther Gassner. Na França, Anton se casou com uma francesa, tornando-se pai de dois filhos. Um deles cometeu suicídio. O outro se casou e teve uma filha, chamada Hélène, que se casou várias vezes, mas não teria filhos. Jan, em Londres, se casara com uma inglesa. Sua filha única se casara com um baronete chamado Nichols e tivera um filho, a quem baptizara de Alec. Piotr tinha se casado em Roma com uma italiana. Tiveram um filho e uma filha. Quando o filho, por sua vez, se casou, a mulher deu-lhe uma filha, Simonetta, que se casara com Ivo Palazzi, um jovem arquitecto.

Eram esses os descendentes de Samuel e Terenia Roffe.

Samuel viveu o bastante para ver os ventos da mudança soprarem pelo mundo. Teve oportunidade de assistir transmissões de telégrafo sem fio e ao voo dos primeiros aviões.

Emocionou-se quando o casa Dreyfus ocupou as manchetes dos jornais e quando o almirante Peary chegou ao pólo norte. O modelo T de Henry Ford era produzido em massa. Por quase toda a parte havia luz elétrica e telefones. Em medicina, os germes que causaram a tuberculose, o tifo e a malária foram isolados e debelados.

A Roffe and Sons em pouco menos de meio século havia se transformado numa colossal empresa multinacional espalhada por todo mundo.

Samuel e a sua velha égua Lottie haviam criado uma dinastia.

Quando Elizabeth concluiu talvez a quinta leitura do Livro, tornou a guardá-lo na sala da Torre.

Não precisava mais dele.

O Livro ficara incorporado à sua existência.

Pela primeira vez na vida, Elizabeth sabia quem era e de onde vinha.

Capítulo 12

Foi no seu décimo quinto aniversário, ao fim do primeiro ano na escola suíça, que Elizabeth conheceu Rhys Williams. Ele havia passado pela escola para levar-lhe um presente do pai dela.

— Ele queria vir pessoalmente, mas não pôde — explicou Rhys.

Elizabeth tentou dissimular sua decepção, mas Rhys não teve dificuldade em percebê-la. Era evidente nela uma sensação de abandono, uma indefesa vulnerabilidade que o comoveu. Agindo impulsivamente, perguntou: — Acha que poderemos jantar juntos? Elizabeth não gostou da ideia. Imaginou-se entrando num restaurante, gorda e com aquele aparelho nos dentes, em companhia daquele rapaz incrivelmente simpático e gentil.

— Muito obrigado, mas não é possível — disse Elizabeth, sem ao menos sorrir. — Tenho de preparar algumas lições.

Rhys Williams não se conformou com a recusa, pensando em todos os aniversários que passara sozinho. Obteve permissão da diretora da escola para levar Elizabeth para jantar. Entraram no carro de Rhys e este tomou imediatamente o caminho do aeroporto.

— Neuchâtel fica do outro lado — disse Elizabeth. — E quem foi que disse que vamos para Neuchâtel? — Para onde vamos então? — Para o Maxim's. É o único lugar onde se pode celebrar a passagem dos quinze anos.

Voaram para Paris num jato da companhia, e o jantar foi soberbo. Começou com pâté de foie gras com trufas, seguido de bisquei de lagosta, pato com laranja e da especial salada do Maxim's. Tudo se encerrou com champanha e um bolo de aniversário. Depois, Rhys e Elizabeth atravessaram os Campos-Elísios de carro e voltaram para a Suíça a altas horas da noite. Fora a noite mais emocionante da vida de Elizabeth. Rhys tinha conseguido fazê-la sentir-se interessante e bela. Quando Rhys a deixou à porta da escola, ela disse: — Não sei como lhe agradecer. Foi o que de melhor já me aconteceu na vida.

— Agradeça a seu pai — disse Rhys, sorrindo. — Foi tudo ideia dele.

Mas Elizabeth sabia que isso não era verdade.

Chegou à conclusão de que Rhys Williams era o homem mais admirável que ela já havia visto. E sem dúvida o mais bonito.

Foi dormir naquela noite pensando nele. Em dado momento, levantou-se e foi até à sua pequena mesa, em frente à janela.

Pegou um pedaço de papel: "Madame Rhys Williams".

Ficou muito tempo olhando para o que escrevera.

Rhys adiou por vinte e quatro horas um encontro com uma glamourosa atriz, mas não se incomodou muito. Foi também ao Maxim's com ela e não pôde deixar de pensar que o jantar com Elizabeth fora bem mais interessante.

Ela seria alguém com quem ele poderia contar um dia.

Elizabeth nunca pôde ter certeza de quem fora o maior responsável pela transformação que se operara nela, se o velho Samuel Roffe ou Rhys Williams. A verdade é que passou a ter uma nova consciência de si mesma. Perdeu a compulsão de comer constantemente, e seu corpo foi ficando cada vez mais esbelto.

Começou a gostar de desportos e a se interessar pela escola.

Fazia um esforço para dar-se bem com as colegas, que não podiam acreditar nisso. Tinham sempre convidado Elizabeth para as suas festas de pijamas e ela nunca fora. Compareceu inesperadamente uma noite. A festa se realizava num quarto onde dormia quatro moças, e quando Elizabeth chegou, já havia duas dúzias de alunas, todas de pijamas ou roubes. Umas das moças olhou-a com surpresa e disse: — Estávamos apostando que você não viria.

— Pois estou aqui.

O ar estava cheio do aroma acre e adocicado da fumaça dos cigarros. Elizabeth percebeu que muitas garotas estavam fumando maconha, mas ela nunca havia passado por essa experiência. Uma das moças do quarto, uma francesa chamada Renée Tocar, aproximou-se de Elizabeth fumando um toco de cigarro marrom.

Deu uma longa tragada e ofereceu a Elizabeth: — Você fuma? Era mais uma afirmação do que uma pergunta.

— É claro — mentiu Elizabeth.

Ela pegou o cigarro, hesitou um momento, colocou-o entre os lábios e deu uma tragada. Sentiu um começo de náusea e um baque nos pulmões, mas conseguiu sorrir e murmurou: — Bom.

No momento em que Renée virou as costas, Elizabeth estendeu-se no sofá. Sentiu um começo de vertigem, mas isso passou num instante. Experimentou dar mais uma tragada. Começou a sentir a cabeça estranhamente leve. Elizabeth tinha lido alguma coisa sobre o efeito de maconha. Dizia-se que suprimia inibições e fazia a pessoa sair de si mesma. Aspirou novamente, bem fundo desta vez, e começou a ter uma sensação agradável de flutuação, como se estivesse em outro planeta. Via as moças no quarto e as ouvia falar, mas tudo estava confuso e indistinto, imagens e Sons. Fechou os olhos. No mesmo instante, saiu

flutuando pelo espaço. Era uma sensação deliciosa. Viu-se a voar sobre os telhados da escola e depois sobre os Alpes cobertos de neve, num mar de nuvens algodoadas. De repente, ouviu alguém chamá-la pelo nome, trazendo-a de volta à terra. Elizabeth abriu os olhos. Renée estava curvada sobre ela, com um ar de preocupação no rosto.

— Você está bem, Roffe?

Elizabeth sorriu, feliz, e murmurou: — Estou muito bem. — E confessou na sua infinita euforia. — É a primeira vez que fumo maconha.

— Maconha? — exclamou Renée. — Mas eu lhe dei apenas um Gauloise.

Do outro lado da aldeia, havia uma escola de rapazes, e as colegas de Elizabeth aproveitavam todas as oportunidades de encontrar-se com eles. As moças falavam constantemente sobre os rapazes. Sobre os corpos deles, o tamanho de seus órgãos, o que deixavam os rapazes fazer com elas e o que faziam com os rapazes. As vezes, Elizabeth tinha a impressão de que estava perdida dentro de uma escola cheia de ninfomaníacas delirantes.

Tinham a obsessão do sexo. Uma das moças ficara completamente nua e se deitava de costas na cama, enquanto outra a acariciava dos seios às coxas. O pagamento era um doce comprado na aldeia. Dez minutos de *frôlage* valia um doce. Em dez minutos, a moça em geral chegava ao orgasmo, mas, quando não acontecia, a garota incumbida das fr?lage podia continuar e ganhava mais um doce.

Outro divertimento sexual favorito era usufruído no banheiro. A escola tinha grandes banheiras antigas, equipadas com chuveiros manuais flexíveis que podiam ser retirados de um gancho na parede. As moças se sentavam na banheira, ligavam o chuveiro e, quando a água quente começava a correr, colocava o chuveiro

entre as pernas e o movia lentamente para cima e para baixo.

Elizabeth não praticava nem as *frôlage* nem os jogos com o chuveiro, mas os impulsos sexuais eram cada vez mais fortes dentro dela. Foi mais ou menos nessa época que ela fez uma descoberta que a deixou atordoada.

Uma das professoras de Elizabeth era uma mulher pequena chamada Harriot Chantal. Tinha cerca de trinta anos, e era um pouco mais que uma estudante. Tinha feições atraentes e quando sorria chegava a ser bela. Era a professora mais simpática de Elizabeth, que sentia profunda atração por ela. Sempre que se sentia infeliz, Elizabeth ia procurar Mlle Harriot e lhe contava seus problemas. A professora era uma ouvinte atenta.

Quando Elizabeth acabava, ela lhe tomava amistosamente a mão, dava-lhe conselhos sensatos e depois lhe oferecia uma xícara de chocolate quente com bolinhos. Imediatamente, Elizabeth se sentia melhor.

Mlle Harriot ensinava francês e dava também aulas sobre moda, em que acentuava a necessidade de estilo e harmonia de cores, bem como do uso de acessórios convenientes.

— Não se esqueçam de que o vestido mais elegante do mundo parecerá horrível se for usado com acessórios errados.

"Acessórios" era a divisa de Mlle Harriot.

Sempre que Elizabeth se encontrava na banheira quente, surpreendia-se a pensar em Mlle Harriot, na expressão do seu rosto quando estavam juntas e na maneira pela qual a professora lhe acariciava a mão com delicadeze e ternura.

Quando Elizabeth estava em outras aulas, o seu pensamento se voltava para Mlle Harriot e recordava as ocasiões em que a professora tinha passado os braços pelo corpo dela a fim de consolá-la e tinha tocado em

seus seios. A princípio, Elizabeth pensava que esses contatos fossem casuais, mas haviam se repetido, e, nessas ocasiões, Mlle Harriot havia olhado Elizabeth com carinho e interrogação, como se esperasse uma reação. Em sua imaginação, Elizabeth podia ver Mlle Harriot com seios fartos e pernas brancas, e pensou em como ela pareceria nua numa cama. Foi então que teve a súbita compreensão que a deixou aturdida.

Ela era lésbica.

Não estava interessada nos rapazes, porque gostava das mulheres. Não das tolinhas que eram suas colegas, mas de uma mulher sensível e compreensiva como Mlle Harriot. Elizabeth podia imaginar as duas juntas, a abraçar-se e confortar-se.

Elizabeth tinha lido e ouvido muitas coisas sobre as lésbicas e sabia como a vida era difícil para elas. A sociedade não aprovava o lesbianismo, considerava-o um crime contra a natureza. Mas que mal havia, pensava Elizabeth, em amar alguém profundamente? Que importância tinha que se tratasse de um homem ou de uma mulher? O importante não era o amor? Elizabeth pensou em como seu pai ficaria horrorizado quando soubesse a verdade. Ora, era uma coisa que ela teria de enfrentar. Era preciso reajustar as suas ideias sobre o futuro.

Nunca poderia ter uma vida normal como as outras moças, que iriam casar e ter filhos. Aonde quer que ela fosse, seria sempre uma mulher excluída e rebelde, que viveria longe da corrente da sociedade. Ela e Mlle Harriot Chantal viveriam num apartamento ou talvez numa casinha. Elizabeth decoraria tudo com cores suaves, sem faltar um só acessório necessário. Teriam graciosos móveis franceses e belos quadros nas paredes. O pai poderia ajudar... não, ela não queria nenhuma ajuda do pai. O mais provável era que ele nunca mais falaria com ela. Elizabeth pensou no seu guarda-roupa. Poderia ser uma lésbica, mas não se

vestiria como as mulheres da espécie. Nada de tweeds, calças compridas, ternos ou chapéus vagamente masculinos, que funcionariam como as campainhas de advertência dos leprosos para mulheres emocionalmente aleijadas. Procuraria ser sempre tão feminina quanto possível.

Resolveu aprender a ser uma grande cozinheira para fazer os pratos favoritos de Mlle Harriot Chantal. Imaginou as duas no seu apartamento ou na casinha, jantando à luz de velas os pratos que ela havia preparado. Primeiro, haveria uma vichyssoise, seguida de uma excelente salada. Depois, camarões ou talvez lagosta, quem sabe um chateaubriand, com um gostoso sorvete de sobremesa. Depois do jantar, sentariam no chão diante da lareira acesa, vendo a neve cair através das janelas.

Neve! Seria, portanto, no inverno. Elizabeth modificou às pressas o menu. Em lugar de uma vichyssoise fria, faria uma sopa de cebola ou talvez uma fondue. A sobremesa seria um suflê. Teria de aprender a tempo para não falhar. Em seguida, as duas ficariam sentadas diante do fogo, lendo poesia uma para a outra. T. S. Eliot talvez. Ou V. J. Rajadhon.

"O tempo é inimigo do amor,

Ladrão que abrevia

Todas as nossas horas douradas.

Nunca pude compreender por que os que amam contam a sua felicidade em dias, noites e anos,

Quando o amor só pode ser medido por alegrias, suspiros e lágrimas."

Ah... Elizabeth podia ver os anos se desenrolarem diante dela até a passagem do tempo dissolver-se num clarão dourado e quente.

Adormecia então.

Elizabeth estava esperando alguma coisa desse tipo, mas, quando aconteceu, colheu-a inteiramente de

surpresa. Acordou uma noite ao sentir que alguém entrava em seu quarto e fechava a porta sem fazer barulho. Abriu os olhos. Viu um vulto atravessar o quarto e aproximar-se da cama dela. A luz do luar que se infiltrava pelas janelas atingiu o rosto de Mlle Harriot Chantal. O coração de Elizabeth começou a bater desordenadamente.

— Elizabeth — disse Chantal num sussurro e deixou cair o robe.

Não estava usando nada por baixo. Elizabeth sentiu a boca seca. Pensava tanto naquele momento e, quando tudo estava acontecendo, sentia apenas medo. Na verdade, não sabia ao certo o que tinha de fazer ou como proceder. não queria parecer ridícula aos olhos da mulher que amava.

— Olhe para mim — ordenou Chantal.

Elizabeth olhou. Deixou os olhos correrem pelo corpo nu da outra. Harriot Chantal não era exatamente o que Elizabeth havia imaginado. Os seios lembravam maçãs enrugadas e eram um tanto caídos. Tinha uma pequena barriga arredondada e o derrière parecia — Elizabeth não encontrou outra palavra no momento — pendurado.

Mas nada disso tinha importância. O que importava era o que havia sob o exterior, a alma da mulher, a coragem que ela tinha de ser diferente, de desafiar o mundo inteiro e de querer passar o resto da vida com Elizabeth.

— Chegue para lá, mon petit ange — murmurou ela.

Elizabeth obedeceu, e a professora se deitou ao lado dela. O corpo dela tinha um forte cheiro de animal. Ela virou-se para Elizabeth, abraçou-a e disse: — Oh, chérie, tenho sonhado tanto com este momento! Beijou-a então, forçando a língua na boca de Elizabeth e dando pequenos gemidos.

Foi sem dúvida a sensação mais desagradável que Elizabeth já havia experimentado. Deixou-se ficar em

estado de choque, enquanto os dedos de Chantal — de Mlle Harriot — lhe percorriam o corpo, apertando seus seios, deslizando lentamente abaixo de seu estômago, em direção a suas coxas. E durante todo o tempo ela beijava Elizabeth, babando-se como um animal.

Era isso então. Era esse o momento mágico. "Se fôssemos uma só pessoa, você e eu, faríamos juntamente um universo que abalaria as estrelas e moveria os céus." As mãos de Mlle Harriot estavam acariciando as coxas de Elizabeth, tentando penetrar entre suas pernas. Rapidamente, Elizabeth procurou lembrar-se de todos os seus sonhos, dos jantares à luz de vela, dos suflês, das noites diante da lareira, dos anos de felicidade que as duas passariam juntas.

Não adiantou. Havia repulsa na carne e no espírito de Elizabeth. Sentiu como se seu corpo estivesse sendo violentado.

Mlle Harriot gemeu.

— Oh, chérie, quero comê-la.

E tudo o que Elizabeth conseguiu dizer foi: — Há um problema. Uma de nós não tem os acessórios necessários.

Começou então a chorar e a rir histericamente, lamentando ver morrer a visão dos jantares à luz de velas. Ria porque compreendia que era uma mulher normal, livre afinal daquela obsessão.

No dia seguinte, Elizabeth experimentou o esguicho do chuveiro.

Capítulo 13

Nas férias da Páscoa, no seu último ano na escola, aos dezoito anos de idade, Elizabeth foi passar dez dias na villa da Sardenha. Aprendera a

dirigir e, pela primeira vez, tinha liberdade de explorar a ilha sozinha. Fazia longas excursões pela costa e visitava as aldeias de pescadores. Tomava banho de mar na villa, sob o sol quente do Mediterrâneo, muitas vezes ficava acordada à noite na cama, ouvindo o vento a gemer nos rochedos ocos. Foi a uma festa em Tempos e encontrou toda a aldeia vestida com trajes tradicionais. Ocultas sob o anonimato das máscaras, as mo?as convidavam os rapazes para danças, e todos se sentiam estimulados a fazer coisas que não faziam em ocasiões normais. Um rapaz podia pensar que conhecia a moça com quem fizera amor à noite, mas na manhã seguinte já não tinha tanta certeza. Era, pensou Elizabeth, como se a aldeia inteira representasse *The guardsman*.

Foi até Punta Murra e viu os sardos assarem carneiros ao ar livre. Os homens da ilha lhe deram seada, um queijo de cabra, coberto de farinha de trigo e mel quente. Elizabeth bebeu também o delicioso selememont, o vinho local, que não se podia provar em nenhum lugar do mundo, pois era muito delicado para suportar a viagem.

Um dos lugares que Elizabeth gostava de frequentar era a Hospedaria do Leão Vermelho, em Porto Cervo. Era um pequeno restaurante localizado no porão, com dez mesas e um bar antigo.

Elizabeth deu àquelas férias o nome de Tempo dos Rapazes.

Eram filhos de ricos e chegavam em grupos, convidando Elizabeth para uma ronda constante de banhos de mar e passeios. Era isso o prelúdio do ato sexual.

— São todos muito bons partidos — assegurou-lhe o pai.

Para Elizabeth, eram todos uns grosseirões. Bebiam demais, falavam demais e apalpavam-lhe o corpo. Tinha certeza de que a procuravam não por ela mesma,

nem porque ela fosse inteligente ou tivesse valor como ser humano, mas apenas porque ela era uma Roffe, herdeira da fortuna da família. Elizabeth não tinha ideia de que havia se transformado numa bela mulher, porque era muito mais fácil acreditar nas suas lembranças do passado do que no que lhe dizia nessa época o espelho.

Os rapazes tomavam vinho e jantavam com ela, tentando depois levá-la para a cama. Percebiam que Elizabeth era virgem e cada qual sentia, na sua vaidade masculina, que aquela virgindade lhe estava destinada e que bastaria conquistá-la para Elizabeth apaixonar-se e ser uma escrava pelo resto da vida. não desistiam. Fosse para onde fosse que levassem Elizabeth, sempre terminavam a noite convidando-a a ir para a cama. Ela recusava com polidez, mas com firmeza.

Os rapazes não podiam compreendê-la. Achavam-na bonita e, portanto, devia ser um pouco inteligente. Nunca lhes ocorrera que ela fosse mais inteligente do que eles. Quem já ouvira falar de uma moça ao mesmo tempo bonita e inteligente? Assim Elizabeth saía com os rapazes para fazer a vontade do pai, mas aborrecia-se com todos eles. Rhys Williams apareceu na villa, e Elizabeth ficou surpresa com o prazer que sentiu ao vê-lo. Estava ainda mais simpático do que da outra vez.

Rhys Williams também sentiu prazer em vê-la.

— Que foi que houve com você? — perguntou ele.

— Como assim?

— Tem-se olhado no espelho ultimamente?

Elizabeth se voltou e respondeu: — Não.

Ele se voltou para Sam e disse: — A menos que todos os rapazes sejam cegos, surdos e mudos, acho que não vamos ter Elizabeth conosco por muito tempo.

Conosco! Elizabeth gostou de ouvi-lo dizer isso. Ficava com os dois homens tanto quanto podia,

servindo-lhes bebidas, prestando pequenos favores, contente apenas de olhar para Rhys.

Às vezes, Elizabeth ficava num canto da sala, enquanto eles falavam de negócios, e sentia-se fascinada. Falavam de fusões, de novas fábricas, de produtos que tinham feito sucesso e de outros que haviam falhado, debatendo as causas. Falaram dos concorrentes e planejavam campanhas e estratégias. Tudo isso parecia empolgante para Elizabeth.

Um dia, quando Sam estava trabalhando na sala da torre, Rhys convidou Elizabeth para almoçar. Levou-a para o Leão Vermelho, jogou dados com os homens do bar, e Elizabeth se admirou de como Rhys parecia à vontade ali. Era um homem que se adaptava a qualquer ambiente. Ouvira um dia uma expressão espanhola, que não compreendera na ocasião. Mas, vendo Rhys, entendia o que os espanhóis queriam dizer quando afirmavam que um homem "cabia bem dentro de sua pele".

Sentaram-se a uma mesinha de canto com uma toalha vermelha e branca e comeram empadão de carneiro acompanhado de cerveja.

Rhys lhe perguntou como ia a escola.

— Não é tão ruim quanto eu pensava — disse Elizabeth. Ao menos, tive consciência da minha ignorância.

Rhys sorriu. — São raras as pessoas que adquirem essa consciência. Você concluirá o curso em junho, não é?

Elizabeth estranhou que ele soubesse disso e respondeu: — É verdade.

— Já sabe o que quer fazer quando sair de lá?

Pensara muito nisso e ainda não encontrara uma resposta.

— Não. Ainda não sei.

— Tem algum interesse em se casar?

Por um instante, o coração dela falhou uma batida.

Compreendeu então que a pergunta tinha apenas um interesse geral.

— Não. Ainda não encontrei ninguém.

Pensou então em Mlle Harriot e nos jantares íntimos diante da lareira com a neve caindo lá fora, e deu uma risada.

— Há algum segredo? — perguntou Rhys.

— Segredo?

Gostaria de contar tudo a ele, mas ainda não o conhecia bem.

Na verdade, quase não o conhecia. Era um desconhecido elegante e simpático que um dia tivera pena dela e a levara para comemorar seu aniversário com um jantar em Paris. Sabia que ele era brilhante no mundo dos negócios e que seu pai na verdade confiava nele. Mas nada sabia da vida particular dele ou do que ele na realidade era. Observando-o, Elizabeth tinha a impressão de que se tratava de um homem de várias camadas, que só mostrava algumas emoções para esconder aquelas que realmente sentia. Era de duvidar que alguém o conhecesse de fato.

Rhys Williams foi responsável pela perda da virgindade de Elizabeth. A ideia de ir para a cama com um homem era a cada dia mais imperiosa para Elizabeth. Em parte, era um impulso físico que de vez em quando se apoderava dela em ondas de frustração e uma urgência necessária, difícil de desaparecer. Mas havia também a curiosidade, a vontade de saber como era. É claro que não poderia ir para a cama com qualquer homem. Tinha de ser alguém com quem ela simpatizasse e que simpatizasse com ela.

Num sábado, o pai de Elizabeth deu um jantar de gala na villa.

— Escolha o seu melhor vestido — disse ele à filha. — Quero mostrá-la a todos.

Emocionada, Elizabeth pensou que seria par de Rhys. Quando Rhys chegou, estava acompanhado de uma

princesa italiana loura.

Elizabeth se sentiu insultada e traída, tanto que à meia-noite saiu da festa e foi para a cama com um pintor russo barbudo, chamado Vassilov.

O breve caso foi um desastre. Elizabeth estava tão nervosa e o pintor, tão bêbado, que para ela não houve começo, meio, nem fim. As manobras preliminares se limitaram a Vassilov tirar as calças e se jogar na cama. A essa altura, Elizabeth só tinha vontade de fugir, mas resolveu ir até o fim para castigar Rhys por sua perfídia. Despiu-se e deitou-se na cama. Um instante depois, sem qualquer aviso, Vassilov estava penetrando-a. Era uma sensação estranha. Não podia ser considerada desagradável, mas também não era nada de fazer a terra tremer. Sentiu o corpo de Vassilov estremecer e, um instante depois, o pintor estava estendido na cama, roncando. Elizabeth ficou ali, com nojo de si mesma. Era difícil acreditar que tantas canções, tantos livros, tantos poemas se referissem àquilo.

Pensou em Rhys e teve vontade de chorar.

Silenciosamente, vestiu-se e voltou para casa. Quando o pintor telefonou para ela na manhã seguinte, mandou dizer que não estava. No outro dia, Elizabeth voltou para a escola.

Voou no jato da companhia, juntamente com o pai e Rhys. O avião, construído para comportar cem passageiros, fora transformado numa aeronave de luxo. Havia na cauda dois camarotes bem decorados, ambos com banheiros completos, um escritório, uma sala confortável e uma cozinha totalmente equipada. Elizabeth dizia que o avião era o tapete mágico de seu pai.

Os dois homens falaram de negócios a maior parte do tempo.

Quando Rhys ficou livre, jogou uma partida de xadrez com Elizabeth. A partida terminou empatada, e

Rhys a elogiou, dizendo que nunca havia pensado que ela jogasse tão bem.

Elizabeth corou de prazer.

Os últimos meses na escola passaram rapidamente. Era tempo de começar a pensar no futuro. A pergunta de Rhys: "Já sabe o que fazer quando sair de lá?" não lhe saía do pensamento, mas ainda não sabia. Entretanto, graças ao velho Samuel, Elizabeth ficara encantada com a empresa da família. Gostaria de trabalhar nela. Não sabia ainda o que poderia fazer. Talvez começasse ajudando o pai. Contavam-se ainda histórias da maravilhosa anfitriã que fora sua mãe, do inestimável auxílio para Sam.

Começaria procurando ficar no lugar da mãe. Seria um bom início.

Capítulo 14

A mão do embaixador da Suécia estava apertando as nádegas de Elizabeth, e ela procurou não tomar conhecimento disso enquanto dançavam através do salão. Sorria e com os seus olhos bem-treinados inspecionava tudo, os convidados elegantemente vestidos, a orquestra, os empregados de libré, o bufê, em que se amontoavam pratos exóticos e excelentes vinhos, concluindo, satisfeita, que a festa estava muito boa.

Estavam no salão de baile da casa de Long Island. Havia duzentos convidados, todos importantes para a Roffe and Sons.

Elizabeth percebeu que o embaixador apertava o corpo contra o dela, tentando excitá-la. Ele tocou com a língua a orelha dela e murmurou: — Sabe que dança muito bem?

— E o senhor também — disse Elizabeth com um sorriso.

Mas errou o passo deliberadamente e pisou no pé do embaixador, com toda a força, com seu salto fino. Ele deu um grito de dor, e Elizabeth exclamou contritamente: — Perdão, embaixador. Espere aqui que vou buscar-lhe um drinque.

Deixou-o e dirigiu-se para o bar, abrindo caminho entre os convidados, correndo os olhos cuidadosamente pelo salão, para ver se tudo estava perfeito.

Perfeição — era tudo que o pai exigia. Elizabeth havia sido a anfitriã já numa centena de recepções de Sam, mas ainda não aprendera a descontrair. Cada festa era um acontecimento, uma noite de estreia, com uma porção de coisas que podiam sair erradas. Entretanto, nunca se sentira mais feliz. O seu sonho de menina de viver perto do pai, que a queria e precisava dela, havia se tornado realidade. Aprendera a ajustar-se ao fato de que as necessidades de seu pai eram impessoais e de que sua importância se limitava, para ele, à contribuição que pudesse dar à companhia. Era esse o único critério de Sam Roffe para julgar as pessoas. Elizabeth conseguira preencher a lacuna existente desde a morte de sua mãe. Passara a ser uma anfitriã.

Mas, como Elizabeth era uma moça muito inteligente, passara a ser mais que isso. Comparecia a conferências comerciais com o pai e o acompanhava em aviões, em suítes de hotéis no estrangeiro, em fábricas, embaixadas e palácios. Via o pai exercer o seu poder, empregando os bilhões de dólares a sua disposição para comprar e vender, para derrubar e construir. A Roffe and Sons era uma vasta cornucópia, e Elizabeth via o pai dispensar as suas dádivas aos amigos e recusar qualquer concessão aos inimigos. Era um mundo fascinante, cheio de pessoas interessantes, e Sam Roffe dominava tudo.

Quando Elizabeth correu os olhos pelo salão de baile, viu Sam perto do bar, conversando com Rhys, um primeiro-ministro e um senador da Califórnia. O pai a chamou e ela se encaminhou para ele, pensando no tempo em que, três anos antes, tudo começara.

Elizabeth tinha voado para casa no dia da formatura. Sua casa, então, era o apartamento em Beekman Place, Nova York.

Rhys estava lá com o pai. Ela esperava certamente encontrá-lo.

Levava a imagem dele nos recantos secretos dos seus pensamentos e, sempre que estava sozinha, reconfortava-se com as recordações. A princípio, tudo tinha parecido sem esperança.

Ela era uma colegial de quinze anos e ele, um homem de vinte e cinco. Esses dez anos de diferença podiam muito bem ser cem.

Mas, graças a alguma admirável alquimia matemática, aos dezoito anos a diferença de idade já parecia ter menos importância.

Era como se ela estivesse amadurecendo mais depressa do que Rhys, na ânsia de alcançá-lo.

Os dois homens se levantaram quando ela entrou na biblioteca, onde estavam falando de negócios. Sam disse calmamente: — Ah, Elizabeth... já chegou?

— Já.

— Disse então adeus à escola?

— Disse, sim.

— Muito bem.

E não passou daí a cordialidade com que o pai a recebeu de volta para casa. Rhys, porém aproximou-se dela com um sorriso.

Parecia sinceramente satisfeito de vê-la.

— Você está ótima, Liz! Como foi a formatura? Sam queria muito ir, mas não pôde fazer a viagem.

Ele estava dizendo todas as coisas que cabia ao pai dela dizer.

Elizabeth se aborreceu de ter ficado magoada. Sabia que, na verdade, o pai não deixara de amá-la, mas estava entregue a um mundo de que ela não fazia parte. Teria levado um filho para esse mundo; uma filha, era impossível. Ela não se ajustava de modo algum à mecânica da companhia.

— Vim interromper — murmurou ela, encaminhando-se para a porta.

— Espere um pouco — disse Rhys. — Ela chegou bem na hora, Sam. Pode nos ajudar na festa de sábado à noite.

Sam olhou para Elizabeth, examinou-a objetivamente, como se quisesse aquilatar o seu valor. Parecia-se com a mãe. Tinha a mesma beleza, a mesma elegância natural. Um lampejo de interesse brilhou nos olhos de Sam. Nunca lhe havia ocorrido a ideia de que ela pudesse dar uma contribuição positiva aos interesses da Roffe and Sons.

— Você tem um vestido adequado?

Elizabeth olhou-o, surpresa, e murmurou: — Eu...

— Não tem importância. Compre o vestido. Sabe o que deve fazer numa festa?

— Sem dúvida. É claro que sei o que se deve fazer numa festa.

Não era essa uma das vantagens de uma boa escola suíça? Ensinam lá todos os princípios e regras da sociedade.

— Ótimo. Convidei um grupo da Arábia Saudita. Devem vir mais ou menos...

Voltou-se para Rhys, que sorriu para Elizabeth e disse: — Mais ou menos umas quarenta pessoas.

— Deixem tudo comigo — disse então Elizabeth, cheia de confiança.

O jantar foi um desastre completo.

Elizabeth tinha dito ao cozinheiro que preparasse coquetel de caranguejo, seguido de cassoulets individuais, que seriam servidos com bons vinhos. Infelizmente, os cassoulets tinham carne de porco e os árabes não tocavam nem em crustáceos, nem em carne de porco. Não tomavam, além disso, bebidas alcoólicas.

Os convidados olharam para a comida, mas não provaram coisa alguma. Elizabeth, sentada na cabeceira da mesa, tendo o pai na outra cabeceira, ficou petrificada de vergonha, sentindo sua derrota.

Foi Rhys Williams que salvou a noite. Desapareceu por um instante no escritório e telefonou. Voltou então para o salão de jantar e começou a distrair os convidados, contando histórias divertidas, enquanto os empregados tiravam os pratos da mesa.

Quase no mesmo instante, segundo pareceu, uma frota de caminhões chegou ao edifício e, como por encanto, uma variedade de pratos começou a aparecer na mesa. Cuscuz árabe e carneiro en brochete, travessas de peixe e galinha assada, seguidos de doces, queijos e frutas secas. Todos apreciaram a comida, menos Elizabeth. Estava tão acabrunhada que não conseguia engolir um só bocado. Sempre que olhava para Rhys, este a estava observando com um brilho de cumplicidade no olhar. Elizabeth não saberia explicar a razão, mas estava mortificada com o fato de que Rhys não só tivesse assistido a sua desmoralização, mas ainda a tivesse salvo. Quando tudo terminou e os convidados saíram com relutância já nas primeiras horas da madrugada, Elizabeth, Sam e Rhys se reuniram na sala de estar.

Rhys estava servindo conhaque.

Elizabeth respirou fundo e voltou-se para o pai.

— Desculpe o que houve no jantar. Se não fosse Rhys...

— Tenho certeza de que da próxima vez você se sairá melhor — disse Sam, sem maior interesse.

Mas Sam acertou. Dali por diante, quando havia uma recepção, fosse para quatro ou quatrocentas pessoas, Elizabeth fazia pesquisa sobre os convidados, descobria seus gostos e preferências, e até o tipo de acolhimento que lhes agradava.

Tinha um catálogo com fichas de cada pessoa. Os convidados se sentiam envaidecidos de encontrar sempre o vinho, o uísque ou os charutos de que gostavam, e de ter em Elizabeth uma pessoa que podia conversar com conhecimento de causa sobre o assunto que mais lhes interessava.

Rhys comparecia a quase todas as recepções, sempre acompanhado de belas mulheres. Elizabeth detestava-as todas, mas procurava imitá-las. Se Rhys aparecia com uma mulher com os cabelos penteados para trás, ela tentava o mesmo penteado.

Procurava imitá-las em tudo. Mas nada disso parecia impressionar Rhys. Ao contrário, não notava coisa alguma.

Frustrada, Elizabeth resolveu afinal ser ela mesma e não imitar mais ninguém.

Na manhã do seu vigésimo primeiro aniversário, quando Elizabeth desceu para o café, o pai lhe disse: — Encomende algumas entradas de teatro para esta noite. Depois vamos jantar no 21.

Elizabeth pensou que o pai se tivesse lembrado do seu aniversário e ficou radiante.

Mas Sam acrescentou: — Seremos doze pessoas. Vamos comemorar os novos contratos bolivianos.

Ela nada disso sobre o aniversário. Recebeu alguns telegramas de antigas colegas, e foi só. Às seis da tarde recebeu um enorme buquê de flores. Elizabeth pensou que fossem do pai. Mas o cartão que acompanhava as flores dizia: "Um belo dia para uma bela mulher. Rhys." O pai saiu de casa às sete horas

para o teatro. Viu as flores e perguntou: — Algum pretendente? Elizabeth teve vontade de dizer que se tratava de um presente de aniversário, mas de que adiantava? Quando se tem de lembrar o próprio aniversário a uma pessoa amada, então é tudo inútil.

Viu o pai sair e ficou sem saber o que faria naquela noite. Os vinte e um anos sempre tinham lhe parecido um marco importante na vida. Significavam a maioridade, a liberdade, a transformação numa mulher. Bem, o dia mágico havia chegado, e ela não se sentia diferente em nada do que tinha sido no ano anterior ou dois anos antes. Por que ele não se lembrara? Se fosse um filho, teria esquecido?

O mordomo apareceu para lhe perguntar sobre o jantar.

Elizabeth não estava com fome. Sentia-se sozinha e abandonada.

Sabia que estava pensando demais em si mesma, mas o que podia fazer? O que ela lamentava não era apenas aquele aniversário solitário, mas todos os outros aniversários do passado. A dor cresceu sozinha, sem ter uma mãe, um pai ou qualquer pessoa que tivesse o menor interesse por ela.

Às dez da noite, estava vestida com um robe, sentada no escuro, diante da lareira. De repente, ouviu uma voz que dizia: — Parabêns pra você!

As luzes se acenderam e ela viu Rhys Williams. Encaminhou-se para ela e disse: — Isso lá é maneira de festejar seu aniversário? Quantas vezes você pensa que vai fazer vinte e um anos?

— Pensei que você estivesse com meu pai esta noite — disse ela, agitada.

— Eu estava lá. Mas saí quando ele disse que você tinha ficado em casa. Vista-se e vamos jantar.

Elizabeth abanou a cabeça. Não queria aceitar a compaixão dele.

— Agradeço muito, Rhys. Mas não estou realmente com fome.

— Mas eu estou com fome e não gosto de comer sozinho. Tem cinco minutos para se vestir. Do contrário, vou levá-la como está.

Comeram numa lanchonete, em Long Island, hambúrgueres com chili, batatas fritas e cebolas, tudo acompanhado de refrigerantes. Conversaram muito, e Elizabeth pensou que aquele jantar ainda era melhor do que o do Maxim's. Toda a atenção de Rhys se concentrava nela, e ela começou a compreender por que ele atraía tanto as mulheres. Não se tratava apenas de sua aparência física. Era também o fato de que ele gostava realmente das mulheres e sentia prazer na companhia delas. Fez Elizabeth sentir-se como alguém especial, alguém cuja companhia ele preferia à de qualquer outra pessoa do mundo. Não era de admirar que as outras se apaixonassem por ele.

Rhys contou-lhe um pouco da sua infância no País de Gales e fez tudo parecer admirável, aventuroso e alegre.

— Saí de casa, Liz porque havia em mim a fome de ver tudo e fazer tudo. Queria ser as pessoas que eu via. Eu não era o bastante para mim. Pode compreender isso?

Como ela compreendia bem tudo aquilo!

— Trabalhei em parques, em praias e houve um verão em que trabalhei levando turistas em *coracle* pelo Rhosili...

— Espere um pouco, Rhys. O que é *coracle* e o que é Rhosili?

— O Rhosili é um rio turbulento e veloz, cheio de correntezas e corredeiras. Os *coracles* são barcos feito de armação de madeira coberta de couro. Devem ser anteriores aos romanos. Nunca esteve no País de Gales? Você adoraria aquilo. Há uma cachoeira no vale de Neath que é? uma das coisas mais belas do mundo. Há

tantos lugares bonitos para ver!... Aber-Eiddi, Caerbwdi, Porthclais, Kilgetty, Llangwm....

E as palavras lhe rolavam dos lábios como uma cadência musical.

— É uma terra ainda selvagem e primitiva, cheia de surpresas mágicas.

— Apesar disso, você deixou o País de Gales...

Rhys sorriu e disse: — Era a fome que havia em mim. Eu queria ser dono do mundo...

O que ele não disse foi que a fome ainda não se aplacara no coração.

No decorrer dos três anos seguintes, Elizabeth tornou-se indispensável ao pai. Sua função era tornar a vida dele confortável para que pudesse concentrar-se naquilo que tinha exclusiva importância para ele: os negócios. Os detalhes de sua vida particular eram inteiramente confiados a Elizabeth. Ela contratava e despedia empregados, abria e fechava várias casas de acordo com as necessidades do pai e presidia as recepções para ele.

Mais ainda, ela se tornou os olhos e os ouvidos de Sam.

Depois de uma reunião de negócios, Sam pedia a opinião dela sobre este ou aquele homem ou lhe explicava por que tinha agido desta ou daquela maneira. Ela o via tomar decisões que afetavam a vida de milhares de pessoas e envolviam centenas de milhões de dólares. Tinha visto chefes de Estado pedirem a Sam que abrisse uma fábrica ou deixasse de fechar outra.

Depois de uma dessas reuniões, Elizabeth disse ao pai: — É incrível! É como se você estivesse governando um país.

Sam riu e replicou: — A Roffe and Sons tem receita superior à de três ou quatro dos países do mundo.

Nas suas viagens com o pai, Elizabeth conheceu as outras pessoas da família Roffe, seus primos e primas e as pessoas com quem eram casados.

Quando era mocinha, vira-os quando iam visitar seu pai ou quando ela ia visitá-los nas breves férias da escola.

Simonetta e Ivo Palazzi, em Roma, tinham sido sempre os mais agradáveis. Eram francos e cordiais, e Ivo sempre fizera Elizabeth sentir-se mulher. Ivo era encarregado da divisão italiana da Roffe and Sons, e sempre se saíra muito bem. As pessoas gostavam de tratar com ele. Elizabeth se lembrava do que lhe dissera uma das suas colegas depois de conhecê-lo: "Sabe por que eu gosto de seu primo? Tem calor e fervor."

Ivo era assim: calor e fervor.

Havia depois Hélène Roffe-Martel e seu marido Charles, em Paris. Elizabeth nunca havia realmente compreendido Hélène, nem se sentia à vontade com ela. Era sempre gentil com ela, mas havia uma fria reserva que Elizabeth não conseguia romper.

Charles era o chefe da filial francesa da Roffe and Sons. Era competente, embora, segundo dizia Sam, lhe faltava energia.

Podia cumprir ordens, mas não tinha espírito de iniciativa. Sam nunca o substituíra porque, apesar de tudo, a filial francesa era muito rentável. Elizabeth suspeitava de que Hélène Roffe-Martel fosse em grande parte a causa desse sucesso.

Elizabeth gostava da prima alemã Anna Roffe Gassner e de seu marido Walther. Lembrava-se de ter ouvido dizer nas conversas de família que Anna se casara com um homem socialmente inferior. Walther Gassner era considerado na família uma ovelha negra, um caça-dotes, que se casara com uma mulher feia e mais velha do que ele, com os olhos no dinheiro dela. Elizabeth não achava sua prima feia. Entendia que era

de uma pessoa tímida e sensível, reservada e um pouco apavorada diante da vida. E Elizabeth gostou de Walther desde o primeiro instante. Tinha o perfil clássico de um astro de cinema, mas não se mostrava arrogante nem falso. Parecia amar sinceramente Anna, e Elizabeth não acreditava nas coisas terríveis que dele contavam.

Entre todos os parentes, Alec Nichols era o predileto de Elizabeth. A mãe dele tinha sido uma Roffe que se casara com Sir George Nichols, terceiro baronete. Era a Alec que Elizabeth havia sempre recorrido quando tinha um problema. Talvez em vista da sensibilidade e da gentileza de Alec, a menina sempre o julgara seu igual e só agora compreendia que grande elogio isso representava para Alec. Ele sempre a tratara em pé de igualdade, disposto a oferecer-lhe ajuda e conselhos.

Elizabeth se lembrava de que, num momento de grande desespero, resolvera fugir de casa. Arrumou as roupas numa maleta e então, num súbito impulso, telefonou para Alec em Londres a fim de despedir-se dele. Ele estava participando de uma reunião, mas foi ao telefone e falou com Elizabeth por mais de uma hora. Ao fim da conversa, Elizabeth resolveu perdoar o pai e dar-lhe mais uma chance.

Assim era Sir Alec Nichols. Vivian, a mulher dele, era, porém, completamente diferente. Tanto quanto Alec era generoso e gentil, Vivian era egoísta e imprevidente. Era a criatura mais egocêntrica que Elizabeth já havia conhecido.

Anos antes, quando Elizabeth estava passando um fim de semana na casa de campo deles, em Gloucestershire, foi fazer um piquenique sozinha. Mas começou a chover e ela voltou para casa. Entrou pela porta dos fundos e atravessava o corredor quando ouviu vozes alteradas no escritório.

— Estou cansada de servir de babá para essa fedelha — dizia Vivian. — Pode ficar com sua priminha danada e tratar de diverti-la esta noite. Vou a Londres. Tenho um compromisso.

— Você pode cancelar esse compromisso, Vivian. A menina só vai ficar mais um dia conosco e depois...

— Sinto muito, Alec. Estou precisando de homem, e é isso que eu vou fazer esta noite.

— Pelo amor de Deus, Vivian!

— Veja se me esquece! E não tente viver minha vida por mim!

Neste momento, antes que Elizabeth pudesse mover-se, Vivian saiu impetuosamente do escritório. Olhou de relance o rosto espantado de Elizabeth e disse alegremente: — Já voltou, queridinha?

E subiu.

Alec chegou à porta do escritório e disse gentilmente: — Entre, Elizabeth.

Ela acompanhou o primo sem muita disposição. O rosto de Alec estava vermelho de vergonha e confusão. Elizabeth gostaria muito de consolá-lo, mas não sabia o que dizer. Alec dirigiu-se para uma mesa grande de refeitório, pegou um cachimbo, encheu-o de fumo e acendeu-o.

Elizabeth teve a impressão de que ele gastara um tempo enorme nisso.

— Você deve compreender Vivian.

— Alec, não tenho nada com isso. Eu...

— De certo modo tem, Elizabeth. Você é da família e eu não quero que pense mal dela.

Elizabeth não podia acreditar. Depois da horrível cena que acabara de presenciar, Alec estava querendo defender a mulher.

— Às vezes, num casamento — continuou Alec —, marido e mulher têm necessidades diferentes. Não quero que você pense mal de Vivian pelo fato de eu não poder

atender a certas necessidades dela. Vivian não tem culpa...

Elizabeth não pôde conter-se.

— Ela costuma... gozar da companhia de outros homens?

— Creio que sim — respondeu Alec.

Elizabeth ficou horrorizada. — Por que não a deixa então?

Alec deu-lhe um sorriso. — Não posso, minha filha. Acontece que eu gosto dela.

No dia seguinte, Elizabeth voltou para a escola. Mas, a partir desse dia, sentiu-se mais do que nunca ligada a Alec.

Elizabeth vivia ultimamente muito preocupada com o pai. Ele parecia ter algum problema, e ela não fazia a menor ideia do que fosse. Chegara um dia a perguntar e ele dissera: — Apenas um pequeno problema que tenho de resolver. Depois lhe conto tudo.

Havia se tornado muito reservado, e Elizabeth não tinha mais acesso a seus papéis particulares. Quando ele lhe disse que ia partir no dia seguinte para Chamonix a fim de fazer um pouco de alpinismo, Elizabeth ficou satisfeita. Sabia que ele precisava de um pouco de repouso. Tinha emagrecido e andava pálido e abatido.

— Vou fazer as reservas para você.

— Não precisa, Elizabeth. Já estão feitas.

Também isso não estava nos hábitos dele. Partiu para Chamonix na manhã seguinte. Foi a última vez em que o viu. Nunca mais o veria...

Elizabeth ficou deitada no quarto às escuras, recordando.

Havia uma impressão de irrealidade persistente em torno da morte de seu pai.

Ela era a última descendente direta da família Roffe. Se não fosse ela, o nome desapareceria. O que

aconteceria à empresa? Seu pai sempre tivera o controle acionário nas mãos. Para quem teria ele deixado as suas ações? Elizabeth ficou sabendo na tarde seguinte. O advogado de Sam apareceu em sua casa.

— Trouxe uma cópia do testamento de seu pai. Sinto muito importuná-la num momento triste como este, mas creio que é bom que fique sabendo o quanto antes. É a herdeira universal de seu pai. Isso quer dizer que as ações que representam o controle da maioria da Roffe and Sons estão em suas mãos.

Elizabeth não podia acreditar. Sam não devia ter certamente esperado que ela pudesse dirigir a empresa...

— Por quê? Por que eu?

O advogado hesitou um pouco e disse: — Permita-me falar-lhe com toda a franqueza. Seu pai era um homem relativamente novo. Tenho certeza de que esperava ainda ter muitos anos de vida. Com o tempo, ele faria naturalmente outro testamento, apontando a pessoa que deveria assumir o controle da companhia. Com toda a certeza, ainda não havia resolvido nada. Mas tudo agora não tem importância. A realidade é que o controle está em suas mãos e cabe-lhe decidir o que fazer, bem como escolher a pessoa que dirigirá a empresa. Nunca houve uma mulher na diretoria da Roffe and Sons, mas, no momento pelo menos, terá de tomar o lugar de seu pai. Há uma reunião da diretoria, na sexta-feira, em Zurique. Poderá comparecer?

Sam não esperaria outra coisa dela. E o velho Samuel também.

— Estarei lá — disse Elizabeth.

LIVRO 2

Capítulo 15

Portugal. Quarta-feira, 9 de setembro. Meia-noite.

Num quarto de um pequeno apartamento da Rua dos Bombeiros, Numa das ruas escusas e tortuosas do Alto Estoril, estavam rodando uma cena para um filme. Havia quatro pessoas no quarto.

Um cameraman, os dois atores sentados na cama, um homem de cerca de trinta anos e uma mulher loura e jovem de uma beleza estonteante, que não usava coisa alguma a não ser uma fita vermelha em volta do pescoço. O homem era alto, com ombros largos de atleta e um peito largo, Estranhamente desprovido de pêlos. Seu pênis, mesmo não erecto, era enorme. A quarta pessoa era um espetador, sentado em segundo plano. Usava óculos escuros e um chapéu preto de abas largas.

O cameraman olhou para o espetador e este lhe fez um sinal.

O cameraman ligou a máquina e disse aos atores: — Pronto! Ação! O homem ajoelhou-se ante a mulher, e ela tomou seu pênis na boca, até que ele começou a endurecer. Numa pausa a mulher disse: — Nossa, como é grande! E depois, à ordem do cameraman, o homem penetrou-a.

— Devagar, querido. — Ela tinha uma voz alta e lamuriosa.

— Parece que você está gostando.

— Como posso gostar? Tem o tamanho de uma melancia.

O espetador se inclinava na sua cadeira e acompanhava tudo o que estava acontecendo. Estava com

a respiração ofegante.

Aquela mulher era a terceira, e ainda mais bela que as outras.

A mulher começou a agitar-se e a gemer na cama.

— Sim, sim — gemeu. — Não pare! — Ela segurou o homem pelos quadris e puxou-o em sua direção. O homem reagiu fazendo movimentos mais vigorosos e rápidos. Ela enterrou suas unhas nas costas nuas do homem. — Oh, sim — ela gemeu -, sim, sim, sim! Vou gozar! O cameraman voltou-se para o espetador e este fez um sinal, com os olhos a brilhar por trás dos óculos escuros.

— Agora! — disse o cameraman ao homem em cima da cama.

A mulher, empolgada nas suas sensações, nem o ouviu. Enquanto seu rosto se enchia de êxtase, as grandes mãos do homem se fecharam em torno do seu pescoço e ela começou a debater-se, num esforço desesperado para respirar. Olhou para o homem, espantada, e então os seus olhos encheram-se de uma súbita e aterrorizada compreensão.

O espetador pensou: É esse o momento! Os olhos dela! Os olhos estavam dilatados de terror. Lutou em vão para livrar-se das mãos de ferro que lhe apertavam o pescoço. O seu orgasmo e os estertores da morte se fundiram.

O espetador tinha o corpo ensopado de suor. A excitação era insuportável. No meio do mais refinado prazer da vida, a mulher morria.

De súbito, tudo acabou. O espetador estava exausto, abalado por espasmos, com os pulmões cheios de longos haustos entrecortados. A mulher fora punida.

O espetador se sentia como um deus.

Capítulo 16

Zurique. Sexta-feira, 11 de setembro. Meio-dia.

A sede mundial da Roffe and Sons ocupava vinte e cinco hectares ao lado do Sprettenbach, nos arredores da parte oeste de Zurique. O edifício da administração consistia numa estrutura moderna de doze andares com paredes de vidro, elevando-se sobre um imenso conjunto de edifícios de pesquisa, fábricas, usinas, laboratórios experimentais, divisões de planejamento e ramais de caminhos de ferro. Era o centro nervoso do vasto império da Roffe and Sons.

O vestíbulo de recepção era arrojadamente moderno, decorado de verde e branco, os móveis dinamarqueses. Uma recepcionista ficava sentada a uma mesa de vidro, e as pessoas admitidas no interior do edifício tinham de ser acompanhadas por um guia.

Nos fundos do vestíbulo, do lado direito, havia uma série de elevadores, um deles reservado para o presidente da companhia.

Naquela manhã, esse elevador particular tinha sido usado pelos componentes da diretoria. Haviam chegado nas últimas horas vindos de vários pontos do mundo, de avião, trem, helicópteros e automóvel. Estavam reunidos naquele momento no grande salão da diretoria, de alto pé-direito e paredes revestidas de carvalho. Lá estavam Sir Alec Nichols, Walther Gassner, Ivo Palazzi e Charles Martel. A única pessoa presente que não fazia parte da diretoria era Rhys Williams.

Refrescos e drinques estavam servidos numa mesa ao lado, mas ninguém se mostrava interessado. Todos estavam tensos e nervosos.

Kate Erling, uma suíça eficiente de quase cinquenta anos, entrou na sala e anunciou: — O carro da Senhorita Roffe acaba de chegar.

Correu os olhos pela sala a fim de ver se tudo estava em ordem: canetas, blocos de papel e garrafas de prata com água diante de cada cadeira, charutos e

cigarros, cinzeiros e fósforos. Kate Erling fora secretária particular de Sam Roffe durante quinze anos. O fato de ele estar morto não era motivo para que ela baixasse os seus padrões de eficiência. ao ver que tudo estava correto, retirou-se da sala.

Embaixo, em frente ao edifício da administração, Elizabeth Roffe estava saltando de um carro. Usava um costume escuro e uma blusa branca. Não tinha qualquer maquilhagem. Parecia ter menos do que os seus vinte e quatro anos e estava muito pálida e abatida.

Os jornalistas estavam à espera dela. Foi logo cercada pelos repórteres dos jornais e da televisão, munidos de câmaras e microfones.

-Sou do L'Europeu, Senhorita Roffe. Quer fazer alguma declaração.

Quem vai dirigir agora a companhia? — Olhe para cá, Senhorita Roffe. Pode dar um sorriso para os nossos leitores? — Sou da Associated Press, Senhorita Roffe. Quer falar sobre o testamento de seu pai? — Do Daily News, de Nova York. Seu pai não era um bom alpinista? Já o encontraram? — Do Wall Street Journal. Quer dizer-nos alguma coisa sobre a situação da companhia? — Sou do Times, de Londres. Pretendemos escrever um artigo sobre a Roffe e...

Elizabeth seguiu pelo vestíbulo, escoltada por três guardas de segurança que abriam caminho por entre os repórteres.

— Mais uma fotografia, Senhorita Roffe...

Elizabeth se viu por fim no elevador, cujas portas se fecharam. Deu um suspiro e estremeceu. Sam estava morto. Porque não a deixavam em paz? Alguns instantes depois, Elizabeth entrava na sala da diretoria. Alec Nichols foi a primeira pessoa a cumprimentá-la. Passou os braços pelos ombros dela e disse: — Meus sentimentos, Elizabeth. Foi um choque para todos nós.

Vivian e eu tentamos telefonar-lhe, mas...

— Eu sei. Muito obrigada, Alec. Obrigada por sua carta.

Ivo Palazzi aproximou-se e beijou-a nas duas faces.

— O que é que posso dizer, cara? Você está bem?

— Muito bem. Obrigada, Ivo. — Voltou-se. — Alo, Charles.

— Elizabeth, Hélène e eu ficamos arrasados. Se houver alguma coisa que possamos fazer...

— Obrigada.

Walther Gassner se aproximou de Elizabeth e disse compungidamente.

— Anna e eu queremos exprimir o nosso grande pesar pelo que aconteceu a seu pai...

— Obrigada, Walther.

Não queria estar ali entre toda aquela gente que lhe lembrava o pai. Queria fugir, ficar sozinha.

Rhys Williams estava de lado, pensando: Se não pararem com isso, ela vai ter alguma coisa.

Aproximou-se deliberadamente do grupo, estendeu a mão e disse: — Alo, Liz.

— Alo Rhys.

Vira-o pela última vez quando ele fora até sua casa para dar-lhe a notícia da morte de Sam. Parecia que haviam se passado anos. Fora apenas uma semana antes.

Rhys tinha consciência do esforço que Elizabeth estava fazendo para manter a linha. Disse então: — Já que todos estão aqui, por que não começamos? Não vai demorar muito — acrescentou com um sorriso para tranquilizá-la.

Ela sorriu, agradecendo. Os homens tomaram os seus lugares habituais em volta da grande mesa rectangular de carvalho. Rhys levou Elizabeth para a cabeceira da mesa e puxou uma cadeira para ela.

A cadeira de meu pai, pensou Elizabeth.

Charles disse então: — Como não temos uma agenda, proponho que Sir Alec assuma a direção dos trabalhos.

Alec olhou em torno e, como todos manifestaram a sua aprovação, disse: — Muito bem.

Apertou um botão que estava à sua frente na mesa e Kate Erling voltou com o caderno de notas. Fechou a porta, puxou uma cadeira, preparou o caderno e as canetas e esperou.

— Creio que, em vista das circunstâncias, podemos dispensar as formalidades — disse Alec. — Todos nós sofremos uma terrível perda, mas o essencial agora é que a Roffe and Sons mostre ao público uma atitude coesa e firme.

— De acordo — disse Charles. — Temos sido muito atacados pela imprensa.

Elizabeth olhou para ele e perguntou: — Por quê? Foi Rhys quem explicou: — A companhia está enfrentando alguns problemas excepcionais nestes últimos tempos, Liz. Estamos envolvidos em questões jurídicas delicadas, estamos sobre investigação do governo e alguns bancos estão fazendo pressão sobre nós. Nada disso é bom para a companhia. O público adquire produtos farmacêuticos porque tem confiança na companhia que os fabrica. Se perdermos essa confiança, perderemos os nossos fregueses.

— Não há porém, um só problema que não possa ser resolvido — disse Ivo. — O essencial é reorganizar imediatamente a companhia.

— Como? — perguntou Elizabeth.

— Vendendo nossas ações ao público — respondeu Walther.

Charles acrescentou: — Dessa maneira, podemos liquidar os nossos empréstimos bancários e ainda teremos dinheiro de sobra para...

Não concluiu a frase e Elizabeth se voltou para Alec.

— Está de acordo com isso?

— Creio que todos nós estamos de acordo, Elizabeth.

Ela se recostou na cadeira, pensando. Rhys se aproximou dela com alguns papéis.

— Já mandei preparar todos os documentos necessários. Terá apenas que assinar.

Elizabeth olhou para os papéis à sua frente e perguntou: — Se eu assinar esses documentos, o que vai acontecer? Foi Charles quem falou: — Temos cerca de uma dúzia de escritórios internacionais de corretagem prontos a formar um consórcio para subscrever a nossa emissão. Garantirão a venda pelo preço que mutuamente assentarmos. Numa oferta tão grande assim, haverá compras de instituições e de particulares em grande número.

— Por exemplo, bancos e companhias de seguro? — perguntou Elizabeth.

— Exatamente.

— E haverá homens de confiança deles na diretoria da companhia?

— É de praxe...

— Quer dizer que, na realidade, eles passariam a controlar a Roffe and Sons?

— Nós continuaríamos na diretoria — apressou-se em dizer Ivo. Elizabeth voltou-se para charles.

— Disse que há um consórcio de corretores, ainda não entraram em ação?

— Não compreendo, Elizabeth...

— Escute, se todos aqui estão de acordo em que a melhor coisa para a companhia é deixar de pertencer à nossa família e passar às mãos de estranhos, por que isso ainda não foi feito? Houve um silêncio constrangido, e afinal Ivo disse: — Uma decisão assim exige um consenso unânime. Toda a diretoria tem de concordar.

— Quem não concordava? — perguntou Elizabeth.

O silêncio foi mais longo desta vez.

— Sam — disse finalmente Rhys.

Elizabeth compreendeu então o que a havia perturbado desde que entrara naquela sala. Todos tinham manifestado as suas condolências, o choque e o pesar que sentiam com a morte do pai dela, mas, ao mesmo tempo, havia na sala uma atmosfera de ansiedade e expectativa, um sentimento de vitória! Não lhe era possível fugir dessa impressão. Todos os papéis estavam prontos para ela. Teria apenas de assinar. Mas, se o que pretendiam era certo, por que o pai dela se opusera? Fez essa pergunta em voz alta.

— Ora, Sam tinha lá as suas ideias — disse Walther. — Seu pai era, às vezes, muito obstinado em certas coisas.

Como o velho Sam, pensou Elizabeth. Nunca se deve deixar uma raposa dócil entrar no galinheiro. Um dia, a raposa pode ter fome. E Sam não quisera vender. Deveria ter tido muito boas razões.

Ivo disse: — Creio, cara, que é melhor deixar tudo isso conosco. Você não entende dessas coisas.

— Mas gostaria de entender — disse calmamente Elizabeth.

— Porquê incomodar-se com essas coisas? — perguntou Walther.

— Quando as ações forem vendidas, terá uma enorme fortuna, mais do que conseguirá gastar. Poderá ir viver onde quiser e gozar a vida.

O que Walther dizia era sensato. Por que iria ela envolver-se naquelas coisas? Bastava assinar os papéis que estavam à sua frente e ir-se embora.

— Elizabeth, estamos simplesmente perdendo tempo — disse Charles, com impaciência. — Não pode fazer outra coisa.

Foi nesse momento que Elizabeth compreendeu que poderia fazer o que quisesse, como seu pai. Podia afastar-se e deixar que eles fizessem o que bem

entendessem com a companhia ou ficar e descobrir por que estavam todos eles tão ansiosos por vender as ações e exerciam sobre ela uma pressão tão visível. Não só visível como quase material. Todos naquela sala desejavam que ela assinasse o quanto antes aqueles papéis.

Olhou para Rhys. Gostaria de saber o que ele estava pensando.

Mas a sua expressão era indefinível. Olhou para Kate Erling, que tinha sido por muito tempo secretária de seu pai. Elizabeth gostaria de ter uma palavra em particular com ela. Todos olhavam para Elizabeth, à espera de que ela assinasse.

— Não vou assinar — disse ela. — Pelo menos, por enquanto.

Houve um momento de atônito silêncio. Walther disse então: — Não compreendo, Elizabeth. É claro que você deve assinar.

Tudo já está providenciado nesse sentido.

— Walther tem razão! — exclamou Charles irritadamente. — Você tem de assinar! Começaram a falar ao mesmo tempo, numa confusão exaltada de palavras que iam quebrar-se de encontro a Elizabeth.

— Por que não quer assinar? — perguntou afinal Ivo.

Ela não podia dizer: "Porque meu pai não assinaria. Porque vocês estão me forçando". Tinha a nítida impressão de que havia alguma coisa errada em tudo aquilo, e estava decidida a descobrir o que era. Mas, naquele momento, disse apenas: — Quero um pouco de tempo para pensar no assunto.

Os homens se entreolharam.

— Quanto tempo, cara? perguntou Ivo.

— Não sei ainda. Gostaria de compreender os fatos e as questões em jogo.

Walther exclamou iradamente: — Ora essa! Não podemos...

Mas Rhys atalhou firmemente: — Acho que Elizabeth tem razão.

Os outros voltaram-se para ele.

— Ela deve ter oportunidade de ver com clareza os problemas que a companhia está enfrentando e chegar a uma decisão.

Todos pensaram no que Rhys havia dito.

— Concordo com isso — disse Alec.

— Não faz diferença concordarmos ou não — disse amargamente Charles. — Elizabeth é quem tem o controle de tudo.

Ivo olhou para Elizabeth.

— Precisamos de uma decisão rápida, cara.

— Está bem.

Todos a olharam, cada qual ocupado com os seus pensamentos.

Um deles pensava: "Ela também terá de morrer".

Capítulo 17

Elizabeth estava impressionada.

Havia estado outras vezes na sede da companhia em Zurique, mas sempre como visitante. O domínio sobre tudo aquilo pertencia a seu pai. Agora, o domínio era dela. Olhava para o enorme escritório e sentiu-se como uma intrusa.

A sala fora magnificamente decorada por Ernst Hohl. Num canto, havia um armário de Roentgen, sobre o qual se via uma paisagem de Millet. Diante da lareira, havia um sofá de camurça, com uma mesa de café e quatro poltronas. Nas paredes, telas de Renoir, Chagall e Klee, bem como dois quadros da primeira fase de Courbet. A mesa era um bloco sólido de mogno preto. ao lado dela, numa mesa menor, havia um complexo de comunicações — telefones em ligação direta com as filiais da companhia através do mundo. Havia dois

telefones vermelhos com dispositivos para baralhar as palavras, um sistema sofisticado de interfones, um telégrafo de fitas e outros equipamentos.

Atrás da mesa via-se um retrato do velho Samuel Roffe.

Uma porta levava a uma sala particular com armários de cedro e gavetas forradas. Tinham levado dali todas as roupas de Sam, e Elizabeth ficou satisfeita com isso. Depois da sala, havia um banheiro revestido de ladrilhos, com uma banheira e box. Havia toalhas limpas nos cabides. O armário de remédios estava vazio.

Todas as coisas de uso pessoal de seu pai tinham sido retiradas dali, talvez pela secretária. Elizabeth pensou por um instante na possibilidade de que Kete Erling tivesse amado Sam.

Havia ainda, como partes do escritório de Sam, uma grande sauna, um ginásio bem equipado, uma barbearia e uma grande sala de jantar, com acomodação para cem pessoas. Quando se recebiam convidados estrangeiros, uma pequena bandeira do país deles era colocada no ornamento floral ao centro da mesa.

Além disso, havia a sala de jantar particular de Sam, decorada com muito gosto e com paredes ornadas de murais.

Kate Erling havia explicado a Elizabeth: — Há dois cozinheiros de serviço durante o dia e um à noite.

Se houver mais de doze convidados para o almoço ou para o jantar, eles precisam ser avisados apenas duas horas antes.

Naquele momento, Elizabeth estava sentada à mesa abarrotada de papéis, memorandos, estatísticas e relatórios, e não sabia por onde começar. Pensou no pai ali sentado naquela cadeira e sentiu-se dominada por uma terrível impressão de abandono. Sam era tão competente, tão brilhante! Como precisava dele naquele

momento! Elizabeth vira Alec apenas por alguns instantes antes que ele partisse para Londres.

— Tenha calma — dissera ele. — Não deixe ninguém forçá-la a fazer coisa alguma.

Ele tinha percebido os sentimentos dela.

— Alec, acha mesmo que eu devo permitir a venda das ações da companhia ao público? Ele sorriu e dissera com algum constrangimento: — Acho que sim, minha filha, mas acontece que eu sou interessado no caso. Nossas ações não têm valor para qualquer de nós enquanto não pudermos vendê-las. Cabe a você decidir.

Elizabeth pensava nessa conversa ao ver-se ali sentada no grande escritório. A tentação de telefonar para Alec era quase irresistível. Bastava que dissesse que havia mudado de ideia.

Poderia então ir-se embora. Aquele não era o lugar dela.

Sentiu-se deslocada e incapaz.

Olhou para os botões do interfone na mesa do lado. Pensou um momento e então apertou o botão que tinha o nome de Rhys Williams.

Rhys estava sentado diante dela. Elizabeth sabia muito bem o que ele estava pensando. Era o mesmo que os outros. Ela não tinha o que fazer ali.

— Você jogou uma verdadeira bomba hoje, na reunião — disse Rhys.

— Sinto muito a surpresa que causei.

— Surpresa não é bem a palavra — disse ele com um sorriso. — Você aniquilou todo mundo. Julgava-se o caso pronto e resolvido. Os comunicados à imprensa já estavam até prontos.

Escute, Liz. Por que você resolveu não assinar? Como é que ela podia explicar? Como podia dizer que tudo não havia passado de uma vaga intuição? Rhys iria rir dela.

Entretanto, Sam Roffe nunca vendera as ações da companhia. Ela estava empenhada em saber o motivo.

Como se lhe tivesse adivinhado os pensamentos, Rhys disse: — Seu trisavô fundou a companhia como um negócio de família, fechado aos estranhos. Mas no tempo de seu trisavô, a companhia era pequena. As coisas mudaram muito desde então. Hoje, temos uma das maiores indústrias de produtos farmacêuticos do mundo.

Quem se sentar aí na cadeira de seu pai terá de tomar todas as decisões importantes. É uma responsabilidade tremenda.

Seria aquela a maneira de Rhys dizer-lhe que tinha de sair? — Está disposto a ajudar-me? — Você bem sabe que sim.

Elizabeth sentiu uma onda de alívio e compreendeu quanto havia contado com ele.

— A primeira coisa que temos de fazer — disse então Rhys — é levá-la para correr as fábricas aqui em Zurique. Sabe alguma coisa sobre a estrutura física da companhia? — Quase nada.

Não era bem verdade. Elizabeth havia comparecido nos últimos anos a muitas reuniões de Sam e tinha alguma ciência do funcionamento da Roffe and Sons. Mas queria saber tudo do ponto de vista de Rhys.

— Nós fabricamos apenas medicamentos, Liz. Produzimos também substâncias químicas, perfumes, vitaminas, sprays para cabelos e pesticidas. Fabricamos produtos de beleza e outros bioeletrônicos. Temos ainda uma divisão de alimentos e outra de nitratos animais. Publicamos revistas adesivos, material de proteção para construção e explosivos plásticos.

Elizabeth notara o entusiasmo dele pelo que dizia e, ao perceber-lhe um tom de orgulho na voz, lembrou-se estranhamente do pai.

— A Roffe and Sons tem fábricas e companhias que possuem a maioria das ações de outras em mais de cem países. Todas elas diretamente subordinadas a este

escritório. — Fez uma pausa, como se quisesse ter certeza de que ela estava compreendendo.

— O velho Samuel começou com uma égua velha e um tubo de ensaio. Tudo se expandira em sessenta fábricas através do mundo, dez centros de pesquisas e um conjunto de milhares de vendedores e propagandistas.

Elizabeth sabia que eram eles que visitavam os médicos e os hospitais.

— No ano passado, Liz, só nos Estados Unidos, gastaram-se catorze biliões de dólares em medicamentos, e uma parte substancial desse movimento foi nossa.

Apesar disso, a Roffe and Sons enfrentava problemas com os bancos. Alguma coisa devia estar errada.

Rhys levou Elizabeth para correr as fábricas da sede da companhia. A divisão de Zurique constava de doze fábricas espalhadas por setenta e cinco edifícios nos vinte e cinco hectares de terreno. Era um mundo em miniatura, completamente auto-suficiente. Visitaram as fábricas, os departamentos de pesquisa, os laboratórios de toxicologia, os depósitos. Rhys levou Elizabeth a um estúdio de cinema onde se faziam filmes para pesquisas e para as divisões de publicidade e de produtos do mundo inteiro.

— Usamos mais filmes aqui — disse Rhys — do que qualquer grande estúdio de Hollywood.

Passaram pelo departamento de biologia molecular e pelo centro de líquido, onde cinquenta gigantescos tanques de aço inoxidável estavam cheios de líquidos prontos para serem engarrafados. Viram as salas de comprimidos, onde diversas espécies de pó recebiam a forma de comprimidos, que eram marcados com o nome Roffe, embalados e rotulados sem que a pessoa tocasse neles. Alguns dos produtos eram destinados a venda sob prescrição médica, ao passo que outros podiam ser livremente vendidos nas farmácias.

Separados dos outros, havia vários edifícios menores.

Destinavam-se aos cientistas: analistas, químicos, bioquímicos, químicos orgânicos, parasitologistas, patologistas.

— Mais de trezentos cientistas trabalham aqui — disse Rhys.

— Agora, vou mostrar-lhe a Sala dos Cem Milhões de Dólares.

Era um edifício de tijolo isolado dos outros, vigiado por um guarda armado. Rhys mostrou a sua carteira de diretor, e ele e Elizabeth entraram por um cumprido corredor ao fim do qual havia uma porta de aço. O guarda usou duas chaves para abrir a porta, e Elizabeth e Rhys entraram. A sala não tinha janelas. Do chão ao tecto estava cheia de estantes, nas quais se via uma extensa variedade de frascos, jarros e tubos.

— Por que se chama isto aqui de Sala dos Cem Milhões de Dólares? — perguntou Elizabeth.

— Porque foi o que se gastou para enchê-la. Está vendo esses recipientes nas prateleiras? Nenhum deles tem nome, mas apenas um número. São as substâncias que não deram resultado. São os nossos insucessos.

— Mas, por que cem milhões? — Para cada novo medicamento aprovado, há talvez mil outros que terminam nesta sala e então abandonados. Um medicamento pode custar cinco ou dez milhões de dólares em trabalhos de pesquisa, até chegar à conclusão que não serve para o fim a que se destina ou que alguém o fabricou antes de nós. Não jogamos nada fora, pois pode acontecer que algum dos nossos moços brilhantes faça uma descoberta que torne valiosa alguma coisa existente nesta sala.

As quantias envolvidas em tudo aquilo eram fantásticas.

— Agora, vou lhe mostrar a Sala do Prejuízo.

Ficava noutro edifício e, como a outra, estava cheia de estantes de vidros.

— Perdemos uma fortuna aqui — disse Rhys. — Mas tudo foi planejado.

— Não compreendo.

Rhys pegou duma prateleira um vidro que tinha o rótulo "Botulismo". — Sabe quantos casos de Botulismo nos Estados Unidos, no ano passado? Vinte e cinco apenas. Mas, quando recorreram a nós, tínhamos em estoque o medicamento necessário, muito embora isso nos custasse milhões de dólares. Esta sala está cheia de medicamentos para doenças raras — venenos de determinadas cobras, plantas venenosas, etc. Fornecemos esses medicamentos gratuitamente às forças armadas e aos hospitais, como um serviço público.

— Gosto disso — murmurou Elizabeth, e pensou que o velho Samuel teria gostado também.

Rhys levou Elizabeth à divisão de cápsulas, onde frascos vazios eram transportados através de esteiras rolantes. ao sair da sala, os vidros tinham sido esterilizados, enchidos de cápsulas, rotulados, tapados com algodão e fechados. Todo o processo era automático.

Havia uma fábrica de frascos, uma divisão de arquitetura para o planejamento de novos edifícios e uma divisão imobiliária para tratar da compra e da adaptação dos terrenos.

Num edifício, havia dezenas de redatores escrevendo bulas e prospectos em cinquenta línguas, ao lado de impressoras que os imprimiam.

Alguns departamentos fizeram Elizabeth pensar no 1984 de George Orwell. As salas de esterilização eram banhadas em fantásticas luzes ultravioletas. As salas adjacentes eram pintadas de cores diferentes — branco, verde ou azul -, e as pessoas que nelas trabalhavam usavam roupas de cores correspondentes. Cada vez que

uma delas entrava ou saía da sala, tinha de passar por uma câmara especial de esterilização.

Os trabalhadores de roupa azul ficavam trancados o dia inteiro.

Antes que pudessem comer, descansar ou ir ao banheiro, tinham de tirar a roupa, entrar numa zona verde neutra, vestir outra roupa, e inverter o processo quando voltassem.

— Creio que vai achar isso muito interessante — disse Rhys.

Iam pelo corredor cinzento de um edifício de pesquisa.

Chegaram a uma porta, na qual se via o letreiro: "Reservado — Não entre". Rhys empurro a porta e entrou com Elizabeth.

Passaram por outra porta, e Elizabeth se viu numa sala iluminada com uma luz fraca. Havia centenas de gaiolas com animais. A sala estava quente e úmida, e ela se sentiu de repente transportada para uma selva. Quando habituou os olhos à luz fraca, viu que as gaiolas estavam cheias de macacos, hamsters, gatos e ratos brancos. Muito dos animais tinham excrescências de aspecto repulsivo a projectar-se de várias partes do corpo. Alguns animais estavam com as cabeças raspadas e mostravam elétrodos que lhes tinham sido implantados nos cérebros. Muito deles gritavam em tremenda algazarra, correndo dentro das gaiolas, enquanto outros pareciam em estado comatoso e letárgico. O barulho e o mau cheiro eram insuportáveis. Era uma espécie de inferno.

Elizabeth aproximou-se de uma gaiola em que havia um gatinho branco. O cérebro do animal estava exposto, dentro de um revestimento claro de plástico, do qual se projectava meia dúzia de fios.

— Para... para que isso? — perguntou Elizabeth.

Um homem alto e barbado, que tomava algumas notas em frente das gaiolas, explicou: — Estamos

testando um novo tranquilizante.

— Espero que dê resultado — murmurou Elizabeth. — Bem que eu ando precisando disso.

E saiu da sala antes de começar a passar mal.

Rhys estava ao lado dela no corredor.

— Está sentindo alguma coisa, Liz? Ela respirou fundo e disse: — Estou bem... Mas há mesmo necessidade de tudo isso? — Essas experiências salvam muitas vidas, Liz. Mais de um terço das pessoas que nasceram depois de 1950 estão vivas graças às drogas modernas. Pense nisso.

Elizabeth assim o fez.

Levaram seis dias inteiros para conhecer os principais edifícios, e quando tudo terminou, Elizabeth estava exausta, atordoada com a vastidão de tudo o que vira. E compreendia que vira apenas uma parte das instalações da companhia. Havia dezenas delas espalhadas pelo mundo.

Os fatos e os números eram espantosos.

"São necessários cinco ou dez anos para lançar no mercado um novo medicamento, e, em geral, de cerca de duas mil substâncias testadas, só aproveitamos três produtos..." "A Roffe and Sons tem trezentas pessoas trabalhando só no controle de qualidade..." "Há pelo menos meio milhão de pessoas ao serviço da companhia..." "Nossa receita bruta no ano passado foi de..." Elizabeth escutava, procurando assimilar os incríveis números que Rhys lhe revelava. Sabia que a companhia era grande, mas "grande" era um adjectivo quase abstrato. Ter essa grandeze traduzida em termos de pessoas e de dinheiro era estarrecedor.

Naquela noite, Elizabeth ficou na cama a pensar em tudo o que havia visto e ouvido, e foi tomada por um poderoso sentimento de impotência.

Ivo lhe dissera que não devia se meter com essas coisas que não entendia, deixando tudo com eles.

Alec achava que ela devia assinar, embora tivesse interesse na venda das ações.

Walther era de opinião que ela devia assinar, receber uma fortuna e gozar a vida como quisesse.

Eles têm razão, pensou Elizabeth. Vou me afastar e deixar que façam com a companhia o que quiserem. Eu não sou do ramo.

Depois de chegar a essa decisão, o seu alívio foi enorme.

Adormeceu quase imediatamente.

O dia seguinte, era o início de um fim de semana prolongado por um feriado. Quando Elizabeth chegou ao escritório, mandou chamar Rhys para comunicar-lhe a sua decisão.

— O Sr. Williams teve de tomar o avião para Nairóbi, ontem à noite — informou-lhe Kete Erling. — Pediu-me que lhe dissesse que estará de volta na terça-feira. Não serve outra pessoa? — Faça então uma ligação para Sir Alec.

— Está bem, Senhorita Roffe — disse Kate Erling, com uma nota de hesitação na voz. — A polícia lhe mandou hoje um pacote com os objetos de uso pessoal deixados por seu pai em Chamonix.

A noção de Sam reavivou no mesmo instante a sua dor.

— A polícia pediu desculpas por não haver entregue o pacote ao seu mensageiro. Já lhe havia sido remetido.

— Meu mensageiro? — Sim, o homem que mandou a Chamonix para pegar tudo.

— Mas eu não mandei ninguém a Chamonix. Onde está o pacote? — perguntou Elizabeth, julgando tratar-se de alguma confusão burocrática.

— Guardei no seu armário.

Encontrou uma mala Vuitton com as roupas de Sam. Havia também uma mala trancada, tendo ao lado a chave.

Devia ser papéis da companhia. Entregaria tudo a Rhys para ver de que se tratava.

Lembrou-se, então, de que ele estava ausente. Bom, decidiu ela, também vou passar o fim de semana fora. Olhou então para a pasta e pensou que talvez contivesse alguma coisa pessoal e íntima de Sam. Primeiro tinha que olhar.

Kate Erling falou pelo interfone.

— Sinto muito, Senhorita Roffe, mas Sir Alec não está no escritório.

— Deixe então um recado para que me telefone logo que puder.

Estarei na Villa da Sardenha. Dê o mesmo recado ao Sr. Palazzi, ao Sr. Gassner e ao Sr. Martel.

Diria a todos que ia desistir e que eles podiam vender as ações e fazer o que quisessem.

Pensou com prazer no fim de semana que a esperava. A Villa da Sardenha era um retiro, um casulo protetor, onde ela poderia ficar sozinha e pensar em si mesma e no seu futuro. Os acontecimentos haviam se passado com tal rapidez que ela não tivera tempo de ver as coisas sob outro prisma. O acidente de Sam... Elizabeth ainda não aceitava a palavra "morte". Depois, a sua herança do controle da companhia, a pressão da família para que ela vendesse as ações ao público, a própria companhia, a pulsação vibrante de um poder colossal que abarcava o mundo. Era difícil enfrentar tudo isso de uma vez.

Naquela noite, quando tomou o avião para a Sardenha, Elizabeth levava a pasta do pai.

Capítulo 18

Ela pegou um táxi no aeroporto. A Villa estava fechada, e Elizabeth não comunicara a ninguém a sua chegada. Entrou e percorreu lentamente as grandes

salas, tão suas conhecidas, e teve a impressão de que nunca saíra dali. Só então deu-se conta da falta que sentira de Sardenha e da Villa. Parecia que as poucas lembranças felizes de sua infância ali estavam encerradas. E era muito estranho, estar sozinha naquele labirinto onde sempre tinha havido meia dúzia de empregados a cozinhar, polir e arrumar tudo. Naquele momento, porém, estava sozinha, com os ecos do passado.

Deixou a pasta de Sam no hall de entrada e levou a sua mala para o andar de cima. Como de costume dirigiu-se para seu quarto, no centro do corredor, e então parou. O quarto do pai ficava no fim do corredor. Elizabeth caminhou até lá. Abriu lentamente a porta porque, embora compreendesse a realidade, um profundo instinto atávico a fazia esperar ver Sam ali, e ouvir o som de sua voz.

O quarto estava logicamente vazio e nada havia mudado nele desde que Elizabeth o vira pela última vez. Continha uma cama grande, uma cômoda com espelho, duas poltronas confortáveis e um sofá diante da lareira. Elizabeth deixou a mala no chão e foi até à janela. As persianas de metal estavam fechadas contra o sol de fim de setembro e os reposteiros, cerrados. Escancarou tudo e deixou que o ar fresco das montanhas entrasse livremente, leve e frio, com a promessa de outono. Dormiria naquele quarto.

Depois desceu e entrou na biblioteca. Sentou-se numa das confortáveis poltronas de couro, passando as mãos pelos lados.

Era sempre ali que Rhys se sentava quando tinha uma conferência com Sam.

Pensou em Rhys e desejou que ele estivesse ali com ela.

Lembrou-se da noite em que ele a levara de volta à escola, depois do jantar em Paris, e de como ela escrevera repetidamente num pedaço de papel "Sra. Rhys

Williams". Num impulso, Elizabeth foi até a mesa, pegou numa caneta e calmamente escreveu "Sra. Rhys Williams". Depois, pensou, com um sorriso: "Quem sabe quantas idiotas estão fazendo a mesma coisa neste momento".

Procurou deixar de pensar em Rhys, mas ele permaneceu na sua mente, agradavelmente reconfortante. Levantou-se e passou uma vista de olhos pela casa. Entrou na grande cozinha antiga, com o seu fogão a lenha e os dois fornos.

Abriu a geladeira. Estava vazia. Não era de esperar outra coisa com a casa fechada. Mas, ao ver a geladeira vazia, de repente sentiu fome. Vasculhou os armários e encontrou duas pequenas latas de atum, um vidro de Nescafé e um pacote fechado de biscoitos. Se ia passar o fim de semana ali, era preciso fazer os seus planos. Em lugar de sair e fazer todas as refeições na cidade, seria melhor ir a um dos pequenos armazéns de Cala di Volpe e fazer compras para vários dias. Havia sempre um jipe na garagem. Olhou pela porta da cozinha e verificou que o jipe ainda estava lá. As chaves estavam penduradas numa tábua, na parede ao lado do armário. Pegou a chave do jipe e foi até a garagem. Será que havia gasolina no tanque? Girou a chave e pisou o acelerador. O motor começou a funcionar quase imediatamente. Esse problema estava, portanto, eliminado. No dia seguinte pela manhã, iria comprar tudo o que fosse necessário.

Voltou para casa. ao pisar no chão ladrilhado do hall de entrada, ouviu um eco surdo e um tanto assustador dos próprios passos. Desejou que Alec lhe telefonasse e, como por encanto, nesse momento o telefone tocou. Apanhou um susto e foi atender.

— Alo.

— Elizabeth? Aqui é Alec.

Elizabeth deu uma risada.

— De que está rindo?

— Você não acreditaria se eu lhe dissesse. Onde é que você está?

— Em Gloucester.

Elizabeth sentiu o urgente impulso de vê-lo, de comunicar a sua decisão sobre as ações da companhia. Mas não por telefone.

— Quer me fazer um favor, Alec?

— Claro. O que é?

— Pegue um avião e venha passar o fim de semana aqui na Sardenha. Quero conversar sobre uma coisa muito importante com você.

Houve apenas uma breve hesitação, e Alec disse:

— Está bem.

Nem uma palavra sobre compromissos já assumidos, sobre os possíveis transtornos. Apenas "Está bem". Alec era assim.

— Pode trazer Vivian — disse Elizabeth com algum esforço.

— Creio que isso não será possível. Ela está agora mesmo... em Londres. Estarei aí amanhã de manhã. Certo?

— Ótimo. Telefone-me quando souber a hora e irei esperá-lo no aeroporto.

— Será muito mais simples eu pegar um táxi.

— Está bem. Muito obrigada, Alec. Não sabe o quanto lhe agradeço.

Quando desligou o telefone, Elizabeth sentiu-se infinitamente melhor.

Sabia que a sua decisão estava certa. Só se via naquela posição porque Sam tinha morrido antes de ter tempo de apontar um sucessor.

Quem seria o novo presidente da Roffe and Sons? A diretoria resolveria isso. Tentou pensar no caso do ponto de vista de Sam, e o nome que lhe veio no mesmo instante à cabeça foi Rhys Williams. Os outros eram competentes nos seus sectores, mas Rhys era a única pessoa que tinha conhecimento completo e eficiente do

funcionamento global da companhia. Era inteligente e dinâmico. O único problema é que ele não era elegível para a presidência. Não sendo um Roffe, nem casado com uma Roffe, não podia nem ao menos participar das reuniões de diretoria.

Chegou ao hall e viu a pasta de seu pai. Hesitou. Não havia sentido em se submeter àquilo naquele momento. Daria tudo a Alec quando ele chegasse na manhã seguinte. Entretanto, podia haver alguma coisa muito pessoal ali...

Levou-a para a biblioteca, colocou-a em cima da mesa, pegou a chave e abriu os dois fechos laterais. No centro da pasta encontrou um grande envelope. Elizabeth abriu-o e tirou dele um maço de folhas datilografadas dentro de uma pasta de cartolina, na qual estava escrito: SAM ROFFE CONFIDENCIAL SEM CÓPIAS Era, evidentemente, um relatório, mas sem qualquer nome, e Elizabeth não podia saber quem o redigira. Começou a passar os olhos pelas folhas e, em dado momento, leu mais atentamente e parou. Não podia acreditar no que estava lendo. Levou os papéis para uma poltrona, tirou os sapatos, encolheu as pernas e recomeçou a leitura da primeira página.

Leu todas as palavras e ficou horrorizada.

Era um documento espantoso, o relatório confidencial de uma investigação em torno de uma série de fatos ocorridos no ano anterior.

No Chile, uma usina de produtos químicos de propriedade da Roffe and Sons havia sofrido uma explosão, espalhando toneladas de substâncias venenosas por uma área de vinte e cinco quilômetros quadrados. Houve a morte de cerca de dez pessoas e centenas tinham sido internadas em hospitais. Todos os animais da área haviam morrido e a vegetação ficara envenenada. Toda a região tivera de ser evacuada. As ações de indemnização impetradas contra a companhia

subiram a centenas de milhões de dólares. Mas o espantoso era que a explosão fora criminosa.

Dizia o relatório: "A investigação do governo chileno sobre o acidente foi superficial. A conclusão oficial parece ter sido a de que a companhia era rica e o povo, pobre, em vista do que, a companhia tinha de pagar. Não há qualquer dúvida no espírito da nossa equipa de investigação de que houve um ato de sabotagem, da autoria de pessoa ou pessoas desconhecidas, por meio de explosivos plásticos. Em vista da atitude de antagonismo das autoridades locais, será impossível provar alguma coisa".

Elizabeth se lembrava muito bem do caso. Jornais e revistas haviam publicado reportagens com fotografias das vítimas. A imprensa do mundo inteiro atacara a Roffe and Sons, acusando a companhia de negligência e indiferença para com o sofrimento humano.

O fato havia prejudicado consideravelmente a reputação da empresa.

Em seguida, o relatório tratava de importantes projetos de pesquisa em que os cientistas da Roffe and Sons vinham trabalhando havia vários anos. Entre eles, quatro projetos de inestimável valor. O seu desenvolvimento ao todo tinha custado mais de cinquenta milhões de dólares. Em todos os casos, a firma rival havia requerido patentes para os produtos antes da companhia, apresentando fórmulas idênticas. O relatório continuava: "Um caso isolado poderia ser atribuído a simples coincidência. Num campo em que dezenas de companhias trabalham em sectores correlatos, é inviável que várias firmas desenvolvam o mesmo tipo de produto. Mas o fato de que isso tenha acontecido quatro vezes no curto espaço de alguns meses força a concluir que alguém, a serviço da Roffe and Sons, deu ou vendeu o material de pesquisa à firma concorrente. Em vista da natureza secreta das

experiências e do fato de que elas se realizaram em laboratórios bem distantes uns dos outros, dentro de condições da máxima segurança, é lógico supor que as pessoas responsáveis tenham acesso aos arquivos mais secretos da companhia. Assim, podemos chegar à conclusão de que se trata de alguém situado no mais alto escalão da Roffe and Sons".

Havia mais.

Uma grande quantia de substâncias tóxicas fora erradamente rotulada e despachada. Antes que ela pudesse ser recolhida, tinha havido várias mortes, com péssima publicidade para a companhia. Ninguém sabia quem tinha colocado os rótulos errados.

Uma toxina mortífera desaparecera de um laboratório sob pesada guarda. Uma hora depois, uma pessoa não foi identificada havia comunicado o fato aos jornais e desencadeara um alarma.

As sombras da tarde se alongavam lá fora e a noite chegou.

Elizabeth continuava totalmente absorvida pelo documento que tinha nas mãos. Quando a sala ficou escura, ela acendeu uma luz e continuou a ler aquela série de horrores.

Nem mesmo o tom seco e sucinto do relatório podia dissimular o drama que havia em tudo aquilo. Uma coisa era clara. Alguém estava metodicamente tentando prejudicar ou destruir a Roffe and Sons.

Alguém no mais alto escalão executivo da companhia. Na última página, havia uma nota à margem escrita com a letra precisa e inconfundível de seu pai: "Pressão sobre mim para vender as ações da companhia ao público? É preciso desmascarar o patife!" Lembrou-se então de como Sam lhe parecera preocupado nos últimos tempos. Vivia angustiado por aquele terrível segredo e não tinha em quem confiar. A nota na primeira página dizia que não havia cópias.

Elizabeth julgava que o relatório provinha de uma agência de investigação particular. Por conseguinte, só Sam tinha conhecimento daquele relatório. Depois de Sam, ela. A pessoa culpada não tinha ideia de que estava sob suspeita. Teria Sam interpelado de algum modo a pessoa antes do acidente? Ela não tinha como descobrir. Elizabeth sabia, que havia um traidor.

Alguém no mais alto escalão executivo da companhia. Ninguém mais teria oportunidade ou capacidade de levar a cabo tanta destruição em níveis tão diferentes. Era por isso que Sam se recusara a vender ações ao público? Estaria procurando primeiro descobrir quem era o culpado? Depois da companhia vendida, seria impossível realizar uma investigação secreta, pois todas as providências tomadas seriam logo do conhecimento de um grupo de estranhos.

Elizabeth pensou na reunião da diretoria que participara, durante a qual todos lhe haviam recomendado que vendesse.

Sentiu-se de repente muito sozinha naquela casa. Deu um salto ao ouvir o telefone tocar. Foi atender.

— Alo? — Liz? É Rhys. Acabo de receber o seu recado.

Era bom ouvir a voz dele, mas lembrou-se de repente do motivo pelo qual quisera falar com ele. Era para dizer que resolvera assinar e deixar que vendessem a companhia. Mas em poucas horas tudo havia mudado. Olhou para o retrato do velho Samuel, que fundara a companhia e tinha lutado por ela, dedicando-lhe toda a sua vida.

— Rhys, quero uma reunião da diretoria na terça-feira, às duas horas. Quer tomar as providências necessárias? — Terça-feira, às duas horas? Está bem. Mais alguma coisa? — Não. Só isso. Muito obrigada.

Elizabeth desligou o telefone. Ia lutar contra todos eles.

Estava no alto de uma montanha, escalando-a em companhia do pai. "Não olhe para baixo", dizia constantemente o pai, e Elizabeth desobedecia. Olhava para baixo e não via senão milhares de metros de espaço vazio. De Repente, houve o surdo ronco de um trovão e um raio veio ziguezagueando na direção deles. Atingiu a corda de Sam, incendiou-a e Sam começou a cair no espaço vazio. Elizabeth viu o corpo do pai rolar e começou a gritar, mas seus gritos eram abafados pelo ribombar dos trovões.

Acordou em sobressalto, com a camisola ensopada de suor e o coração a bater descompassadamente. Houve um trovão mais forte, e Elizabeth viu a chuva entrar pelas janelas abertas.

Levantou-se e fechou-as. Pelas vidraças viu as nuvens de tempestade que enchia o céu e os relâmpagos que iluminavam o horizonte, mas não prestou atenção a nada disso.

Estava pensando no sonho que tivera.

Pela manhã, a tempestade passara sobre a ilha, deixando apenas uma chuva fina. Elizabeth esperava que o mau tempo não retardasse a chegada de Alec. Depois da leitura do relatório, tinha ardente necessidade de falar com alguém. Enquanto isso, seria bom guardar o relatório num lugar seguro. Havia um cofre na sala da torre, e ela o colocaria lá. Tomou um banho, vestiu um suéter e calças velhas e foi então à biblioteca pegar o relatório.

Não estava mais lá.

Capítulo 19

Parecia que um furacão havia passado pela sala. A tempestade abrira as janelas, e o vento e a chuva haviam espalhado e desarrumado tudo. Algumas páginas

do relatório estavam em cima do tapete molhado, mas o resto fora evidentemente levado pelo vento.

Foi até à janela. Não via papéis no gramado, mas o vento poderia ter levado pela borda do penhasco. Fora certamente isso o que acontecera.

Não havia cópias. Tinha, portanto, de descobrir o nome do investigador que Sam contratara. Talvez Kete Erling soubesse.

Mas já não podia ter certeza de que Sam confiava em Kete Erling. Tudo se tornara um jogo terrível, em que ninguém podia confiar em ninguém. Daí por diante, devia ter cuidado em tudo o que fizesse.

Lembrou-se, de repente, de que estava sem comida em casa.

Podia ir fazer contas em Cala di Volpe e estar de volta antes que Alec chegasse. Foi até o armário embutido do hall e apanhou uma capa e uma echarpe para a cabeça. Mais tarde, quando a chuva parasse, procuraria as outras folhas do relatório nos arredores da casa. Pegou a chave do jipe e dirigiu-se à garagem.

Ligou o motor e manobrou cuidadosamente para sair da garagem, dirigindo com todo o cuidado, em vista do chão molhado pela chuva. Virou depois à direita para seguir a estreita estrada da montanha que ia para a aldeia de Cali di Volpe, mais abaixo.

Não havia movimento na estrada àquela hora. Na verdade, era difícil havê-lo a qualquer hora, pois raras eram as casas construídas naquela altura. à esquerda, o mar estava escuro e parecia revolto, ainda agitado pela tempestade da véspera.

Dirigia com muito cuidado, pois aquele trecho da estrada era traiçoeiro. Muito estreito, com duas pistas, abria-se no flanco da montanha, ao lado de um enorme precipício. De um lado, o paredão de pedras da montanha; do outro, uma descida de centenas de metros até o mar. Elizabeth seguia beirando a outra pista,

freando um pouco para contrabalançar o impulso da descida.

O carro aproximou-se de uma curva fechada. Ela pisou automaticamente nos freios para controlar a descida do jipe.

Os freios não funcionaram! O fato levou algum tempo para ser consciencializado. Elizabeth tornou a frear, pisando no pedal com toda sua força, mas sentiu o coração bater mais forte ao ver que o jipe continuava a ganhar velocidade na descida. Fez a curva, mas viu que estava rodando desabafadamente pela íngreme estrada da montanha e que o jipe ganhava mais velocidade a cada segundo. Tornou a pisar nos freios. Não havia mais freios.

Outra curva surgiu à frente. Elizabeth tinha medo de olhar para o velocímetro e sentiu-se dominada pelo terror. Chegou à curva em alta velocidade e derrapou. As rodas traseiras chegaram próximo da beira do precipício, mas ela conseguiu controlar o jipe e seguiu em frente estrada abaixo. Não havia mais nada que pudesse fazê-lo parar, nem barreiras, nem controles. Continuaria naquela desabalada descida pela montanha, cheia de curvas fatais.

Pensou destemperadamente num meio de salvar-se. Teve a ideia de pular do carro. Arriscou-se a olhar para o velocímetro e viu que ia a cento e dez quilômetros, com a velocidade aumentando a cada momento, e que estava encurralada entre a montanha e o precipício. Se saltasse, morreria. Numa súbita revelação, Elizabeth compreendeu que estava sendo assassinada, e que Sam também fora assassinado. Sam tinha lido o relatório e fora morto. Ela também iria ser morta. Não tinha ideia de quem fosse o assassino, de quem os odiava a ponto de fazer aquela coisa terrível. Talvez tudo fosse mais tolerável se partisse de um estranho. Mas tinha de ser um deles, alguém

situado no mais alto escalão executivo da companhia... Alec... Ivo...

Walther... Charles...

A morte dela seria atribuída a um acidente, como a de Sam. As lágrimas rolaram pelo rosto de Elizabeth e se misturaram com a chuva fina que caía. O jipe fugia constantemente do seu controle no chão molhado. Elizabeth lutava para mantê-lo na estrada, mas sabia que era apenas uma questão de segundos para que fosse atirada para o precipício e o aniquilamento. O corpo ficou rígido com a tensão, e as mãos se tornaram dormentes devido à força que ela fazia para segurar a direção. Estava sozinha no universo, a descer vertiginosamente a estrada, enquanto o vento lhe zumbia em torno e empurrava o carro para a borda do penhasco. Houve outra derrapagem e Elizabeth lutou destemperadamente para controlar o carro, lembrando-se do que aprendera. Vá sempre a favor da derrapagem. Finalmemte, as rodas traseiras se firmaram e o jipe continuou a sua descida alucinante. Elizabeth tornou a olhar de relance o velocímetro.

Cento e trinta quilômetros por hora! Havia uma curva bem fechada à frente e sabia que não poderia passar dali.

Alguma coisa em seu espírito pareceu congelar-se, e foi como se uma trémula veia se estendesse entre ela e a realidade. Ouviu a voz de seu pai perguntar-lhe o que ela fazia sozinha no escuro e depois sentiu-se nos braços de Sam e levada para a cama.

No mesmo instante, estava no palco a dançar enquanto Mme Netturova gritava com ela (ou era o vento?), mas ela não podia parar. Alguém então lhe perguntava quantas vezes uma pessoa faz vinte e um anos, e Elizabeth pensou que nunca mais viria Rhys.

Gritou o nome dele e o véu desapareceu, mas o pesadelo ainda estava presente. A curva perigosa estava mais próxima e o carro corria para ela como uma

bala. Cairia pelo precipício. Pelo menos, que tudo acontecesse bem depressa.

Nesse momento, à direita, um pouco antes da curva, Elizabeth viu um estreito caminho. Tinha de tomar uma decisão rápida. Não tinha ideia da utilidade ou do destino daquele caminho. Sabia apenas que subia à beira do precipício e que podia quebrar o ímpeto da descida. Entrou por ele, virando a direção para a direita com toda a força. As rodas traseiras começaram a derrapar, mas as da frente já estavam no saibro do caminho e a velocidade deu bastante tração ao carro para se estabilizar.

Elizabeth procurou mantê-lo no estreito caminho. Viu algumas árvores à frente, e alguns galhos lhe fustigaram o rosto e as mãos. De repente, viu, à sua frente, o ar Tirando, lá embaixo.

O caminho era apenas um breve acostamento à margem do penhasco.

Não havia a menor segurança! Estava cada vez mais perto da borda, e ia tão depressa que não podia saltar. Quando o jipe se aproximou da borda, derrapou violentamente, e a última coisa de que Elizabeth teve consciência foi de uma árvore à sua frente e de uma explosão que pareceu iluminar o resto do universo.

Depois, o mundo ficou tranquilo, branco, pacífico e silencioso.

Capítulo 20

Quando abriu os olhos, estava numa cama de hospital, e a primeira pessoa que viu foi Alec Nichols.

— Não há nada lá em casa para você comer — murmurou Elizabeth, e começou a chorar.

Os olhos de Alec mostravam a sua tristeza. Aproximou-se e abraçou-a.

— Elizabeth! — Tudo bem agora, Alec — murmurou ela.

E estava. Sentia contusões por todo o corpo, mas ainda estava viva, por mais incrível que isso parecesse. Lembrou-se do horror da descida sem freios pela montanha, e sentiu um arrepio.

— Há quanto tempo estou aqui, Alec? — Trouxeram-na para cá há dois dias. Chegou inconsciente e só agora está voltando a si. O médico acha que se trata de um milagre. De acordo com os que viram o local do acidente, você devia estar morta. Quando uma turma de socorro trouxe você, estava inconsciente e cheia de contusões, mas felizmente não havia fraturas. Agora, escute. por que é que você estava correndo tanto naquela estrada? Elizabeth contou tudo. Viu o horror estampado no rosto de Alec enquanto falava da sua terrível corrida estrada abaixo.

Quando acabou, Alec estava muito pálido.

— Que acidente horrível e idiota! — Não foi acidente, Alec.

— Como assim? Não compreendo! Não podia mesmo compreender, pois não havia lido o relatório.

— Mexeram nos freios de propósito para que isso acontecesse.

— Não, Elizabeth — disse ele, sacudindo a cabeça. — Que motivo teria alguém para fazer uma coisa

dessas? Ainda não podia dizer nada a ele. Confiava mais em Alec do que nos outros, mas só podia falar depois que estivesse mais forte e tivesse algum tempo para pensar.

— Não sei, Alec. Mas tenho certeza de que mexeram nos freios.

Notou a mudança de expressão no rosto dele. Da incredulidade passara ao espanto e, por fim, à raiva.

— Nesse caso, temos de descobrir quem foi! Pegou o telefone e daí a poucos minutos estava falando com o delegado de polícia de Olbia.

— Aqui é Alec Nichols. Sim, ela está passando bem, muito obrigado. Direi isso a ela, sim. Estou lhe telefonando a respeito do jipe que ela estava dirigindo. Pode me dizer onde é que está... Muito bem. Pode deixá-lo aí, e conseguir-me um bom mecânico? Estarei aí daqui a meia hora Desligou e disse a Elizabeth: — O jipe está na garagem da polícia. Vou até lá.

— Vou com você — disse Elizabeth.

Ele olhou-a, surpreso.

— O médico disse que você devia passar ainda dois dias em repouso e observação.

— Ele pode ter dito isso, mas vou com você.

Quarenta e cinco minutos depois, Elizabeth, ainda bem machucada, saía do hospital sob os protestos do médico e seguia em companhia de Alec Nichols para a garagem da polícia.

Luigi Ferraro, delegado de polícia de Olbia, era um sardo robusto de meia-idade, com uma enorme barriga e pernas arqueadas. Tinha a seu lado o detetive Bruno Campagna, um homem musculoso, de cerca de cinquenta anos e grande competência, bem mais alto do que o delegado. Estavam ambos, em companhia de Elizabeth e de Alec, vendo um mecânico examinar a parte inferior do jipe levantado por um macaco hidráulico. O pára-lamas esquerdo e o radiador estavam destroçados e

mostravam fragmentos da árvore em que batera. Elizabeth sentiu um começo de vertigem ao ver o carro, e teve de apoiar-se em Alec para não cair.

— Tem certeza de que vai resistir? — perguntou Alec.

— Absoluta — disse Elizabeth, que se sentia fraca e cansada, mas estava disposta a ver tudo pessoalmente.

O mecânico limpou as mãos num pano cheio de graxa e aproximou-se do grupo.

— Desses, não fazem mais hoje em dia — disse ele.

Graças a Deus, pensou Elizabeth. — Qualquer outro carro teria sido reduzida a pedacinhos.

— E os freios? Estão em perfeitas condições.

Elizabeth sentiu que estava de novo entrando numa zona de irrealidade.

— Que está dizendo? — Os freios estão funcionando muito bem. A batida não teve a menor ação sobre eles. Foi por isso que eu disse que não faziam mais...

— É impossível! — exclamou Elizabeth. — Os freios desse jipe não estavam funcionando.

— A Sra. Roffe acredita que alguém mexeu nos freios, inutilizando-os — disse o delegado Ferrraro O mecânico sacudiu negativamente a cabeça.

— De jeito nenhum! Aproximou-se do carro no alto do macaco.

— Só há duas maneiras de danificar os freios de um jipe. Ou se cortam as bielas dos freios ou se desatarraxa esta porca e se deixa o óleo dos freios escorrer. Como pode ver, esta biela está firme e eu verifiquei o tambor dos freios. Está cheio.

Ferraro olhou para Elizabeth e disse: — Posso muito bem compreender que no seu estado...

— Um momento! — exclamou Alec, e voltou-se para o mecânico.

— Não é possível que alguém tenha cortado esses bielas, substituindo-as depois, e que essa mesma pessoa tenha tornado a encher o tambor dos freios e depois de esvaziá-los? — Não, não é possível. Ninguém tocou nestas bielas. Está vendo esta porca? Se alguém a tivesse afrouxado, haveria marcas recentes de chave inglesa nela, e não há nenhuma. Pelo menos, há seis meses ninguém toca nesta porca. Não há nada com estes freios e eu vou mostrar-lhes.

Foi até a parede e ligou um comutador. O macaco hidráulico principiou a descer o jipe para o chão. O mecânico entrou no jipe, ligou o motor e deu marcha à ré no carro. Quando estava quase encostando na parede dos fundos na direção do detetive Campagna. Elizabeth deu um grito, e neste instante o carro parou de súbito a alguns centímetros do homem. O mecânico não tomou conhecimento do olhar irado do detetive e disse: — Viram, Os freios estão perfeitos.

Todos se voltaram para Elizabeth, que sabia muito bem o que estavam pensando. Mas isso não diminuíra o terror daquela descida pela montanha. Sentira perfeitamente o seu pé comprimir o freio sem que nada acontecesse. O mecânico da polícia tinha provado que os freios estavam em ordem. A não ser que também estivesse metido na trama. E o delegado também... Estou é ficando paranóica, Pensou Elizabeth.

Alec murmurou desalentadamente: — Elizabeth...

— Quando eu estava dirigindo o jipe, os freios não funcionavam.

Alec perguntou então ao mecânico: — Vamos supor que alguém tivesse tomado providências para que os freios desse jipe não funcionassem. Que mais poderia fazer? — Poderia ter molhado as lonas do freio — disse o detetive Campagna.

Elizabeth sentiu o nervosismo crescer dentro dela.

— Que aconteceria se alguém fizesse isso? — Quando as lonas do freio comprimissem o tambor, não haveria tração.

— Tem razão — disse o mecânico, e perguntou a Elizabeth: — Os freios estavam funcionando logo que saiu com o jipe? Elizabeth se lembrara de que manobrara o jipe para sair da garagem e chegara às primeiras curvas usando os freios.

— Estavam funcionando, sim — disse ela.

— Está aí a explicação — disse o mecânico vitoriosamente. — A chuva molhou a lona dos freios.

— Espere um pouco — disse Alec. — Alguém não poderia ter molhado tudo antes que ela saísse? — Nesse caso — disse o mecânico pacientemente -, os freios não teriam funcionado desde o início.

O delegado falou com Elizabeth.

— A chuva pode ser muito perigosa, Senhorita Roffe, especialmente nas estradas estreitas de montanha. Casos assim acontecem com muita frequência.

Alec olhava indeciso para Elizabeth. Ela se sentiu mal.

Afinal de contas, tudo não passara de um acidente. Queria sair dali o mais depressa possível. Olhou para o delegado.

— Desculpe ter-lhe causado todo esse incômodo.

— Sinto muito pelo acidente, mas tive muito prazer em servi-la. O detetive Campagna irá levá-la de carro para a sua Villa.

Alec disse a ela: — Não leve a mal, mas você está terrivelmente abatida. Quero que vá para a cama e passe alguns dias sem se levantar. Vou pedir alguns mantimentos pelo telefone? — Se eu ficar na cama, quem vai cozinhar? — Ora essa, eu! — exclamou Alec.

Naquela noite, preparou o jantar e levou-o para Elizabeth na cama.

— Creio que não sou muito bom cozinheiro — disse Alec, colocando a bandeja diante de Elizabeth.

Falando assim, Alec estava sendo muito pretensioso. Não havia um só prato que não estivesse queimado ou salgado demais. Mas Elizabeth conseguiu comer, não só porque estava com fome, mas também para não melindrar Alec. Conversaram sobre um milhão de assuntos durante o jantar. Alec não se referiu à situação que ela criara na garagem da polícia. Elizabeth ficou-lhe muito grata por isso.

Os dois passaram mais alguns dias na Villa. Elizabeth continuou na cama e Alec, a fazer confusão na cozinha, lendo de vez em quando para ela. Ivo e Simonetta telefonavam diariamente para saber como ela estava e o mesmo faziam Hélène e Charles e Walther. Até Vivian telefonou para saber dela. Todos se ofereciam para ir fazer-lhe companhia na ilha.

— Estou passando bem — dizia ela. — Não há motivo para que venham aqui. Voltarei para Zurique dentro de poucos dias.

Rhys Williams telefonou. Elizabeth só compreendeu a falta que ele lhe fazia quando ouviu a voz dele.

— Ouvi dizer que você quis fazer concorrência a Hélène como piloto — disse ele, brincando, mas ela notou preocupação na voz dele.

— Em descida de montanha, duvido que ela seja páreo para mim.

Parecia-lhe incrível que estivesse pilheriando com o que acontecera.

— Fico muito contente de que você esteja bem, Liz.

O tom e as palavras dele encheram-na de alegria. Estaria ele naquele momento em companhia de outra mulher? Se estivesse, devia ser uma mulher muito bela.

Dane-se! — Sabe que você saiu nos jornais do mundo inteiro? — Não.

Falaram pelo telefone durante meia hora, e ao desligar Elizabeth estava se sentindo muito melhor.

Rhys parecia sinceramente interessado nela. Gostaria de saber se ele fazia todas as outras mulheres sentirem-se assim. Aquilo fazia parte do encanto dele. Lembrou-se do jantar de aniversário. Sra. Rhys Williams.

Alec entrou no quarto e perguntou: — O que houve? Está rindo à toa? — Estou.

Rhys sempre lhe dera aquela sensação de felicidade. Talvez fosse melhor falar a Rhys sobre o relatório confidencial.

Alec tinha providenciado para que um avião da companhia os levasse para Zurique.

— Não gostaria que você saísse daqui ainda — disse ele -, mas há alguns assuntos urgentes que devem ser resolvidos o quanto antes.

O voo para Zurique foi calmo. Repórteres esperavam-na no aeroporto. Elizabeth fez uma breve declaração sobre o acidente.

Em seguida, Alec levou-a para o carro, e os dois partiram para a sede da companhia.

Ela estava na sala de reuniões com todos os membros da diretoria presente, além de Rhys. A reunião já durava três horas, e o ar estava impregnado da fumaça dos charutos e cigarros. Elizabeth ainda estava abalada pelo acidente e sentia uma tremenda dor de cabeça. Os médicos haviam-na tranquilizado, dizendo que as dores de cabeça eram uma consequência do abalo nervoso e dentro em pouco passariam.

Olhou para os rostos cheios de tensão e de raiva que a cercavam.

— Resolvi não vender — tinha dito Elizabeth.

Pensaram que ela estava sendo arbitrária e obstinada. Se soubessem a tentação que ela teve de ceder! Mas agora era impossível. Alguém dentro daquela sala era um inimigo, e se ela batesse em retirada, esse inimigo seria vitorioso.

Tinham tentado convencê-la, cada qual à sua maneira.

Alec apresentara argumentos lógicos.

— A companhia precisa de um presidente experiente.

Particularmente agora, Elizabeth. Para o seu bem e para o bem de todos, gostaria de vê-la afastada disso.

Ivo fez uso do seu encanto.

— Você é bela e jovem, carissima. O mundo inteiro é seu. Por que escravizar-se a uma coisa tão enfadonha quanto os negócios, quando pode divertir-se, viajar...

— Já viajei muito — disse Elizabeth.

Charles usou a clara razão francesa.

— Você passou a deter o controle acionário em consequência de um trágico acidente, mas não é sensato você querer, por isso, dirigir a companhia. Nós temos problemas muito graves, e sua direção só servirá para agravá-los.

Walther falou agressivamente.

— A companhia está em situação muito difícil, a tal ponto que você é incapaz de imaginar. Se não vender agora, depois será tarde demais.

Elizabeth sentia-se acuada. Ouvia a todos, estudando-os e pesando o que diziam. Todos eles baseavam os seus argumentos no bem da companhia; no entanto, um deles estava empenhado em destruí-la.

Uma coisa era clara. Todos queriam que ela se afastasse, que os deixasse vender as suas ações e levar pessoas estranhas para a Roffe and Sons. Elizabeth sabia que no momento em que fizesse isso as probabilidades de descobrir quem estava por trás de tudo aquilo estariam perdidas. Enquanto permanecesse ali, haveria possibilidade de descobrir o sabotador. Ficaria por tanto tempo quanto fosse necessário. Não passara aqueles três últimos anos com Sam sem aprender

alguma coisa a respeito de negócios. Com a ajuda do pessoal qualificado que ele havia preparado, poderia prosseguir nas diretrizes do pai. A insistência de todos para que ela saísse só servia para reforçar a sua determinação de ficar.

Resolveu encerrar a reunião.

— Tomei a minha decisão — disse ela -, e não pretendo dirigir a companhia sozinha. Sei muito bem quanto ainda tenho que aprender. Quero que todos aqui presentes me ajudem.

Enfrentaremos os problemas um por um.

Ivo abriu os braços num gesto desconsolado.

— Será que ninguém pode convencê-la do que é lógico? — Creio que todos devem concordar com o que ela quiser fazer — disse Rhys, olhando para Elizabeth e sorrindo.

— Obrigada, Rhys. Há mais uma coisa, senhores. Como vou ocupar o lugar de meu pai, parece conveniente oficializar o fato, não acham? Charles perguntou, arregalando os olhos: — Está querendo ser presidente? — Presidente ela já é — disse Alec. — Está apenas fazendo a gentileza de nos homologar uma situação de fato.

Charles hesitou e, por fim, disse: — Está bem. Proponho que Elizabeth Roffe seja eleita presidente da Roffe and Sons.

A proposta foi aprovada.

O ano não é bom para presidentes, pensou ele tristemente.

Muitos têm sido assassinados.

Capítulo 21

Ninguém tinha mais consciência do que Elizabeth da enorme responsabilidade que havia assumido. Agora

que estava dirigindo a companhia, o emprego de milhares de pessoas dependia dela.

Precisava de ajuda, mas não sabia ao certo em quem confiar.

Alec, Rhys e Ivo eram os que lhe pareciam mais dignos de confiança, mas não estava ainda preparada para isso. Era muito cedo. Mandou chamar Kate Erling.

— Pronto, Senhorita Roffe.

Elizabeth não sabia por onde começar. Kate Eerling tinha trabalhado durante muitos anos para seu pai. Não podia deixar de ter algum conhecimento das correntezas subterrâneas que fervilhavam sob a aparente calma. Devia estar a par dos segredos da companhia e dos sentimentos e planos de Sam Roffe.

Podia ser uma valiosa aliada.

— Meu pai tinha mandado fazer uma espécie de relatório confidencial, Kate. Sabe alguma coisa a respeito disso? Kate Erling franziu a testa num esforço para concentrar-se, mas acabou sacudindo a cabeça.

— Ele nunca falou nisso comigo, Senhorita Roffe.

Elizabeth tentou descobrir alguma coisa por outro caminho.

— Se meu pai tivesse querido uma informação confidencial, a quem procuraria? — Naturalmente a nossa divisão de segurança — disse ela, sem hesitação.

O último lugar que ele teria procurado.

— Está bem. Muito obrigada — disse Elizabeth.

Não havia ninguém com quem ela pudesse falar.

Havia em sua mesa um relatório financeiro. Elizabeth leu-o com crescente assombro. Depois, mandou chamar o tesoureiro.

Chamava-se Wilton Kraus e era mais moço do que ela esperava.

Parecia inteligente e ativo, ao mesmo tempo que ostentava um leve ar de superioridade. Devia ter sido

diplomata pela Escola Wharton e talvez pela Universidade de Harvard.

Elizabeth entrou diretamente no assunto.

— Como pode uma empresa como a Roffe and Sons estar em dificuldades financeiras? Kraus olhou para ela e encolheu os ombros. Era claro que não estava habituado a entender-se com uma mulher. Disse então com condescendência: — Não posso resumir tudo...

— Não resuma nada. Vamos começar pelos fatos. Até há dois anos atrás, a Roffe and Sons sempre dispunha de todo capital de que precisava.

Ela viu a expressão dele mudar.

— Isso é verdade.

— Por que então estamos agora devendo tanto aos bancos? — Bem, há alguns anos, tivemos um período de expansão excepcionalmente pesado. Seu pai e os outros membros da diretoria julgaram melhor levantar o dinheiro necessário para a expansão tomando empréstimos a curto prazo nos bancos. Em consequência, temos agora compromissos com vários bancos no montante de seiscentos e cinquenta milhões de dólares. Alguns desses empréstimos estão para vencer.

— Já venceram — disse Elizabeth.

— Isso mesmo. Já venceram.

— Estamos pagando os juros combinados e mais um por cento de mora. Por que não pagamos os empréstimos vencidos e não diminuímos o montante dos outros? O homem já havia passado da fase da surpresa.

— Isso aconteceu... em face de algumas ocorrências imprevistas e infortunadas. Por isso, o movimento de casa da companhia é consideravelmente menor do que fora previsto. Em condições normais, pediríamos prorrogação aos bancos.

Entretanto, diante dos problemas, dos vários acordos de indemnização, dos prejuízos em nossos laboratórios experimentais e...

Elizabeth estudava o homem, tentando adivinhar de que lado ele estava. Olhou de novo para os balanços, procurando ver precisamente onde as coisas tinham começado a desandar. Os balanços mostravam acentuado declínio nos últimos três trimestres, principalmente em razão dos pagamentos das indemnizações relacionadas sob a rubrica: "Despesas extraordinárias sem recorrência". Elizabeth pensou na explosão no Chile, na nuvem de substâncias tóxicas que se erguera no ar.

Pensou nos gritos das vítimas. Uma dúzia de pessoas mortas.

Centenas de pessoas levadas para os hospitais. No fim, todo o sofrimento humano era reduzido a dinheiro e consignado como "Despesas extraordinárias".

— De acordo com o seu relatório, Sr. Kraus os nossos problemas são de caráter temporário. Somos a Roffe and Sons.

Representamos ainda um risco da primeira classe para qualquer banco do mundo.

Agora era o homem quem estudava Elizabeth. Sua auto-suficiência havia desaparecido, mas ele se tornara cauteloso.

— Deve compreender, Senhorita Roffe, que a reputação de uma firma de produtos químicos e farmacêuticos é tão importante quanto seus produtos.

Quem tinha dito isso a ela? Seu pai? Alec? Lembrou-se: Tinha sido Rhys.

— Continue.

— Nossos problemas se tornaram muito conhecidos. O mundo dos negócios é uma selva sem lei. Quando os concorrentes suspeitarem que você está ferido, preparam-se para dar o golpe final.

— Por outras palavras — disse Elizabeth -, os nossos concorrentes fazem negócios com os nossos banqueiros e sabem de tudo.

— Exatamente. Os bancos têm um limite de fundo para empréstimos, e quando se convencem de que A é melhor risco do que B...

— E estão convencidos disso? O homem passou nervosamente a mão pelos cabelos.

— Desde a morte de seu pai, recebi vários telefonemas de Herr Julius Badrutt, presidente do consórcio bancário com o qual negociamos.

— O que ele queria saber? — Quem ia ser o novo presidente da Roffe and Sons.

— Já sabe quem é o novo presidente? — Não.

— Sou eu. Que acha que vai acontecer quando Her Badrutt souber disso? — Sem dúvida, aumentará a pressão sobre nós — disse Wilton Kraus.

— Vou falar com ele — disse Elizabeth, sorrindo e recostando-se na cadeira. — Quer tomar café? — Não, obrigado.

Elizabeth viu Kraus tranquilizar-se. Sabia que fora testado e passara no teste.

— Gostaria de saber sua opinião, Sr. Kraus. Se estivesse no meu lugar, que faria? O leve ar de superioridade voltou, e ele disse confidencialmente: — Na minha opinião, tudo é muito simples. O ativo da Roffe and Sons é enorme. Se vendermos um bloco substancial de ações ao público teremos dinheiro em quantidade mais do que suficiente para cobrir todos os nossos empréstimos bancários.

Elizabeth já sabia de que lado ele estava.

Capítulo 22

Hamburgo. Sexta-feira, 1 de outubro. 2 horas.

O vento soprava do mar e o ar da madrugada era frio e úmido.

No bairro Reeperbahn, em Hamburgo, as ruas estavam cheias de visitantes ansiosos por

experimentarem os prazeres proibidos da cidade. Bebidas, drogas, garotas e rapazes estavam à disposição... mediante um preço.

Os bares com fachadas profusamente iluminadas ficavam na rua principal, enquanto a Grosse Freiheit apresentava os mais lascivos shows de strip-tease. A Herbertstrasse, a um quarteirão de distância, estava cheia de prostitutas que se exibiam às janelas de seus quartos com as roupas de dormir tão transparentes, que não ocultavam nada. O Reeperbahn era um vasto mercado onde se podia comprar tudo o que se quisesse em matéria de sexo, desde que se pagasse.

O cameraman andou lentamente pela rua sem dar maior atenção às pessoas até que se aproximou de uma loura que não devia ter mais de dezoito anos. Estava conversando com uma amiga. Sorriu quando o homem se aproximou.

— Gostaria de divertir-se, Liebchen? Minha amiga e eu podemos atendê-lo.

O homem olhou para ela e disse: — Só você.

A outra mulher encolheu os ombros e afastou-se: — Como se chama?

— Hildy.

— Quer trabalhar no cinema?

— Não me venha com essa história de Hollywood, que isso não engana mais ninguém.

O cameraman sorriu, tranquilizando-a. — Nada disso. A minha proposta será: Faço filmes pornô para um amigo meu.

— Vai custar quinhentos marcos. Adiantados.

— Gut.

Ela se arrependeu no mesmo instante de não ter pedido mais.

Ora, daria um jeito de ganhar uma gratificação.

— Que é que tenho de fazer? — perguntou Hildy.

Hildy estava nervosa.

Estendida na cama, no apartamento mal mobiliado, olhava para os três homens e achava que havia alguma coisa estranha em tudo aquilo. Tinha apurado os seus instintos nas ruas de Berlim, Munique e Hamburgo. Aprendera a se virar por eles, e eles lhe diziam que havia naqueles três alguma coisa que não merecia confiança. Tinha vontade de sair dali antes que começassem. Só não fazia isso porque já recebera quinhentos marcos, e os sujeitos lhe haviam prometido mais quinhentos marcos se ela trabalhasse bem.

Ia trabalhar bem. Era uma profissional e tinha orgulho do seu trabalho. Olhou para o homem nu na cama ao lado dela. Era forte e tinha corpo liso, sem pêlos. O que inquietava Hildy era o rosto do homem. Parecia velho demais para fazer filmes daquela espécie. Mas era o espetador sentado nos fundos do quarto que mais afligia Hildy. Usava um grande capote, chapéu de abas largas e óculos escuros. Hildy não sabia se era homem ou mulher. As vibrações eram ruins. Hildy levou os dedos à fita vermelha que lhe tinham pedido que amarrasse ao pescoço, sem que compreendesse o motivo.

— Muito bem — disse o camaraman. — Estamos prontos. Ação.

Começaram a rodar o filme. Hildy tinha recebido todas as instruções necessárias. Quando as manobras preliminares terminaram, o camaraman disse ao homem: — Entre nela! O ato na cama se desenvolvia rapidamente. Nos fundos do quarto, o espetador se inclinava para a frente, sem perder um só movimento. Hildy, na cama, fechou os olhos.

Ela está estragando tudo! — Os olhos! — exclamou o espetador.

Assustada, Hildy abriu os olhos. Olhou o homem sobre ela. Era impetuoso e forte. Assim é que ela gostava. Ele começou a fazer movimentos mais rápidos, e a reação dela foi imediata. Não era comum ela ter orgasmos. Quase sempre fingia, e os homens nem sabiam

a diferença. Mas o camaraman a havia avisado que, se ela não sentisse um orgasmo, não recebia o dinheiro da gratificação. Pensou em todas as coisas boas que ia comprar com o dinheiro e sentiu um orgasmo aproximar-se. Seu corpo começou a estremecer O espetador fez um sinal e o camaraman exclamou: — Agora! As mãos do homem moveram-se para o pescoço de Hildy. Ela sentiu a pressão, olhou para os olhos do homem, viu o que havia neles e foi dominada pelo terror. Quis gritar, mas já não podia nem respirar. Lutou desesperadamente, mas não havia meio de livrar-se daquelas mãos de ferro que a estrangulavam.

O espetador, do seu canto, não perdia um só detalhe da cena, contemplando os olhos que perdiam o brilho e vendo a mulher ser punida.

O corpo de Hildy estremeceu pela última vez e ficou imóvel.

Capítulo 23

Zurique. Segunda-feira, 4 de outubro. 10 horas.

Quando Elizabeth chegou ao seu escritório, encontrou um envelope fechado, com a rubrica "Confidencial", em cima de sua mesa. Era um relatório de química e estava assinado por Emil Joeppli. Estava cheio de termos técnicos, e Elizabeth leu-o do princípio ao fim sem compreender nada. Leu pela segunda e terceira vez, sempre mais vagarosa e atentamente. Quando afinal percebeu a significação, disse a Kate: — Voltarei dentro de uma hora.

E foi procurar Emil Joeppli.

Era um homem alto, de cerca de trinta e cinco anos, com o rosto magro e sardento e que ostentava no alto da cabeça apenas um tufo de cabelos avermelhados. Ficou muito nervoso, pois não estava habituado a receber visitas no seu pequeno laboratório.

— Li o seu relatório — disse Elizabeth. — Há muitas coisas nele que não compreendo. Quer ter a bondade de explicar-me tudo? O nervosismo de Joeppli desapareceu por encanto. Começou imediatamente a falar, seguro e confiante.

— Tenho feito experiências com um novo método de inibir a diferenciação rápida dos colagênios por meio de técnicas de bloqueio com mucopolissacarídeos e enzimas. Os colagênios são, naturalmente, a base fundamental de proteínas de todo o tecido conjuntivo.

— Está bem — disse Elizabeth.

Não se esforçou por compreender a parte técnica das explicações de Joeppli. O que Elizabeth compreendia era que o projecto em que o homem estava trabalhando poderia retardar o processo de envelhecimento. Era uma ideia empolgante.

Continuou a ouvir, pensando na revolução que uma descoberta dessa ordem representaria para a humanidade. Segundo Joeppli, não haveria razão alguma para que os homens não chegassem aos cem anos ou a cento e cinquenta e até duzentos.

— Não seria nem preciso tomar injeções — dizia Joeppli. — Com esta fórmula, os ingredientes podem ser tomados via oral, sob a forma de comprimidos.

As possibilidades eram incríveis. Isso representaria nada menos que uma revolução social e se converteria em biliões de dólares para a Roffe and Sons. A companhia fabricaria o produto e concederia licenças a outras empresas. Ninguém com mais de cinquenta anos de idade, deixaria de tomar os comprimidos para manter-se jovem. Elizabeth tinha dificuldade em ocultar o seu interesse.

— Em que pé estão as suas pesquisas neste projecto? — Como disse no meu relatório, há quatro anos que venho fazendo testes com animais. Os últimos resultados têm sido positivos. Já posso começar a fazer experiências com seres humanos.

Ela gostava do entusiasmo dele. — Quem mais sabe disso? — Seu pai sabia. Trata-se de um projecto da Pasta Vermelha, o que quer dizer absolutamente secreto. Só devo fazer as minhas comunicações ao presidente da companhia e a um dos diretores.

— Qual dos diretores? — perguntou Elizabeth, sentindo um arrepio.

— Walther Gassner.

— De hoje em diante, quero que faça as suas comunicações exclusivamente a mim.

Joeppli olhou-a com surpresa e disse: — Está bem, Senhorita Roffe. — Quando poderemos lançar esse produto no mercado? — Se tudo correr bem, dentro de um ano e meio a dois anos.

— Muito bem. Se precisar de alguma coisa, dinheiro, pessoal, equipamento, fale comigo. Quero que trabalhe o mais depressa possível.

— Muito obrigado.

Elizabeth levantou,-se e Emil Joeppli acompanhou-a, dizendo, com um sorriso: — Tive muito prazer em conhecê-la. Gostava muito de seu pai.

— Muito obrigada — disse Elizabeth.

Sam tinha tido conhecimento daquele projecto. Seria essa uma das razões pelas quais se negara a vender as ações da companhia? Quando ela já ia saindo, Emil Joeppli lhe disse: — Isso tem que dar resultado em gente.

— Claro — disse Elizabeth.

Era preciso.

— Como um projecto de Pasta Vermelha é executado? — Desde o início? — perguntou Kate Erling.

— Desde o início.

— Bem, como sabe, temos várias centenas de produtos novos em fase experimental.

— Quem os autoriza? — Até determinar a verba, os chefes dos departamentos interessados.

— Qual o limite da verba? — Cinquenta mil dólares.

— E acima disso? — O projecto tem de ser aprovado pela diretoria. É claro que um projecto não passa à categoria de Pasta Vermelha senão depois de bem sucedido nas experiências iniciais.

— Isso é, só depois que tenha probabilidades de dar resultados.

— Exatamente.

— Como funciona a proteção ao projecto? — Se o projecto é considerado importante, todo o trabalho é transferido para um laboratório de máxima segurança. Todos os papéis são retirados dos arquivos gerais e levados para um arquivo de Pasta Vermelha. Só três pessoas têm acesso a esses arquivos, o cientista encarregado do projecto, o presidente da companhia e um dos diretores.

— Quem escolhe o diretor? — Seu pai escolheu Walther Gassner.

No momento em que acabou de falar, Kate Erling percebeu o seu erro. As duas mulheres se olharam, e Elizabeth disse: — Muito obrigada, Kate. É só isso.

Elizabeth não havia mencionado o projecto de Joeppli.

Entretanto, Kate compreendera do que Elizabeth estava falando.

Havia duas possibilidades. Ou Sam havia confiado em Kate e lhe falara sobre o projecto de Joeppli ou ela soubera dele por si mesma, a serviço de alguém.

Era muito importante não dar margem a que alguma coisa desse errado. Ela verificaria pessoalmente a segurança. Tinha também de falar com Walther Gassner. Estendeu a mão para o telefone e parou. Havia um meio melhor.

Naquela mesma tarde, Elizabeth embarcou num voo regular para Berlim.

Walther Gassner parecia nervoso.

Estavam sentados a uma mesa de um canto do salão do andar superior do Restaurante Papillon, no Kurfürstendamm. Sempre que Elizabeth ia a Berlim, Walther insistia em recebê-la para jantar em casa, em companhia de Anna. Dessa vez, nem falaram nisso e sugerira o restaurante, ao qual havia chegado só.

Walther Gassner ainda tinha as feições bem-marcadas de ume jovem artista de cinema, mas já se notava alguma deterioração na fachada. O rosto mostrava rugas de tensão e as mãos nunca ficavam paradas. Parecia estar sob o domínio de extraordinária tensão. Quando Elizabeth perguntou por Anna, respondeu vagamente: — Anna não está passando bem. Não pôde vir.

— Algum problema grave? — Não. Isso passa. Ficou em casa descansando.

— Vou telefonar para saber dela.

— É melhor não perturbá-la.

Era uma conversa surpreendente, pois Walther, a quem Elizabeth sempre conhecera animado e extrovertido, estava reservado e reticente.

Ela falou então no projecto de Emil Joeppli.

— Precisamos muito do que ele está fazendo.

— Vai ser uma grande coisa — murmurou Walther.

— Pedi-lhe que não lhe comunicasse mais nada — disse Elizabeth.

As mãos de Walther ficaram de repente imóveis.

— Por que fez isso, Elizabeth? — Não é nada pessoal contra você, Walther. Eu faria a mesma coisa com qualquer outro diretor que estivesse trabalhando com ele. O que acontece é que quero cuidar do projecto à minha maneira.

— Compreendo — disse ele, ainda sem mover as mãos.

— É um direito seu. — Fez uma pausa e continuou com um sorriso forçado, que mostrava quanto aquilo estava lhe custando. — Escute, Elizabeth, Anna possui

muitas ações da companhia. Mas não as pode vender sem a sua aprovação. Isso é muito importante para nós...

— Sinto muito, Walther, mas não posso concordar por enquanto com a venda das ações.

Neste momento, as mãos de Walther voltaram a agitar-se nervosamente.

Capítulo 24

Julius Badrutt era um homem magro e frágil, que parecia um louva-a-deus metido num terno preto. Era como um boneco desenhado por uma criança, com pernas e braços angulosos e um rosto magro e inacabado desenhado no alto do corpo. Estava sentado à mesa da diretoria da Roffe and Sons, diante de Elizabeth. Havia mais cinco banqueiros em companhia dele.

Todos usavam ternos pretos com colete, camisas brancas e gravatas escuras. Elizabeth pensava que estavam não apropriadamente vestidos, mas fardados. Vendo os rostos impassíveis e frios em volta da mesa, Elizabeth não conseguia dominar seus receios. Antes da reunião, Kate Erling tinha levado para a sala uma bandeja com doces. Os banqueiros recusaram o café e os doces, do mesmo modo que antes não tinham aceito o convite dela para almoçar. Era mau sinal. Queriam dizer com isso que estavam ali apenas para receber o dinheiro que lhes era devido.

— Antes de mais nada — disse Elizabeth -, quero agradecer a presença de todos.

Houve polidos resmungos ininteligíveis em resposta.

Ela respirou fundo e continuou: — Pedi que viessem até aqui para discutirmos uma prorrogação dos empréstimos contraídos com os senhores pela Roffe and Sons.

Julius Badrutt sacudiu a cabeça em breves movimentos quase convulsivos.

— Sinto muito, Senhorita Roffe. Já informamos...

— Ainda não acabei — disse Elizabeth. — Se eu estivesse no lugar dos senhores também recusaria.

Os banqueiros se entreolhavam, confusos.

— Se estavam preocupados com os empréstimos quando meu pai, que era um homem brilhante, estava dirigindo a companhia, por que iriam conceder uma prorrogação a uma mulher inexperiente como eu? — Creio que deu resposta cabal à pergunta que fez — disse Julius Badrutt secamente. — Não temos a intenção de...

— Espere um pouco. Ainda não acabei.

Observaram-na agora com mais cautela. Ela olhou para cada um dos homens, a fim de ter certeza de que estava merecendo toda a atenção deles. Tratava-se de banqueiros suíços, respeitados e invejados no mundo inteiro. Escutavam todos atentamente, e a sua atitude anterior de impaciência e enfado cedera lugar à curiosidade.

— Todos os senhores conhecem a Roffe and Sons há muito tempo.

E tenho certeza de que conheceram e respeitaram meu pai.

Alguns homens fizeram sinais de assentimento.

— Imagino que devem ter-se engasgado com o café da manhã quando leram a notícia de que eu havia ficado no lugar dele.

Um dos banqueiros sorriu, depois riu francamente e disse: — Tem toda a razão, Senhorita Roffe. Se todos nós estamos de acordo, como disse, todos nós nos engasgamos com o café da manhã.

— Não o censuro — disse Elizabeth, rindo. — Eu teria reagido da mesma maneira.

Outro banqueiro tomou a palavra.

— Desculpe a curiosidade, Senhorita Roffe. Se todos nós estamos de acordo quanto ao resultado desta

reunião, o que estamos fazendo aqui? — Estão aqui porque desejei reunir nesta sala os maiores banqueiros do mundo. E agi assim porque não posso acreditar que tenham tido êxito encarando tudo exclusivamente do ponto de vista do dinheiro. Se fosse assim, qualquer guarda-livros poderia ter sucesso como banqueiro. Não pode ser só isso! — Claro que não é — disse outro banqueiro. — Somos antes de mais nada homens de negócios e...

— E a Roffe and Sons é um grande negócio. Só tive uma ideia exata da grandeze desta companhia depois que me sentei na cadeira de meu pai. Não sabia quantas vidas haviam sido salvas por esta companhia em todo mundo. As contribuições que fizemos à medicina são inestimáveis. Muitos milhares de pessoas dependem da Roffe and Sons para viver...

Julius Badrutt interrompeu-a.

— Tudo isso é muito meritório. Mas parece que estamos nos afastando do assunto. Sei que lhe foi sugerido que liberasse as ações da companhia. Neste caso, haveria dinheiro em quantidade mais que suficiente para cobrir todos os empréstimos.

Era o primeiro erro dele. Sei que lhe foi sugerido...

A sugestão fora feita no segredo de uma reunião da diretoria da companhia, em que tudo era confidencial. Alguém que estava na reunião havia falado. Era alguém que queria exercer pressão sobre ela. Pretendia descobri-lo, mas isso podia ficar para depois.

— Posso fazer uma pergunta? — disse Elizabeth. — Se os empréstimos forem pagos, terá alguma importância para os senhores de onde veio o dinheiro? Julius Badrutt olhou-a, ruminando a pergunta, à procura de alguma armadilha. Disse por fim: — Não. Não tem importância de onde o dinheiro venha, contanto que os nossos títulos sejam pagos.

— Muito bem! Pouco importa que o dinheiro provenha da venda das ações da companhia a terceiros ou dos nossos recursos financeiros próprios. Tudo o que devem saber agora é que a Roffe and Sons não vai fechar as portas. Nem hoje, nem amanhã, nem nunca. Estou pedindo apenas a gentileza de uma prorrogação de prazo.

Julius Badrutt passou a língua pelos lábios secos e disse: — Acredite, Senhorita Roffe, que conta com toda a nossa simpatia.

Compreendemos a tremenda tensão emocional por que está passando, mas não podemos...

— Três meses — disse Elizabeth. — Noventa dias. É claro que deverão cobrar juros adicionais.

Houve um silêncio em volta da mesa. Mas era um silêncio negativo. Elizabeth viu os rostos hostis e frios. tentou então um lance de desespero.

— Não sei se devo revelar — murmurou ela com deliberada hesitação. — Em todo caso, peço-lhes que guardem o maior sigilo possível. A Roffe and Sons está em vésperas de uma descoberta que vai revolucionar toda a indústria farmacêutica. — Fez uma pausa para causar maior efeito. — Esta companhia tem em estudos um novo produto que vai sobrepujar todos os medicamentos atualmente existentes no mercado! Sentiu perfeitamente que tinha havido uma mudança no ambiente.

Foi Julius Badrutt quem mordeu primeiro a isca.

— De que tipo... é esse medicamento? Elizabeth sacudiu a cabeça.

— Desculpe, Sr. Badrutt. Talvez eu já tenha falado mais do que devia. Só lhes posso dizer que será a maior inovação na história de nossa indústria. Exigirá uma imensa expansão de nossas instalações. Teremos de duplicá-las, talvez triplicá-las. é claro que iremos precisar de novos financiamentos em grande escala.

Os banqueiros olhavam uns para os outros, trocando sinais silenciosos. O silêncio foi quebrado por Badrutt.

— Se nós lhe dermos um prazo de noventa dias, esperamos naturalmente que a Roffe and Sons trabalhe conosco em todas as futuras transações.

— Naturalmente.

Houve nova troca de olhares significativos. Funciona como os tambores na selva, pensou Elizabeth.

— Enquanto isso — disse Badrutt -, nós teremos a sua garantia de que ao fim de noventa dias todos os seus títulos vencidos seriam resgatados? — Teriam, sim.

Durante um instante, Badrutt ficou olhando para o espaço. Em seguida, olhou para Elizabeth e para cada um dos seus companheiros, recebendo sinais silenciosos.

— Da minha parte — disse ele -, estou disposto a concordar.

Não creio que um novo prazo, com os juros correspondentes, é claro, faça algum mal.

Um por um, os outros banqueiros concordaram.

— Estamos com você, Julius...

E tudo foi combinado. Elizabeth recostou-se na cadeira, tentando dissimular a sua satisfação. Ganhara noventa dias.

Ia precisar de todos os minutos desse prazo.

Capítulo 25

Era como se ela estivesse no centro de um furacão.

Tudo convergia para a mesa de Elizabeth, das centenas de departamentos da sede, das fábricas de Zaire, dos laboratórios da Grõenlândia, dos escritórios da Austrália e da Tailândia, dos quatro cantos da Terra.

Havia relatórios sobre novos produtos, demonstrativos de vendas, projeções estatísticas, campanhas de publicidade, programas experimentais.

Era preciso tomar decisões sobre a construção de novas fábricas, venda de fábricas velhas, compra de companhias, admissão e demissão de diretores. Elizabeth dispunha de pareceres técnicos em todas as fases dos negócios, mas as decisões finais tinham de ser tomadas por ela. Assim tinha sido Sam, e ela era grata pelos três anos que havia trabalhado com ele. Sabia muito mais sobre a companhia do que havia imaginado, e, ao mesmo tempo, sabia muito menos. A extensão da companhia era incalculável. Elizabeth havia concebido a companhia como um reino. Via agora que se tratava de uma série de reinos, cada qual com seu vice-rei, e que o escritório do presidente era como uma sala do trono. Cada um dos seus primos se incumbia do seu domínio próprio; além disso, supervisionava alguns territórios estrangeiros. Por isso, todos viajavam constantemente.

Elizabeth compreende que tinha um problema especial. Era uma mulher no mundo masculino, e descobriu que isso fazia alguma diferença. Nunca havia realmente acreditado que os homens aceitassem como uma verdade o mito de inferioridade das mulheres, mas agora via que as coisas não se passavam de outra

maneira. Ninguém dizia isso abertamente em palavras ou atos, mas Elizabeth tinha de enfrentar diariamente essa realidade.

Era uma atitude oriunda de velhos preconceitos e não se podia fugir dela. Os homens não gostavam de receber ordens de uma mulher. Não lhe agradava a ideia de que uma mulher pusesse em dúvida as suas conclusões ou discordasse dos seus conceitos. O fato de Elizabeth ser jovem e bela agravava a situação. Todos procuravam fazê-la compreender que o seu lugar era numa cama o numa cozinha, deixando os negócios aos cuidados dos homens.

Elizabeth marcava reuniões todos os dias com diversos chefes de departamento. Nem todos eram hostis. Alguns eram ousados. Uma mulher bonita na cadeira da presidência era um desafio irresistível para certos corações masculinos. Pensavam que, se conseguissem levá-la para a cama, poderiam controlá-la e a companhia também.

Eram uma versão adulta dos rapazes da Sardenha.

Os homens atacavam Elizabeth pelo lado errado. Deviam atacá-la pelo espírito, pois, no fundo, era dali que ela os controlava. Subestimavam-lhe a inteligência e se enganavam redondamente.

Calculavam mal a sua capacidade de exercer autoridade, e esse era outro erro.

Não levavam em consideração a sua energia, e esse era o maior de todos os erros. Ela era uma Roffe, descendente do velho Samuel e de Sam, com o espírito e a determinação deles.

Enquanto os homens a cercavam e procuravam usar Elizabeth, ela é que os usava. Apropriava-se dos conhecimentos, das experiências e da intuição que eles possuíam e passava a usar tudo isso como lhes pertencesse. Deixava os homens falarem e escutava. Fazia perguntas e guardava na memória as respostas.

Estava aprendendo.

Levava todas as noites duas pesadas pastas, cheias de relatórios a serem estudados. Trabalhava às vezes até às quatro horas da madrugada. Uma tarde, um fotógrafo registou para um jornal um flagrante de Elizabeth, que saía do edifício acompanhada de uma secretária com as duas pastas. A fotografia foi publicada no dia seguinte com a legenda: "Uma herdeira que trabalha". Elizabeth se tornara uma celebridade internacional da noite para o dia. A história de uma mulher jovem e bela que herdava uma companhia de muitos biliões de dólares e resolvia assumir a sua direção era irresistível. A imprensa explorou-a em todos os ângulos. Elizabeth era bela, inteligente e simples, uma combinação de qualidades muito raras entre as celebridades.

Atendia aos jornalistas sempre que possível, tentando recompor a imagem um pouco desgastada da companhia, e eles apreciavam essa solicitude. Quando ela não tinha a resposta à pergunta de algum repórter, não tinha a menor dúvida em pegar o telefone e perguntar a alguém. Os primos iam de avião a Zurique para as reuniões semanais. Elizabeth passava com eles tanto tempo quanto possível. Via-os juntos e reunia-se com cada um deles separadamente. Falava com eles e estudava-os, pensando encontrar algum indício de que um deles fosse capaz de deixar pessoas inocentes morrerem numa explosão, de vender segredos a concorrentes e de procurar destruir a Roffe and Sons. Um de seus primos.

Ivo Palazzi, com o seu irresistível encanto.

Alec Nichols, tipo perfeito, o próprio gentleman, sempre solícito quando Elizabeth precisava dele.

Charles Martel, um homem dominado e amedrontado. Homens assim podiam ser perigosos quando acuados.

Walther Gassner. O tipo do herói alemão. Belo e extremamente afável. Como seria ele no íntimo? Casara-

se com Anna, treze anos mais velha do que ele. Casara-se por amor ou por dinheiro? Quando Elizabeth estava com eles, observava, escutava, sondava. Mencionava a explosão no Chile e observava as reações de cada um. Falava das patentes que a Roffe tinha perdido para outras companhias e discutia as indemnizações a serem pagas.

Não conseguia apurar nada. Fosse quem fosse, era muito hábil para se deixar trair. Teria de ser colhido numa armadilha.

Lembrou-se da nota do próprio punho de Sam no relatório. Era preciso apanhar o patife. Ela teria de encontrar um meio.

Elizabeth ficava cada vez mais fascinada com o funcionamento interno da indústria farmacêutica.

As más notícias eram deliberadamente espalhadas. Quando se sabia que algum doente morrera depois de ter tomado um medicamento de um concorrente, meia hora depois cerca de dez homens estavam dando telefonemas através do mundo. "Sabe o que estão dizendo?" Entretanto, aparentemente, todas as companhias pareciam viver nas melhores relações possíveis. Os chefes de algumas das grandes firmas reuniam-se regularmente em encontros informais.

Elizabeth foi convidada para uma dessas reuniões. Foi a única mulher presente. Os homens debateram os seus problemas comuns.

O presidente de uma das grandes companhias, um homem de meia-idade que tinha seguido Elizabeth a noite inteira, disse-lhe em dado momento: — As restrições são cada vez mais absurdas. Se a aspirina fosse descoberta hoje, duvido muito que as autoridades a aprovassem. Por falar nisso, minha bela jovem, tem alguma ideia de há quanto tempo nós temos a aspirina? A bela jovem respondeu: — Desde quatrocentos anos antes de Cristo, quando Hipócritas descobriu a salicina na casca do salgueiro.

O homem olhou para ela e o sorriso morreu em seus lábios.

— Certo — murmurou ele, e afastou-se.

Todos os chefes de companhia concordavam em que um dos seus maiores problemas era o das firmas sem escrúpulos que roubavam as fórmulas dos produtos que tinham êxito, mudavam os nomes e lançavam os medicamentos no mercado. Isso custava às empresas de boa reputação centenas de milhões de dólares por ano.

Na Itália, não havia sequer a necessidade de roubar.

— A Itália é um país que não tem regulamento de patentes a respeito de medicamentos — disse um dos diretores a Elizabeth.

— Por algumas centenas de milhares de liras, qualquer pessoa pode comprar as fórmulas e vender os produtos com outro nome.

Gastamos milhões de dólares em pesquisas. E eles se limitam a arrecadar os lucros.

— Isso acontece apenas na Itália? — perguntou Elizabeth.

— A Itália e a Espanha são os piores lugares. A França e a Alemanha Ocidental, mais ou menos. Só nos Estados Unidos e na Inglaterra é que não acontece isso. Elizabeth olhava para aqueles homens indignados e tinha vontade de saber quantos deles estariam envolvidos nos roubos das patentes da Roffe and Sons.

Elizabeth tinha a impressão de que estava passando a maior parte da vida a bordo de aviões. O seu passaporte ficava bem à mão, na primeira gaveta de sua mesa. Uma vez por semana, pelo menos, havia uma chamada angustiosa do Cairo, da Guatemala ou de Tóquio, e poucas horas depois, Elizabeth estava a bordo de um avião com alguns homens de sua confiança para atender a alguma emergência.

Encontrava-se com gerentes de fábricas e suas famílias em cidades grandes como Bombaim ou em pontos

remotos como Puerto Vallarta, e pouco a pouco principiou a ver a Roffe and Sons sob outra perspectiva. Não era mais um acúmulo impessoal de relatórios e estatísticas. Chegava um relatório da Guatemala e isso significava Emilio Núñez, sua mulher gorda e feliz e seus doze filhos. Copenhague era Nils Bjorn e a mãe inválida com quem ele vivia. O Rio de Janeiro fazia lembrar uma noite passada com Alexandre Duval e sua vivaz companheira.

Elizabeth mantinha-se regularmente em contato com Emil Joeppli. Telefonava-lhe sempre por uma linha privativa e às vezes ia visitá-lo à noite em seu pequeno apartamento no Aussershl.

Era cautelosa até pelo telefone.

— Como vão as coisas? — Um pouco mais lentamente do que eu esperava, Senhorita Roffe.

— Precisa de alguma coisa? — Não. Só de tempo. Encontrei um problema, mas creio que já resolvi.

— Muito bem. Telefone-me se precisar de alguma coisa, seja lá o que for.

— Está bem. Muito obrigado, Senhorita Roffe.

Elizabeth desligara o telefone com vontade de dizer mais alguma coisa, de apressá-lo, pois sabia que o vencimento dos empréstimos contraídos com os bancos estava próximo. Precisava muito do produto em que Joeppli estava trabalhando, mas sabia que pouco adiantava pressioná-lo e continha sua impaciência. As experiências não podiam evidentemente estar terminadas antes do prazo concedido pelos banqueiros. Mas ela tinha um plano.

Pretendia levar Julius Badrutt secretamente até o laboratório para que ele visse pessoalmente o projecto. Os bancos dariam o tempo necessário.

Elizabeth trabalhava cada vez mais em conjunto com Rhys Williams, e com frequência ficavam juntos até altas horas da noite.

Quase sempre trabalhavam sozinhos. Jantavam na sala privativa do escritório ou no elegante apartamento que ela passara a ocupar. Era um edifício moderno em Zurichberg, com as janelas dando para o lago de Zurique, amplo , arejado e bem-iluminado.

Elizabeth estava cada vez mais consciente do poderoso magnetismo animal de Rhys, mas, se ele sentia qualquer atração por ela, tinha o maior cuidado em não dar a maior demonstração.

Era sempre gentil e simpático. A sua atitude era mais ou menos protetora, e essa palavra tinha no espírito de Elizabeth ressonância pejorativa.

Queria se apoiar nele, confiar nele, mas sabia que precisava tomar cuidado. Mais de uma vez, estivera a ponto de contar a Rhys tudo sobre os atos de sabotagem na companhia, mas recuava sempre. Não era ainda tempo de falar sobre o assunto com ninguém. Tinha de saber mais.

Elizabeth estava adquirindo confiança em si mesma. Na reunião de vendas, tinham discutido o caso de um preparado para os cabelos que estava tendo pouca saída.

— Há muitas devoluções das farmácias — disse um dos chefes de vendas. — O produto não pegou. Precisamos de mais publicidade.

— Nossa verba de publicidade está esgotada — disse Rhys. — Temos de tomar uma providência diferente.

— Vamos tirar o produto das farmácias — disse então Elizabeth.

— Como? — perguntaram todos, voltando-se para ela.

— É isso mesmo. Devemos continuar a campanha de publicidade e passar a vender o produto exclusivamente nos salões de beleza. Procurem dar a impressão de que é uma mercadoria exclusiva, difícil de encontrar.

Rhys pensou um pouco e disse: — Muito bem. Agrada-me a ideia.

As vendas do produto subiram da noite para o dia.

Depois, Rhys deu-lhe os parabéns.

— Você não é apenas uma mulher bonita — disse ele com um sorriso.

Então, ele estava começando a notá-la.

Capítulo 26

Londres. Sexta-feira, 2 de novembro. 14 horas.

Alec Nichols estava na sauna do clube quando a porta se abriu e um homem entrou na peça de vapor, com uma toalha amarrada à cintura. Foi sentar-se no banco de madeira ao lado de Alec.

— Isto aqui está quente como um colo de feiticeira, não é mesmo, Sir Alec? Alec voltou-se. Era Jon Swinton.

— Como conseguiu entrar aqui? — Disse que estava à minha espera — respondeu Swinton, piscando o olho. — E está mesmo, não é? — Não. Já lhe disse que preciso de um pouco mais de tempo.

— Disse também que sua priminha ia consentir na venda das ações que, depois disso, nos daria o dinheiro.

— Ela... ela mudou de ideia.

— Pois é melhor você convencê-la a não mudar de ideia.

— Vou convencê-la. É apenas uma questão de...

— É apenas uma questão de quanto papo-furado vamos tolerar de sua parte — disse Jon Swinton, chegando mais perto e fazendo Alec escorregar pelo banco para afastar-se dele. — Não queremos ser duros, porque é sempre bom ter um amigo de confiança no Parlamento. Mas acontece que há um limite para tudo...

Nós lhe fizemos um favor. Agora, está na hora de você pagar. Tem de conseguir uma remessa de drogas para nós.

— Não! É impossível! Não posso fazer isso...

Alec viu de repente que tinha sido empurrado para aponta do banco, bem próximo ao recipiente de metal cheio de pedras quentes.

— Cuidado! — gritou Alec.

Swinton agarrou o braço de Alec e torceu-o, empurrando-o na direção das pedras. Alec sentiu que os pêlos de seu braço começavam a chamuscar.

— Não! No instante seguinte, o braço foi comprimido contra as pedras, e Alec soltou um grito de dor. Em seguida, rolou pelo chão. Swinton inclinou-se para ele e disse: — Dê um jeito. Depois a gente se vê.

Capítulo 27

Berlim. Sábado, 3 de novembro. 18 horas.

Anna Roffe Gassner não sabia por quanto tempo poderia aguentar aquilo.

Era uma prisioneira dentro de sua própria casa. A não ser nas poucas horas em que a faxineira aparecia uma vez por semana, ela e os filhos ficavam sozinhos e inteiramente à mercê de Walther.

Este nem se dava mais ao trabalho de esconder o seu ódio. Anna estava no quarto das crianças, ouvindo um disco que gostava muito.

— Estou farto de ouvir isso! — gritou Walther, entrando impetuosamente.

Quebrou o disco, enquanto as crianças se encolhiam de terror.

Anna tentou acalmá-lo.

— Desculpe, Walther. Não sabia que você estava em casa. Quer alguma coisa? Walther avançou para ela,

com os olhos fuzilantes, e disse: — Temos de nos librar das crianças, Anna.

Colocou as mãos nos ombros dela.

— O que acontecer nesta casa será nosso segredo.

Nosso segredo. Nosso segredo. Nosso segredo.

Sentiu as palavras ressoarem-lhe na cabeça enquanto os braços de Walther a apertavam até que ela não pôde mais respirar.

Perdeu os sentidos. Quando Anna voltou a si estava deitada em sua cama. As cortinas estavam descidas. Olhou para o relógio na mesa-de-cabeceira. Seis horas da tarde. A casa estava em silêncio, num silêncio sinistro. Pensou imediatamente nas crianças.

Levantou-se com as pernas trémulas e foi até à porta do quarto. Estava trancada por fora. Encostou o ouvido à porta, procurando escutar. Devia estar ouvindo o barulho das crianças.

Não podiam deixar de procurá-la.

Se pudessem, se ainda estivessem vivas...

Suas pernas tremiam tanto que teve dificuldade em ir até ao telefone. Rezou em silêncio ao tirar o fone do gancho. Ouviu o ruído e hesitou, pensando no que Walther faria se a surpreendesse de novo. Começou a discar com as mãos trémulas.

Por isso, discou errado. Pela segunda vez também. Começou a chorar. Havia tão pouco tempo! Procurando dominar-se, e com movimentos muito lentos, discou 110. Ouviu a campainha tocar e em seguida uma voz milagrosa de homem.

— Aqui fala o Socorro Urgente da Polícia.

Anna não conseguiu articular uma só palavra.

— Fala o Socorro Urgente da Polícia. Que deseja?
— Por favor! Mande alguém aqui! Estou em grande perigo! Mande alguém...

Walther apareceu diante dela, arrancando-lhe o telefone da mão e atirou-a na cama com um empurrão.

Com a respiração entrecortada arrancou o fio do telefone da parede e voltou-se para Anna.

— As crianças... — murmurou ela. — O que você fez com as crianças? Walther não respondeu.

A Divisão Central da polícia Criminal de Berlim ficava na Keithstrasse, 2832, num bairro de aspecto comum, em que havia tantos edifícios de apartamentos quanto de escritórios. O número de emergência do Departamento de Delitos Pessoal era dotado de um dispositivo automático que não permite que uma ligação fosse desfeita enquanto não fosse cortada eletronicamente pela mesa da polícia. Graças a isso, era possível apurar a procedência de todos os telefonemas, por mais breve que tivesse sido a conversação. Esse dispositivo era um equipamento moderno de que o departamento se orgulhava.

Cinco minutos depois do telefonema de Anna Gassner, o detetive Paul Lange entrou no gabinete do seu chefe, o major Wageman, tendo na mão um toca-fitas.

— Gostaria que escutasse isso — disse o detetive e apertou um botão.

Ouviu-se uma voz metálica dizer: "Aqui fala o Socorro Urgente da Polícia. Que deseja?" Ouviu-se então uma voz de mulher, cheia de terror: "Por favor! Mandem alguém aqui! Estou em grande perigo! Mandem alguém..." Houve um estalo, depois um baque, e o telefone ficou mudo.

— Identificou o telefonema? — perguntou o major Wageman.

— Sabemos de que casa foi dado o telefonema — respondeu o detetive.

— Qual é o problema então? Fale com a Central para mandar um carro imediatamente para lá.

— Quero a sua autorização primeiro — disse Lange, colocando uma folha de papel na mesa diante do major.

— Epa! — exclamou Wageman. — Tem certeza? — Tenho, major.

Wageman olhou para a folha de papel. O telefone constava da lista em nome de Walther Gassner, chefe da divisão alemã da Roffe and Sons, uma das grandes empresas da Alemanha.

Não havia necessidade de discutir as consequências. Só um idiota poderia desconhecê-las. Um passo em falso, e ambos poderiam ser demitidos.

— Muito bem — disse Wageman, depois de refletir um pouco. — Acho que você deve ir pessoalmente. E tenha muito cuidado, entendeu? — Entendi, major.

A propriedade de Gassner ficava em Wannsee, um subúrbio de classe alta na parte sudoeste de Berlim. O detetive Lange seguiu pelo caminho mais longo, o da Hohenszollerndamm, e não pela Autobahn, para encontrar o tráfego livre. Atravessou o Clayalle e passou pelo edifício da CIA, escondido por trás de mais de um quilômetro de cercas de arame farpado. Passou pelo quartel-general do exército americano e virou à direita para o que fora conhecido em outros tempos como Rodovia 1, a estrada mais longa da Alemanha, que ia da Prússia Oriental às fronteiras da Bélgica. à sua direita, ficava a Brück der Einheit, a Ponte da Unidade. O detetive Lange saiu da grande estrada para as colinas cobertas de florestas de Wannsee.

O lugar era muito bonito. às vezes, aos domingos, o detetive Lange ia com a mulher para aqueles lados só para apreciarem as lindas casas.

Encontrou o endereço que procurava pelo longo caminho que levava à casa de Walther Gassner. A dinastia Roffe era bastante poderosa para derrubar governos. Seguindo o conselho do seu chefe, o detetive Lange estava empenhado em ter o máximo de cuidado.

Parou o carro à porta da casa de três andares, saltou, tirou o chapéu e tocou a campainha. Esperou. Havia o pesado silêncio de uma casa deserta. Sabia que

isso era impossível e tornou a tocar. Nada senão aquele silêncio completo e opressivo. Já estava pensando em ir tentar os fundos da casa quando a porta se abriu inesperadamente. Uma mulher apareceu. Era de meia-idade e de feições comuns. O detetive Lange pensou que fosse a governanta. Mostrou a sua carteira de identificação e disse: — Gostaria de falar com a Sra. Walther Gassner. Tenha a bondade de dizer-lhe que é o detetive Lange.

— Sou a Sra. Gassner — disse a mulher.

O detetive Lange conseguiu esconder a sua surpresa. Tinha uma ideia inteiramente diferente da dona de uma casa como aquela.

— Recebemos na polícia ainda há pouco um chamado daqui.

Ela o olhou, com o rosto impassível e desinteressado. Lange tinha a impressão de que estava tratando erradamente do caso, não sabia por quê. Parecia-lhe que não estava levando em conta alguma coisa importante.

— O telefonema foi seu, Sra. Gassner? — Foi, sim, mas tudo não passou de um engano.

Havia um tom surdo, forçado, na voz da mulher que não lhe agradava, principalmente quando o comparava com o apelo nervoso e angustiado pelo telefone.

— Só para constar dos nossos registos, que espécie de engano, senhora? Houve um instante de pequena hesitação.

— Dei por falta de uma de minhas jóias e pensei que tivesse sido roubada. Mas já encontrei a jóia.

O número do telefone de emergência era para casos graves, assaltos, homicídio, agressão. Mas era preciso agir com cuidado.

— Está bem — disse o detetive, com vontade de entrar na casa e ver o que ela estava escondendo, mas nada mais podia fazer.

— Muito obrigado, Sra. Gassner. Desculpe o incômodo.

O detetive ficou frustrado e viu a porta ser fechada em sua cara. Voltou para o carro e foi embora.

Atrás da porta, Anna se voltou.

Walther disse com voz mansa: — Saiu-se muito bem, Anna. Agora, vamos voltar lá para cima.

Ele se dirigiu para a escada. Anna pegou numa tesoura grande que levava escondida nas dobras do robe e cravou-a nas costas dele.

Capítulo 28

Roma. Domingo, 4 de novembro. Meio-dia.

Ivo Palazzi pensava que o dia estava prefeito para aquela visita à Villa d'Este, em companhia de Simonetta e das três belas filhas do casal. Enquanto passeava pelos fabulosos jardins do Tivoli, de braço dado com sua mulher, ao ver as meninas que corriam de uma fonte para a outra, ia pensando se Pirro Ligorio, que construíra o parque para a família D'Este, sonhara com a alegria que proporcionaria no futuro a milhões de pessoas.

A Villa D'Este ficava a nordeste de Roma, no alto dos montes Sabinos. Ivo já estivera muitas vezes ali, mas sempre sentia um prazer especial em ficar no ponto mais alto e olhar para as dezenas de fontes luminosas, cada qual artisticamente desenhada e diferente das outras.

Uma vez, Ivo tinha levado até ali Donatella e seus três filhos. Como tinha adorado o passeio! Essa lembrança entristeceu Ivo. Não vira Donatella, nem falara com ela, desde aquela horrível tarde no apartamento. Lembrava-se ainda das tremendas unhadas que recebera dela. Sabia que remorso ela devia estar sentindo, ao mesmo tempo que desejava a volta dele.

Não fazia mal que ela sofresse um pouco, como ele havia sofrido.

Imaginava ouvir a voz de Donatella a dizer durante o passeio: "Vamos. Por aqui, meninos". Ouviu a voz de Donatella tão claramente que chegava a parecer-lhe real. Ouviu-a dizer: — Ande mais depressa, Francesco! Voltou-se e viu Donatella atrás dele em companhia dos três filhos, encaminhou-se determinadamente para onde estavam ele, Simonetta e as três meninas. No primeiro momento, Ivo pensou que a presença de Donatella ali nos jardins do Tivoli fosse pura coincidência, mas logo viu a expressão no rosto dela, ficou sabendo da verdade. A grande putana estava reunindo as duas famílias para arruiná-lo. Agiu então como um alucinado.

Gritou para Simonetta: — Quero mostrar-lhe uma coisa. Vamos andar depressa, todo mundo! Levou então rapidamente a família pela sinuosa escadaria de pedra abaixo, empurrando quem encontrava no caminho para abrir passagem e de vez em quando lançando olhares desesperados para trás. Donatella e as crianças já estavam chegando ao alto da escadaria. Ivo sabia que, se os meninos o vissem, tudo estaria perdido. Bastava que um deles gritasse "Papai!" e ele não teria outro remédio senão afogar-se numa das fontes. Apressou Simonetta e as filhas, sem lhes dar oportunidade sequer para respirar.

— Para onde vamos? — perguntou Simonetta. — Por que esta correria?

— É uma surpresa. Você vai ver — disse Ivo, tentando mostrar-se alegre e despreocupado.

Arriscou outro rápido olhar para trás. Donatella e os três rapazes não estavam visíveis no momento. à frente, havia um labirinto, com um lanço de degraus para baixo e outro para cima. Ivo escolheu o último.

— Vamos! — disse ele para as meninas. — Quem chegar primeiro lá em cima ganhará um prêmio!

— Estou exausta, Ivo — disse Simonetta. — Não podemos descansar um instante?

— Descansar? Nem me fale em descansar! Isso estragaria a surpresa! Vamos! Pegou Simonetta pelo braço e arrastou-a pelos degraus acima enquanto as três meninas corriam à frente.

Ivo sentiu de repente falta de fôlego e pensou por um momento que seria bem feito para as duas mulheres que ele caísse ali fulminado por um ataque do coração. A verdade era que não se podia confiar nas mulheres. Precisavam obrigá-lo a fazer aquilo? Não o adoravam? Mas ele ia matar aquela cadela! Imaginou estrangular Donatella na cama. Ela estava nua e lhe pedia perdão. Sentiu então desejo ao invés de raiva.

— Não podemos parar agora? — perguntou Simonetta.

— Não! Estamos quase chegando! Chegaram de novo ao alto. Ivo correu os olhos em torno e não viu Donatella e as crianças.

— Para onde você está nos levando, Ivo? — Vocês vão ver. sigam-me! — disse Ivo nervosamente, levando-as para a saída.

— Mas já vamos sair, papai? — perguntou Isabella, a filha mais velha. — Chegamos ainda há pouco...

— Vamos para um lugar melhor — disse Ivo, ofegante.

Olhou para trás e viu Donatella, que subia a escada com os filhos.

— Mais depressa, meninas.

Um momento depois, Ivo e uma de suas famílias estavam fora dos portões da Villa d'Este, correndo para o carro, que havia ficado na grande praça.

— Nunca vi você agir dessa maneira — murmurou Simonetta.

— Nunca agi assim.

Ligou o motor antes mesmo que as portas estivessem fechadas e saiu do estacionamento como se os demônios o estivessem perseguindo.

— Ivo! Ele bateu tranquilizadoramente na mão de Simonetta.

— Quero que todo mundo agora fique calmo. Como prêmio especial, vou levar vocês para almoçarem no Hassler.

Sentaram-se a uma mesa diante de uma grande janela, de onde se via a Escada Espanhola e, ao longe, em todo o seu esplendor, a Basílica de São Pedro.

Simonetta e as crianças gostaram muito do almoço. Ivo tinha a impressão que estava comendo papel. Suas mãos tremiam tanto que mal conseguia segurar o talher. Não aguento mais, pensava ele. Não vou deixar que ela me arruíne a vida.

Não tinha mais dúvidas de que era exatamente isso que Donatella pretendia fazer. A sorte estava lançada. A não ser que ele encontrasse um meio de dar o dinheiro a Donatella.

Tinha de conseguir o dinheiro. Pouco importava como...

Capítulo 29

Segunda-feira, 5 de novembro. 18 horas.

No momento em que Charles Martel entrou em casa, viu que estava em dificuldades. Hélène achava-se à espera dele em companhia dela estava Pierre Richaud, o joalheiro que fizera as imitações das jóias roubadas.

— Entre, Charles — disse Hélène com um subtom na voz que gelou de terror o coração de Charles. — Creio que você e M.

Richaud já se conhecem.

Charles olhou-a, calado, sabendo que qualquer coisa que dissesse poderia condená-lo. O joalheiro voltara os olhos para o chão e era evidente que não se sentia à vontade.

— Sente-se, Charles.

Era uma ordem, e ele obedeceu.

— O que está enfrentando agora, mon cher mari, é um processo criminal como ladrão. Roubou minhas jóias e substituiu-as por imitações baratas feitas por M. Richaud.

Charles descobriu, horrorizado, que estava urinando nas calças, coisa que não lhe acontecia desde garotinho. Ficou muito vermelho e teve vontade de sair dali para ir trocar de roupa. Não, o que ele queria mesmo era fugir dali e nunca mais voltar.

Hélène sabia de tudo. Pouco importava como descobrira. Não havia escapatória e não havia piedade. Já era por demais aterrador que Hélène tivesse descoberto o roubo. Pior seria quando ela soubesse o motivo, quando soubesse que ele planejava tirar o dinheiro de Hélène para fugir dela. O inferno em que vivia iria ter redobrada a violência. Ninguém conhecia Hélène mais que Charles. Era une sauvage1 , capaz de tudo.

Destruí-lo-ia sem um momento de hesitação e o transformaria num clochard, num dos tristes vagabundos esfarrapados que dormem nas ruas de Paris. A vida dele se tornaria de repente uma merda.

— Pensou mesmo que poderia ter êxito com uma coisa tão imbecil? — perguntou Hélène.

Charles ficou miseravelmente calado. Sentia as calças mais molhadas ainda, mas não tinha coragem de olhar para ela.

— Consegui convencer M. Richaud a contar-me tudo.

Convencer... Charles não queria nem pensar como.

— Tenho cópias fotostáticas do recibo do dinheiro que você me roubou. Posso fazê-lo passar vinte anos na cadeia. — Fez uma pausa e acrescentou: — Se eu quiser.

As palavras dela só serviam para agravar o pânico de Charles.

A experiência lhe demonstrava que a generosidade de Hélène era ainda mais perigosa do que a cólera. Charles não tinha ânimo de olhar para ela. Não conseguia imaginar o que ela exigiria dele.

Devia ser alguma coisa monstruosa.

Hélène voltou-se para Pierre Richaud.

— Não diga uma palavra sobre isto a ninguém até eu resolver o que fazer.

— Sem dúvida alguma, Mme Roffe-Martel, sem dúvida. E agora, posso...? Hélène assentiu, e Pierre Richaud deixou rapidamente a casa.

Hélène viu-o sair e, em seguida voltou-se para o marido.

Podia sentir o cheiro do medo dele. E de alguma coisa mais.

Urina. Sorriu. Charles tinha-se urinado de medo. Havia-o adestrado bem. Estava contente com Charles. Era um casamento muito satisfatório. Ensinara Charles, e ele havia reagido muito bem. Era um produto dela. As inovações que ele introduzira na Roffe and Sons eram brilhantes, mas tinham partido todas da cabeça de Hélène. Ela era uma Roffe. Era rica por direito próprio, e os seus casamentos anteriores lhe haviam dado ainda mais dinheiro. Mas não era por dinheiro que se interessava e, sim, pelo controle da companhia. Tinha planejado usar as suas ações para comprar mais ações, as ações dos outros. Já conversara com eles sobre isso. Todos haviam concordado em cooperar com ela para a formação de um grupo minoritário. Mas Sam tinha sido um obstáculo aos seus planos e, depois, Elizabeth. Hélène, porém, não tencionava deixar que

Elizabeth, ou fosse lá quem fosse, a impedisse de conseguir o que desejava. Charles ia conseguir tudo para ela. Se acontecesse algum contratempo, ele serviria de bode expiatório.

Naquele momento, entretanto, ele devia ser punido por sua pequena revolta. Olhou para ele e disse: — Ninguém me rouba, Charles. Ninguém. Você está liquidado. A não ser que eu resolva salvá-lo.

Charles estava sentado, desejava vê-la morta, apavorado diante dela. Hélène se aproximou dele e quase lhe roçou o rosto com as coxas.

— Quer que eu o salve, Charles? — Quero — disse ele, a voz rouca.

Hélène estava tirando a saia com os olhos faiscando, e ele pensou: Oh, não! Agora não! — Escute então o que lhe vou dizer. A Roffe and Sons é minha companhia. Quero o controle acionário dela.

Charles levantou os olhos para ela do fundo da sua angústia e disse: — Sabe muito bem que Elizabeth não vai vender.

Hélène tirou a blusa e as calças.

— Você deve então fazer alguma coisa com ela. Ou isso ou vinte anos de cadeia. Não se preocupe, que eu lhe direi o que tem de fazer. Mas, primeiro, venha cá, Charles.

Capítulo 30

No dia seguinte, às dez horas da manhã, o telefone direto de Elizabeth tocou. Era Emil Joeppli. Ela lhe havia dado o número do telefone para que ninguém soubesse das conversas entre eles.

— Seria muito bom se eu pudesse vê-la — disse ele, numa voz em que a ansiedade era visível.

— Estarei aí dentro de quinze minutos.

Kate Erling mostrou surpresa quando viu Elizabeth sair do escritório com o casaco e a bolsa.

— Tem hora marcada com.... — disse ela.

— Cancele tudo por hora — disse Elizabeth e saiu.

No Edifício de Desenvolvimento, um guarda examinou o cartão de Elizabeth.

— Ultima porta à esquerda, Senhorita Roffe.

Joeppli estava sozinho no laboratório e recebeu-a com entusiasmo.

— Terminei os últimos testes ontem à noite. Dá resultado. As enzimas tolhem inteiramente o processo de envelhecimento.

Levou-a até uma gaiola onde havia quatro jovens coelhos irrequietos e animados de incessante vitalidade. Numa gaiola ao lado, viam-se também quatro coelhos, estes mais velhos e apáticos.

— Esta é a geração número 500 a receber a enzima — disse Joeppli.

— Parecem sadios — disse Elizabeth, olhando para a gaiola.

— Este é o grupo de controle — disse Joeppli, sorrindo. — Os mais velhos estão à esquerda.

Elizabeth olhou para os coelhos cheios de vida que se agitavam na gaiola e quase não pôde acreditar.

— Terão uma sobrevida três vezes maior que os outros.

Quando se aplicasse essa relação aos seres humanos, os resultados seriam assombrosos. Elizabeth não podia dissimular seu interesse.

— Quando poderá começar a fazer experiências com seres humanos, Joeppli? — Estou reunindo minhas anotações. Depois disso, preciso de mais três ou quatro semanas, no máximo.

— Não fale nisso com ninguém, sim? — Claro que não, Senhorita Roffe. Estou trabalhando sozinho e redobrarei os cuidados.

Toda a tarde foi tomada por uma reunião de diretoria e tudo correu bem. Walther não apareceu. Charles ventilou novamente o assunto da venda das ações, porém Elizabeth opôs firmemente o seu veto. Depois disso, Ivo foi encantador como sempre, e Alec se mostrou mais cavalheiro do que nunca. Charles parecia excepcionalmente preocupado. Elizabeth gostaria de saber porquê.

Convidou todos a ficarem em Zurique e jantarem com ela. Tão displicentemente possível, Elizabeth mencionou os problemas constantes do relatório, esperando alguma espécie de reação, mas não notou nervosismo nem culpa. E todos os que podiam estar envolvidos no caso, à excepção de Walther, estavam sentados à mesa.

Rhys não comparecera à reunião nem ao jantar. Dissera a Elizabeth que tinha um caso urgente para resolver, e ela imaginou logo que se tratava de alguma mulher. Sabia que sempre que Rhys ficava trabalhando com ela até altas horas da noite, tinha de cancelar algum encontro. Certa vez, quando ele não conseguira avisar a tempo a mulher, esta apareceu no escritório. Era uma ruiva sensacional, com um corpo que fazia Elizabeth sentir-se humilhada. Estava furiosa e não

procurava ocultar o desagrado que sentia. Rhys levou-a até o elevador e voltou.

— Desculpe, Elizabeth — disse ao voltar.

Elizabeth não se conteve.

— Ela é encantadora. O que faz na vida? — É médica, especializava em neurocirurgia.

Elizabeth riu, mas soube no dia seguinte que a ruiva era realmente médica especializada em neurocirurgia.

Tinha havido outras, e Elizabeth sentiu-se mal em todos os casos. Gostaria de compreender Rhys melhor. Conhecia o Rhys Williams gregário e público. Queria conhecer o Rhys Williams íntimo, que vivia escondido sob o outro. Mais de uma vez, tinha pensado que quem deviria estar dirigindo a companhia era Rhys, em lugar de receber ordens dela. Gostaria muito de poder ser franca e ficar sabendo o que Rhys pensava disso.

Naquela noite, depois do jantar, quando os membros da diretoria já se haviam despedido para embarcar em comboios e aviões de volta para casa, Rhys entrou no escritório onde Elizabeth estava trabalhando com Kate Erling.

— Resolvi vir ajudar um pouco — disse ele simplesmente.

Não explicou onde tinha estado. Por que teria de me dar explicações?, pensou Elizabeth. Ele não me deve nenhuma justificativa.

Todos começaram a trabalhar, e o tempo correu célere. Rhys estava inclinado sobre alguns papéis., examinando-os rapidamente, mas sem perder um só detalhe. Encontrou várias falhas em contratos importantes, que não tinham sido notadas pelos advogados. Por fim, levantou-se, espreguiçou-se e olhou para o relógio.

— Ih! Já passa de meia-noite! Estou cansado e tenho um encontro. Virei amanhã bem cedo para acabar

de examinar estes contratos.

Elizabeth perguntou-se se o encontro seria com a neurocirúrgica ou com outra. Conteve-se, porém. O que Rhys Williams fazia com a sua vida particular era assunto exclusivamente dele.

— Desculpe — disse ela. — Não sabia que já era tão tarde.

Pode ir. Kate e eu ainda vamos ler alguns papéis.

— Até amanhã, então. Boa noite, Kate.

— Boa noite, Sr. Williams.

Elizabeth viu Rhys sair e voltou ao trabalho. Mas, um momento depois, pensava em Rhys de novo. Devia ter contado a ele os resultados alcançados por Emil Joeppli com o seu projecto.

Gostaria de partilhar tudo com ele. Dentro em breve, talvez...

à uma hora da madrugada, resolveram encerrar o trabalho.

— Mais alguma coisa, Senhorita Roffe? — perguntou Kate Erling.

— Não. Não há mais nada. Obrigada, Kate. Não se importe com a hora de entrada amanhã.

Elizabeth levantou-se e só então percebeu como estava cansada.

— Muito obrigada. Amanhã à tarde, baterei tudo isso à máquina.

— Ótimo, Kate.

Elizabeth pegou o casaco e a bolsa e ficou à espera de Kate.

Saíram juntas para o corredor e se encaminharam para o elevador privativo que estava com a porta aberta à espera. As duas entraram no elevador. Quando Elizabeth ia premir o botão do térreo, ouviram o telefone tocar no escritório.

— Vou atender, Senhorita Roffe. Pode ir descendo — disse Kate Erling saindo do elevador.

Embaixo, o vigia do térreo olhou para o painel de controle dos elevadores quando uma luz vermelha se acendeu e o elevador privativo começou a descer. Isso significava que a Senhorita Roffe vinha descendo. O vigia voltou-se para o chofer dela, que cochilava a um canto, com um jornal na mão.

— Sua patroa já vem. O chofer levantou-se e espreguiçou-se.

A campainha de alarme quebrou de repente o silêncio do vestíbulo.

O vigia olhou para o painel de controle. A luz vermelha descia rapidamente, descontrolada, indicando a queda do elevador.

— Meu Deus! — exclamou o vigia.

Correu para o painel dos elevadores e apertou o botão de emergência, para acionar os freios, mas a luz vermelha continuou sua descida veloz. O chofer tinha se aproximado, viu a fisionomia transtornada do vigia e perguntou: — O que está havendo? — Saia daqui! — gritou o vigia. — O elevador vai cair.

Correram para bem longe. O vestíbulo começava a vibrar com a velocidade do carro desgovernado. dentro do poço, e o guarda desejou que a Senhorita Roffe não estivesse dentro do elevador.

Quando o elevador passou pelo vestíbulo, veio do seu interior um grito de terror. Um instante depois, houve um estrondo no fundo do poço, e o edifício tremeu como se tivesse sido atingido por um terremoto.

Capítulo 31

O inspetor-chefe Otto Schmied, da Polícia Criminal de Zurique, estava sentado à sua mesa, respirando profundamente de acordo com os princípios da ioga, procurando acalmar-se e controlar a fúria que o dominava.

Havia no processo policial regras tão básicas e evidentes que ainda ninguém julgara necessário incluí-las nos manuais da polícia. Eram coisas naturais e simples como respirar, dormir e comer. Por exemplo, quando ocorria um acidente fatal, a primeira coisa que um detetive fazia, o primeiro movimento simples, óbvio, natural de um detetive que valia o pão que comia era visitar o local do acidente. Nada poderia ser mais elementar do que isso. Entretanto, bem ali na mesa do inspetor-chefe Otto Schmied estava um relatório do detetive Max Hornung que representava uma violação de todas as normas policiais conhecidas. Eu só poderia esperar isso, pensou o inspetor. Por que estou tão surpreso? O detetive Hornung era uma pedra no sapato, a bête noire, a Moby do inspetor Schmied, que era um admirador entusiástico do livro Melville. O inspetor respirou de novo profundamente e deixou o ar escapar muito lentamente. Só então, mais calmo, apanhou o relatório de Max Hornung e leu-o de novo, desde o princípio.

"RELATÓRIO

Quarta-feira, 7 de novembro. Hora: 1h15

Assunto: Comunicado da mesa telefônica central de um acidente no edifício da administração da Roffe and Sons, na fábrica da Eichenbahn.

Tipo do acidente: Desconhecido.

Causa do acidente: Desconhecida.

Números de mortos e feridos: Desconhecido.

Hora: 1h27 Assunto: Segundo comunicado da mesa telefônica, um acidente na Roffe and Sons.

Tipo do acidente: Queda de elevador Causa do acidente: Desconhecida.

Números de mortos e feridos: Uma mulher, morta.

Iniciei uma investigação limitada. à 1h35 da madrugada, obtive o nome do superintendente do edifício da administração da Roffe And Sons e soube dele o nome do primeiro arquitecto no prédio.

2h30 da madrugada. Encontrei o primeiro arquitecto, que estava comemorando o seu aniversário em La Puce. Deu-me o nome da firma que instalou os elevadores no prédio: Rudolf Schatz, A. G. às 3h15 da madrugada, telefonei para a casa do Sr. Rudolf Schatz e pedi-lhe que procurasse imediatamente as plantas dos elevadores. Solicitei também os orçamentos, com os cálculos preliminares e as despesas totais. Solicitei ainda uma relação completa de todo o material mecânico elétrico empregado." Neste ponto, o inspetor Schmied sentiu uma contração espasmódica na face direita. Respirou profundamente várias vezes e continuou a ler.

"6h15. Os documentos solicitados foram-me entregues aqui na chefatura pela esposa do Dr. Schatz. Depois de examiná-los, fiquei convencido do seguinte: a) não houve emprego de material inferior na construção dos elevadores; b) em vista da boa reputação da firma, deve ser excluída a hipótese de trabalho de montagem inferior como a causa do acidente; c) as medidas de segurança de que foram dotados os elevadores foram satisfatórias; d) minha conclusão, portanto, é que a causa da queda do elevador não foi acidente.

(assinado) Max Hornung, detetive.

N.B. Como os meus telefonemas foram feitos de madrugada, é possível que a polícia receba queixas das pessoas a quem eu possa ter despertado." O inspetor Schmied jogou o relatório com raiva para um canto da mesa. "Pessoas a quem possa ter despertado!" O inspetor-chefe tinha passado a manhã sob o fogo cruzado dos telefonemas das autoridades do governo suíço. O que ele pensava que a polícia era? Alguma Gestapo? Como se atrevera a acordar o presidente de uma respeitável empresa construtora e ordenou-lhe a entrega de documentos no meio da noite? Como tivera coragem de suspeitar da integridade de uma firma com a Rudolf Schatz? E assim por diante...

Mas o que era mais espantoso, o que era até incrível, era que o detetive Max Hornung só havia aparecido no local do acidente catorze horas depois da comunicação do mesmo! Quando lá chegara, a vítima já fora removida, identificada e autopsiada. Meia dúzia de outros detetives tinham examinado o local do acidente, interrogado testemunhas e redigido relatórios.

Quando o inspetor-chefe Schmied acabou de ler o relatório do detetive Max Hornung, mandou chamá-lo ao seu gabinete.

O simples aspecto do detetive Max Hornung já bastava para enfurecer o inspetor-chefe. Max Hornung era um homem baixo, gordo e calvo. O rosto parecia o resultado de uma hora de divertimento de algum humorista. A cabeça era muito grande e as orelhas muito pequenas. A boca parecia uma ameixa comprida. Além de tremendamente míope, Max Hornung ficava dez centímetros abaixo da altura exigida pelos regulamentos da Polícia Criminal de Zurique. Como se tudo isso não bastasse, ainda era arrogante. Havia unanimidade de sentimentos na polícia em relação a Max Hornung. Todos o odiavam.

A mulher do inspetor-chefe perguntara um dia por que ele não demitia Hornung, e ele quase batera nela.

A razão pela qual Max Hornung continuava a fazer parte da polícia de Zurique era que ele, por si só, havia contribuído mais para a receita nacional da Suíça do que todas as fábricas de relógios e chocolates do país juntas. Max Hornung era contador, um verdadeiro gênio matemático, dotado de um conhecimento enciclopédico de assuntos fiscais, de um instinto infalível para as traças humanas e de uma paciência que fazia Jó chorar de inveja. Max tinha sido funcionário do Betrug Abtelunh, o departamento encarregado de fiscalizar as fraudes financeiras, as irregularidades na venda de ações e as transações

bancárias, e a entrada e saída de dinheiro do território suíço. Foi Max Hornung quem bloqueou o contrabando de dinheiro ilegal para a Suíça, desmascarando engenhosos golpes financeiros no valor de muitos bilhões de dólares, o que levara para a prisão uma dezena dos mais respeitáveis líderes do mundo dos negócios. Pouco importava como o dinheiro fosse dissimulado, misturado, remisturado, mandado para as Seychelles, para ali ser manejado e transferido por meio de uma série complexa de empresas fantasmas. ao fim de tudo, Max Hornung apurava a verdade. Em suma, tornara-se o terror da comunidade financeira suíça.

Acima de todas as coisas, os suíços consideravam sagrada a sua privacidade. Com Max Hornung à solta, não podia haver vida particular.

O salário de Max como um cão de guarda financeiro era bem modesto. Tinham tentado suborná-lo com um milhão de francos suíços numa conta numerada, um chalé em Cortina d'Ampezo, um iate e, em meia dúzia de oportunidades, belas mulheres, todas adolescentes. Em todos os casos, o suborno fora rejeitado, sendo as autoridades devidamente notificadas. Max Hornung não dava importância ao dinheiro. Poderia tornar-se milionário se aplicasse a sua sagacidade financeira no mercado de ações, mas essa ideia nunca lhe ocorrera. Max Hornung só estava interessado numa coisa: surpreender aqueles que se desviavam do caminho da probidade financeira. Havia outra ambição no fundo do coração de Max Hornung, e essa ambição foi uma bênção para a comunidade financeira. Por motivos que só ele poderia aprofundar, Max Hornung desejava ardentemente ser um detetive policial. Via-se como uma espécie de Sherlock Holmes ou de Maigret, seguindo infatigavelmente um labirinto de indícios até desentocar o criminoso do seu covil. Quando um dos principais financeiros da Suíça teve por acaso

conhecimento dessa ambição de Max Hornung, reuniu-se imediatamente com alguns amigos de prestígio e, quarenta e oito horas depois, Max recebeu a oferta de um lugar de detetive na polícia de Zurique. Aceitou pressurosamente, sem quase acreditar na sua sorte. Toda a comunidade financeira da Suíça deu um suspiro de alívio e retomou as suas atividades ocultas.

O inspetor-chefe Schmied não fora consultado sobre o caso.

Recebera um telefonema do mais influente líder político da Suíça, fora instruído, e o assunto terminara ali. Ou melhor, ali é que tudo havia começado. Para o inspetor-chefe, fora o começo de uma agonia que não mostrava o menor sinal de chegar ao fim. Tentara honestamente dissimular o seu ressentimento pela imposição de um detetive, por mais competente que fosse.

Presumiu que devia haver fortes motivos políticos para um procedimento tão inusitado. Mas resolveu cooperar, na esperança de poder manobrar facilmente a situação.

A sua confiança foi abalada no momento em que Max Hornung se apresentou. A aparência do novo detetive era por si só suficientemente ridícula. Mas o que assombrou o inspetor Schmied foi a atitude de superioridade que se desprendia daquele farrapo de gente, era como se ele dissesse: "Bem, Max Hornung chegou! Descansem e não se preocupem mais com coisa alguma".

As ideias de fácil cooperação do inspetor desapareceram.

Decidiu tomar uma atitude que deixasse Max Hornung encostado, transferindo-o de uma seção para outra e designando-o para serviços sem a menor importância. Hornung trabalhou na polícia técnica, na divisão de identificação, na seção de desaparecidos. Mas ele sempre acabava voltando.

Havia na polícia uma regra segundo a qual todo detetive tinha de dar plantão noturno no mínimo uma vez, de três em três meses. Invariavelmente, em todos os plantões de Max Hornung, acontecia alguma ocorrência importante, e, enquanto os outros detetives do inspetor Schmied se esfalfavam investigando pistas, Max resolvia o caso. Era de exasperar.

Não sabia absolutamente nada de processo policial, criminologia, medicina legal, balística ou psicologia criminal, coisas em que os outros detetives eram competentemente treinados, mas apesar disso, vivia resolvendo casos que desafiavam os outros. O inspetor-chefe Schmied tinha de chegar à conclusão de que Max Hornung era o homem mais sortudo do mundo.

Na realidade, a sorte nada tinha que ver com o caso. O detetive Max Hornung esclarecia os casos policiais da mesma maneira que o contador Max Hornung desmascarava centenas de planos engenhosos para fraudar os bancos e o governo. Max Hornung tinha uma mente de tacanha, por sinal. Precisava apenas de um fio solto, um pequeno fragmento que não se ajustasse ao resto da trama. Começava então a desenrolá-lo até que o plano que o criminoso considerava brilhante começasse as estourar nas costuras.

O fato de Max Hornung possuir uma memória fotográfica enlouquecia os seus colegas. Max podia se lembrar instantaneamente de qualquer coisa que tivesse visto, lido ou ouvido. Outra circunstância que depunha contra ele, se mais alguma coisa fosse necessária, referia-se à sua conta de despesas, que era uma fonte de perplexidade e confusão para todo o corpo de detetives. Na primeira vez em que ele apresentara uma conta de despesas, o Oberleutnant1 chamou-o ao seu gabinete e dissera cordialmente: — Notei alguns erros de cálculo nas suas contas, Max.

Isso equivalia acusar um campeão de xadrez a ter sacrificado a sua dama por descuido.

— Erros nas minhas contas? — Sim, Max. Por exemplo, transporte através da cidade, oitenta cêntimos. Volta, oitenta cêntimos. O mínimo que gastaria num táxi seria trinta e quatro francos de ida e outro de volta.

— Exatamente. Foi por isso que tomei o autocarro.

— Autocarro? — perguntou o Oberleutnant, espantado.

Nenhum dos detetives andava de autocarro quando estava investigando alguns casos. Nunca se ouvira falar nisso. A única observação que lhe ocorreu fazer foi a seguinte: — Muito bem, Hornung, Não incentivamos desperdícios ou extravagâncias na polícia. Mas temos uma margem para despesas bem razoável. Outra coisa. Você trabalhou durante três dias neste caso. Esqueceu-se de incluir as despesas com suas refeições.

— Está enganado, Herr Oberleutnant. De manhã, tomo apenas café. Preparo o almoço em casa e sempre o levo numa marmita. O jantar dos três dias está relacionado aqui.

E estava. Três jantares por dezesseis francos. Devia ter comido em alguma cantina do Exército de Salvação.

O Oberleutant disse friamente: — Detetive Hornung, este departamento existia havia mais de cem anos quando o Sr. veio trabalhar aqui, e continuará a existir pelo menos mais cem anos depois que sair. Há aqui certas tradições que devem ser observadas. Pense, pelo menos, nos seus colegas e faça uma revisão dessa prestação de contas.

— Certo, senhor. Sinto muito que não tenha sido correto.

— Não tem importância. Afinal de contas, é novo aqui.

Meia hora depois, Max Hornung voltava com a prestação de contas revista. Diminuíra as despesas

feitas em cerca de três por cento.

Naquele dia de novembro, o inspetor-chefe Schmied tinha nas mãos o relatório do detetive Max Hornung, o qual se achava de pé diante dele. Hornung estava com um terno azul-marinho, sapatos castanhos e meias brancas. Apesar de suas resoluções e dos seus exercícios respiratórios, o inspetor-chefe Schmied falava aos gritos: — Você estava de plantão quando foi recebida a comunicação.

Cabia-lhe investigar o acidente, você só chegou catorze horas depois. Durante esse tempo, toda a polícia da Nova Zelândia podia ter vindo até aqui e voltado, depois de investigar o caso.

— Não inspetor! Está enganado. O tempo de uma viagem da Nova Zelândia até aqui num avião a jato é de...

— Ora, cale a boca! Schmied passou a mão pelos cabelos, pensando no que iria dizer àquele homem. Não era possível insultá-lo, nem tentar argumentar com ele. Era apenas um pobre imbecil de sorte.

— Não posso tolerar incompetência no meu departamento, Hornung. Quando os outros detetives chegaram aqui e viram a comunicação, foram imediatamente para o local do acidente.

Chamaram uma viatura, levaram o corpo para o necrotério, depois de identificá-lo... Em suma, Hornung, fizeram tudo o que um bom detetive tinha de fazer. Enquanto isso, você esteve calmamente sentado, acordando pelo telefone metade dos homens mais importantes da Suíça...

— Pensei que...

— Não é preciso pensar. Passei a manhã toda pedindo desculpas pelo telefone por sua causa.

— Eu tinha de saber...

— Retire-se, Hornung! — Está bem. Posso ir ao enterro hoje de manhã? — Pode, sim! — Obrigado, inspetor! Eu...

— Pode ir! Só meia hora depois, o inspetor-chefe Schmied conseguiu respirar normalmente.

Capítulo 32

A capela funerária em Sihlfeld estava repleta. Era um velho edifício de pedra e mármore, com salas de velório e um crematório. Cerca de duas dezenas de diretores e empregados da Roffe and Sons ocupava a primeira fila de cadeiras. Mais ao fundo, encontrava-se pessoas amigas, representantes da comunidade e repórteres. Na última fila, estava o detetive Hornung, pensando em como a morte era uma coisa ilógica. O homem atingira seu auge e então, quando tinha o máximo para viver e para dar, morria. Não podia haver maior desperdício e ineficiência.

O caixão era de mogno e estava coberto de flores. Mais desperdício, pensou Hornung. O caixão estava fechado, e ele compreendia o motivo.

Um ministro estava falando com uma voz de dia de Juízo Final — "...a morte no meio da vida, nascida do pecado, das cinzas"-, mas Max não prestava muita atenção às palavras. Observava as pessoas presentes.

— "O Senhor deu a vida e o Senhor a tomou" -, e as pessoas começaram a levantar-se e encaminhar-se para a saída. A cerimônia estava encerrada.

Max permaneceu próximo à porta e, quando um homem e uma mulher se aproximaram dele, deu um passo em direção à mulher e disse: — Senhorita Elizabeth Roffe? Poderia dar-me uma palavra? O detetive Max Hornung estava sentado com Elizabeth Roffe e Rhys Williams num reservado de uma confeitaria defronte a capela. Pela vitrina, viram o caixão ser levado para um cofre cinzento. Elizabeth olhou para o outro lado.

— Que deseja? — perguntou Rhys. — A Senhorita Roffe já prestou declarações à polícia.

O detetive Max Hornung disse: — É o Sr. Williams, não é? Há apenas alguns detalhes que desejo verificar.

— Não pode deixar para depois? A Senhorita Roffe ainda está abalada com o que aconteceu...

Elizabeth tocou no braço de Rhys.

— Não tem importância, desde que eu possa ajudar em alguma coisa. Que deseja saber, detetive Hornung?

Max olhou para Elizabeth e pela primeira vez em sua vida sentiu lhe fugirem as palavras. As mulheres eram tão estranhas para Max, como seres de outro planeta. Eram ilógicas, imprevisíveis, sujeitas a reações mais emocionais que racionais. Não era possível contar com elas. Max tinha poucos impulsos sexuais, pois era orientado pelo cérebro, mas podia apreciar a lógica exata do sexo. Era a construção mecânica de partes móveis que se ajustavam num todo coordenado e funcional que lhe interessava. Era essa a poesia do amor para Max. Era dinamismo puro, e Max notava que os poetas em geral não viam isso. As emoções eram imprecisas e incertas, um desperdício de energia capaz de mover um grão de areia, enquanto a lógica podia impulsionar o mundo.

O que espantava Max era o fato de ele se sentir à vontade com Elizabeth. Isso o inquietava. Nenhuma mulher até então agira sobre ele daquela maneira. Ela não parecia encará-lo como um homem frio e ridículo, como faziam as outras. Procurou desviar os olhos a fim de concentrar-se.

— Tinha o hábito de trabalhar até altas horas da noite, Senhorita Roffe?

— Quase sempre.

— Até que horas?

— Variava. às vezes, até às dez horas. às vezes, até à meia-noite ou um pouco mais.

— Quer dizer, então, que era costume seu? As pessoas que a cercam tinham conhecimento disso?

Elizabeth o olhou, um tanto confusa, e murmurou: — Creio que sim.

— Na noite em que o elevador caiu, trabalhou com o Sr. Williams e Kate Erling até tarde? — Sim.

— Mas não saíram ao mesmo tempo?

— Eu saí mais cedo. Tinha um compromisso — disse Rhys.

Max olhou-o por um momento e então voltou-se de novo para Elizabeth.

— A senhorita saiu do escritório quanto tempo depois do Sr. Williams?

— Seguramente uma hora.

— Saiu em companhia de Kate Erling?

— Saí. Pegamos os casacos e bolsas e fomos para o corredor. O elevador já estava lá, à nossa espera.

O elevador direto e privativo.

— Que aconteceu então?

— Quando entramos no elevador, o telefone do escritório tocou. Kate Erling disse que ia atender. Ela já ia saindo, quando me lembrei que havia pedido um telefonema para o exterior, cuja ligação não se completara. Então eu disse a ela que atenderia. — Elizabeth parou, os olhos subitamente cheios de lágrimas. — Eu saí no elevador. Ela me perguntou se queria que esperasse, e eu lhe disse que não precisava. Ela apertou o botão do térreo e eu voltei ao escritório. Quando estava abrindo a porta, ouvi o barulho...

Não pôde continuar, com a voz embargada pelas lágrimas.

Rhys olhou para Max Hornung com o rosto cheio de indignação.

— Não acha que já basta? O que significa tudo isso?

Max Hornung teve vontade de dizer que tudo isso queria dizer crime de morte. Alguém tinha planejado matar Elizabeth Roffe.

Max ficou ali concentrando-se e tentando se lembrar das informações que obtivera nas últimas quarenta e oito horas sobre a Roffe and Sons. Era uma empresa profundamente comprometida, forçada a pagar indemnizações astronômicas, solapada por uma publicidade negativa. Perdia clientes e devia quantias enormes aos bancos, que estavam ficando impacientes.

O presidente, Sam Roffe, que detinha o controle acionário, havia morrido num acidente nas montanhas, embora fosse um excelente alpinista. O controle acionário havia passado para a filha dele, Elizabeth, que quase morrera num acidente com um jipe na Sardenha e escapara havia pouco de morrer num elevador, o qual passara pouco antes por uma revisão periódica. Alguém estava empenhado em matar.

O detetive Max Hornung devia ser no momento um homem feliz.

Encontrara um fio solto. Mas tinha conhecido Elizabeth Roffe, e ela já não era simplesmente um nome, uma equação num enigma matemático. Era uma pessoa muito especial, e Max sentia necessidade de protegê-la.

— Perguntei o que significa isso — disse Rhys.

— Nada — disse vagamente Max. — Rotina da polícia. Apenas. Agora, com licença.

Tinha um trabalho urgente para fazer.

Capítulo 33

O inspetor-chefe Schmied tivera uma manhã cheia. Tinha havido uma manifestação política diante do escritório das Linhas Aéreas Ibéria e três homens haviam sido detidos para averiguações. Houvera um incêndio de origem suspeita numa fábrica de papel em Brunau. Uma moça fora estrupada no parque de Platspitz. Tinha havido um roubo com vitrinas

quebradas em Guebelin e outro em Grima, perto do Baur-au-Lac. E, como se não bastasse, o detetive Max Hornung estava de volta, com uma das suas hipóteses idiotas. O inspetor-chefe recomeçou a abanar-se furiosamente..

— Os cabos do elevador foram cortados — disse Max. — Quando o elevador caiu, todos os dispositivos de segurança pifaram Parece...

— Vi os laudos dos técnicos, Hornung. Tudo foi resultado de um desgaste normal dos cabos e dos dispositivos.

— Não, inspetor. Estudei minuciosamente as especificações.

Tudo devia durar mais cinco ou seis anos.

Schmied sentiu uma contração no rosto.

— Que está querendo dizer? — Alguém sabotou o elevador.

— Por que iria fazer isso? — É o que eu gostaria de descobrir.

— Quer voltar à Roffe and Sons? — Não, inspetor. Quero ir a Chamonix.

A cidade de Chamonix fica sessenta e cinco quilômetros a sudeste de Genebra, mil e cinquenta metros acima do nível do mar, no departamento francês de Haute-Savoie, entre o maciço monte Branco e a cadeia de Aiguille Rouge, com uma das vistas mais deslumbrantes do mundo.

O detetive Max Hornung estava completamente indiferente ao cenário quando desembarcou do combóio na estação de Chamonix, carregando uma velha maleta barata. Recusou um táxi e dirigiu-se a pé para a delegacia de polícia, num pequeno prédio da praça principal, no centro da cidade. Max entrou, sentiu-se no mesmo instante à vontade, confiante na camaradagem existente entre os polícias do mundo inteiro. Era um deles.

O sargento francês olhou de sua mesa e perguntou: — Será que posso ajudar? — sim. — respondeu Max, todo alegre.

Começou então a falar. Max atacava todas as línguas estrangeiras da mesma forma. Abria caminho através da selva impenetrável dos verbos regulares, pretéritos e particípios, usando a sua língua materna como um facão. Enquanto ele falava, a expressão no rosto do sargento se transformou de confusão em incredulidade. O povo francês levava centenas de anos desenvolvendo línguas, abóbadas palatinas e laringes para formar a gloriosa musicalidade da língua francesa. Aquele homem diante dele conseguira transformá-la numa série de ruídos horríveis e incompreensíveis.

Afinal, o sargento não aguentou mais. Interrompeu-o e perguntou: — Afinal, o que está querendo dizer? Max respondeu: — Não compreendeu? Estou falando francês.

O sargento curvou-se sobre a mesa e perguntou com sincera curiosidade.

— Você está falando francês agora? Max pensou que aquele idiota não sabia sequer falar a sua própria língua. Tirou a sua carteira e passou-a às mãos do sargento. Este a examinou com todo cuidado, olhando de vez em quando para Max. Era impossível crer que o homem que estava à sua frente fosse um detetive.

Devolveu por fim a carteira a Max e perguntou: — Em que posso servi-lo? — Estou investigando um acidente que houve aqui há dois meses. O nome da vítima era Sam Roffe.

— Lembro-me desse caso — disse o sargento.

— Gostaria de falar com alguém que pudesse me dar alguma informação sobre o acidente.

— Deve procurar a organização de socorros aos alpinistas. O nome Exato é Société Chamoniarde de Secours en Montagne. Fica no Place du Mont Blanc. O

número do telefone é 531689. Pode obter também alguma informação na clínica. Fica na Rue du Valai, telefone 530182. Espere que eu escrevo tudo.

— Não preciso — disse Max. — Société Chamoniarde de Secours en Montagne, Place du Mont Blanc, 531689. A clínica é na Rue du Valai, 530182.

O sargento ainda parecia espantado muito tempo depois de Max ter saído.

A Société Chamoniarde de Secours estava sob a guarda de um moço moreno e de aspecto atlético, sentado a uma velha mesa de pinho. Ele viu Max entrar e no mesmo instante pensou que era bem pouco provável que aquele homem esquisito pretendesse escalar alguma montanha.

— Que deseja? — Sou o detetive Max — disse, mostrando a sua carteira.

— Em que posso servi-lo, detetive Hornung? — Estou investigando a morte de um homem chamado Sam Roffe.

— Pois não. Eu gostava muito do Sr. Roffe. Foi um acidente muito triste.

— Estava presente quando ocorreu o acidente? — Não. Subi com minha turma de socorro logo que recebi os sinais, mas infelizmente nada mais pudemos fazer. O corpo do Sr. Roffe tinha caído numa ravina profunda. Nunca mais será encontrado.

— Como foi que tudo aconteceu? — O grupo era composto de quatro alpinistas. O Sr. Roffe e o guia eram os últimos. Segundo me parece, estavam atravessando uma morena glacial. O Sr. Roffe escorregou e caiu.

— Não estava usando equipamento de proteção? — Estava, mas a corda rebentou.

— É comum acontecer uma coisa dessas? — Só aconteceu uma vez — disse o homem com um sorriso por sua gracinha, mas viu a cara do detetive e apressou-se em acrescentar: — Os alpinistas experientes sempre

verificam o seu equipamento cuidadosamente antes de qualquer subida, mas, ainda assim, acontecem acidentes.

Max pensou por um momento.

— Gostaria de falar com o guia de Sam Roffe.

— O guia habitual do Sr. Roffe não pôde subir nesse dia.

— Por quê? — Se não me engano, estava doente. Outro guia tomou o seu lugar.

— Sabe como se chama? — Se esperar um pouco, posso lhe dizer.

O homem desapareceu numa sala contínua e voltou minutos depois, com um papel na mão.

— Aqui está o nome do guia: Hans Bergmann.

— Onde posso encontrá-lo?

— Ele não é daqui. Mora numa aldeia chamada Lesgets. Fica a cerca de sessenta quilômetros daqui.

Antes de Max sair de Chamonix, passou pela portaria do Kleine Scheidegg Hotel e falou com a recepcionista.

— Estava trabalhando quando Sam Roffe esteve hospedado aqui? — Estava, sim. Foi uma coisa triste aquele acidente.

— O Sr. Roffe estava sozinho?

— Não. Estava com um amigo.

— Um amigo? Tem certeza?

— Tenho. O Sr. Roffe fez as reservas dos quartos para os dois.

— Pode me dizer o nome desse amigo? — Sem dúvida.

Abriu o livro de registro, virou algumas páginas, Correu o dedo e disse: — Aqui está...

Max levou quase três horas para chegar a Lesgets no Volkswagen, o carro mais barato que encontrou para alugar em Chamonix. Quase passou recto. Não era sequer uma aldeia. Algumas lojas, uma cabana alpina e um armazém com uma bomba de gasolina.

Max parou o carro e entrou na cabana. Havia meia dúzia de homens conversando diante da lareira acesa, mas a conversa cessou no momento que ele entrou.

— Desculpem, mas quero falar com o Sr. Hans Bergmann.

— Com quem?

— Com Hans Bergmann, o guia. Ele está na aldeia.

Um velho com um rosto bastante enrugado cuspiu na lareira e disse: — Devem ter feito uma brincadeira com o senhor. Nunca ouvi falar de nenhum Hans Bergmann.

Capítulo 34

Era o primeiro dia em que Elizabeth ia ao escritório depois da morte de Kate Erling, uma semana antes. Entrou nervosamente no vestíbulo do térreo, respondendo mecanicamente aos comprimentos do porteiro e do guarda. Viu, nos fundos, operários que consertavam as portas destruídas do elevador.

Pensou em Kate Erling e imaginou o terror que ela devia ter sentido, quando caiu para a morte da altura de doze andares.

Elizabeth sabia que nunca mais seria capaz de entrar naquele elevador.

Quando entrou no escritório, a sua correspondência já tinha sido aberta por Henriette, a nova secretária, que havia colocado tudo bem arrumado em cima de sua mesa. Elizabeth passou os olhos rapidamente por tudo, escrevendo notas para as respostas e encaminhando os casos para vários departamentos.

Embaixo, havia um grande envelope fechado com uma observação: "Elizabeth Roffe — Pessoal". Abriu-o com os olhos esbugalhados.

Preso à fotografia, havia o seguinte bilhete: "Este é meu belo filho John. Foram as drogas que provocaram isso. Vou matá-la".

Elizabeth deixou cair o bilhete e a fotografia e percebeu que suas mãos estavam trémulas. Henriette entrou na sala com alguns papéis.

— Aqui estão alguns papéis para serem assinados — disse ela, mas viu o rosto de Elizabeth e perguntou: — Aconteceu alguma coisa?

— Por favor, peça ao Sr. Williams para vir até aqui.

A Roffe and Sons não podia ser responsável por uma coisa tão horrível quanto aquela.

— A culpa foi nossa — disse Rhys.

— Uma partida de medicamentos com rótulos errados. Conseguimos recolher quase tudo, mas em alguns casos não foi possível...

— Há quanto tempo aconteceu isso?

— Há quase quatro anos.

— Quantas pessoas foram prejudicadas? — Cerca de cem. Todas foram indemnizadas. Nem todos os casos foram tão graves assim. Escute, Elizabeth, temos o máximo cuidado. Todas as precauções de segurança são tomadas, mas, afinal, as pessoas são humanas e podem errar.

Elizabeth continuava a olhar para a fotografia.

— Isso é horrível! — Não deviam ter deixado esta carta chegar às suas mãos. — Passou a mão pelos bastos cabelos pretos e acrescentou: — A ocasião é horrível, mas devo dizer-lhe que temos problemas mais importantes do que este..

— Não acredito, mas pode falar.

— A Administração Federal de Drogas acaba de chegar a uma decisão contra nós no caso sprays. Dentro de dois anos, os produtos com aerossol serão inteiramente proibidos.

— O que significa isso para nós?

— Não poderia ser pior. Teremos de fechar meia dúzia de fábricas através do mundo e perder um dos nossos melhores produtos.

Elizabeth pensou em Emil Joeppli e no medicamento que ele estava preparando, nada disse a Rhys.

— Que mais?

— Já leu os jornais?

— Não.

— A esposa de um ministro belga, Mme Van den Logh, tomou alguns comprimidos de Benexan.

— É um dos nossos medicamentos?

— Sim. Um anti-histamínico. É contraindicado para as pessoas portadoras de hipertensão. O rótulo contém a advertência. Ela tomou os comprimidos, apesar disso.

— E que foi que aconteceu?

— Está em coma. Talvez não escape. Os jornais salientam o fato de que se trata de um produto nosso. Há cancelamento de encomendas em todo mundo. A Administração Federal de Drogas já nos avisou que vai iniciar uma investigação, mas isso durará no mínimo um ano. E enquanto não acabarem, poderemos continuar a vender o medicamento.

— Quero que ele seja retirado do mercado — disse Elizabeth.

— Não há motivo para fazer isso. É um remédio muito bom para...

— Já teve efeitos prejudiciais em outras pessoas?

— Centenas de milhares de pessoas foram beneficiadas — disse Rhys. — Estou lhe dizendo que é um dos nossos melhores medicamentos.

— Não respondeu à minha pergunta.

— Creio que houve alguns casos isolados, mas...

— Quero que seja retirado do mercado. Imediatamente.

Rhys ficou alguns instantes calado, procurando dominar a sua irritação. Por fim, perguntou: — Quer saber quanto isso vai custar à companhia? — Não. — Está bem. Até agora só soube das boas notícias. As más: os banqueiros querem nova reunião com você. Agora mesmo. Querem receber o dinheiro.

Elizabeth ficou no escritório sozinha, pensando no menino mongolóide e na mulher que estava em coma porque tomara um remédio produzido pela companhia. Ela bem sabia que tragédias dessa espécie atingiam outras companhias de produtos farmacêuticos e não apenas a Roffe and Sons. Os jornais publicavam quase diariamente casos semelhantes, mas a reação dela nunca fora tão forte. Sentia-se pessoalmente responsável.

Ia ter uma conferência com os chefes dos departamentos para ver a possibilidade de se reforçarem as medidas de segurança.

"Este é meu belo filho John."

"Mme Van den Logh está em coma e pode morrer."

"Os banqueiros querem receber o dinheiro."

Sentia-se atordoada, como se tudo começasse a desabar ao mesmo tempo sobre sua cabeça. Pela primeira vez, Elizabeth duvidou seriamente de que fosse capaz de enfrentar tudo aquilo.

As cargas eram muito pesadas e estavam se acumulando com muita rapidez. Voltou-se um pouco na cadeira para olhar na parede o retrato do velho Samuel. Parecia tão capaz e tão seguro! No entanto, ela sabia das dúvidas, das incertezas e dos desesperos que o haviam acometido. Mas ele havia superado tudo. Ela conseguiria sobreviver também. Era uma Roffe.

Notou que o retrato estava ligeiramente inclinado. Devia ser consequência da queda do elevador. Levantou-se para endireitá-lo. No momento em que tocou no retrato, o gancho que o prendia à parede se soltou e o quadro caiu. Elizabeth nem olhou para ele. Estava com os olhos fixos na parede. No lugar

onde estivera o retrato, havia um pequeno microfone preso à parede.

Eram quatro horas da madrugada e Emil Joeppli ainda estava trabalhando. Nos últimos tempos, costumava trabalhar até muito tarde. Ainda que Elizabeth Roffe não tivesse estabelecido um prazo para a conclusão dos seus trabalhos, Joeppli sabia como o seu projecto era importante para a companhia e queria acabar o mais depressa possível. Tinha ouvido rumores alarmantes sobre a situação da Roffe and Sons. Queria fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para ajudar a companhia que havia sido muito boa para ele. Recebia um bom trabalho e gozava de inteira liberdade. Gostava muito de Sam Roffe, e gostava da filha dele também. Elizabeth Roffe nunca saberia disso, mas aquelas horas extras de trabalho eram um presente especial para ela.

Debruçou-se sobre a sua mesa, conferindo os resultados de sua última experiência. Eram mais promissoras do que ele havia esperado. Ficou sentado, em profunda concentração. Não tomava conhecimento do mau cheiro dos animais engaiolados no laboratório, da unidade intensa da sala ou do adiantado da hora. A porta se abriu, e Sepp Nolan, o vigia noturno, entrou.

Nolan detestava aquele serviço. Dava-lhe arrepios andar à noite pelos laboratórios experimentais desertos. Os cheiros dos animais presos provocavam-lhe engulhos. Nolan gostaria de saber se os animais ali mortos tinham alma e voltavam para aterrorizar os corredores. Devia requerer um pagamento extra para aturar os fantasmas dos bichos. Todo mundo no edifício já fora para casa há muito tempo. Só o cientista louco ainda estava ali entre seus bichos.

— Vai demorar muito ainda, doutor? — perguntou Nolan.

Joeppli levantou a vista, tomando pela primeira vez conhecimento do vigia.

— O quê? — Se vai ficar aqui ainda, posso ir buscar uma sanduíche ou o que quiser. Estou indo à cantina.

— Só café — murmurou Joeppli, voltando aos seus papéis.

— Vou fechar a porta principal para ir à cantina. Não demoro.

Joeppli nem o ouviu.

Dez minutos depois, a porta do laboratório foi de novo aberta, e alguém disse: — Está trabalhando até bem tarde, Emil.

Joeppli levantou a vista, espantado. Quando viu quem era, ergueu-se da cadeira. De certo modo, era uma honra que aquele homem tivesse ido vê-lo.

— É preciso, chefe — murmurou.

— O projecto da Fonte da Juventude é muito secreto, não é? Emil Joeppli hesitou. A Senhorita Roffe havia dito que ninguém devia saber dos seus trabalhos. Mas, sem dúvida, essa determinação não podia estender-se àquela pessoa. Fora aquele homem o responsável por sua entrada na companhia. Por isso, sorriu e disse: — Sim, senhor. Muito secreto.

— Ótimo. Continue assim. Como vai tudo?

— Magnificamente.

O visitante se encaminhou para uma das gaiolas de coelhos, e Emil Joeppli o acompanhou.

— Quer que lhe explique alguma coisa? — Não é preciso — disse o homem, sorrindo. — Estou mais ou menos a par de tudo.

Quando o visitante se voltou para sair, roçou o braço num prato vazio de rações que estava numa prateleira e o prato caiu no chão.

— Desculpe.

— Pode deixar que eu apanho — disse Joeppli.

Quando se abaixou para pegar o prato, sentiu a parte posterior da cabeça explodir numa chuva rubra e

a última coisa de que teve consciência foi de que o chão subia ao seu encontro.

O toque insistente da campainha do telefone acordou Elizabeth. Sentou-se na cama, tonta de sono, e olhou para o relógio digital na mesinha. Cinco horas da manhã. Pegou o telefone.

Uma voz muito nervosa disse: — Senhorita Roffe? É o guarda de segurança aqui da fábrica. Houve uma explosão num dos laboratórios, que ficou inteiramente destruído.

— Houve alguma vítima? — perguntou Elizabeth, já completamente acordada.

— Houve, sim, senhora. Um dos cientistas morreu queimado.

Elizabeth não precisava de perguntar o nome dele.

Capítulo 35

O detetive Max Hornung estava pensando. a sala dos detetives ressoava o barulho das máquinas de escrever, de vozes empenhadas em discussões, de campainhas de telefone, mas Hornung não ouvia nada disso. Estava pensando no contrato social da Roffe and Sons, tal como fora estabelecido pelo velho Samuel para manter a companhia sob o controle da família. Era um dispositivo engenhoso mas também muito perigoso. Fazia Hornung lembrar-se da tontine, o plano italiano de seguros concebido pelo banqueiro Lorenzo Tonti, em 1695. Todos os sócios da tontine entravam com a mesma quota de dinheiro.

Quando um deles morria, os sobreviventes herdavam a sua quota.

Isso proporcionou um forte motivo para a eliminação dos outros sócios. Na Roffe and Sons estava acontecendo a mesma coisa. Era uma tentação muito grande fazer as pessoas herdarem ações no valor de muitos milhões e, ao mesmo tempo, impedi-las de vender, a menos que houvesse acordo unânime.

Max sabia que Sam Roffe não havia concordado com a venda.

Estava morto. Elizabeth Roffe também não havia concordado com a venda. E já escapara duas vezes da morte. Eram acidentes demais. O detetive Max Hornung não acreditava em acidentes.

Foi falar com o inspetor-chefe Schmied.

O inspetor escutou o que Hornung lhe disse sobre o acidente de alpinismo de Sam Roffe e resmungou: — Está bem. Houve uma confusão com o nome do guia.

Dificilmente isso pode constituir um indício de homicídio, pelo menos no meu departamento.

O detetive retrucou pacientemente: — Na minha opinião, não é apenas isso. A Roffe and Sons está envolvida em graves problemas internos. Talvez alguém tivesse pensado que o afastamento de Sam Roffe poderia resolver esses problemas.

Scmied encarou firmemente o detetive Hornung. Decerto não havia em tudo aquilo senão as hipóteses malucas do detetive.

Mas a perspectiva de ver o detetive Max Hornung fora das suas vistas era uma coisa que o enchia de alegria. A ausência dele levantaria o moral de todo o departamento. E havia outro ponto importante a levar em conta. Hornung pretendia investigar nada menos que a poderosa família Roffe. Em circunstâncias normais, teria ordenado que Hornung não se aproximasse nem em pensamento dos Roffes. Entretanto, se Hornung os irritasse — e isso não poderia deixar de acontecer -, tinham bastante prestígio para expulsá-lo da polícia. E ninguém teria qualquer acusação contra o inspetor-chefe Schmied. Não havia forçado de maneira alguma o pequeno detetive. Em vista de tudo isso, disse a Max Hornung.

— Fica encarregado do caso. Pode levar o tempo que julgar necessário.

— Muito obrigado — disse Max, todo feliz.

Quando Max ia pelo corredor em direção à sua sala, encontrou-se com o médico-legista.

— Posso explorar a sua memória um minuto, Hornung?

— Como assim?

— A patrulha acaba de pescar um corpo na água. É uma mulher. Quer olhá-la um instante?

— Está bem.

Não era uma tarefa que agradasse a Max, mas ele achava que aquilo fazia parte de seus deveres.

O corpo da mulher estava depositado numa gaveta de metal impessoal do necrotério. Era loura e devia

ter no máximo vinte anos. O corpo estava inchado, devido à longa permanência na água, e nu, apenas com uma fita vermelha amarrada no pescoço.

Havia sinais de relações sexuais pouco antes da morte. A mulher fora estrangulada e depois jogada à água.

— Não morreu afogada, pois não há água nos pulmões. Não temos no arquivo as impressões digitais dela. Já a viu em algum lugar? O detetive Max Hornung olhou atentamente para o rosto da mulher e disse: — Não.

Saiu então para pegar um autocarro para o aeroporto.

Capítulo 36

Quando o detetive Max Hornung desembarcou no aeroporto da Costa Esmeralda, na Sardenha, alugou o carro mais barato que pôde achar, um Fiat 500, e tomou o caminho de Olbia. Diferente do resto da Sardanha, Olbia era uma cidade industrial e os seus arredores, desprovidos de qualquer beleza, eram uma extensão de usinas e fábricas, um depósito de lixo e um gigantesco cemitério de carros velhos. ao vê-lo, Max refletiu que todas as cidades do mundo tinham esses depósitos de automóveis, como se fossem monumentos da civilização.

Chegando ao centro da cidade, parou diante de um prédio em cuja fachada se lia o seguinte letreiro: "Questure di Sassiri — Commissariato di Polizia, Olbia". No momento em que entrou no edifício, ele sentiu o caráter familiar de identidade, de participação, Luigi Ferraro. Este se levantou com um sorriso no rosto. O sorriso se desvaneceu quando ele viu a figura que o procurava. Havia na aparência de

Max Hornung alguma coisa que não se ajustava ao conceito que o delegado fazia de um "detetive".

— Pode mostrar-me a sua identificação? De posse da carteira, o delegado examinou-a cuidadosamente, devolvendo-a em seguida. Formulou então a ideia de que a Suíça devia estar enfrentando uma grande escassez de gente para a polícia, pois, do contrário, não admitiria um homem como aquele.

— Que deseja?

Max começou a explicar-se em italiano fluente. O problema foi que o delegado Ferraro demorou um pouco para descobrir que língua Max estava falando. Quando compreendeu a intenção do homem, levantou a mão e disse: — Basta! Fala inglês?

— É claro — respondeu Max.

— Peço-lhe então que conversemos em inglês.

Quando Max acabou de falar, o delegado disse: — Está enganado, signore. Posso lhe assegurar que está perdendo o seu tempo. Meus mecânicos já examinaram o jipe e todos concordaram em que foi acidente.

— Mas eu ainda não o examinei — disse imperturbavelmente Max Hornung.

— Muito bem. O jipe está agora à venda numa garagem. Mandarei um dos meus homens levá-lo até lá. Gostaria de ver o local do acidente? Max iscou os olhos e perguntou: — Para quê? O detetive Bruno Campagna foi designado como acompanhante de Max.

— Já verificamos tudo — disse Campagna. — Foi um acidente.

— Não — replicou Max.

O jipe estava num canto da garagem ainda com a frente amassada e com vestígios da seiva verde da árvore.

— Ainda não tive tempo para consertá-lo — disse o mecânico da garagem.

Max se aproximou do jipe e começou a examiná-lo.

— Como foi que sabotaram os freios? — perguntou ele.

— Gesu! O senhor também? — exclamou o mecânico, irritado. — Há vinte anos que sou mecânico, signore, e examinei esse jipe pessoalmente. A última vez que alguém tocou nesses freios foi quando o carro saiu da fábrica.

— Mexeram nos freios — disse Max.

— Como? — perguntou o mecânico, exasperado.

— Não sei ainda, mas vou descobrir — declarou Max, confiantemente.

Lançou um último olhar ao jipe e então virou as costas e saiu da garagem.

O delegado olhou para o detetive Bruno Campagna e perguntou: — O que você fez com ele?

— Não fiz nada. Levei-o à garagem, onde ele quase fez o mecânico ficar fora de si. Depois, ele me disse que queria dar uma volta sozinho.

— Inacreditável! Max estava na praia, olhando as águas esmeraldinas do Tirreno, mas não viu coisa alguma. Estava concentrado, procurando juntar todos os fragmentos. Tudo era como um gigantesco quebra-cabeça. Tudo se encaixava exatamente no seu lugar, quando se sabia onde a peça devia se ajustar. O jipe era uma parte pequena mas importante do enigma. Os freios tinham sido examinados pelos mecânicos, de cuja honestidade e competência não havia motivos para duvidar. Aceitava, portanto, o fato de que não tinham tocado nos freios do jipe. Mas como Elizabeth tinha dirigido o jipe e alguém desejava a sua morte, tinha também de aceitar o fato de que haviam mexido nos freios. Max estava diante de uma coisa executada com muita habilidade. E isso tornava tudo mais interessante.

Deu alguns passos na areia, fechou os olhos e procurou concentrar-se de novo. Pensou nos elementos

do enigma, mudando-os de lugar, dissecando-os, reagrupando tudo.

Vinte minutos depois, a última peça se encaixou. Max abriu os olhos e pensou com admiração no homem que imaginara aquilo.

Tinha de conhecê-lo.

Depois disso, o detetive Max Hornung tinha duas coisas a fazer, uma fora de Olbia e a segunda, nas montanhas. Pegou o último avião da tarde para Zurique.

Classe turista.

Capítulo 37

O chefe da segurança da Roffe and Sons disse a Elizabeth: — Tudo aconteceu com muita rapidez, Senhorita Roffe. Nada pudemos fazer. No momento em que conseguimos colocar o aparelhamento de combate ao fogo em ação, o laboratório já estava destruído! Tinham encontrado os restos do corpo carbonizado de Emil Joeppli. Não se podia saber se a sua fórmula fora retirada do laboratório antes da explosão.

— O Edifício de Desenvolvimento estava sobre vigilância ininterrupta, não estava?

— Estava, sim. Nós...

— Há quanto tempo chefia o nosso departamento de segurança?

— Cinco anos. Eu...

— Está despedido.

O homem ia dizer alguma coisa, mas mudou de ideia e murmurou: — Está bem.

— Quantos homens trabalham sob suas ordens? — Sessenta e cinco.

Sessenta e cinco homens! E não tinham conseguido salvar Emil Joeppli.

— Estão todos despedidos. Têm o prazo de vinte e quatro horas para sair daqui.

— Escute, Senhorita Roffe, acha que está sendo justa?

Elizabeth pensou em Emil Joeppli, nas preciosas fórmulas e no microfone escondido no seu escritório e que ela esmagara com o salto do sapato.

— Saia daqui — disse ela.

Passou a manhã toda esforçando-se por afastar a imagem do corpo carbonizado de Emil Joeppli e do seu laboratório cheio de animais queimados. Procurou não pensar no prejuízo que a companhia teria com a perda daquela fórmula. Era possível que dentro em pouco uma companhia rival a patenteasse. Não havia nada que pudesse fazer. Vivia numa selva sem lei. Quando os concorrentes acreditaram que a vítima estava sem forças, acorriam para o golpe final. Mas, no caso, não se tratava de um concorrente, e, sim, de um amigo, um amigo fatal.

Elizabeth tomou providências para a contratação de uma nova força de segurança constituída de profissionais. sentir-se-ia mais segura cercada de estranhos.

Telefonou para o Hôspital Internationale de Bruxelas para ter notícias de Mme Van den Longh, a esposa do ministro belga.

Disseram-lhe que ela ainda estava em coma e que as possibilidades eram incertas.

Elizabeth ainda estava pensando em Emil Joeppli, no menino mongolóide e na mulher belga, quando Rhys Williams entrou no escritório. Olhou para o rosto dela e perguntou: — As coisas estão tão ruins assim? Ela fez tristemente um sinal afirmativo.

Rhys viu seu rosto abatido e esgotado. Era difícil saber até onde ela poderia resistir.

Aproximou-se, tomou nas mãos as mãos de Elizabeth e disse: — Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudá-la? Pode fazer tudo, pensou Elizabeth. Precisava desesperadamente de Rhys. Precisava da energia, da ajuda e do amor dele. Os olhos de ambos se encontraram, e ela se viu prestes a cair nos braços dele e dizer-lhe tudo o que havia acontecido, tudo o que estava acontecendo — Alguma novidade sobre Mme Van den Logh? — perguntou Rhys.

O momento havia passado.

— Não — disse Elizabeth.

— Já recebeu algum telefonema a propósito do comentário feito pelo Wall Streel Journal? — Que comentário? — Ainda não leu? — Não.

Rhys Mandou buscar o jornal em sua sala. O comentário enumerava os recentes problemas da Roffe and Sons e sugeria que a companhia precisava de uma pessoa experiente e capaz de dirigi-la.

— Que mal nos fará esse comentário? — perguntou Elizabeth quando acabou de ler. — O mal já está feito. Continuaremos a perder mercado.

O interfone tocou e Elizabeth apertou o botão.

— Pronto.

— O Sr. Julius Badrutt está na linha 2. Diz que é urgente.

Elizabeth olhou para Rhys. Ela vinha adiando o encontro com os banqueiros.

— Pode ligar — disse à secretária e, um instante depois: — Bom dia, Sr. Badrutt.

— Bom dia — disse o banqueiro, com uma voz que parecia um pouco áspera do outro lado do fio — Tem algum tempo livre hoje à tarde? — Acho que sim...

— Está bem. às quatro horas.

Houve um murmúrio seco ao telefone e Elizabeth compreendeu que Badrutt ainda estava falando.

— Sinto muito o que aconteceu com o Sr. Joeppli — disse ele.

O nome de Joeppli não fora mencionado no noticiário de nenhum jornal a respeito da explosão.

Desligou e viu que Rhys a estava olhando.

— Os tubarões farejam o sangue — murmurou ele.

Houve muitos telefonemas à tarde. Entre eles o de Alec.

— Você leu o jornal hoje de manhã, Elizabeth?

— Li, sim. O Wall Street Journal está exagerando.

Houve uma pausa, e então Alec disse: — Não é só do Wall Street Jurnal que estou falando. É do Financial Times, que traz um artigo com grande destaque sobre a Roffe and Sons. O artigo não é favorável e os telefones não param de tocar. Os cancelamentos têm sido enormes. O que vamos fazer? — Falarei com você mais tarde, Alec? Ivo telefonou.

— Carissima, prepare-se para levar um choque.

— Estou preparada, Ivo. Pode falar.

— Um banqueiro italiano foi detido há poucas horas, sob a acusação de aceitar suborno.

Elizabeth teve um pressentimento do que viria depois.

— Continue.

— Não tivemos culpa. Ele se tornou ambicioso demais e facilitou. Foi preso no aeroporto quando tentava sair da Itália clandestinamente com o dinheiro. Apurou-se que o dinheiro era nosso.

Ainda que Elizabeth estivesse preparada para o pior havia uma nota de incredulidade em sua voz.

— Porque estávamos subornando esse banqueiro?

— Se não agíssemos desse modo, não poderíamos fazer negócios na Itália. O costume aqui é esse. Nosso crime não foi subornar o banqueiro, cara. Foi deixar que ele fosse apanhado.

Ela se recostou na cadeira, sentindo que rodava.

— E agora?

— Sugiro uma reunião o quanto antes com os advogados da companhia. Mas não se preocupe. Só os pobres vão para a cadeia, aqui na Itália.

Charles telefonou de Paris, e sua voz estava quase histérica pela preocupação. A imprensa francesa atacava a companhia por todos os lados. Elizabeth tinha que consentir na venda das ações enquanto a companhia tinha ainda alguma reputação.

— Nossos fregueses estão perdendo a confiança — dissera Charles. — E sem confiança não há companhia.

Elizabeth pensou nos telefonemas, nos banqueiros, nos primos, na imprensa. Era muita coisa acontecendo com muita rapidez.

Alguém devia estar por trás de tudo isso. Ela tinha de descobri-lo.

O nome ainda estava no caderno particular de Elizabeth. Maria Martinelli. Era uma moça alta e de pernas compridas que tinha sido sua colega na Suíça. Correspondiam-se de vez em quando. Maria havia se tornado modelo e mandara dizer a Elizabeth que estava noiva do diretor de um jornal de Milão. Elizabeth não levou mais que quinze minutos para falar com Maria. Depois da troca de cumprimentos, Elizabeth perguntou pelo telefone: — Você ainda está noiva do jornalista?

— Claro. Vamos nos casar logo que o divórcio dele seja homologado.

— Quero um favor seu, Maria.

— É só dizer o que é.

Menos de uma hora depois, Maria Martinelli telefonava para ela.

— Já tenho a informação que você quer. O banqueiro que foi apanhado quando tentava levar dinheiro para fora da Itália foi vítima de uma traição. Meu noivo diz que alguém o denunciou à polícia de fronteira.

— Ele conseguiu o nome do delator?

— Ivo Palazzi.

O detetive Max Hornung havia feito uma descoberta interessante. Apurara que a explosão nos laboratórios da Roffe and Sons fora provocada criminosamente e causada por um explosivo, Rylar X, fabricado exclusivamente para as forças armadas numa das unidades da Roffe and Sons. Com um simples telefonema, Max soube onde ficava a fábrica.

Era nos arredores de Paris.

às quatro da tarde em ponto, Julius Badrutt acomodou o corpo anguloso numa cadeira e disse sem preâmbulos: — Por mais que quiséssemos atendê-la, Senhorita Roffe, parece que as responsabilidades que temos para com os nossos acionistas têm prioridade.

Badrutt devia dizer mais ou menos a mesma coisa às viúvas e aos órfãos, a quem não podia perdoar no vencimento das hipotecas. Mas dessa vez ela estava preparada para Badrutt.

— Em vista disso, recebi instruções da diretoria para informar-lhe que nosso banco exigirá o pagamento imediato dos títulos devidos pela Roffe and Sons.

— Mas tive a promessa de um prazo de noventa dias — disse Elizabeth.

— Infelizmente, as circunstancias mudaram, para pior. Devo dizer-lhe que os outros bancos com os quais vocês trabalham chegaram à mesma conclusão.

Como os bancos se negavam a ajudá-la, não havia possibilidade de manter a companhia fechada a novos acionistas.

— Sinto muito dar-lhe essas más notícias, Senhorita Roffe, mas achei que devia vir falar-lhe pessoalmente.

— Não pode desconhecer que a Roffe and Sons ainda é uma companhia sólida e forte.

— Sem dúvida. É uma grande companhia.

— Ainda assim, não nos quer dar mais tempo.

Badrutt pensou por um momento e então disse: — O banco julga que os seus problemas podem ser

resolvidos, Senhorita Roffe. Mas...

— Parece-lhe que não há ninguém em condições de resolver esses problemas, não é? — Infelizmente, é isso mesmo.

— E se eu passasse a presidência da Roffe and Sons a outra pessoa? — perguntou Elizabeth.

O banqueiro sacudiu a cabeça.

— Já discutimos essa possibilidade e, infelizmente, chegamos à conclusão de que nenhum dos membros da atual diretoria tem a capacidade necessária para enfrentar...

— Eu estava pensando em Rhys Williams.

Capítulo 38

O agente Thomas Hiller, da Divisão da Polícia Marítima do Tamisa, via-se numa situação terrível. Estava com sono, fome, sexualmente excitado e ensopado. E não sabia ao certo qual dessas desgraças era a pior. Estava com sono porque sua noiva, Flo, passara a noite discutindo com ele e não o deixara dormir. Estava com fome porque, quando Flo acabara de discutir, já estava na hora de ir para o trabalho e não havia mais tempo de comer nada. Estava excitado porque ela se recusava energicamente a deixar que a tocasse. E estava todo molhado porque a lancha de dez metros da patrulha do Tamisa não era feita exatamente para dar conforto aos seus ocupantes e porque o vento insistente tangia a chuva para a casa do leme onde ele estava.

Num dia como aquele, havia pouco para ver e menos a fazer. A circunscrição da patrulha se estendia por oitenta e cinco quilômetros do rio, de Dartford Creek a Staines Brige. Em geral, Hiller gostava do serviço de patrulha, mas não quando se via naquele estado. O diabo levasse todas as mulheres! Pensou em

Flo nua na cama, com os grandes seios em movimento, a brigar com ele. Olhou para o relógio. Mais meia hora e o serviço chegaria ao fim. A lancha já se encaminhava para o cais de Waterloo. O seu problema agora era decidir o que fazer primeiro: comer, dormir ou ir para a cama com Flo. Talvez tudo ao mesmo tempo, por que não? Esfregou os olhos para afugentar o sono e olhou para o rio lamacento e denso, salpicado pelas borbulhas da chuva.

Aquilo apareceu de repente. Parecia um grande peixe boiando de barriga para cima. O primeiro pensamento de Hiller foi: "se o puxar para bordo, vai ser um mau cheiro insuportável".

Estava a cerca de dez metros a nordeste e a lancha estava se afastando dele. Se ele abrisse a boca, o maldito peixe retardaria a hora de largar o serviço. Seria preciso pegar o peixe com um gancho e puxá-lo para bordo ou rebocá-lo. Fosse o que fosse, faria com que se atrasasse na volta a Flo. Ora, ele bem podia calar a boca. Quem podia afirmar que ele tinha visto alguma coisa? E estava cada vez mais longe.

O agente Hiller ergueu a voz: — Sargento, há um peixe flutuando vinte graus a boreste.

Parece um grande tubarão.

O motor diesel de cem cavalos mudou subitamente de ritmo e a lancha começou a seguir em marcha lenta. O sargento Haskins aproximou-se dele.

— Onde está? O vulto tinha desaparecido, oculto pela chuva.

— Ali daquele lado.

O sargento Haskins hesitou. Estava também ansioso para ir para casa e a vontade que tinha era de não tomar conhecimento do tal peixe.

— Acha que é tão grande que possa ameaçar a navegação? O policial Hiller lutou consigo mesmo, e perdeu.

— Acho, sim.

Assim, a lancha da patrulha virou e seguiu na direção em que o objeto fora visto. Este apareceu inesperadamente quase sob a proa da lancha, e ambos viram o corpo de uma jovem loura.

Estava nua, mas tinha uma fita vermelha amarrada ao pescoço.

Capítulo 39

No momento em que o policial Hiller e o sargento Haskins estavam recolhendo o corpo da jovem assassinada do Tamisa, a quinze quilômetros de distância, do outro lado de Londres, o detetive Max Hornung entrava no vestíbulo de mármore cinza e branco da Nova Scotland Yard. O simples ato de entrar no imponente edifício dava-lhe uma sensação de orgulho. Fazia parte daquela grande fraternidade. Apreciava muito o fato de que o endereço telegráfico da Scotland Yard fosse Algemas. Max gostava muito dos ingleses. O seu único problema estava na dificuldade que experimentava de comunicar-se com eles. Os ingleses falavam a sua língua de maneira estranha.

O guarda sentado à mesa de recepção perguntou: — Que deseja o senhor? — Tenho hora marcada com o inspetor Davidson.

— Nome, por favor? Max disse lenta e distintamente: — Inspetor Davidson.

O guarda olhou-o com interesse.

— Perdão, mas o seu nome é inspetor Davidson? — Meu nome não é inspetor Davison. Meu nome é Max Hornung.

— Desculpe, mas o senhor fala inglês? Cinco minutos depois, Max estava sentado na sala do inspetor Davidson, que era um homem tipicamente britânico, de

meia-idade, com rosto vermelho e dentes amarelos e irregulares.

— Disse pelo telefone que estava interessado em obter informações sobre Sir Alec Nichols como possível suspeito de um homicídio.

— Ele é suspeito com mais uma meia dúzia de pessoas.

— Já sei o que fazer — disse o inspetor. — Vou encaminhá-lo ao Departamento de Registros Criminais C-4. Se não houver nada sobre ele lá, tentaremos o Serviço Secreto Criminal C-11 e o C-14.

O nome de Sir Alec Nichols não constava de qualquer dos arquivos consultados. Mas Max já sabia onde conseguir a informação.

Logo cedo, naquela manhã, Max telefonara para vários homens de negócios que trabalhavam na City, o centro financeiro de Londres.

As reações de todos foram idênticas. Quando Max declarou seu nome, ficaram inquietos, pois todos que tratavam de negócios na City tinham alguma coisa para esconder, e a reputação de Max Hornung como um anjo vingador financeiro era internacional.

Mas, no momento em que Max dizia estar procurando informações sobre outra pessoa, dispunham-se até a cooperar com ele.

Max passou dois dias visitando bancos e companhias financeiras, organizações de créditos e centros de registos estatísticos. Não se interessava em falar com as pessoas nesses lugares; queria falar com os seus computadores.

Max era um gênio com os computadores. Sentava-se diante das mesas de controle e os digitava como um mestre. Não importava a língua que se houvesse ensinado ao computador na fábrica, pois Max falava todas elas. Falava com computadores digitais e com computadores de linguagem de baixo e de alto nível. Estava no seu elemento com o Fortran e o Fortran IV,

com o gigante 370 da IBM, com o 10 e o 1 da PDP e o 68 da Algol.

Entendia tanto de Cobol, programado para os negócios, quanto do Basic usado pela polícia e do APL de alta velocidade, que só se exprimia por meio de mapas e gráficos. Max falava com o LISP, o APT e o PL-1. Mantinha conversações em código binário e interrogava os grupos aritméticos e os CPV, recebendo as respostas em alta velocidade à razão de mil e cem linhas por minuto. Os computadores gigantes tinham sugado informações como bombas insaciáveis, armazenando-as, analisando-as, recordando-as, e estavam despejando tudo nos ouvidos de Max, sussurrando-lhe os seus segredos nas suas criptas com ar condicionado.

Nada era sagrado, nem seguro. A vida particular na civilização atual era uma ilusão, um mito. Todo cidadão vivia exposto, e os seus segredos mais ocultos estavam à mostra, à espera de que os lesse. As pessoas eram registadas se tinham um número de matrícula na Previdência Social, uma apólice de seguro, uma carteira de motorista ou uma conta bancária. Eram relacionadas se tinham pago impostos ou haviam recebido seguro desemprego ou algum fundo de assistência social. Os seus nomes eram armazenados nos computadores quando eram beneficiadas por algum plano de seguro médico, quando compravam uma casa com um empréstimo sob garantia hipotecária, quando tinham um automóvel ou até uma bicicleta ou quando eram depositantes em alguma poupança ou conta corrente de banco. Os computadores sabiam os nomes das pessoas que tinham passado por hospitais, que tinham feito serviço militar, que haviam tirado licença de caça ou pesca, que haviam tirado passaporte, que haviam pedido ligação de telefone ou energia elétrica para suas casas, que tinham se casado ou divorciado, ou mesmo nascido.

Quando se sabia onde procurar e se tinha paciência, todos os fatos estavam à disposição.

Max Hornung e os computadores tinham relacionamento admirável. Os computadores não riam do sotaque de Max, do seu aspecto, dos seus gestos ou das suas roupas. Para os computadores, Max era um gigante. Respeitavam-lhe a inteligência, admiravam-no, amavam-no. Perevoavam-lhe com prazer os seus segredos, comunicavam-lhe deliciosos rumores sobre as loucuras de que os mortais são capazes. Eram como velhos amigos que conversavam.

— Vamos falar sobre Sir Alec Nichols — disse Max.

E os computadores começaram. Deram a Max um perfil matemático de Sir Alec, traçado em algarismos, códigos binários e gráficos. Duas horas depois, Max tinha um retrato complexo do homem, um relatório financeiro dele.

Cópias de recibos de bancos, cheques cancelados e contas lhe foram apresentados. O que primeiro chamou a atenção de Max foi uma série de cheques de quantias vultosas, todos ao portador, emitidos por Sir Alec Nichols. Para onde fora o dinheiro? Mas procurou ver se ele fora consignado como despesas pessoais ou comerciais, talvez como uma dedução de impostos. Nada. Voltou às listas de despesas: um cheque para o White's Club, uma conta de açougue, que não fora paga... um vestido de noite de John Bates... o Guinea... uma conta de dentista, que não fora paga... Anabelle's... um vestido de challis de Yves Saint-Laurent... uma conta do White Elephant, que não foi paga... uma conta de avaliações... John Wydhan, salão de beleza, por pagar... quatro vestidos de Yves Saint-Laurent, Rive Gauche... salários dos empregados domésticos...

Max formulou uma pergunta ao computador no Centro de Licenciamento de veículo.

Positivo. "Sir Alec possui um Bentley e um Morris." Faltava alguma coisa. Não havia contas de oficinas mecânicas.

Max fez os computadores efetuarem uma pesquisa em suas memórias. Em sete anos, não tinha havido uma só conta de oficina.

"Esquecemos alguma coisa?" perguntaram os computadores.

"Não, não esqueceram", respondeu Max.

Sir Alec não precisava de mecânicos. Ele mesmo consertava seus carros. Um homem dotado dessa habilidade não tinha a menor dificuldade em preparar u desastre com um elevador ou com um jipe. Max Hornung se debruçou sobre os dados secretos fornecidos pelos seus amigos com a mesma ansiedade com que um egiptólogo decifraria hieróglifos recém-descobertos. Descobriu outros mistérios. Sir Alec estava gastando muito mais do que ganhava.

Outro fio solto.

Os amigos de Max na City tinham ligações com muitos sectores.

Dois dias depois, Max soube que Sir Alec tinha tomado dinheiro emprestado a Tod Michaels, dono de um clube no Soho.

Max procurou os computadores da polícia e formulou perguntas.

Os computadores ouviram e responderam: "Sim, podemos dar-lhe Tod Michaels. Já foi acusado de vários cremes, mas nunca condenado. Suspeito de estar envolvido em chantagem, prostituição e agiotagem".

Max foi ao Soho e fez mais perguntas. Ficou sabendo que Sir Alec não jogava, mas que a mulher dele era uma jogadora inveterada.

Quando Max acabou, não tinha a menor dúvida de que Sir Alec Nichols estava sendo chantageado. Deixara de pagar as contas e precisava sempre de dinheiro com urgência. Tinha ações que valeriam milhões se ele

pudesse vendê-las. Mas Sam Roffe fora um obstáculo no seu caminho, como o era Elizabeth Roffe.

Sir Alec Nichols tinha um motivo para assassinar.

Max verificou Rhys Williams. As máquinas fizeram o possível, mas o retrato saiu muito vago.

Os computadores informaram a Max que Rhys Williams era do sexo masculino, nascido no País de Gales, tinha trinta e quatro anos e era solteiro. Alto funcionário da Roffe and Sons.

Ganhava oitenta mil dólares por ano, sem contar as gratificações. Uma poupança em Londres com saldo de vinte e cinco mil libras. Tinha um depósito num banco em Zurique, de conteúdo desconhecido. Tinha todas as contas e cartões de crédito. Muitos dos artigos comprados com eles se destinavam a mulheres. Rhys Williams não tinha antecedentes criminais. Era empregado da Roffe and Sons havia nove anos.

Não bastava, pensou Max. Não bastava de modo algum. Parecia até que Rhys Williams estava se escondendo por trás dos computadores. O homem se mostrava muito protetor quando Max fizera perguntas a Elizabeth depois do funeral de Kate Erling.

Estava protegendo a quem? A Elizabeth Roffe? Ou a si mesmo? às seis horas daquela tarde, Max embarcou na classe turística num vôo da Alitalia com destino a Roma.

Capítulo 40

Ivo Palazzi tinha passado quase dez anos construindo com habilidade e cuidado uma dupla vida de que nem mesmo as pessoas mais íntimas dele tinham desconfiado.

Max e seus amigos, os computadores, levaram menos de vinte e quatro horas para desvendar tudo. Max discutiu o caso com os computadores no Edifício Anagrafe, onde estavam registrados dados biográficos e administrativos, visitando também os computadores do SID e dos bancos. Todos receberam Max muito bem.

"Falem-me de Ivo Palazzi", disse Max.

"Com prazer", responderam os computadores.

As conversações começaram.

Uma conta de armazém de Amici... uma conta no salão de beleza de Sergio na Via Condoti... u terno azul de Angelo.. flores da Carducci... dois vestidos de noite de Irene Galitzne... uma bolsa Pucci... contas de luz e telefone.

Max lia os impressos, examinando, analisando, farejando. Uma coisa estava errada. Havia pagamentos de colégio para seis crianças.

"Será que erraram?", perguntou Max.

"Que tipo de erro?"

"Os computadores do Anagrafe disseram que Ivo Palazzi registrado como pai de três filhas.

“Confirmaram seis contas de colégio?"

"Confirmamos."

"Dão o endereço de Ivo Palazzi em Olgiata?"

"Exato."

"Mas ele está pagando um apartamento na Via Montemignaio?"

"Está."

"Há dois Ivo Palazzi?"

"Não. Um só. Duas famílias. Três filhas com a esposa. Três filhos com Donatella Spolini."

Max ficou sabendo das preferências da amante de Ivo Palazzi, do nome do seu salão de beleza e dos nomes dos três filhos ilegítimos de Ivo. Sabia que Simonetta era loura e Donatella, morena. Sabia dos números dos manequins, dos sutiãs e dos sapatos de cada uma e quanto custava cada artigo.

Entre as despesas, vários itens interessantes chamaram a atenção de Max. As quantias eram pequenas, mas as mercadorias comparadas se destacavam. Havia recibos pela compra de um torno, uma plaina de uma serra. Ivo gostava de trabalhos manuais. Mas não se esqueceu do fato de que, sendo arquitecto, devia entender um pouco de elevadores.

"Ivo Palazzi solicitou recentemente um grande empréstimo bancário", informaram os computadores.

"Conseguiu?"

"Não. Os bancos exigiram a assinatura da mulher dele, e Ivo desistiu do empréstimo." Max tomou o autocarro para o centro di polizia scientifica, onde havia um computador gigantesco numa grande sala circular.

"Ivo Palazzi tem antecedentes criminais?", perguntou max.

"Positivo. Ivo Palazzi foi condenado por assalto com violência aos vinte e três anos. A vítima teve de ir para o hospital. Ivo passou dois meses na prisão."

"Mais alguma coisa?"

"Ivo sustenta uma amante na via Montemignaio."

"Obrigado. Já sei disso."

"Há várias queixas dos vizinhos à polícia."

"Que espécie de queixas?"

"Perturbação da ordem. Brigas, gritaria. Um dia, a mulher quebrou todos os pratos da casa. Isso tem importância?"

"Muita. Obrigado."

Isso queria dizer que Ivo Palazzi tinha temperamento exaltado. E Donatella Spolini também. Teria havido alguma coisa entre eles? Estaria ela a ameaçar denunciá-lo? Fora por isso que ele solicitara um grande empréstimo ao banco? Até que extremos poderia ir um homem como Ivo Palazzi para proteger seu casamento, sua família, sua maneira de viver? Havia um detalhe final a que o detetive deu muita atenção.

A seção financeira da polícia de segurança italiana fizera um grande pagamento a Ivo Palazzi. Era uma recompensa, uma percentagem em dinheiro encontrado com o banqueiro a quem Ivo havia denunciado. Se Ivo estava precisando tanto de dinheiro, que mais seria capaz de fazer para consegui-lo? Max despediu-se dos computadores e embarcou para paris, no vôo do meio-dia da Air France.

Capítulo 41

O táxi marca do aeroporto Charles de Gaulle até as proximidades da Notre-Dame setenta francos, sem contar a gorjeta. A passagem pelo autocarro para o mesmo lugar custa sete francos e meio, também sem gorjetas. O detetive Max hornung tomou o autocarro. Hospedou-se no barato Hôtel Meublé e começou a fazer telefonemas.

Falou com pessoas que tinham nas mãos os segredos dos cidadãos da França. Os franceses eram normalmente mais desconfiados do que os suíços, mas mostravam-se ansiosos em cooperar com Max Hornung. Em primeiro lugar, Max Hornung era um perito no seu setor, grandemente admirado, sendo uma honra cooperar com um homem assim. Em segundo lugar, tinham pavor dele. Não havia segredos para Max. O homenzinho esquisito, com o seu sotaque impossível, desmascarava todo mundo.

— Sem dúvida — disseram a Max. — pode usar à vontade nossos computadores. Tudo deve ser, porém, confidencial.

— É claro.

Max passou pelo inspecteur des finances, pelo Crédit Lyonnais e pela Assurannce Nationale, para conversar com os computadores de impostos. Visitou os computadores da gendarmerie em Rosny-sous-Bois e os da préfecture de police, na Ile de La Cité.

Começaram a conversa leve e calma de velhos amigos.

"Quem são Charles e Hélène Roffe-Martel?", perguntou Max.

"Charles e Hélène Roffe-Martel, residência rue François Premier, 5, Vésinet, casados a 24 de maio de 1970 em Neuilly, sem filhos. Hélène três vezes divorciada, nome de solteira Roffe, conta bancária no Crédit Lyonnais na Avenue Montaigne, no nome de Hélène Roffe-Martel, saldo médio de mais de vinte mil francos."

"Despesas?"

"Sim. Uma conta de livros da Librairie Marceau... Conta de dentista com tratamento de canais para Charles Martel... Contas de hospital para Charles Martel... Conta de exame de Charles Martel."

"Resultado do diagnóstico?"

"Pode esperar? Terei de falar com outro computador."

"Por favor." Max esperou.

A máquina com o relatório do médico principiou a falar.

"Tenho o diagnóstico."

"Pode dizer?"

"Esgotamento nervoso."

"Mais alguma coisa?"

"Equimoses e contusões graves nas coxas e nas nádegas."

"Alguma explicação?"

"Não foi dada nenhuma."

"Por favor, continue."

"Uma conta de um par de sapatos de homem de Pinet... Um chapéu de Rose Valois... Foie gras da Fauchon... Salão de beleza Carita... Jantar no Maxim's para oito pessoas... Pratas de Christofle... Um robe de homem da Sulka.."

Max interrompeu o computador. Havia uma coisa a respeito das contas que lhe chamou a atenção. Todas as compras tinham sido assinadas por mme Roffe-Martel, inclusive as de roupas para homens e as contas de restaurantes. Tudo em nome dela. Interessante!

E então surgiu o primeiro fio solto.

Uma companhia chamada Belle Paix havia comprado um selo de imposto territorial. Um dos proprietários da Belle Paix se chamava Charles Dessain. O número do seguro social de Charles Dessain era o mesmo de Charles Martel. Segredo.

"Fale-me sobre a Belle Paix", disse Max.

"A Belle Paix é propriedade de René Duchamps e Charles Dessain, também conhecido como Charles Martel."

"O que faz a Belle Paix?"

"Possui um vinhedo."

"De quanto é o capital da companhia?"

"Quatro milhões de francos."

"Onde Charles Martel conseguiu a sua cota de capital?"

"Chez ma tante."

"na casa de sua tia?"

"Desculpe. É uma expressão de gíria francesa. Quer dizer no penhor, no crédit municipal."

"O vinhedo tem dado lucro?"

"Não. A companhia faliu."

Max tinha de saber mais. Continuou a falar com seus amigos, sondando, lisonjeando, exigindo. Foi o

computador dos seguros que falou a Max de uma advertência arquivada referente a uma possível fraude de seguros. Max sentiu uma emoção deliciosa.

"Fale-me sobre isso", disse ele.

E falaram como duas velhas que trocam segredos enquanto lavam a roupa suja na manhã de segunda-feira.

Depois disso, Max foi procurar um joalheiro chamado Pierre Richaud.

Meia hora depois, Max sabia exatamente o valor das jóias de Hélène Roffe-Martel que tinham sido imitadas: pouco mais de dois milhões de francos, a quantia que Charles Martel investira no vinhedo. Por conseguinte, Charles Dessain-Martel tinha precisado tanto de dinheiro que não hesitara em roubar as jóias da mulher.

Que outros atos de desespero haveria ele cometido? Havia outro fato que interessava a Max. Podia ter pouca significação, mas Max o arquivou rapidamente na memória. Era uma nota de um par de botas de alpinismo. Isso fazia Max pensar, pois o alpinismo não se ajustava à imagem que fazia de Charles Martel-Dessain, um homem dominado pela mulher que não podia comprar coisa alguma em seu nome e nem tinha conta bancária pessoal, a tal ponto que era forçado a roubar para fazer um investimento.

Não era possível imaginar Charles Martel escalando montanhas voltou aos seus computadores.

"A conta que me mostrou ontem da loja de artigos desportivos. Gostaria de ter detalhes dela."

"Certamente."

A conta apareceu na tela diante dele. Número das botas: 3. Um número de mulher. A alpinista era Hélène Roffe-Martel.

Sam Roffe fora morto nas montanhas.

Capítulo 42

A Armengaud era uma rua tranquila de Paris, marginada dos dois lados por residências de um e dois andares, com telhados de calha inclinados. Destacava-se entre os outros prédios o do número 26, uma estrutura moderna de vidro, aço e pedra de oito andares, que servia de sede à Interpol.

O detetive Max Hornung estava falando com um computador na grande sala com ar condicionado do porão, quando um dos funcionários entrou e disse: — Vão passar um filme assassino lá em cima. Quer vê-lo?

Max levantou a vista e disse: — Não sei. O que significa exatamente um filme assassino?

— Suba e verá.

Havia cerca de vinte homens e mulheres sentados na grande sala de projeção do terceiro andar. Havia funcionários da Interpol, inspetores de polícia sûreté francesa, detetives à paisana e alguns policiais fardados.

Na frente da sala, diante da tela, René Almedin, secretário assistente da Interpol, estava falando. Max entrou e sentou-se numa das últimas filas.

— Nestes últimos anos — dizia René Almedin. -, temos tido notícias de filmes assassinos, isto é, de filmes pornográficos em que ao fim do ato sexual a vítima é assassinada diante das câmaras. Não havia provas de que tais filmes realmente existissem, embora houvesse um motivo para essa escassez de provas. Esses filmes não eram ou não são feitos para o público. São feitos para exibição particular a homens ricos que encontram prazer dessa maneira deformada e sádica.

René Almedin tirou os óculos e continuou: — Como já disse, tudo era boato e especulação. Isso, porém, muda agora. Dentro de alguns momentos, vocês vão assistir a algumas cenas de um filme assassino autêntico. Há dois dias, um homem que levava uma pasta foi atropelado numa rua de Passy por um carro cujo motorista fugiu. O homem morreu a caminho do hospital

e ainda não foi identificado. A Sûreté encontrou este rolo de filme na sua pasta e mandou revelá-lo no seu laboratório. Vejam.

Fez um sinal, e a exibição começou.

Na tela, apareceu uma moça loura que devia ter no máximo dezoito anos. Causava um penoso constrangimento, como se estivesse diante de uma coisa irreal, ver aquela criatura tão linda praticar algumas perversões sexuais com o homem que estava na cama com ela. A câmara fechou em close para focalizar a introdução do enorme pênis na mulher. Em seguida, moveu-se e focalizou o rosto do homem. Max Hornung teve a certeza instantânea de que já tinha visto um dia aquele rosto. E havia alguma coisa mais que já conhecia. Era a fita amarrada no pescoço da mulher. Reavivou a lembrança da fita vermelha.

Onde? A mulher na tela começou a entusiasmar-se com o ato e, quando ia atingir o orgasmo, o homem fechou as mãos em torno do pescoço dela e principiou a estrangulá-la. A expressão no rosto da mulher se transformou de prazer em horror. Debateu-se desenfreadamente para fugir, mas as mãos do homem apertaram com mais força, e ela morreu no momento final do orgasmo. A câmara focalizou em close rosto dela. O filme terminara, e as luzes se acenderam na sala de projeção. Max lembrou-se. A moça que fora pescada num rio, em Zurique.

Já estavam chegando à sede da Interpol em Paris respostas de toda a Europa às mensagens urgentes enviadas por cabo. Seis mortes semelhantes haviam ocorrido em Zurique, Londres, Roma, Portugal, Hamburgo e Paris.

René almedin disse a Max que as caraterísticas das vítimas eram semelhantes.

— São todas jovens e louras. Foram estranguladas durante o ato sexual e estavam nuas, com uma fita vermelha amarrada no pescoço. Estamos diante de um

perigoso assassino, que dispõe de um passaporte e dinheiro suficiente para fazer todas essas viagens por sua conta ou às expensas de alguém.

Um detetive apareceu nesse momento.

— Estamos com sorte. Já descobriram a origem do filme virgem usado. É produzido numa pequena fábrica em Bruxelas que tem um problema com o equilíbrio das cores, o que facilitou a identificação do filme. Já obtivemos uma lista das firmas que comparam os filmes nestes últimos tempos.

— Posso ver essa lista, quando a tiverem? — perguntou Max Hornung.

— Sem dúvida — disse René Almedin.

Olhou para o pequeno detetive. Na opinião dele, ninguém no mundo podia parecer-se menos com um detetive que Max Hornung.

Entretanto, fora ele quem dera o primeiro indício seguro no caso dos filmes assassinos.

— Temos com você uma dívida de gratidão — disse Almedin.

— Ora Essa! Porquê?

Capítulo 43

Alec Nichols não havia desejado comparecer ao banquete, mas achara que Elizabeth não devia ir sozinha. Ambos tinham sido convidados a falar. O banquete era em Glasgow, cidade que Alec detestava. O carro o esperava defronte do hotel, a fim de levá-lo para o aeroporto assim que ele pudesse sair sem ser descortês. Já fizera o seu discurso, mas, naquele momento, estava pensando em outra coisa. Sentia-se muito nervoso e não estava passando bem do estômago. Algum imbecil tivera a péssima ideia de servir haggi o prato escocês que ele achava horripilante. Alec mal o provara.

— Está sentindo alguma coisa, Alec? — perguntou Elizabeth, que estava sentada ao lado dele.

— Não é nada — disse ele para tranquilizá-la.

Os discursos estavam quase terminados quando um garçom se inclinou e sussurrou a Sir Alec: — Telefonema interurbano para o senhor. Pode atender no escritório.

Alec seguiu o garçom e passou do salão de jantar para o pequeno escritório atrás da portaria. Pegou o telefone.

— Alô?

Ouviu então a voz de Swinton. — Este é o último aviso!

Em seguida, o telefone foi desligado.

Capítulo 44

A última cidade na agenda do detetive Max Hornung era Berlim.

Os amigos computadores estavam à sua espera. Max falou com o exclusivo computador Nixdorf, ao qual só se tinha acesso com um cartão especial, perfurado. Falou com os grandes computadores de Allianz e Schuff e com os do Bundeskriminalamt em Wiesbaden, centro de colecta de dados sobre todas as atividades criminais da Alemanha.

"Que podemos fazer?", perguntaram eles.

"Falem-me de Walther Gassner." E os computadores falaram. Quando acabaram de revelar os segredos a Max Hornung, a vida de Walther Gassner estava exposta diante do detetive em belos símbolos matemáticos. Max podia ver o homem tão claramente quanto se estivesse olhando para uma fotografia. Sabia das preferências dele em matéria de roupas, vinhos, comidas e hotéis. Tinha sido um jovem e belo professor de esqui que

vivia à custas das mulheres e se casara com uma herdeira muito mais velha do que ele.

Houve um ponto que pareceu curioso a Max. Tratava-se de um cheque compensado de duzentos marcos feito em favor do dr.

Heissen. Estava escrito no cheque "para consulta". Que espécie de consulta? O cheque fora recebido no Dresdner Bank, em Düsseldorf. Quinze minutos depois, Max falava com o gerente do banco. Sim. O gerente conhecia bem o dr. Heissen, um velho cliente.

Que espécie de médico era ele? Psiquiatra.

Quando Max desligou, ficou sentado com os olhos fechados, pensando. Um fio solto. Por fim pegou o telefone e ligou para o dr. Heissen, em Düsseldorf.

Uma recepcionista toda cerimoniosa disse a Max que o médico não podia ser perturbado. Max insistiu, e afinal o próprio dr.

Heissen pegou o telefone e informou rudemente a Max que não costumava dar informações a respeito dos seus clientes e que não tinha a intenção de discutir tais assuntos pelo telefone.

Desligou sem esperar qualquer resposta.

Max voltou aos computadores: "falem-me de Heissen."

Três horas depois, tornava a falar com o dr. Heissen pelo telefone.

— Fique sabendo — disse o médico asperamente — que, se quiser alguma informação a respeito de qualquer dos meus clientes, terá que aparecer aqui no meu consultório com um mandado judicial.

— Não me é possível no momento ir a Düsseldorf — disse o detetive.

— O problema é seu. Mais alguma coisa? Sou um homem ocupado.

— Sei disso. Tenho aqui em mãos as suas declarações de imposto de renda nos últimos cinco

anos.

— E daí?

— Escute, doutor, não quero lhe criar problemas, mas vem sonegando ilegalmente vinte e cinco por cento de sua renda. Se preferir, poderei encaminhar as suas declarações às autoridades alemãs do imposto de renda e dizer-lhes onde devem procurar a sonegação. Poderei também falar do seu cofre num banco em Munique e de sua conta numerada em Basileia.

Houve um longo silêncio, e então o médico perguntou: — Quem o senhor disse que era?

— Detetive Max Hornung, da Polícia Criminal Da Suíça.

Houve um longo silêncio, e então o médico perguntou: — O que exatamente deseja saber?

Quando o dr. Heissen começou a falar, não houve mais jeito de parar. Sim, lembrava-se perfeitamente de Walther Gassner. O homem tinha ido procurá-lo sem marcar hora e tinha insistido em ser imediatamente atendido. Não quisera dar o nome, dizendo que desejava discutir apenas os problemas de um amigo.

— é claro que isso logo me pôs em guarda — disse o dr. Heissen. — É uma síndrome clássica de pessoas que têm receio de enfrentar os seus próprios problemas.

— Qual era o problema dele, doutor?

— Disse ele que o amigo era esquizofrênico e seria capaz de matar alguém, se não o impedissem. Perguntou se havia alguma espécie de tratamento capaz de atenuar esse estado. Acrescentou que não podia encarar a ideia de ver o amigo internado num hospício.

— O que o senhor lhe disse?

— Expliquei que, em primeiro lugar, eu teria de examinar esse amigo dele. Adiantei que alguns tipos de doenças mentais eram susceptíveis de tratamento por meio de terapias medicamentosas e psiquiátricas, ao passo que outras eram incuráveis. Disse também que, no

caso como o que ele em linhas gerais me expunha, o tratamento poderia ser muito demorado.

— O que aconteceu então?

— Nada. Foi só isso. Nunca mais vi o homem, e sinceramente gostaria de ter feito alguma coisa por ele. A sua visita ao meu consultório teve todas as caraterísticas de um pedido de socorro. Era como se um assassino tivesse escrito na parede do apartamento de sua vítima: "Prendam-me, senão vou matar de novo!"

Havia uma coisa que Max ainda estranhava.

— Disse que ele não quis dar o nome. Entretanto, deixou nas suas mãos um cheque assinado.

— Disse que havia esquecido de pegar o dinheiro ao sair de casa. Estava muito aflito com isso e, no fim, teve de me dar um cheque. Foi assim que fiquei sabendo o nome dele. Deseja saber mais alguma coisa?

— Não.

Alguma coisa ainda estava desafiando max. Era um fio solto que fugia do seu alcance. Tinha de encontrá-lo... Mas nada havia a fazer com os computadores. O resto era com ele.

Quando Max voltou a Zurique na manhã seguinte, encontrou um teletipo da Interpol em cima de sua mesa. Continha a relação dos fregueses que haviam comprado a partida de filme virgem com defeito e com o qual fora feito o filme assassino.

Havia oito nomes na lista. Um deles era a Roffe and Sons.

O Inspetor-Chefe Schmied estava ouvindo o detetive Max Hornung e pensando que indiscutivelmente, graças a um golpe de sorte, o pequenino detetive tropeçara em outro caso importante.

— É uma de cinco pessoas — dizia max. — Todas elas tinham um motivo e tiveram a oportunidade. Estavam todas em Zurique numa reunião da diretoria no dia em que o elevador caiu. Qualquer uma delas poderia estar na Sardenha quando houve o acidente com o jipe.

— Espere ai, Hornung — disse o Inspetor-Chefe Schmied. — Está falando em cinco suspeitos. Mas, na reunião da diretoria, só havia quatro diretores presentes além de Elizabeth Roffe. Quem é o seu quinto suspeito?

— O homem que estava em Chamonix com Sam Roffe quando ele foi assassinado, Rhys Williams.

Capítulo 45

Sra. Rhys Williams.

Elizabeth nem poda acreditar. Tudo parecia um sonho como nos seus tempos de mocinha, quando tinha escrito o nome muitas e muitas vezes nos seus cadernos. Sra. Rhys williams. Olhava sem acreditar para o anel que levava no dedo.

— De que está rindo? — perguntou Rhys.

Estava sentado à frente dela, numa poltrona a bordo do luxuoso Boeing 707-320. Estavam dez mil metros acima do Oceano Atlântico e faziam uma refeição de caviar iraniano com Dom Pérignon gelado. Era um completo clichê de La Dolce Vita, e Elizabeth não pôde deixar de rir.

— Alguma coisa que eu disse? — perguntou Rhys.

Elizabeth maneou a cabeça. Viu como ele era bonito. E era seu marido.

— Estou tão feliz! — murmurou ela.

Ele nunca saberia até que ponto ela era feliz. Como poderia Elizabeth dizer-lhe o que aquele casamento representava para ela? Ele não podia compreender, porque para Rhys aquilo não era um casamento; era um acordo comercial. Mas ela amava Rhys.

Tinha a impressão de que sempre o amara. Queria passar o resto da vida com ele e dar-lhe muitos filhos. Queria pertencer a ele e fazer que ele pertencesse a ela. Mas era preciso antes resolver um problema. Tinha de fazer Rhys apaixonar-se por ela.

Elizabeth tinha falado em casamento a Rhys no dia em que se encontrara com Julius Badrutt. Depois que o banqueiro saiu, Elizabeth ajeitou os cabelos e foi à sala de Rhys. Respirou fundo e perguntou: — Quer se casar comigo, Rhys?

Viu a surpresa estampada no rosto dele e continuou apressadamente, querendo parecer eficiente e fria: — Seria um acordo puramente comercial. Os bancos estão dispostos a prorrogar o prazo de empréstimos se você assumir a presidência da Roffe and Sons. A única maneira de você conseguir isso é casando-se com uma mulher da família, e parece que a única disponível sou eu.

Nas últimas palavras, a voz se tornou imprevisivelmente esganiçada. Elizabeth ficou muito vermelha e não pôde levantar a vista para ele.

— É claro — continuou Elizabeth — que não seria um verdadeiro casamento no sentido usual do termo... Você teria inteira liberdade de fazer o que quisesse...

Ele ficou a olhá-la, sem ajudá-la em nada. Elizabeth queria que ele falasse, que dissesse alguma coisa, fosse lá o que fosse.

— Rhys...

— Desculpe, Elizabeth — disse ele, sorrindo. — Mas não é todos os dias que se recebe um pedido de casamento de uma mulher bonita.

Ele estava querendo ganhar tempo, procurando um jeito de livrar-se daquilo, sem ofender os sentimentos dela. "Desculpe, Elizabeth, mas"...

— Combinado, Elizabeth — disse ele.

De repente, ela sentiu como se a tivesse aliviado de um tremendo peso. Não compreendera até aquele momento o quanto aquilo era importante para ela. Ganhara tempo de sobra para saber quem era o inimigo. Juntos, Rhys e ela poderiam acabar com todas aquelas coisas terríveis que estavam acontecendo. Mas uma coisa era preciso esclarecer desde daquele instante.

— Você será o presidente da companhia, mas o controle acionário permanecerá nas minhas mãos.

Rhys franziu a testa.

— Se eu vou presidir à companhia...

— Vai, sim.

— Mas o controle acionário...

— Continuará em meu nome. Quero ter certeza de que as ações não poderão ser vendidas.

— Compreendo.

Ela sentia a reprovação de Rhys. Gostaria de dizer-lhe que decidira transformar a firma numa sociedade aberta e deixar os diretores venderem as suas ações. Com Rhys na presidência, Elizabeth não teria mais receio de que estranhos chegassem e se apossassem de tudo. Rhys saberia contê-los. Mas não podia deixar que isso acontecesse enquanto ela não soubesse que estava tentando destruir a companhia. Gostaria muito de dizer todas essas coisas a Rhys, mas sabia que ainda não era hora.

Limitou-se a dizer: — Fora esse ponto, você terá o controle total da companhia.

Rhys ficou a olhá-la em silêncio durante um tempo que pareceu a Elizabeth intoleravelmente longo. Por fim, perguntou: — Quando é que você quer se casar, Elizabeth?

— O mais depressa possível.

À exceção de Anna e Walther, que estava em casa doente, todos compareceram ao casamento em Zurique: Alec e Vivian, Hélène e Charles, Simonetta e Ivo. Pareciam todos muito felizes com o casamento, a tal ponto que Elizabeth em alguns momentos sentiu-se como uma impostora, pois não estava se casando realmente e, sim, fazendo um acordo comercial.

Alec abraçou-a e disse: — Sabe muito bem que eu lhe desejo tudo de bom.

— Sei sim, Alec. Muito obrigada.

Ivo parecia em êxtase.

— Carissima, tanti auguri e figli maschi. Ficar rico é o sonho dos mendigos, mas ter amor é o sonho dos reis.

— Quem disse isso?

— Eu mesmo — disse Ivo. — Só espero que Rhys saiba apreciar a sorte que tem.

— É o que eu me canso de dizer a ele — disse Elizabeth rindo.

Hélène levou Elizabeth para um canto.

— Você é cheia de surpresas, ma chère. Nem sabia que você e Rhys se interessavam um pelo outro.

E afastou-se.

Depois da cerimônia, houve uma recepção no Baur-au-Lac. Na superfície, tudo foi alegre e festivo, mas Elizabeth podia sentir as correntes submersas. Pairava na sala uma maldição, mas ela não podia dizer de quem partia. Sabia apenas que uma das pessoas presentes a odiava. Era uma convicção profunda, ainda que em volta dela só visse sorrisos e rostos amigos.

Charles fez um brinde, mas ela recebera um relatório segundo o qual o explosivo que destruíra o laboratório fora fabricado nos arredores de Paris.

Ivo tinha um sorriso cordial, mas o banqueiro capturado quando tentava sair com dinheiro da Itália fora denunciado por ele. Alec? Walther? Qual deles?, perguntava-se Elizabeth.

Na manhã seguinte, houve uma reunião da diretoria, e Rhys Williams foi eleito, por unanimidade, presidente e principal executivo da Roffe and Sons. Charles levantou a questão que estava no espírito de todos.

— Agora que está dirigindo a companhia, vai permitir as vendas das ações?

Elizabeth pôde sentir subitamente a tensão dominar a sala.

— O controle acionário ainda está nas mãos de Elizabeth — informou Rhys. — Cabe a ela decidir.

Todas as cabeças se voltaram para Elizabeth.

— Não vamos vender — declarou ela.

Quando Elizabeth e Rhys ficaram sozinhos, ele perguntou: — Gostaria de ir passar a lua-de-mel no Rio? Elizabeth olhou-o e sentiu o coração bater mais forte. Mas Rhys acrescentou, com a maior calma do mundo.

— O nosso gerente lá está ameaçando demitir-se e é preciso resolver esse caso. Planejava tomar o avião amanhã. Pareceria estranho se eu fosse sem minha mulher.

— É claro — disse Elizabeth.

E pensou: Você é uma tola. Tudo isso foi ideia sua. Não se trata de um casamento, mas sim de um acordo comercial. Você não tem o direito de esperar coisa alguma de Rhys. Entretanto, quem sabe o que pode acontecer numa viagem dessas? Quando desembarcaram do avião no Aeroporto do Galeão, fazia calor, e Elizabeth se lembrou de que no Rio era verão.

à espera deles havia um Mercedes 600 com um motorista, um homem magro de pouco mais de vinte anos.

— Onde está Luís? — perguntou-lhe Rhys ao entrar no carro.

— Luís está doente, Sr. Williams. Mas eu estarei à disposição do senhor e de sua mulher.

— Diga a Luís que desejo seu pronto restabelecimento.

O chofer olhou-os pelo retrovisor e respondeu: — Direi, sim.

Meia hora depois, rolavam pela avenida ao longo de Copacabana. Pararam à porta de um hotel moderno, e, um momento depois, os empregados já estavam cuidando da bagagem deles.

Foram levados para uma enorme suíte de quatro quartos, uma bela sala, uma cozinha e um grande terraço de frente para o mar.

Havia flores em profusão, champanha, uísque e bombons. O gerente os havia levado pessoalmente até a suíte.

— Se desejarem alguma coisa, seja lá o que for, estou às ordens vinte e quatro horas por dia — disse ele, antes de retirar-se.

— São sem dúvida muito atenciosos — disse Elizabeth.

Rhys riu e respondeu: — Têm motivos para ser. Este hotel lhe pertence.

— Oh, eu não sabia disso.

— Está com fome? — Ainda não...

— Um pouco de champanha? — Isso sim... Obrigada.

Tinha a impressão de que não estava falando naturalmente. Não sabia ao certo como proceder, nem o que devia esperar de Rhys.

Ele se tornara de repente uma pessoa estranha, e ela não podia esquecer um só momento que estava sozinha com ele numa suíte de hotel, que estava ficando tarde e que, dentro em pouco, seria hora de ir para a cama.

Viu Rhys abrir com facilidade a garrafa de champanha. Tudo o que ele fazia era assim, com aquela facilidade e a segurança de quem sabe o que quer e como consegui-lo. O que queria ele? Rhys levou a champanha para Elizabeth e fez um brinde.

— A um bom começo.

— A um bom começo — repetiu Elizabeth, e acrescentou intimamente: E a um final feliz.

Beberam. Deviam quebrar as taças para comemorar, pensou ela.

Acabou de beber o champanha.

Estavam em lua-de-mel no Rio e ela queria Rhys. Não só naquele momento, mas para sempre.

O telefone tocou. Rhys atendeu e disse algumas palavras.

Depois que desligou, disse a Elizabeth: — Já é tarde. Por que não vai para a cama? Para Elizabeth, a palavra "cama" ficou pairando no ar.

— Já vou — disse ela com voz fraca.

Levantou-se e foi para o quarto onde tinha deixado as suas malas. Havia uma cama enorme no centro do quarto. Uma camareira abrira as malas e preparava a cama. De um lado havia uma fina camisola de seda; do outro, um pijama azul de homem. Hesitou um momento e começou a despir-se. Quando ficou nua, passou ao quarto de vestir espelhado e tirou cuidadosamente a maquiagem.

Amarrou uma toalha na cabeça, entrou no banheiro e tomou um demorado banho de chuveiro, ensaboando bem o corpo e deixando a água quente descer-lhe por entre os seios e sobre seu ventre e coxas, como se compridos dedos quentes a afagassem.

Tentava não pensar em Rhys, mas não podia pensar em mais nada. Pensava nos braços dele em torno do seu corpo e o corpo dele nela. Tinha se casado com ele para ajudar a salvar a companhia ou isso fora apenas um pretexto, pois na verdade era a ele que queria? Não sabia mais. O seu desejo se transformava numa ardente necessidade. Era com se a menina de quinze anos que ela fora estivesse durante todo o tempo à espera por ele sem ter consciência de que a ansiedade se transformara numa fome imperiosa. Saiu do chuveiro, enxugou-se, vestiu a camisola de seda e deitou-se. Ficou esperando, pensando no que ia acontecer, apenas com uma vaga ideia de como seria tudo e com o coração a bater com força. Ouviu a porta abrir-se e Rhys apareceu. Estava inteiramente vestido.

— Vou sair, Liz.

— Aonde... Aonde vai? — Tenho de resolver um problema de negócios — disse ele, e saiu.

Elizabeth passou o resto da noite acordada, a virar-se na cama de um lado para outro, sacudida por emoções contraditórias, ora grata a Rhys por observar o acordo que tinham feito, ora furiosa por ter sido rejeitada por ele.

O dia já estava amanhecendo quando ouviu Rhys voltar. Os seus passos se encaminharam para o quarto e ela fechou os olhos, fingindo que dormia. Chegou a ouvir a respiração de Rhys quando ele se aproximou da cama. Ficou ali a olhá-la durante muito tempo. Por fim, voltou-se e foi para o outro quarto.

Poucos minutos depois, Elizabeth adormecia.

Nas últimas horas da manhã, fizeram a primeira refeição no terraço. Rhys estava muito agradável e falava com muita animação da cidade e do seu aspecto no tempo do carnaval. Mas não disse coisa alguma sobre onde passara a noite, e Elizabeth não perguntou. Um garção apareceu para saber o que queriam almoçar. Elizabeth notou que foi outro garçom que serviu pouco depois o almoço. Mas não deu muita atenção a isso. como também às camareiras que a todo momento entravam e saíam.

Elizabeth e Rhys estavam na fábrica de Roffe and Sons nos arredores do Rio, sentados no escritório do gerente. Roberto Tumas, um homem de meia-idade, que transpirava copiosamente.

— Deve compreender as coisas — dizia ele a Rhys. — A Roffe me é mais cara do que a própria vida. É como se fosse minha família. Quando sair daqui, sentir-me-ei como se tivesse abandonado o meu lar. Meu coração ficará dilacerado. Mas tenho uma excelente proposta de outra companhia . Tenho mulher, filhos e uma sogra em quem pensar. Compreende, não é mesmo? Rhys estava descansando confortavelmente numa poltrona e disse: — É claro, Roberto. Sei muito bem o que a companhia representa para você e quantos anos você já passou aqui dentro.

Mas compreendo também que é um homem e tem de pensar na família.

— Obrigado, Rhys. Eu sabia que você iria compreender.

— E o seu contrato conosco? Roberto encolheu os ombros.

— Ora, o meu contrato com a Roffe sempre foi mera formalidade. Que valor tem um contrato quando obriga um homem a trabalhar sentindo-se infeliz? — Foi por isso que tomamos o avião até aqui, Roberto.

Queremos que você se sinta feliz.

— Pena que seja muito tarde... Agora, eu já acertei ir trabalhar em outra companhia.

— Essa outra companhia sabe que você pode ir para a prisão? — perguntou Rhys displicentemente.

— Para a prisão? — O governo dos Estados Unidos obrigou toda a empresa de negócio no exterior a revelar todos os subornos pagos nos últimos dez anos. Infelizmente, você está envolvido nisso, Roberto. Além disso, deixou de cumprir várias leis brasileiras.

Estávamos dispostos a protegê-lo de todas as maneiras, como um verdadeiro membro da família. Mas, desde que vai sair da companhia, não há mais motivos para isso, não acha? Roberto estava muito pálido.

— Mas tudo o que eu fiz foi em benefício da companhia. Estava apenas cumprindo ordens.

— Tenho certeza de que poderá explicar tudo durante o seu julgamento — disse Rhys, levantando-se. — Bem, não temos mais nada a fazer aqui. Vamos, Elizabeth.

— Espere um pouco! — exclamou Roberto. — Não pode abandonar-me assim! — Creio que está fazendo um pouco de confusão. Quem quer nos abandonar é você.

Tumas enxugou o suor da testa, foi até a janela e olhou para fora, enquanto um profundo silêncio reinava na sala. Finalmente, voltou-se para Rhys e disse: — Se eu ficar na companhia, posso contar com a proteção da Roffe? — Total e absoluta — disse Rhys.

Quando estavam de novo no Mercedes de volta à cidade, Elizabeth disse a Rhys: — O que você fez com ele foi chantagem.

— Decerto, mas não podíamos perder o homem para uma companhia rival. Ele sabe muito sobre nossos negócios e trataria de revelar isso fora daqui.

Elizabeth ficou pensando que ainda tinha muito que aprender com Rhys.

Naquela noite, foram jantar num restaurante, o Mirnder. Rhys se mostrou encantador, divertido e impessoal. Elizabeth tinha a impressão de que ele estava se escondendo por trás de uma cortina de fumaça de palavras e gentilezas para não revelar os seus verdadeiros sentimentos.

Quando acabaram de jantar, já passava da meia-noite.

Elizabeth tinha esperança de que fossem voltar para o hotel, mas Rhys disse: — Vou lhe mostrar um pouco da vida noturna do Rio.

Fizeram a ronda das boates e todo mundo parecia conhecer Rhys. Em todos os lugares, era o centro das atenções e encantava a todos. Eram convidados para as mesas de outros casais, e muitas pessoas iam sentar-se à mesa deles. Não ficavam um único minuto a sós. Sem dúvida, Rhys estava fazendo aquilo de propósito para estabelecer uma barreira entre eles.

Em outros tempos, tinham sido amigos. Tinham passado a ser...

o quê? Na quarta boate, onde tinham ido para uma mesa cheia de amigos de Rhys. Elizabeth chegou à conclusão de que já bastava. Interveio na conversa entre Rhys e uma linda moça espanhola.

— Desculpe, mas ainda não dancei uma só vez com meu marido.

Com licença.

Rhys olhou-a com surpresa e levantou-se, dizendo aos outros: — Creio mesmo que estou esquecendo minha mulher.

Tomou o braço de Elizabeth e levou-a para a pista de dança.

Ela estava um pouco rígida, e ele murmurou: — Você está brava.

Tinha razão, mas Elizabeth estava zangada consigo mesmo.

Impusera as regras do jogo e estava aborrecida porque Rhys não tratava de desrespeitá-las. Mas não era só isso. O pior de tudo era não ter certeza dos verdadeiros sentimentos de Rhys. Estava cumprindo o acordo apenas porque tinha senso de dignidade ou porque ela não lhe interessava? Elizabeth tinha de saber.

— Desculpe toda essa gente, Elizabeth — disse ele. — Todos estão ligados ao mundo dos negócios e, de uma forma ou de outra, podem nos ser úteis.

Isso mostrava que ele compreendia os sentimentos dela. Era muito agradável ter o braço dele passado por ela e o corpo bem junto ao seu. Tudo em Rhys era exatamente como ela queria. Um se ajustava ao outro. Ela sabia disso. Mas saberia ele o quanto ela precisava dele? O amor-próprio não lhe permitia dizer coisa alguma. Mas ele não podia deixar de sentir alguma coisa. Encostou-se mais a ele. O tempo havia parado e não havia nada no mundo senão os dois, a música e a magia daquele momento. Ela poderia continuar dançando para sempre nos braços dele. Descontraiu-se, abandonou-se inteiramente a ele e, pouco depois, sentiu a dureza masculina contra as coxas. Abriu os olhos e viu nos olhos dele alguma coisa que nunca vira antes, uma urgência e uma necessidade que eram reflexos do que ela sentia.

Finalmente, ele disse, com voz rouca: — Vamos voltar para o hotel.

Ela nem conseguia falar.

Quando ele a ajudava a colocar o casaco, os dedos dele lhe queimavam a pele. Sentaram-se no carro separados um do outro, com receio de qualquer contato.

Elizabeth sentia-se a arder. Pareceu-lhe terem levado uma eternidade para chegar à suíte. Sentiu que não podia esperar um só momento mais. Logo que a porta se fechou, juntaram-se num abraço impetuoso, que a ambos tirou o fôlego.

Estava nos braços dele, e havia nele uma ferocidade que ela nunca pressentira. Ele a tomou nos braços e levou-a para o quarto. Não conseguiram despir-se com a rapidez que desejavam.

Elizabeth pensou que eram como duas crianças ansiosas, e ficou sem saber por que Rhys tardava tanto. Mas pouco importava agora. O que importava era a nudez e o maravilhoso contato de um corpo contra o outro.

Acariciaram-se longamente e, quando não aguentaram mais, ele se moveu com lentidão sobre o corpo dela e penetrou-a lenta e profundamente, em gentis movimentos circulares, até que ela começou a mover-se ao ritmo dele, ao ritmo de ambos, ao ritmo do universo, e tudo se moveu cada vez mais depressa, a girar descontroladamente até que houve uma explosão maravilhosa e a terra voltou a ser tranquila e pacífica.

Ficaram ali abraçados, e Elizabeth pensou com alegria: Sra.

Rhys Williams.

Capítulo 46

— Perdão, Sra. Williams — disse Henriette pelo interfone. — Está aqui o detetive Hornung, que deseja vê-la. Diz que é urgente.

Elizabeth olhou para Rhys, intrigada. Tinham chegado a Zurique, vindo do Rio, na noite anterior, e estavam no escritório havia poucos minutos apenas. Rhys encolheu os ombros.

— Diga-lhe que mande o homem entrar. Vamos saber que urgência é essa.

Pouco depois, estavam os três sentados no escritório de Elizabeth.

— Que deseja? — perguntou Elizabeth.

Max Hornung não era homem de rodeios.

— Alguém está tentando matá-la — disse ele.

Ao ouvir essas palavras, Elizabeth ficou muito pálida. Diante disso, Max Hornung pensou que devia ter tido mais tato apresentando os fatos de outra maneira.

— O que está dizendo, afinal de contas? — perguntou Rhys Williams.

Max continuou a dirigir-se a Elizabeth.

— Já houve duas tentativas de morte contra a sua pessoa.

Haverá provavelmente outras.

— Acho... que deve estar enganado — murmurou Elizabeth.

— Não estou, não. O desastre do elevador visava a sua pessoa.

Ela o encarou em silêncio, com os olhos negros cheios de espanto e outras emoções que Max não podia definir.

— E o desastre com o jipe também.

Elizabeth conseguiu falar: — Está enganado. Foi um acidente. Não havia nada no jipe. A polícia de Sardenha examinou-o.

— Não.

— Eu vi os mecânicos examinarem o jipe — disse Elizabeth.

— Não, senhora. A senhora viu os mecânicos examinarem um jipe. Não era o seu.

Ambos o olhavam, estupefatos.

Max continuou: — O seu jipe nunca esteve naquela garagem. Fui encontrá-lo num ferro-velho, em Olbia. A porca que fechava o cilindro principal foi afrouxada, deixando escoar todo o óleo do freio.

Foi por isso que a senhora ficou sem freios. O pára-lamas esquerdo ainda estava amassado e havia marcas verdes da seiva da árvore contra a qual bateu. Verifiquei tudo e vi que conferia.

O pesadelo estava de volta. Elizabeth sentiu-se dominada por ele, e as comportas dos seus temores ocultos se reabriam subitamente, revivendo o terror daquela descida pela montanha.

— Não compreendo — disse Rhys. — Como foi possível isso? Max voltou-se para Rhys.

— Todos os jipes se parecem. Eles se aproveitaram disso.

Quando ele bateu na árvore em vez de rolar pelo precipício como esperavam, tiveram de improvisar. Não podiam deixar ninguém examinar o jipe, pois tudo tinha que parecer um acidente.

Tinham esperado que ele fosse parar no fundo do mar. Talvez a tivessem liquidado ali mesmo, se não tivesse chegado uma turma de socorro que a levou para o hospital. Conseguiram então outro jipe, simularam uma batida e fizeram a mudança antes que a polícia chegasse.

— Quem são essas pessoas a quem se refere? — perguntou Rhys.

— Quem fez tudo aquilo teve auxílio. É por isso que falo no plural.

— Quem... quem poderia querer matar-me? — perguntou Elizabeth.

— A mesma pessoa que matou seu pai.

Ela teve uma súbita impressão de irrealidade, como se nada daquilo tivesse acontecido. Era tudo um pesadelo que em breve se dissiparia.

— Seu pai foi assassinado — continuou Max. — Escalou a montanha com um falso guia, que o matou. Seu pai não foi a Chamonix sozinho. Havia alguém com ele.

— Quem? — perguntou Elizabeth com um fio de voz.

Max olhou para Rhys e disse: — Seu marido.

Essas palavras ressoaram sinistramente nos ouvidos de Elizabeth. Parecia vir de muito longe, crescendo e diminuindo.

Elizabeth teve a impressão de que estava perdendo o juízo.

— Liz, eu não estava com Sam quando ele foi morto — disse Rhys.

— Esteve em Chamonix com ele — insistiu Max.

— É verdade. Mas parti de Chamonix antes que Sam iniciasse a sua escalada!

— Por que não me disse isso, Rhys? — perguntou Elizabeth.

Rhys pareceu hesitar um momento. Em seguida, tomou uma decisão e começou a falar: — Era um assunto que eu não podia discutir com ninguém. No ano passado alguém tinha começado a sabotar a Roffe and Sons.

Tudo era feito com muita habilidade, para que parecesse simplesmente uma série de acidentes. Mas eu comecei a perceber que havia um plano por trás de tudo. Fui falar com Sam e então combinamos em contatar uma agência particular para investigar os fatos.

Elizabeth sabia o que ele ia dizer e foi dominada ao mesmo tempo por uma onda de alívio e por um sentimento de culpa. Rhys sabia do relatório. Devia ter confiado nele, devia ter contado tudo a ele, em lugar de guardar os receios para si mesma.

Rhys continuou a falar com Max Hornung.

— Sam Roffe recebeu um relatório que confirmou as minhas suspeitas. Ele me convidou a ir até Chamonix para discutir o caso com ele. Fui. Resolvemos guardar sigilo sobre tudo até sabermos quem era o responsável pelo que estava acontecendo. É evidente que o sigilo não foi absoluto. Sam foi morto porque alguém sabia que estávamos nos aproximando da verdade. O relatório desapareceu.

— Eu vi o relatório — disse Elizabeth, a quem Rhys olhou com surpresa. — Estava entre os objetos de

Sam recolhidos pela polícia em Chamonix. O relatório indicava que o culpado era alguém da diretoria da Roffe and Sons. Mas todos eles têm ações da companhia. Por que haveriam de querer destruí-la? Max explicou: — Não estão tentando destruí-la, Sra.. Williams. O que procuram é criar problemas suficientes para que os banqueiros fiquem impacientes e comecem a exigir o pagamento dos seus empréstimos. Queriam com isso forçar seu pai a transformar a companhia numa sociedade aberta e vender as ações. O culpado de tudo isso ainda não conseguiu o que queria. Por isso, a sua vida continua em perigo.

— Então é preciso dar proteção a ela — disse Rhys.

Max piscou os olhos e disse: — Não se preocupe com isso, Sr. Williams. Ela tem estado sob nossas vistas desde o dia em que se casou com o senhor.

Capítulo 47

Berlim. Segunda-feira, 1º de dezembro. 10 horas.

A dor era insuportável e havia semanas que ele sofria.

O médico deixara-lhe alguns comprimidos, mas Walther Gassner tinha medo de Tomá-los. Devia ficar constantemente alerta para que Anna não fizesse outra tentativa de matá-lo ou fugir.

— Deve ir para um hospital — havia dito o médico. — Perdeu muito sangue...

Era isso o que Walther absolutamente não queria. Ferimentos feitos a faca ou com instrumentos pontiagudos eram comunicados à polícia. Havia se tratado com um médico da companhia, na certeza de que ele não faria qualquer comunicação à polícia, pois Walther não podia tolerar que ela se metesse em sua vida.

Ao menos naquele momento. O médico tinha dado, em silêncio, alguns pontos no ferimento, com os olhos cheios de curiosidade.

Perguntara depois: — Quer que mande uma enfermeira, Sr. Gassner? — Não, minha mulher cuidará de mim.

Isso havia acontecido já fazia um mês, Walther telefonara para sua secretária e lhe dissera que devido a um acidente, iria passar algum tempo em casa.

Pensou no terrível momento em que Anna tentara matá-lo com a tesoura. Ele se havia voltado no momento exato, e a lâmina lhe atingira o ombro em vez de acertar-lhe o coração. Quase desmaiara com a dor e o choque, mas ainda conservara a consciência o tempo suficiente para arrastar Anna para o quarto e trancá-la. E durante o tempo ela não parara de gritar: "O que você fez com as crianças? O que você fez com as crianças?" Desde então, Walther a mantinha trancada. Preparava a comida dela. Levava uma bandeja ao quarto de Anna, abria a porta e entrava. Ela ficava sempre encolhida num canto, com medo dele, e só vivia perguntando num sussurro: "O que você fez com as crianças?" às vezes, ele abria a porta e a encontrava com o ouvido colado à parede, procurando escutar as vozes do filho ou da filha. A casa estava vazia agora, e só os dois estavam lá dentro.

Walther sabia que havia muito pouco tempo a perder. Os seus pensamentos foram, de repente, interrompidos por um leve ruído.

Escutou. Tornou a ouvir. Alguém estava andando pelo corredor do andar de cima. Entretanto, a casa devia estar vazia. Ele mesmo fechara todas as portas.

No andar de cima, a Sra. Mendler estava arrumando a casa.

Trabalhava como faxineira e era a segunda vez que ia àquela casa. Não gostava de lá. Quando trabalhava ali na quarta-feira anterior, o Sr. Gassner

a havia acompanhado, como se tivesse receio de que ela roubasse alguma coisa. Quando ela se preparava para subir, ele falara bruscamente com ela, pagara o dia e a mandara embora. Havia alguma coisa no jeito do homem que lhe metia medo.

Naquele dia, ainda não o vira, graças a Deus. A Sra. Mandler havia entrado na casa com a chave que tinha pegado na semana anterior e subido para o andar superior. A casa estava em completo silêncio, e ela julgou que o homem tivesse saído. Já havia arrumado um dos quartos, onde não encontrara nada senão algumas moedas espalhadas e uma caixinha dourada de pílulas.

Seguiu então o corredor até o quarto vizinho e tentou abrir a porta. Estava trancada. Estranho. Talvez o homem guardasse alguma coisa de muito valor lá dentro. Forçou a maçaneta e então ouviu uma voz de mulher vinda de dentro do quarto perguntar: — Quem é?

A Sra. Mandler recuou, assustada.

— Quem é? Quem está aí?

— Sou eu, a faxineira. Não quer que arrume seu quarto?

— Não pode entrar. Estou trancada. Socorro! Por favor, chame a polícia! Diga que meu marido matou meus filhos! Agora, vai me matar! Depressa! Saia daqui antes que ele...

Nesse momento, agarraram violentamente a Sra. Mendler pelo braço e ela se viu frente a frente com o Sr. Gassner, que estava mortalmente pálido.

— O que está espionando aqui? — perguntou ele, apertando-lhe dolorosamente o braço.

— Não estou espionando nada. Sou a faxineira e hoje é meu dia. A agência me disse...

— Eu disse à agência que não queria mais ninguém. Eu...

Procurou lembrar-se. Havia telefonado mesmo para a agência? Pensara em fazer isso, mas sentira tantas dores que talvez tivesse esquecido...

A Sra. Mandler olhava para ele, aterrada.

— Não me disseram nada...

Ele ficou parado para ver se escutava algum barulho por trás da porta fechada. Mas o silêncio era completo.

Voltou-se para a faxineira: — Vá embora daqui. E não volte.

A Sra. Mandler saiu o mais depressa que pôde da casa. O homem não lhe pagara o dia. Mas ela pegara a caixinha dourada de pílulas e as moedas que encontrara espalhadas pelo quarto. Tinha pena da pobre mulher trancada no quarto. Gostaria de ajudá-la, mas não queria envolver-se no caso. Tinha ficha na polícia.

Em Zurique, o detetive Max Hornung lia o seguinte teletipo recebido da sede da Interpol em Paris: "Número da fatura do filme virgem usado no filme assassino vendido a Roffe and Sons não pôde ser obtido pois funcionário não trabalha mais na companhia. Estamos investigando e comunicaremos todas as informações obtidas".

Em Paris, a polícia retirava das águas do Sena o corpo nu de uma mulher de quase vinte anos, loura. Tinha uma fita vermelha amarrada no pescoço.

Em Zurique, Elizabeth Williams fora colocada sob proteção permanente da polícia.

Capítulo 48

A luz branca se acendeu, indicando que havia uma ligação para a linha direta de Rhys Williams. Nem meia dúzia de pessoas sabiam desse número. Pegou o telefone.

— Alo?

— Bom dia, querido.

Não era possível confundir aquela voz gutural e diferente.

— Você não devia telefonar para mim.

A mulher riu.

— Você nunca se preocupou com essas coisas. Não me diga que Elizabeth já o dominou.

— O que você quer? — perguntou Rhys.

— Quero vê-lo hoje à tarde.

— Impossível!

— Olhe que eu me zango, Rhys. Quer que eu vá até Zurique?

— Não, não posso vê-la aqui... Está bem. Irei até aí.

— Assim, sim. No lugar do costume, chéri.

E Hélène Roffe-Martel desligou.

Rhys colocou o fone no gancho e ficou pensando. Para Rhys, não tinha passado de um breve caso puramente sexual com uma mulher interessante, mas estava encerrado havia algum tempo.

Mas Hélène não era mulher que pudesse ser abandonada com facilidade. Ela estava cansada de Charles e queria Rhys: "Você e eu formamos um par perfeito", dizia, e Hélène Roffe-Martel podia ser muito determinada e extremamente perigosa. Rhys chegou à conclusão de que a viagem a Paris era necessária.

Tinha de fazê-la compreender de uma vez por todas que não podia haver mais nada entre eles.

Momentos depois, entrou na sala de Elizabeth, e os olhos dela faiscaram. Abraçou-o e disse: — Estava pensando em você. Vamos para casa e trataremos de ter uma folga pelo resto do dia.

Ele sorriu. — Você está ficando maníaca em matéria de sexo.

Ela se aconchegou a ele. — Sei disso. E não é bom?

— Infelizmente, tenho de tomar o avião para Paris hoje à tarde, Liz.

Ela procurou dissimular a sua decepção e perguntou: — Devo ir com você?

— Não é o caso, Liz. Há um pequeno problema que eu tenho de resolver pessoalmente. Estarei de volta à noite. Jantaremos um pouco mais tarde.

Quando Rhys entrou no pequeno hotel da Rive Gauche, que conhecia tão bem, já encontrou Hélène à espera dele. Era organizada e eficiente, extraordinariamente bela, inteligente e maravilhosa amante. Faltava-lhe, no entanto, alguma coisa.

Hélène era uma mulher sem compaixão. Havia nela intensa crueldade, um verdadeiro instinto assassino. Rhys já vira outros massacrados por ela, e não tinha a intenção de se tornar uma de suas vítimas. Sentou-se diante dela.

— Você está com muito bom aspecto, meu querido. É evidente que está se dando bem com o casamento. Elizabeth tem sido satisfatória para você na cama?

Ele sorriu para atenuar a rudeze do que ia dizer.

— Não é da sua conta.

Ela se curvou para a frente e segurou uma das mãos dele.

— Ah, é, sim, cheri. É da nossa conta.

Começou a acariciar-lhe a mão, e ele pensou nela na cama.

Parecia um tigre, selvagem, à espreita e insaciável. Rhys afastou a mão.

Os olhos de Hélène ficaram frios.

— Escute, Rhys. Como é ser presidente da Roffe and Sons?

Ele quase havia esquecido o quanto ela era ambiciosa.

Lembrou-se das longas conversas que já haviam tido. Ela alimentava a obsessão de dominar a companhia. Você e eu, Rhys.

Se Sam estivesse fora do caminho, nós dois poderíamos dirigir a companhia.

Até nos momentos mais arrebatadores de amor ela murmurava: A companhia é minha, meu bem. Tenho nas veias o sangue de Samuel Roffe. A companhia é minha. Eu a quero. Foda-me, é minha. Eu a quero. Foda-me, Rhys.

O poder era o afrodisíaco de Hélène. O perigo também.

— O que você quer comigo, Hélène? — Acho que já está na hora de nós dois fazermos alguns planos.

— Não sei do que você está falando.

— Eu o conheço bem, Rhys. Você é ainda mais ambicioso do que eu. Por que acompanhou Sam como uma sombra quando teve ótimas propostas para dirigir outras companhias? Sabia muito bem que um dia iria dirigir a Roffe and Sons.

— Fiquei porque gostava de Sam.

— É claro, chéri — disse ela, rindo. — E hoje está casado com a filhinha encantadora dele.

Tirou um cigarro da bolsa e acendeu-o com um isqueiro de platina.

— Charles me disse que Elizabeth mantém o controle acionário da companhia e ainda se recusa a abrir mão dele.

— É verdade, Hélène.

— Naturalmente, já deve ter pensado que, se ela sofrer um acidente, você herdará tudo, não é? Rhys olhou demoradamente para ela.

Capítulo 49

Ivo Palazzi estava em sua casa, em Olgiata, e olhava pela janela quando viu uma coisa simplesmente horripilante.

Donatella e os três garotos vinham chegando pela entrada de carros. Simonetta estava no andar de cima, cochilando.

Ivo saiu às pressas ao encontro de sua segunda família. Estava com tanta raiva que tinha vontade de matar. Tinha sido tão bom, tão amigo, tão carinhoso para com aquela mulher, e a recompensa que ela lhe dava era a tentativa deliberada de destruir-lhe a carreira, o casamento e a vida. Viu Donatella saltar do Lancia Flava que ele tão generosamente lhe dera Para dizer a verdade, ela nunca lhe parecera tão bela quanto aquele instante. Os garotos saltaram também para abraçá-lo e beijá-lo. Ivo sentiu que os amava demais. Desejava apenas que Simonetta não acordasse naquele momento.

— Vim falar com sua mulher — disse cerimoniosamente Donatella,. — Vamos entrar, garotos.

— Não! — ordenou Ivo.

— Como você vai impedir? Se eu não falar com ela hoje, falarei amanhã.

Ivo estava imprensado contra a parede e não via saída. Sabia, porém, que não podia deixar que ninguém lhe destruísse aquilo que lhe custava tanto a construir. Ivo se considerava um homem de bem e detestava o que tinha de fazer. Mas era preciso, não só por ele, mas por Simonetta, por Donatella e por todos os seus filhos.

— Eu lhe darei seu dinheiro — disse a Donatella. — Daqui a cinco dias.

— Está bem. Cinco dias — disse Donatella, com os olhos fixos nele.

Em Londres, Sir Alec Nichols estava tomando parte num debate na Câmara dos Comuns. Fora escolhido para fazer um importante discurso político a respeito das repetidas greves que estavam desarticulando a economia britânica. Tinha, porém, dificuldades de concentrar-se. Pensava na série de telefonemas que

recebera naquelas últimas semanas. Conseguiam encontrá-lo onde quer que ele estivesse: no clube, no barbeiro, nos restaurantes, em reuniões comerciais. Alec sempre desligava sem dizer uma palavra. Sabia o que estavam querendo era apenas o começo. Depois que o tivessem sob controle, achariam um jeito de apoderar-se das suas ações e deteriam então uma parcela da gigantesca indústria farmacêutica que fabricava drogas de todas as espécies. No início, telefonavam-lhe quatro ou cinco vezes por dia, até que os seus nervos ficaram em petição de miséria.

O que preocupava Alec naquele dia era não ter recebido ainda qualquer telefonema. Havia esperado o telefonema de manhã na hora do café e, mais tarde, quando almoçava no White's. Mas ninguém lhe telefonara, e ele não podia livrar-se da ideia de que aquele silêncio era mais sinistro que todas as ameaças.

Procurou, entretanto, esquecer-se de tudo ao ocupar a tribuna da Câmara.

"Ninguém é mais amigo dos trabalhadores do que eu. Nossa força de trabalho é que dá a grandeze ao país. Os trabalhadores alimentam as nossas usinas e movem as nossas fábricas. São a verdadeira elite do país, a espinha dorsal que torna a Inglaterra alta e forte entre as nações." Fez uma pausa e continuou: "Há todavia períodos na vida de toda a nação em que é preciso fazer sacrifícios..." Falava mecanicamente, pensando todo o tempo se a sua atitude teria afugentado os chantagistas. Afinal de contas, não passavam de chantagistas vulgares. E ele era Sir Alec Nichols, baronete e membro do Parlamento. Nada poderiam fazer contra ele.

Com toda a certeza, tinham desistido de vez. Daí por diante, deixá-lo-iam em paz.

Terminou seu discurso entre aplausos entusiásticos do plenário.

Já ia saindo quando um funcionário se aproximou dele.

— Tenho um recado para o senhor, Sir Alec.

— Que é? — Deve ir para casa o mais depressa possível. Houve um acidente.

Estavam levando Vivian para uma ambulância quando Alec chegou a casa. Havia um médico ao lado dela. Alec parou o carro junto ao meio-fio e saiu correndo, mas parou de repente. Olhou para o rosto inconsciente de Vivian e perguntou ao médico: — O que houve? — Não sei, Sir Alec. Recebi um telefonema anônimo que falava de um acidente. Quando cheguei, encontrei Lady Nichols caída no quarto com as rótulas perfuradas por dois regos cravados no chão.

Alec fechou os olhos, lutando contra o acesso de náusea que o invadia. Sentia a bile subir-lhe à garganta.

— Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance. Mas convém que prepare o espírito para uma coisa: talvez ela nunca mais possa andar.

Alec sentia dificuldades de respirar. Encaminhou-se para a ambulância.

— Ela está sob o efeito de um sedativo bem forte — disse o médico. Não poderá reconhecê-lo.

Alec subiu para a ambulância e se sentou num banco ao lado da mulher, sem ver as portas se fecharem e sem ouvir o silvo da sirene logo que o veículo começou a mover-se. Segurou as mãos frias de Vivian.

— Alec — murmurou ela, abrindo os olhos.

Os olhos de Alec ficaram cheios de lágrimas.

— Oh, minha querida...

— Dois homens mascarados... me agarraram... quebraram minhas pernas... Nunca mais poderei dançar... Vou ficar aleijada...

Você me quer assim mesmo, Alec? Ele encostou a cabeça no ombro dela e chorou. Eram lágrimas de desespero e de agonia e de mais alguma coisa que ele

hesitava em reconhecer. Havia uma espécie de angustiado conforto no seu sentimento. Se Vivian ficasse aleijada, ele poderia cuidar dela com todo o carinho e ela não o deixaria por mais ninguém...

Alec sabia, porém, que os seus problemas não estariam terminados. Os inimigos ainda não deviam estar satisfeitos.

Aquilo era apenas um aviso. A única maneira de livrar-se deles era dar-lhes o que queriam.

O mais depressa possível.

Capítulo 50

Zurique. Quinta-feira, 4 de dezembro.

Era exatamente meio-dia quando a ligação chegou à mesa telefônica da sede da Polícia Criminal em Zurique. O telefonema foi encaminhado ao inspetor-chefe Schmied e quando acabou de falar, mandou chamar o detetive Max Hornung.

— Está tudo acabado — disse ele a Max. — O caso Roffe está resolvido. Já encontraram o assassino. Pode ir para o aeroporto. Tem o tempo exato para pegar o avião.

— E para onde eu vou? — perguntou Max.

— Para Berlim.

O inspetor-chefe Schmied telefonou para Elizabeth Williams.

— Tenho boas notícias para lhe dar. Não tem mais necessidade de proteção da polícia. O assassino foi capturado.

Elizabeth segurava nervosamente o telefone. Ia afinal saber o nome do seu implacável inimigo.

— Quem é ele, inspetor? — Walther Gassner.

Iam em alta velocidade pela Autobahn, em direção a Wannsee.

Max ia no banco de trás, em companhia do major Wageman. Dois detetives estavam no banco da frente. Tinham ido esperar Max no aeroporto de Tempelhof, e o major Wageman havia explicado a situação. A casa estava cercada, mas deviam agir com cuidado, pois a esposa de Gassner estava detida por ele como refém.

— Como descobriram que Walther Gassner é o culpado? — perguntou Max.

— Graças ao senhor. Foi por isso que pensamos que gostaria de estar presente à captura.

— Graças a mim?

— Falou-me do psiquiatra a quem ele foi consultar. Baseado nisso, mandei a descrição de Gassner a outros psiquiatras e apurei que ele consultou uma meia dúzia deles. Usava cada vez um nome diferente e então desaparecia. Sabia que estava doente. A mulher dele nos telefonou pedindo socorro alguns meses antes. Mandamos um dos nossos homens até lá, mas ela o despistou com evasivas. Hoje de manhã, recebemos um telefonema de uma faxineira, a Sra. Mandler. Disse que tinha ido trabalhar na casa de Gassner na segunda-feira e que falou com a mulher dele através da porta fechada de um quarto. A Sra. Gassner disse a ela que o marido matara os dois filhos do casal e pretendia matá-la.

Max piscou os olhos. — Isso aconteceu na segunda-feira? E a tal mulher só telefonou para a polícia hoje?

— A Sra. Mandler tem uma longa ficha de contravenções e teve receio de nos procurar. Ontem à noite, discutiu o caso com o companheiro dela, e os dois resolveram falar.

Haviam chegado a Wannsee. Pararam o carro a alguma distância da casa de Gassner, atrás de uma sebe. Um homem saiu do carro e dirigiu-se ao encontro do major Wageman e Max.

— Ele ainda está na casa, major. Os meus homens estão cercando tudo.

— Sabe se a mulher ainda está viva?

— Não dá para ver. Todas as cortinas estão fechadas.

— Muito bem. Vamos avançar com rapidez e silêncio. Dentro de cinco minutos.

O homem saiu às pressas. O major Wageman tirou do carro um pequeno aparelho-transmissor. Começou então a dar ordens. Max não o estava escutando. Pensava em alguma coisa que o major Wageman lhe dissera havia poucos minutos e que não fazia sentido.

Mas não havia tempo de falar sobre isso. Os homens estavam começando a avançar para a casa, escondendo-se por trás das árvores e arbustos.

— Vamos, Hornung? — disse o major Wageman.

Max teve a impressão de que havia um verdadeiro exército a infiltrar-se pelo jardim. Alguns deles portavam fuzis de mira telescópica e couraças blindadas. Outros carregavam metralhadoras portáteis e bombas de gás lacrimogêneo. A operação foi executada com precisão matemática. A um sinal do major Wageman, as bombas de lacrimogêneo foram lançadas através das janelas dos dois andares da casa. No mesmo instante, as portas da frente e dos fundos foram arrombadas por homens que usavam máscaras contra gás. Foram seguidos por um enxame de detetives de pistola em punho.

Quando o major Wageman e Max entraram na casa pela porta da frente, encontraram o hall ainda cheio da acre fumaça, que, entretanto, começava a dissipar-se pelas janelas abertas. Dois detetives aparecem com Walther Gassner algemado. Estava de pijama e robe. Tinha a barba crescida, o rosto abatido e os olhos vermelhos. Max olhou para ele. Era a primeira vez que o via pessoalmente. Pareceu-lhe de certo modo irreal. O outro Walther Gassner é que era real, o homem do computador, cuja vida fora retratada em algarismos. Qual deles era a sombra e qual era o real?

— Está preso, Sr. Gassner — disse o major Wageman. — Onde está sua esposa?

Walther Gassner respondeu com voz rouca: — Não está aqui... Desapareceu...

Ouviu-se no andar de cima o barulho de uma porta sendo forçada. Um detetive gritou então do alto: — Encontrei-a. Estava trancada no quarto.

Em seguida, o detetive apareceu na escada, apoiando Anna Gassner, que tremia. Estava desgrenhada e soluçava.

— Graças a Deus, vieram! — exclamou ela. — Graças a Deus!

O detetive levou-a delicadamente para o grupo reunido no hall. Quando Anna viu o marido, começou a dar gritos.

— Tudo está bem agora, Sra. Gassner — disse o major Wageman.

— Ele não pode fazer-lhe nada mais.

— Meus filhos! — exclamou ela. — Ele matou meus filhos.

Max estava observando o rosto de Walther Gassner, que olhava para a mulher com uma expressão de completo desalento. Parecia esgotado e exausto.

— Anna... Anna... — murmurou.

O major Wageman disse. — Tem o direito de ficar calado ou de chamar um advogado. Para seu próprio bem, espero que coopere conosco.

Walther não o estava escutando.

— Por que você tinha de chamá-los, Anna? Por quê? Não éramos felizes juntos?

— As crianças estão mortas! — gritou Anna Gassner.

O major Wageman olhou para Walther Gassner e perguntou: — É verdade?

Walther fez um sinal afirmativo, e os seus olhos pareciam velhos e abatidos. — Sim... Estão mortas.

— Pode dizer-nos onde estão os corpos?

Walther Gassner estava chorando. As lágrimas desciam-lhe pelo rosto, e ele não conseguia falar.

— Onde estão as crianças? — tornou a perguntar o major Wageman.

Foi Max quem respondeu: — As crianças estão enterradas no cemitério de Saint Paul.

Todos se voltaram para olhá-lo, e Max explicou: — Morreram ao nascer, há cinco anos.

— Assassino! — gritou Anna Gassner para o marido.

E todos viram a loucura brilhando nos olhos dela.

Capítulo 51

Zurique. Quinta-feira, 4 de dezembro. 0 horas.

A noite fria de inverno havia caído, apagando o breve crepúsculo. Começava a nevar, e um manto de fina poeira branca se estendia sobre a cidade. No edifício da administração da Roffe and Sons, as luzes dos escritórios desertos brilhavam na escuridão com luas amarelas.

Elizabeth estava trabalhando sozinha em sua sala, esperando por Rhys, que fora participar de uma reunião em Genebra. Estava ansiosa por sua volta. Todo mundo já deixara havia muito o edifício. Elizabeth sentia-se nervosa e incapaz de concentrar-se. Não conseguia deixar de pensar em Walther e Anna. Lembrava-se de Walther tal como conhecera, jovem e belo, loucamente apaixonado por Anna. Apaixonado ou fingia que estava. Era muito difícil acreditar que Walther fosse responsável por todos aqueles terríveis atos. Pensava em Anna com grande ternura. Tentara várias vezes, sem resultados, falar com ela pelo telefone. Logo que pudesse, iria até Berlim para confortá-la da melhor forma possível.

A campainha do telefone assustou-a. Atendeu. Alec estava do outro lado da linha, e Elizabeth teve prazer em ouvir a voz dele.

— Já soube de Walther? — perguntou Alec.

— Já. É horrível. Nem posso acreditar.

— Não acredite mesmo, Elizabeth.

Ela pensou que não tivesse ouvido bem.

— Como?

— Não acredite. Walther não é culpado.

— Mas a polícia disse....

— A polícia errou. Walther foi a primeira pessoa que eu e Sam investigamos. Foi liberado por nós. Não era o homem que estávamos procurando.

Elizabeth sentiu-se mergulhar em completa confusão. "Não era o homem que estávamos procurando"...

— Não compreendo o que está falando, Alec.

— É difícil dizer essas coisas pelo telefone, mas ainda não tive oportunidade de falar com você sozinha.

— Falar comigo de quê?

— Desde o ano passado, alguém vem sabotando a companhia. Houve uma explosão numa de nossas fábricas na América do Sul, houve roubo de patentes, e drogas perigosas foram trocadas de embalagem. Não tenho tempo agora de lhe relatar tudo o que houve. Mas fui procurar Sam e lhe sugeri que contratasse uma agência particular para encontrar o culpado. Combinamos não falar sobre isso com mais ninguém.

Foi como se a terra se tivesse aberto aos pés de Elizabeth.

Era Alec que falava pelo telefone, mas a voz que ela ouvia era a de Rhys, a dizer-lhe a mesma coisa, a afirmar-lhe que tinha discutido o caso com Sam e que tinham resolvido contratar uma agência particular.

Alec prosseguiu: — Quando a agência concluiu o relatório, Sam o levou para Chamonix e nós o discutimos pelo telefone.

Rhys havia dito que Sam o chamara a Chamonix para discutir o relatório e que tinham resolvido manter o segredo entre os dois até descobrirem o culpado.

Elizabeth estava com dificuldade para respirar. Procurou normalizar a voz e perguntou: — Quem mais sabia desse relatório, Alec, além de Sam e você?

— Mais ninguém. Isso era da maior importância. O relatório indicava que o culpado era alguém que

ocupava uma posição bem alta na administração da companhia.

Rhys não havia dito que estivera em Chamonix até o detetive mencionar o fato...

Perguntou então, arrancando a custo as palavras da garganta: — Acha que Sam disse alguma coisa a Rhys?

— Não. Por quê? Havia somente uma maneira de Rhys saber o que estava no relatório. Roubando-o. Havia somente um motivo para ele ter ido a Chamonix. Matar Sam.

Elizabeth não ouviu o resto das palavras de Alec. O zumbido em seus ouvidos abafava todas as palavras. Deixou cair o gancho, com a cabeça a rodar, lutando contra o horror que ia lhe invadindo a alma. Sentia na cabeça um tumulto de imagens caóticas. Por ocasião do acidente com o jipe, mandara dizer a Rhys que ia para a Sardenha. Na noite da queda do elevador, Rhys não tinha ido à reunião de diretoria, mas aparecera depois, quando ela e Kate estavam trabalhando sozinhas. Logo depois, deixara o edifício. Ou não tinha deixado? Elizabeth tremia da cabeça aos pés. Tudo aquilo era um tremendo equívoco. Não podia ser Rhys! Todo o seu ser se insurgia contra isso. Não! Era o grito angustiado do seu coração.

Levantou-se e, com as pernas trôpegas, passou pela porta que ligava a sua sala à de Rhys. A sala estava às escuras. Acendeu as luzes e ficou parada, indecisa, sem saber o que esperava encontrar. Não ia procurar provas que incriminassem Rhys, mas, sim, provas de sua inocência. Era intolerável pensar que o homem que ela amava, o homem que a tivera cheia de amor nos braços, fosse uma assassino insensível.

Havia uma agenda de compromissos em cima da mesa de Rhys.

Elizabeth folheou-a, à procura do fim de semana em setembro, quando ocorrera o acidente com o jipe. Naquela data estava marcada a viagem a Nairobi. Teria

de examinar o passaporte dele para verificar se fora mesmo para lá. Começou a procurar o passaporte, sentindo-se culpada e certa de que haveria uma explicação que o inocentasse.

Uma das gavetas estava trancada. Elizabeth hesitou. Sabia que não tinha o direito de abri-la. Seria um abuso de confiança, a violação de uma fronteira proibida de que não poderia mais redimir-se. Rhys saberia que ela tinha feito aquilo, e ela teria de explicar-lhe tudo. Mas, apesar de tudo, tinha de saber.

Abriu a gaveta com uma espátula e encontrou uma pilha de papéis, notas e memorandos. Pegou tudo. Encontrou um envelope endereçado a Rhys com uma letra de mulher. Tinha o carimbo de Paris e datada de poucos dias. Elizabeth hesitou um momento e abriu a carta. Era de Hélène e começava assim: "Chéri, não consegui falar com você pelo telefone. É urgente que nos encontremos de novo para assentarmos os nossos planos..." Elizabeth não acabou de ler a carta. Estava a olhar para o relatório roubado, no fundo da gaveta.

Sr. Sam Roffe confidencial sem cópias Elizabeth sentiu a sala girar em torno dela e teve de apoiar-se na mesa para não cair. Ficou ali muito tempo, com os olhos fechados, esperando a vertigem passar. O assassino já tinha um rosto. Era o rosto de seu marido.

O silêncio foi quebrado pelo toque insistente de um telefone distante. A Elizabeth custou muito a identificar de onde vinha o som. Por fim, voltou a passos lentos para sua sala e pegou o telefone.

Era o porteiro do térreo.

— Só queria saber se ainda estava aí, Sra. Williams. Seu marido já vai subir.

Vai preparar outro acidente! A vida dela era o único obstáculo que separava Rhys do controle total da Roffe and Sons. Não podia enfrentá-lo, não podia

fingir que nada havia acontecido. No momento em que ele a visse, saberia de tudo.

Tinha de fugir. Atordoada pelo medo, Elizabeth pegou a bolsa e cassaco e saiu correndo do escritório. De repente, parou.

Tinha se esquecido do passaporte. Tinha de fugir de Rhys, ir para algum lugar onde ele não pudesse encontrá-la. Abriu apressada a gaveta, pegou o passaporte e saiu pelo corredor, com o coração a bater como se fosse estourar. O elevador privativo estava subindo...

Oito... nove... dez.....

Elizabeth começou a descer as escadas às carreiras, para salvar a vida.

Capítulo 52

Havia uma balsa entre Civitavecchia e a Sardenha. Elizabeth subiu para bordo dirigindo um carro alugado, perdido entre dúzias de outros carros. Os aeroportos podem ter registos de passageiros, mas a grande balsa era anônima. Elizabeth era apenas uma das muitas pessoas que faziam a travessia para a Sardenha em busca de um pouco de lazer. Tinha certeza de que não fora seguida, mas isso não a impedia de sentir um medo absurdo. Rhys tinha ido muito longe, e não podia mais recuar diante de alguma coisa. Ela só podia desmascará-lo, e, sobretudo por isso, ele teria de livrar-se dela.

Quando fugira do edifício, não fazia ideia do lugar para onde iria. Sabia apenas que devia sair de Zurique e esconder-se, mas tinha certeza de que não estaria em segurança enquanto Rhys não fosse apanhado. A Sardenha foi o primeiro lugar em que pensou.

Alugou um carro e, no meio da estrada, na Itália, tentou telefonar para Alec. Não o encontrou.

Deixou recado para que ele telefonasse para a Sardenha. Não conseguiu também falar com o detetive Max Hornung e deixou o recado para ele. Iria para a Villa na Sardenha, mas desta vez não estaria sozinha, pois teria a polícia para protegê-la.

Quando a balsa chegou a Olbia, Elizabeth viu que não seria necessário procurar a polícia. Esta a esperava no cais, na pessoa de Bruno Campagna, o detetive que ela conhecera em companhia do delegado Ferraro. Fora Campagna quem a levara para ver o jipe na garagem depois do acidente. O detetive correu para o carro de Elizabeth.

— Já estava nos causando preocupações, Sra. Williams — disse ele.

Elizabeth olhou-o surpresa, e Campagna explicou: — Recebemos um telefonema da polícia suíça, pedindo que a vigiássemos. Temos homens a postos em todos os cais de balsa e aeroportos.

Elizabeth sentiu-se cheia de gratidão. Max Hornung recebera seu recado.

— Quer que eu dirija o carro? — perguntou o detetive Campagna, vendo como Elizabeth estava abatida.

— Quero, sim. Muito obrigada.

Sentou-se no banco de trás, e o detetive tomou posição no volante.

— Onde prefere esperar? Na delegacia ou em sua Villa?

— Na Villa, se alguém puder ficar lá comigo. Não quero ficar sozinha lá em cima.

— Não se preocupe. Temos ordens de vigiá-la bem. Passarei a noite na Villa e, além disso, teremos um carro equipado com rádio estacionado na entrada. Ninguém poderá aproximar-se da senhora.

O detetive falava com tanta confiança que Elizabeth ficou tranquilizada. Campagna dirigiu o carro com rapidez e segurança, deixando as pequenas

ruas de Olbia para tomar a estrada de montanha que levava para a Costa Esmeralda. Todos os lugares por onde passavam faziam Elizabeth lembrar-se de Rhys.

Perguntou então: — Há alguma notícia do meu marido?

— Ainda não — disse Campagna, depois de lançar-lhe um olhar de compaixão. — Ainda está solto, mas não poderá ir longe. Esperam capturá-lo até amanhã cedo.

Elizabeth sabia que devia sentir alívio ao ouvir isso, mas uma dor cruciante lhe atingiu o coração. Era de Rhys que estavam falando. Era o seu Rhys que estava sendo caçado como um animal. Ele a arrojara àquele terrível pesadelo e naquele momento estava também vivendo um pesadelo, lutando para salvar a vida como ela havia feito. E como havia confiado nele! Como acreditara na bondade, na rectidão e no amor de Rhys! Estremeceu, e o detetive Campagna lhe perguntou: — Está sentindo frio? — Não, estou bem.

Sentiu-se até febril. Um vento quente parecia passar silvando pelo carro, fazendo-a ficar nervosa. Pensou a princípio que era sua imaginação, mas o detetive Campagna disse: — O siroco vai soprar com força esta noite. Vai ser uma noite muito agitada.

Elizabeth compreendia o que ele queria dizer. O siroco podia alucinar homens e animais. Era um vento que vinha do Saara, quente, seco e carregado de partículas de areia, com um macabro silvo agudo que tinha efeito terrivelmente desastroso sobre o sistema nervoso. O índice de criminalidade sempre subia quando soprava o siroco, e os juizes costumavam ser complacentes com os acusados.

Uma hora depois a Villa surgiu da escuridão à frente deles.

O detetive Campagna seguiu pela entrada de carros, parou diante da porta da casa e desligou o motor. Depois, deu a volta em torno do carro e abriu a porta do lado de Elizabeth.

— Seria bom que ficasse bem junto de mim, Sra. Williams. Ninguém sabe o que pode acontecer.

— Está bem.

Encaminharam-se para a porta da frente da Villa às escuras.

— Tenho certeza de que ele não está aqui, mas não vou facilitar. Quer me dar a chave?

Elizabeth entregou-lhe a chave. O detetive fê-la chegar um pouco para o lado e abriu a porta com a pistola em punho.

Entrou e ligou o interruptor. O hall ficou todo iluminado.

— Gostaria que me mostrasse a casa — disse o detetive Campagna. — Temos de olhar tudo.

Começaram a percorrer a casa, e o detetive Campagna ia acendendo a luz em todas as peças. Revistava os armários e os cantos e examinava se as janelas estavam bem fechadas. Quando voltaram à grande sala do térreo, Campagna disse: — Agora, se me dá licença, vou telefonar para a delegacia.

— Está bem — disse Elizabeth, levando-o para o escritório.

Campagna pegou o telefone e discou. Um momento depois, disse: — Fala o detetive Campagna. Estamos na Villa. Vou passar a noite aqui. Mandem um carro da patrulha para ficar estacionado na entrada da Villa... Sim, ela está muito bem. Apenas um pouco cansada. Mais tarde, telefonarei de novo.

Elizabeth deixou-se cair numa poltrona. Estava muito nervosa e sabia que no dia seguinte iria ser pior, muito pior. Ela estaria em segurança, mas Rhys poderia estar morto ou jogado numa prisão. Fosse como fosse, apesar de tudo o que ele havia feito, essa ideia era intolerável.

O detetive Campagna olhava-a com um ar de preocupação.

— Sabe que eu gostaria de uma xícara de café agora? E a senhora? — Vou fazer — disse Elizabeth, fazendo menção de levantar-se.

— Nada disso. Fique onde está. Minha mulher diz que ninguém faz café como eu.

Elizabeth sorriu e tornou a recostar-se na poltrona. Não percebera até então como estava emocionalmente esgotada. Pela primeira vez, reconhecia que, mesmo durante a conversa pelo telefone com Alec, julgara que devia haver algum engano e que Rhys era inocente. Ainda durante a fuga, alguma coisa em seu coração lhe dizia que não era possível que ele tivesse feito aquelas coisas terríveis, que tivesse matado Sam, que a tivesse amado e, apesar disso, quisesse matá-la. Só um monstro seria capaz de fazer tudo aquilo. E, graças a isso, uma pequena luz de esperança brilhava dentro dela. Quase morrera quando o detetive dissera que ele não podia ir muito longe e estaria preso até o dia seguinte.

Era muito doloroso pensar em tudo isso, mas ela não podia pensar em mais nada. Desde quando Rhys planejava apoderar-se da companhia? Com certeza, desde o momento em que conhecera numa escola da Suíça uma impressionável mocinha solitária de quinze anos. Decidira, naquele momento, que iria lograr Sam por intermédio da filha dele. Tudo fora muito fácil para ele. O jantar no Maxim's, as longas conversas amistosas através dos anos e o encanto, o irresistível encanto de Rhys. Fora muito paciente. Esperava até que ela se tornasse uma mulher, e o mais revoltante de tudo era que Rhys não se dera ao trabalho de fazer-lhe a corte. Ela lhe facilitara tudo, e como ele devia ter rido! Pensou em Hélène. Estaria ela metida também em toda essa trama suja? Onde estaria Rhys? Seria morto pela polícia quando fosse encontrado? Começou a chorar inconsolavelmente.

— Sra. Williams...

O detetive Campagna estava do lado dela com uma xícara de café.

— Tome o café e se sentirá melhor.

— Desculpe — disse Elizabeth. — Não costumo proceder assim...

— Ora essa! Acho que está reagindo muito bem.

Elizabeth tomou um gole de café. Ele havia acrescentado alguma coisa. Olhou para o detetive e ele sorriu.

— Achei que um gole de uísque no café não lhe faria mal algum.

Sentou-se perto dela em silêncio. O homem era uma boa companhia. Jamais conseguiria ficar ali sozinha. Tinha de saber antes o que acontecera a Rhys, se ele estava preso ou fora morto. Acabou de tomar o café.

O detetive Campagna olhou para o relógio e disse: — O carro da patrulha deve chegar a qualquer momento. Dois homens ficarão vigiando tudo a noite inteira. Eu vou ficar aqui embaixo. Não me leve a mal, mas acho melhor a senhora subir e procurar dormir um pouco.

— Eu não conseguiria dormir — murmurou Elizabeth. Mas no mesmo instante em que disse isso um imenso cansaço a dominou. A longa viagem e a tensão sob a qual estava vivendo começavam a ter efeito sobre ela.

— Em todo o caso, vou me deitar um pouco.

Tinha dificuldade em articular as palavras.

Elizabeth estava deitada na cama, lutando contra o sono. Não lhe parecia direito dormir enquanto Rhys estava sendo caçado.

Imaginou-o abatido a tiros em alguma rua escura e sentiu um arrepio pelo corpo. Procurou manter os olhos abertos, mas as pálpebras lhe pesavam terrivelmente. Quando fechou os olhos, sentiu-se escorregar sem esforço no brando colchão do nada.

Algum tempo depois, ela foi acordada por gritos.

Capítulo 53

Elizabeth sentou-se na cama com o coração a bater descompassadamente e sem saber o que a acordara. Tornou a ouvir. Era um grito lúgubre e longo, como alguém que estivesse morrendo. Parecia vir da janela. Elizabeth correu para a janela e abriu-a. A noite, iluminada por uma fria lua de inverno, parecia uma paisagem de Daumier. As árvores escuras eram sacudidas por um vento impetuoso. ao longe, muito abaixo, o mar se encapelava.

Ouviu de novo o grito. Compreendeu então o que era. As rochas cantantes. O siroco estava forte e soprava pelos rochedos, produzindo aquele som, que era quase um grito de socorro humano. Identificou-o sem demora com a voz de Rhys chamando por ela, pedindo a sua ajuda. Desvairada, tapou os ouvidos com as mãos, mas não deixou de escutar.

Foi até a porta do quarto e ficou espantada de ver como estava fraca. A exaustão lhe toldava as ideias. Saiu para o corredor e começou a descer as escadas. Tentou chamar o detetive Campagna, mas da garganta só lhe saiu um fio de voz.

Desceu agarrando-se ao corrimão para não cair.

Conseguiu levantar a voz e chamar o detetive Campagna. Não houve resposta. Foi de sala em sala, agarrando-se aos móveis.

O detetive Campagna não estava em casa.

Ela estava sozinha.

Ficou parada no hall, completamente confusa, tentando raciocinar. O detetive havia saído um instante para falar com os homens da patrulha. Sem dúvida. Foi até a porta da frente, abriu-a e olhou para fora.

Não viu ninguém. Só a noite escura e o vento gemente. Com um sentimento crescente de medo, encaminhou-se para o escritório.

Ia telefonar para a delegacia de polícia e saber o que acontecera.

Pegou o telefone e percebeu que estava inteiramente mudo.

Foi nesse momento que todas as luzes da casa se apagaram.

Capítulo 54

Em Londres, no Hospital Westminster, Vivian Nichols recobrava a consciência ao ser levada da sala de operações pelo longo corredor sombrio. A operação havia durado oito horas. Apesar de tudo o que haviam feito os competentes cirurgiões, ela nunca mais poderia andar. Quando acordou, sentia terríveis dores e murmurava sem cessar o nome de Alec. Precisava dele a seu lado dizendo-lhe que não deixaria de amá-la.

O pessoal do hospital não conseguiu encontrar Sir Alec.

Em Zurique, na sala de comunicações da Polícia Criminal, era recebida uma mensagem da Interpol procedente da Austrália. O homem que comprara o filme para a Roffe and Sons fora descoberto em Sydney. Tinha morrido de um ataque cardíaco três dias antes. As suas cinzas iam ser mandadas para a Inglaterra.

A Interpol não conseguira mais nenhuma informação sobre a compra do filme e aguardava instruções.

Em Berlim, Walther Gassner estava sentado na sala de espera de um sanatório particular, nos arredores da cidade. Estava ali havia quase dez horas.

De vez em quando, uma enfermeira parava e conversava com ele, oferecendo-lhe alguma coisa para comer.

Walther nem sequer ouvia a enfermeira. Estava esperando a sua Anna.

Seria uma espera muito longa.

Em Olgiata, Simonetta Palazzi estava ouvindo uma mulher dizer pelo telefone: — Meu nome é Donatella Spolini. Nunca a vi, Sra. Palazzi, mas nós duas temos muita coisa em comum. Quer almoçar comigo amanhã no Bolognese, na Piazza de Popolo? À uma hora da tarde, está bem?

Simonetta tinha hora marcada no salão de beleza, mas adorava mistérios.

— Como poderei reconhecê-la?

— Meus três filhos estarão comigo.

Em sua Villa em Le Vésinet, Hélène estava lendo uma carta que encontrara no consolo da lareira. Era de Charles, que tinha fugido e a deixara. Dizia ele: "Nunca mais me verá. Não tente procurar-me".

Hélène Roffe-Martel rasgou a carta em pedacinhos.

Iria vê-lo de novo. Iria encontrá-lo.

Em Roma, Max Hornung encontrava-se no aeroporto Leonardo da Vinci. Estava tentando havia duas horas falar pelo telefone com a Sardenha, mas as comunicações estavam todas interrompidas, e ele foi conversar de novo com o gerente de operações do aeroporto.

— Tem de me conseguir um avião que me leve até a Sardenha — dizia ele. — Acredite no que estou lhe dizendo. É uma questão de vida ou morte.

— Acredito piamente, signore, mas nada posso fazer. Não se pode chegar à Sardenha. Os aeroportos estão fechados. Até as balsas deixaram de operar. Só depois que o siroco parar será possível aproximar-se da ilha ou sair de lá.

— E quanto tempo o siroco vai durar?

O gerente olhou para o mapa meteorológico na parede.

— Parece que ainda vai durar no mínimo doze horas.

Elizabeth Williams não estaria viva daí a doze horas.

Capítulo 55

A escuridão era hostil, cheia de inimigos invisíveis à espreita para atacá-la. E Elizabeth compreendia que estava à mercê desses inimigos. O detetive Campagna levara-a para a Villa a fim de que ela fosse assassinada. Devia estar a serviço de Rhys. Lembrava-se de Max Hornung ter dito ao explicar a troca dos jipes que o assassino tivera ajuda de alguém que conhecia bem a ilha. Como o tal Campagna tinha sido convincente! Rhys sabia que ela procuraria esconder-se na Villa. O detetive lhe perguntara se ela queria ir para a delegacia ou para a Villa, mas não tivera a menor intenção de levá-la para a polícia. E Não fora para a polícia que ele ligara. Fora para Rhys, a fim de dizer-lhe que já estavam na Villa.

Elizabeth sabia que precisava fugir, mas não tinha mais forças para isso. Estava lutando para manter os olhos abertos e mover braços e pernas, de repente pesados demais. Compreendeu então que o café que o homem lhe dera continha narcótico.

Dirigiu-se para a cozinha escura. Abriu um armário e remexeu as prateleiras até encontrar o que queria. Pegou um pouco de vinagre e despejou um pouco num copo com água. Bebeu com esforço e imediatamente depois começava a vomitar na pia. Poucos minutos depois, sentiu-se um pouco melhor, mas ainda fraca. O cérebro não podia funcionar direito. Era como se todos os circuitos dentro dela já se tivessem fechado, numa preparação para a escuridão da morte.

"Não", pensou ela febrilmente. "Você não vai entregar-se assim. Você tem de lutar. Eles estão a caminho para vir matá-la." Levantou a voz e disse: — Pode vir matar-me, Rhys! Mas a sua voz foi apenas um

murmúrio. Voltou para o hall por instinto, guiada apenas por seu conhecimento da casa. Parou em frente ao retrato de Samuel Roffe, enquanto lá fora o vento soluçava e gemia, açoitando a casa, provocando-a, advertindo-a.

Continuou ali no escuro, sozinha, diante de uma alternativa de horrores: sair e enfrentar o desconhecido ou esperar que fosse matá-la ali, onde ela tentaria lutar. Mas como? Um pensamento procurava formar-se na sua cabeça, mas isso era difícil porque ela ainda estava levemente narcotizada. Não podia concentrar-se. Era alguma coisa a respeito de um acidente.

Lembrou-se então. Rhys tinha de fazer que a morte dela parecesse acidente.

Você tem de detê-lo, Elizabeth. Fora o velho Samuel que falara? Ou tudo se passara dentro de sua cabeça? Não podia fazer nada. Era muito tarde. Os olhos estavam se fechando de novo, enquanto o rosto se colava à frieza do retrato. Dormir seria muito bom. Mas antes tinha de fazer uma coisa. Tentou lembrar-se, mas ela sempre lhe fugia.

Não deixe que sua morte pareça um acidente. Faça todo mundo ver que foi assassinato. Assim, a companhia nunca será dele.

Elizabeth já sabia o que tinha de fazer. Foi para o escritório. Pegou o pesado abajur e jogou-o de encontro a um espelho. Ouviu o barulho dos vidros quebrados. Em seguida, pegou a cadeira e bateu-a contra parede até que ela se arrebentasse. Foi até a estante e começou a abrir os livros e arrancar as páginas, que espalhava pelo chão. Arrancou da parede o fio do telefone inútil. Rhys que explicasse aquela confusão toda. Não ia facilitar a vida para ele. Não ia facilitar nada. Se queria fazer alguma coisa, teria de ser à força. Uma súbita rajada de vento passou pela

sala, fazendo voar os papéis. Elizabeth levou algum tempo para compreender o que havia acontecido.

Não estava sozinha na casa.

No aeroporto Leonardo da Vinci, Max Hornung estava próximo do local onde se manipulavam as cargas. Viu um helicóptero pousar e, no momento em que o homem ia abrir a porta, Max estava ao lado dele.

— Pode levar-me para a Sardenha? — O que está havendo por lá? Acabo de levar um camarada para a ilha. A tempestade por lá está violenta.

— Quer me levar? — Só se me pagar três vezes o que o outro pagou.

Max não hesitou. Subiu no helicóptero. Logo que levantaram vôo, perguntou ao piloto: — Quem foi o passageiro que levou para a Sardenha? — Chamava-se Williams.

A escuridão era aliada de Elizabeth, ocultando-a. Era tarde demais para fugir. Tinha que achar um lugar para esconder-se dentro de casa. Subiu as escadas para aumentar a distância que a separava de Rhys. No alto das escadas, vacilou, mas acabou tomando a direção do quarto de Sam. Alguma coisa pulou sobre ela no meio da escuridão, e ela começou a gritar, mas era apenas a sombra de uma árvore sacudida pelo vento do outro lado da janela. Seu coração batia tão forte que ela estava certa de que Rhys lá embaixo podia ouvi-lo.

Tinha de retardá-lo. Mas como? Sentia a cabeça pesada, e tudo era confuso. Que teria feito numa situação como aquela o velho Samuel? Tirou a chave da porta do fim do corredor e trancou-a por fora. Depois trancou as outras portas e pensou que estava trancando os portões do gueto em Cracóvia. Elizabeth não sabia por que estava fazendo isso, mas lembrou-se de que havia matado o guarda Aram e não podia ser apanhada. Viu a luz de uma lanterna elétrica embaixo. Começava a subir as escadas e isso lhe causou um baque no

coração. Rhys ia atacá-la. Elizabeth começou a subir a escada da torre, mas no meio do caminho os joelhos começaram a dobrar-se. Escorregou para o chão e subiu o resto dos degraus gatinhando. Chegou ao alto e levantou-se.

Abriu a porta da sala da torre e entrou. A porta. Feche a porta, disse Samuel.

Elizabeth fechou a porta, mas sabia que isso não ia impedir a entrada de Rhys. Ele terá de arrombá-la, pensou ela É mais violência que ele terá de explicar. A morte dela teria de parecer um assassinato. Empurrou móveis para escorar a porta.

Agia com muita lentidão, como se a escuridão fosse um mar que lhe embargasse os movimentos.

Empurrou uma mesa de encontro à porta, depois uma poltrona.

Trabalhava automaticamente, lutando contra o tempo e procurando construir a sua frágil fortaleza contra a morte.

Ouviu um baque surdo embaixo, logo seguido de outro e mais outro. Era Rhys arrombando as portas dos quartos, à procura dela. Seriam sinais de um ataque, uma pista que a polícia teria de seguir. Ela o havia enganado, do mesmo modo que ele a enganara.

Havia uma coisa que ela não compreendia. Se Rhys estava empenhado em fazer que a morte dela parecesse um acidente, por que estava arrombando as portas? Abriu as portas envidraçadas da sala da torre e deixou que o vento assobiasse em torno dela. Além do balcão, um abismo descia a pique para o mar. Daquela sala não havia possibilidade de fuga. Era ali que Rhys teria de atacá-la. Elizabeth procurou uma arma, mas não viu nada que pudesse servir.

Esperou no escuro por seu assassino.

O que Rhys estava esperando? Por que não punha logo a porta abaixo e não acabava com aquilo? Por quê? Alguma coisa não se ajustava. Ainda que Rhys levasse o

corpo dela para dar-lhe fim de outra maneira, não podia explicar a confusão encontrada na casa, o espelho quebrado, as portas arrombadas. Tentou colocar-se no lugar de Sam e pensar no plano que ele poderia formular para explicar todas essas coisas sem que a polícia o considerava suspeito da morte dela. Só havia um meio.

E no momento em que a ideia ocorreu a Elizabeth, ela sentiu o cheiro acre da fumaça.

Capítulo 56

Max podia ver do helicóptero a costa da Sardenha, coberta por uma nuvem de poeira vermelha. O piloto gritou acima do barulho do aparelho: — A situação piorou muito. Não sei se vou puder pousar.

— Tem de pousar! — gritou Max. — Vá até Porto Cervo.

O piloto olhou para Max.

— Fica no alto de uma montanha terrível.

— Sei disso. Vai conseguir? — As chances são de setenta por cento.

— A favor ou contra? — Contra.

A fumaça se infiltrava por baixo das portas e pelas tábuas do soalho. Um novo som se juntava aos gemidos do vento. Era o barulho das chamas, e Elizabeth sabia que era muito tarde para que ela escapasse com vida. Estava presa ali dentro. Sem dúvida, pouco importava a destruição de espelhos e de portas, pois dentro de alguns minutos nada mais restaria dela, nem da casa. Tudo seria consumido pelo fogo, como o laboratório e Emil Joeppli haviam sido destruídos, e Rhys teria um álibi que o eliminaria totalmente da culpa. Ele a vencera. Vencera a todos.

A fumaça começava a entrar na sala aos borbotões, fazendo Elizabeth tossir. As chamas já atingiam a porta, e ela sentia o calor.

Foi a raiva que deu a Elizabeth ânimo para mover-se.

Através da densa fumaça, correu às cegas para as portas envidraçadas do balcão. Abriu-as e saiu. No instante em que as portas foram abertas, as chamas entraram na sala, lambendo as paredes. Elizabeth ficou no balcão respirando a plenos pulmões o ar fresco da noite, enquanto o vento lhe agitava as roupas.

Olhou para baixo. O balcão se projectava da parede do prédio, com uma ilha minúscula suspensa sobre o abismo. Não havia a menor esperança de fuga.

Talvez... Elizabeth olhou para o telhado inclinado de ardósia, acima de sua cabeça. Se houvesse algum meio de alcançar o telhado e passar para o outro lado da casa que não havia chamas, poderia haver uma chance de salvação. Estendeu os braços para cima, mas não conseguiu alcançar as bordas do telhado. As chamas se aproximaram, envolvendo a sala.

Havia, porém, uma possibilidade mínima, e Elizabeth resolveu tentá-la. Correu para dentro da sala cheia de fumaça e fogo, sentindo-se quase sufocada. Pegou a cadeira de seu pai e arrastou-a para o balcão. Procurando não perder o equilíbrio, subiu na cadeira. Podia agora alcançar o telhado com os dedos, mas não encontrava um só ponto a que pudesse agarrar-se.

Tateou cegamente e em vão à procura de um ponto de apoio.

Na sala, as chamas atingiam as cortinas e dançavam por todos os cantos, atacando os livros, o tapete e os móveis, aproximando-se do balcão. De repente, Elizabeth encontrou um ponto de apoio numa telha que se projectava dentre as outras. Os braços

estavam pesados, e ela não tinha certeza se conseguiria.

Quando começou a levantar o corpo, a cadeira escorregou para baixo dos seus pés. Com tudo o que lhe restava de forças, conseguiu subir e segurar-se. Estava escalando os muros do gueto, lutando para salvar a vida. Esforçou-se, esforçou-se e finalmente se viu em cima do telhado inclinado, quase sem fôlego.

Subiu lentamente pelo telhado, com o corpo comprimido contra as telhas, sabendo muito bem que, se escorregasse, iria cair no negro abismo lá embaixo. Chegou no alto do telhado e parou para respirar um pouco e orientar-se. O balcão de que ela acabara de fugir estava em chamas. Não era possível voltar.

Olhando para o outro lado da casa, Elizabeth viu o balcão de um dos quartos de hóspedes. Ainda não havia fogo ali. Mas não estava segura de conseguir chegar lá. O telhado era bem inclinado, as telhas estavam soltas e o vento soprava fortemente daquele lado. Se falseasse o pé, nada haveria para deter-lhe a queda. Ficou ali algum tempo, com medo de tentar.

De repente, um milagre, um vulto apareceu no balcão do quarto de hóspedes. Era Alec, que olhou para cima e disse calmamente: — Vai conseguir, menina. Com a maior facilidade.

Elizabeth criou alma nova.

— Venha devagar — disse Alec. — Dê um passo de cada vez. Nada de pressa.

Ela então começou a mover-se cuidadosamente para onde ele estava, palmo a palmo, sem largar uma telha enquanto não tivesse agarrado firmemente outra. Teve a impressão de que levara um tempo enorme. Durante todo o tempo, ouvia a voz de Alec a animá-la, fazendo-a prosseguir. Estava quase chegando, deslizando para o balcão. De repente, uma telha se desprendeu e ela começou a cair.

— Segure-se! — gritou Alec.

Elizabeth encontrou outro ponto de apoio e agarrou-o febrilmente. Estava já na borda do telhado e nada havia abaixo dela senão o vácuo. Teria de deixar-se cair no balcão, onde Alec a esperava. Se errasse o impulso...

Alec olhava para ela, com o rosto cheio de calma e confiante.

— Não olhe para baixo — disse ele. — Feche os olhos e solte-se. Eu a segurarei.

Ela tentou. Respirou fundo duas vezes e soltou-se. Sentiu-se cair no espaço até que os braços de Alec a seguraram. Deu um suspiro de alívio.

— Muito bem — disse Alec.

Ela sentiu então o cano da pistola encostado à cabeça.

Capítulo 57

O piloto do helicóptero sobrevoava a terra o mais baixo que julgava possível sem correr perigo, passando rente à copa das árvores, a fim de evitar os ventos implacáveis. Até nessa baixa altitude, havia turbulência mo ar. ao longe, o piloto avistou o cume da montanha de Porto Cervo.

— Lá está! — gritou Max. — Já posso ver a Villa.

Viu alguma coisa mais que lhe deu um aperto no coração.

— A casa está pegando fogo!

No balcão, Elizabeth ouviu o barulho do helicóptero que se aproximava e olhou para o alto. Alec não deu qualquer atenção ao aparelho. Olhava para Elizabeth com os olhos aflitos.

— Foi por amor a Vivian que tive de fazer tudo isso. Compreende, não é? Não vão achar você na casa

incendiada.

Elizabeth não o ouvia. Pensava apenas: *Não foi Rhys. Não foi Rhys*. Tinha sido Alec, sempre. Alec matara Sam e tentara matá-la. Havia roubado o relatório e resolvera envolver Rhys no caso. Obrigara-a a fugir com medo de Rhys, sabendo que ela iria para a Sardenha.

O helicóptero tinha desaparecido por trás de algumas árvores.

— Feche os olhos, Elizabeth — disse Alec.

— Não!

De repente, ouviu-se a voz de Rhys: — Largue essa pistola, Alec!

Ambos olharam e viram no gramado embaixo, à luz trêmula das lanternas, Rhys, o delegado de polícia Luiggi Ferraro e meia dúzia de detetives, armados de fuzis.

— Está tudo acabado, Alec — gritou Rhys. — Deixe-a.

Um dos detetives, que empunhava um fuzil de mira telescópica, disse: — Não posso atirar enquanto ela não sair da frente.

Afaste-se, gritou mentalmente Rhys. Afaste-se!

Max Hornung surgiu de trás das árvores e começou a correr em direção a Rhys. Parou ao ver a cena no balcão.

— Recebi seu recado, mas cheguei tarde — disse Rhys.

Olharam para os dois vultos no balcão, que se destacavam contra a claridade das chamas do outro lado da casa. O vento atiçara o fogo, acendendo no meio da noite aquele imenso braseiro.

Elizabeth olhou para Alec e percebeu que o homem estava inteiramente desvairado e não a via mais. Afastou-se dele em direção à porta do balcão.

No gramado, um dos detetives levantou o fuzil. Deu apenas um tiro. Alec cambaleou com o impacto e

desapareceu no interior da casa.

Um momento antes, havia dois vultos no balcão, mas naquele momento só havia um.

— Rhys! — gritou Elizabeth.

Mas ele já estava correndo para ela.

Tudo aconteceu então num caleidoscópio rápido e confuso movimento. Rhys pegou-a e levou-a para um lugar seguro embaixo, enquanto ela se agarrava estreitamente a ele.

Estava deitada na relva, com os olhos fechados, e Rhys tinha-a nos braços e murmurava: — Minha querida! Como a amo!

Ela escutava sua voz acariciante e não podia falar. Olhava para ele e via nos seus olhos todo o amor e toda a angústia, e havia muito que lhe queria dizer. Mas estava cheia de culpa pelas horríveis suspeitas que tivera. Passaria o resto da vida com uma dedicação capaz de compensar esse erro.

Estava, porém, muito cansada para pensar nisso, muito cansada para pensar em qualquer coisa. Era como se tudo aquilo que passara tivesse acontecido a outra pessoa, em outro lugar, em outra época.

O importante era que ela e Rhys estavam juntos. Os braços dele a cingiam apaixonadamente. Que isso durasse para sempre e seria o bastante.

Capítulo 58

Era como se ele estivesse entrando num recanto ardente do inferno. A densa fumaça enchia o quarto de formas quiméricas que logo se desfaziam. O fogo deu um salto na direção de Alec, chamuscando-lhe os cabelos,

e ele ouviu na crepitação a voz de Vivian a chamá-lo, doce como um canto de sereia.

Viu-a então, subitamente iluminada, estendida na cama com o lindo corpo nu, tendo no pescoço uma fita vermelha que usara na primeira vez em que fora dele. Chamou-o de novo com uma voz cheia de desejo. Desta vez, era a ele que ela queria e não aos outros. "Você foi o único homem a quem amei", murmurou ela.

Alec acreditava. Tinha de puni-la pelas coisas que ela havia feito, mas fora hábil e fizera outras pagarem pelos pecados dela. Todas as terríveis coisas que tinha feito eram por amor a ela. Aproximou-se e Vivian tornou a dizer: "Você foi o único homem a quem amei". E Alec sabia que era verdade.

Ela abriu os braços para ele e Alec deixou-se cair ao lado dela. Abraçou-a e se fundiu a ela. Estava dentro dela e se transformara nela. Conseguiu satisfazê-la e isso lhe causou um prazer que logo se transformou num sofrimento intolerável.

Sentia o calor do corpo dela a consumi-lo e, de repente, a fita vermelha do pescoço de Viviam se transformou numa língua de fogo que o atingiu. Neste instante, uma trave do teto em chamas caiu sobre ele.

Alec morreu como as mulheres tinham morrido.

Em êxtase.

FIM

O AUTOR E SUA OBRA

A literatura do americano Sidney Sheldon pretende prender a atenção do leitor como se fosse um bom filme. "Quando escreve um romance, o autor é o produtor, o diretor e a equipe." A pretensão não é descabida, quando se leva em conta que Sheldon se interessou em primeiro lugar pelo cinema, dirigindo, produzindo ou escrevendo cerca de trinta filmes, assim como criou aproximadamente duzentos e cinquenta roteiros para a televisão, para séries como "Jeannie É um Gênio", "Casal Vinte" e outras. O sucesso literário veio há dez anos com "O outro lado da meia-noite" (1974), mais tarde levado para o cinema.

Mas Sheldon sabe muito bem que a literatura e o cinema são linguagens diferentes, a começar pelo tratamento da trama. "Ao contrário do cinema, em um romance uma pessoa não entra na sala apenas. Você tem que descrevê-la, dizer o que está usando, como se move, sua atitude, enfim." Depois, há o ritmo do próprio ofício, uma "ilha de sanidade em Hollywood", sem as enormes pressões do meio cinematográfico, do qual fez parte desde que abandonou sua Chicago natal, aos dezessete anos.

Nascido em 1917, Sheldon realizou seus estudos elementares e decidiu que escreveria para o cinema. Com sua determinação, conseguiu emprego nos estúdios da Universal: leitor de textos a dezoito dólares por semana, função que o obrigava a resumir as histórias que lia. Quando não estava ocupado nesse trabalho, escrevia seus próprios roteiros. Veio a Segunda Guerra Mundial, e ele serviu na força aérea.

Ao voltar da guerra, dedicou-se também ao teatro. Aí, seu grande êxito foi o musical "Rodbead",

com o qual conquistou o prêmio Tony. Em 1947, era a vez de ganhar o Oscar pelo argumento de "O solteirão cobiçado", estrelado por Cary Grant, Myrna Loy e Shirley Temple. Sempre com brilho seu trabalho em Hollywood e na Broadway.

Por volta de 1967, trabalhava num filme para a televisão que retratava um psiquiatra e alguém que o perseguia. Para salvar sua vida, o psiquiatra precisava penetrar na mente dessa pessoa, na motivação que a conduzia e, assim, descobri-la. "A trama crescia em minha cabeça, e notei que, para fazer-lhe justiça, ela requeria um tratamento de romance. Pela primeira vez em minha vida, percebi a diferença entre escrever um texto narrativo e um roteiro de cinema". Em 1970, com cinquenta e três anos, Sheldon publicou "A outra face". O "New York Times" o considerou o melhor romance de mistério do ano, mas ele encalhou nas livrarias.

Uma nova vocação estava descoberta, e ele não mais pararia. "O outro lado da meia-noite"(1974) se tornaria best-seller imediato, com milhões de cópias vendidas, tradução para dezenas de línguas e adaptação para o cinema. Os editores não perderam tempo: relançaram "A outra face". O resultado foi o previsto: o romance entrou logo para a lista dos mais vendidos.

Em seguida, vieram "Um estranho no espelho", "A ira dos anjos", "O reverso da medalha" e "A herdeira". Sheldon tornou-se mais um fenômeno da indústria de best-sellers, e, em meados da década de 70, assinou um dos maiores contratos do meio literário: nove milhões de dólares por onze livros, alguns deles já entregues aos editores.

Para manter o prestígio e a vendagem, Sheldon mantinha um ritmo de trabalho veloz e produção constante. Cerca de cinquenta páginas por dia são ditadas à secretária. Centenas de páginas depois, ele

inicia a primeira releitura, polindo, eliminando, enxugando e reformulando frases, checando fatos.

Várias releituras mais tarde — ele já chegou a submeter um romance a quinze exames -, está pronto mais um sucesso de milhões de exemplares, um livro composto sob medida para fascinar e divertir seu imenso público.

Digitalização **Gonçalo Ferreira**

